

I N D I C E

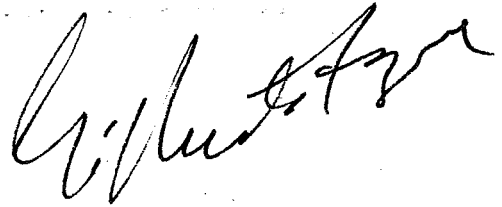
Introdução..... 1
Divisão de Estudos e Pesquisas Educacionais..... 2
Divisão de Estudos e Pesquisas Sociais.....11
Divisão de Aperfeiçoamento do Magistério.....16
Secretaria Executiva.....30

 Escola de Demonstração.....31
 Publicações.....32
 Biblioteca.....36
 Funções Administrativas.....40
 Pessoal.....41
 Contabilidade.....42

ooooo0000ooooo

RELATORIO ANUAL DO CENTRO REGIONAL DE PESQUISAS EDUCACIONAIS DO RECIFE

1962



Senhor Diretor do INEP:-

Em observância ao plano de organização dos Centro Regionais, apresento a V.S.^a. o Relatório das atividades do Centro Regional de Pesquisas Educacionais do Recife, durante o ano de mil novecentos e sessenta e dois.

INTRODUÇÃO

Continuou o Diretor Geral do Centro Regional de Pesquisas Educacionais do Recife, no segundo semestre de 1962, empenhado em agir junto ao Engenheiro Chefe da firma construtora e ao Engenheiro representante da Divisão de Obras do MEC, para que desenvolvessem seus melhores esforços, no sentido da conclusão das obras da Escola de Demonstração e do Auditório até o fim de janeiro de 1963 - objetivo que será atingido nos pontos essenciais; - e também no de atenderem as sugestões que os técnicos deste Centro lhes têm feito com insistência com relação às necessidades funcionais dos dois edifícios, entre as quais, a da segurança física da criança na referida Escola. Empenhado, também, em estimular em seus colaboradores das várias atividades do Centro, esforços não-burocráticos, não só de pesquisa como de integração, cada vez maior, do nosso Centro nas suas funções de orientador da Região - governos, escolas, instituições várias - quanto a problemas de educação considerados na sua complexidade social e nos seus aspectos ecológicos.

Objetivo que, também, em grande parte, vem sendo atingido, embora sejam ainda consideráveis as deficiências. Numa severa auto-crítica reconhece, porém, o Diretor Geral do C.R.P.E.R. que a maior deficiência que deve confessar é a de não ter conseguido - e a falta considero-a principalmente sua - maior cooperação entre as Divisões que constituem o mesmo Centro. Conseguir essa maior cooperação dentro do próprio Centro, para que seja mais eficiente sua ação de órgão orientador, e não apenas pesquisador, será uma das maiores preocupações do Diretor Geral, no ano de 1963.

DIVISÃO DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS

D E P E

William F. Jr

Coordenador:

Prof. Carlos Frederico Maciel

Assistente

Dr^a. Zaida Maria Costa Cavalcanti

William F. F. F. F.

RELATÓRIO ANUAL DAS ATIVIDADES DA DIVISÃO DE ESTUDOS
E PESQUISAS EDUCACIONAIS (DEPE)

A Divisão de Estudos e Pesquisas Educacionais (DEPE) funcionou sob a direção do Coordenador e Assessor Técnico Prof. Carlos Frederico Maciel tendo como assistente a Dra. Zaida Maria Costa Cavalcanti.

PROGRAMA

O programa de trabalho previsto pela DEPE para 1962, foi demasiadamente ambicioso para o pessoal e as verbas de que a Divisão pôde dispor no ano. Daí, a sobrecarga de trabalho ^{com} que a Divisão se defrontou afim de executar todo o programa de modo regular e em dia. A natureza dinâmica dos projetos levados a efeito pela DEPE no ano que findou, levou a Divisão à realização de um programa ainda mais extenso do que aquêle que havia sido elaborado, isto porque os projetos foram aprofundados e aperfeiçoados sempre que para isso havia alguma margem.

ESQUEMA GERAL DE TRABALHOS

A - ATIVIDADES DE PESQUISA

I - Continuação da pesquisa Realidade e Perspectiva da Orientação Profissional no Recife, a cargo da Professôra Zaida Cavalcanti. (Concluído no 2º semestre)

II - Realização de uma pesquisa sôbre Recursos Financeiros para a Educação em Pernambuco, a cargo do Dr. Carlos Frederico Maciel. (concluídos, no segundo semestre, as duas pesquisas complementares: Áreas economicamente homogêneas no estado de Pernambuco e Levantamento dos recursos financeiros para a Educação em Pernambuco.

4
Richard Arz

B - ATIVIDADES DE REDAÇÃO DE ESTUDOS

III - Retomada, acompanhamento e conclusão dos trabalhos do projeto de redação dos Documentos de Subsídios para um Plano de Educação para Pernambuco. Haviam sido programados, em 1961, 8 documentos, a cargo de 8 comissões, sob a responsabilidade da DEPE (dois outros competem à DEPS). Será feita uma reformulação geral do projeto, de modo a resultar um novo, de caráter definitivo, que realmente seja conduzido a bom termo, com regularidade. (cancelado)

O Diretor da DEPE é relator do Documento sobre Bases e Diretrizes para uma política educacional.

IV - Redação de uma monografia intitulada Sugestões de Economia Educacional, pelo Dr. Carlos Frederico Maciel. (adiado para 1963)

V - Colaboração para a edição de 2 números dos Cadernos Região e Educação. (A DEPE preencheu todas as seções dos 2 volumes dos Cadernos Região e Educação editado em 1962)

C - SEMINÁRIOS E CURSOS

VI - Coordenação e Direção de um seminário sobre "O Recife e seus problemas sócio-educacionais", visando a aproximação entre homens de estudos e homens de ação, segundo projeto em separado, a ser apresentado oportunamente, e para início em maio. (~~encerrado~~ encerrado em novembro de 1962)

VII - Promoção de um seminário em várias sessões, em forma de painel, e procedido de uma "enquête" de opinião, sobre problemas do ensino médio e especialmente o curso colegial secundário. (encerrado em novembro de 1963)

VIII - Promoção de um curso sobre "Problemas de Planejamento Educacional", com ênfase nos aspectos de economia educacionais, a ser ministrado por técnicos deste e de outros Estados, conforme projeto a ser apresentado em separado, e com início em julho. (transformado em "projeto em colaboração com o DATF/SUDENE)

*Libertine*³₅

IX - Colaboração no seminário de leituras de revistas nos meses que couberam a DEPE segundo rodízio.

D - OUTRAS ATIVIDADES

X - Estudos e leituras utilizando a biblioteca do CRR.

XI - Assistência ao curso de alemão promovido para os técnicos do CRR.

XII - Outras atividades: palestras, reuniões, correspondência, colaboração para o Boletim, relatórios, indicações bibliográficas, intercâmbio, assessoramento ao Diretor Geral, etc.



- PESSOAL

O pessoal da DEPE é o seguinte:

DIRETOR: Dr. Carlos Frederico do Rêgo Maciel
ASSISTENTE: Dr^ª. Zaida Maria Costa Cavalcanti
DATILÓGRAFO: José Clodoaldo Lins (exonerou-se em 31/maio)
Maria Arlinda Valença Lins (a partir de 1/julho)
AUXILIARES: Dr^ª. Miriam Vasconcelos e
(por tarefas Dr^ª. Jurídice Pessoa - a primeira trabalhando na pes
de pesquisas) quisa 1, e a segunda na pesquisa 2 e também no semi-
nário sôbre o ensino médio.
Aécio Aquino - auxiliando na pesquisa de recursos fi
nanceiros

Além dêsses a DEPE cohtou com "serviços eventuais" de duas datilógrafas: Srt^ª. Lourdes Dutra (durante abril) e Sr^ª. Gumercinda Mayer (uma quinzena de maio).

A Divisão, durante o mês de junho, ressentiu enormemente a falta de um datilógrafo efetivo, que foi substituído em julho.

Deve-se notar que o Diretor da DEPE acumula as funções de coordenador de publicações (sem remuneração) e exerceu as funções de Diretor Geral, na ausência do Dr. Gilberto Freyre, durante os dias 8 a 15 de junho, e de 2 de setembro a 23 de novembro.

Como foi dito, o pessoal vem se submetendo a um ritmo de trabalho por vêzes exaustivo, em virtude de haver sido elaborado um programa muito ambicioso.

EXECUÇÃO

De modo geral o programa da DEPE em 1962 foi demasiado ambicioso. Em todo caso foi cumprido satisfatoriamente. Se em alguns casos não foi executado plenamente, em outros a execução superou o previsto. Se tivesse havido possibilidade de contratar mais pessoal por tarefas o programa de pesquisas poderia ter sido ampliado.

1- Pesquisas

Na área de pesquisas a DEPE levou a termo a segunda parte da pesquisa "Realidade e Perspectivas na Orientação Profissional" anexo nº 1 de Zaida Cavalcanti, assistente da Divisão, auxiliada pela pesquisadora Jurídica Pessoa, cujo objetivo era verificar a receptividade e as possibilidades da aplicação do método não-diretivo de orientação profissional. De um modo geral, apesar de o grupo experimental ter sido demasiado pequeno - e valeria a pena nova experiência com um grupo maior - a aplicação do método e de seus princípios aprovou, demonstrando sua viabilidade e eficácia. O relatório da pesquisa está publicado no nº 4 dos CADERNOS REGIÃO E EDUCAÇÃO.

Também iniciou a DEPE, para conclusão no primeiro semestre de 63, uma pesquisa de Levantamento e Análise dos Recursos Econômicos e Financeiros para a Educação em Pernambuco. (anexos 2, 2a, 2b, 2c, 2d, 2e) O projeto da pesquisa foi elaborado pelo Diretor da DEPE, Carlos Maciel, sendo a execução confiada à Assistente Zaida Cavalcanti, auxiliada pelos pesquisadores Miriam Vasconcelos e Aécio Aquino. A principal dificuldade dessa pesquisa, que obrigou mesmo a mutilar o projeto inicial, foi a obtenção de dados estatísticos, apesar de enorme esforço desempenhado nesse sentido. Falta levar a efeito o tratamento de aspectos subsidiários e dar forma ao relatório já esboçado. O objetivo expresso no título era o de obter uma visão do problema do custo da educação em Pernambuco, no nível primário.

2- Seminários

6
8
Antônio Chaves

A DEPE levou a t<ê>rmo dois seminários:

O primeiro, o seminário sôbre "O Recife e seus problemas sócio-educacionais", (anexo 3), em colaboração com o Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, com uma sessão por mês, e com o objetivo de promover uma aproximação entre homens de estudo e homens de ação. A última sessão desta série teve lugar no Instituto Joaquim Nabuco, no dia 23 de novembro, versando sôbre "O menor abandonado". Resultado digno de assinalar desta sessão foi que, tendo comparecido à mesma o Sr. Secretário da Justiça do Estado, Dr. Antiógenes Chaves, tomou êle a iniciativa de convocar mais duas sessões, que tiveram lugar nos dias 28 de novembro e 11 de dezembro, para debater aspectos concretos ligados à assistência que a Secretaria de Justiça vem dando a êste problema, em colaboração com outras organizações que se representaram na sessão do seminário.

O segundo, o seminário "Ensino médio: tema e problemas", (anexos 4,5,6) em 4 fases e 10 sessões, com a participação de observadores da CADES e de professores locais. As últimas sessões, dedicadas ao tema do ensino secundário comparado, tiveram lugar nos dias 12 e 13 e 30 de novembro, com a participação dos professores Newton Sucupira, Maria Antônia Macdowell, Itamar Vasconcelos, Rubem Eduardo da Silva, Irecê Wanderley, Carlos Maciel, Zaida Cavalcanti, valendo salientar ainda a presença do Prof. Robert Hahighurst, da UNESCO. Resultou dêste seminário um programa editorial em 4 tomos, dos quais já foram publicados os dois primeiros, apresentando a parte de subsídios, sob os títulos CRESTOMATIA e ESTATÍSTICAS. Os dois outros volumes serão publicados em 63, segundo o calendário traçado. Êste seminário foi o ponto mais alto do programa da DEPE no ano findo, devendo ser concluído em 63 com a redação de um Documento de Conclusões, elaborado por um comitê de 4 participantes.

Uma série de conferência sôbre programação educacional, que estava programada, foi superada pelo desdobramento dêste projeto em dois outros maiores: um curso sôbre programação educacional (vd adiante) e um Colqui^o sôbre Programação Educacional, a ter lugar em 63.

3- Estudos e monografias

7
9
Li. Duarte F. Jr.

Foi suprimido o projeto de redação de uma série de documentos de subsídios para um plano de educação para Pernambuco, em colaboração com a DEPS e a DAM, projeto que tinha sido adiado de 1961 para 1962, mas que vinha encontrando grandes dificuldades.

Também não foi levada a termo, ficando adiada para o ano próximo, a redação de uma monografia sobre "Economia Educacional", pelo Diretor da Divisão, em virtude de sobrecarga de serviços.

Em compensação a DEPE cumpriu pontualmente o programa dos seminários internos de leitura de revistas, apresentando resenhas nos dias e meses programados, segundo critério rotativo com as outras duas Divisões. Ampliando este programa, a DEPE promoveu em julho e agosto, em cooperação com o DATF da SUDENE, uma série de sessões nas quais foram analisados os Documentos apresentados na Conferência Internacional de Santiago sobre Educação e Desenvolvimento da América Latina. As resenhas então redigidas estão publicadas no número 4 do periódico do Centro, já referido.

Além disso, também ultrapassando o programado (duas resenhas para os dois números dos CADERNOS REGIÃO E EDUCAÇÃO), a DEPE preparou, para esses cadernos, um artigo de sua Assistente ("Realidade e Perspectiva na Orientação Profissional" para o nº 3) e dois de seu Diretor ("Nota sobre o artigo: Realidade e Perspectivas na Orientação Profissional" para o nº 3 e "Simpósios, colóquios, seminários...", para o nº 4) além das já citadas resenhas, bem como um "Levantamento bibliográfico de economia e finanças educacionais", para o nº 3, seguido de um complemento atualizador no nº 4, de autoria do Diretor da Divisão, Dr. Carlos Maciel, e, finalmente, o relatório já citado da pesquisa da Professora Zaida Cavalcanti (nº 4º, bem como o relatório do "Levantamento do Sistema Educacional de Pernambuco", feito para a DEPE, pelos Drs. Antônio Carolino Gonçalves e Itamar Vasconcelos (nº 3). Como se vê, pois, toda a matéria dos dois números da revista foi fornecida pela DEPE.

Deve-se assinalar ainda a publicação de uma "separata" contendo o artigo citado da professora Zaida Cavalcanti, acompanhado da "nota" do Prof. Carlos Maciel e de um prefácio da professora Glória Quintela.



4- Outras Atividades

Intensa foi a atividade da DEPE nessa faixa de seu programa, podendo-se destacar, além de numerosos pontos menores, o seguinte:

O Diretor da DEPE esteve por duas vezes exercendo a Direção Geral do Centro, por motivos de viagens do Dr. Gilberto Freyre (períodos de 9 a 15 de junho e de 1º de setembro a 23 de novembro.)

O Diretor da DEPE desempenhou as funções de conselheiro do Serviço Social contra o Mocambo, da Fundação da Promoção Social, e do Conselho da SUBENE (este na qualidade de suplente do professor Gilberto Freyre).

Os técnicos da DEPE tomaram parte no curso de alemão, promovido pelo Centro, a cargo de Fr. Julius Thielen.

O Diretor da DEPE vem desempenhando as funções de relator da Comissão Organizadora do Colégio Universitário da Universidade do Recife.

A Assistente da Divisão colaborou, como professora, no curso de formação de supervisores do Serviço Social Rural, durante o mês de novembro.

Além disso manteve a DEPE colaboração com as outras Divisões, do Centro e amplo intercâmbio com outros órgãos de educação da região. Recebeu a visita de vários técnicos e outras pessoas, atendendo-os conforme desejável.

oooooooo00000oooooooo

NOTA REFERENTE AOS ANEXOS

Segue, em anexo, os projetos iniciais das pesquisas, seminários e outras atividades da DEPE em 1963 acompanhados das notícias acerca do desenvolvimento da mesma, extraídos dos Boletins Bimestrais do Centro.

Levy Porfírio da Cruz

DIVISÃO DE ESTUDOS E PESQUISAS SOCIAIS

Coordenador:

Prof. Levy Porfírio da Cruz

Assistente:

Dr. José Geraldo da Costa



DIVISÃO DE ESTUDOS E PESQUISAS SOCIAIS

A Divisão de Estudos e Pesquisas Sociais teve como única atividade no segundo semestre de 1962, com conclusão prevista apenas para o fim de janeiro de 1963, a realização do I Curso de Preparação em Pesquisa Social, dentro da preocupação que a Divisão tem sempre tido com a formação de pessoal técnico auxiliar como tarefa preliminar de um programa de pesquisas no Nordeste, dada a escassês dêsse tipo de pessoal na região. O Curso foi uma realização dêste Centro através da DEPS, em colaboração com as seguintes instituições: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais e mais os seguintes órgãos da Universidade do Recife: Instituto de Antropologia Tropical, Instituto de Pesquisas Econômicas, Políticas e Sociais e Escola de Enfermagem, além de uma contribuição financeira no valor de Cr\$ 200.000,00 (Duzentos mil cruzeiros) da própria Reitoria da Universidade do Recife. Com o Dr. Gilberto Freyre, diretor dêste Centro, como Coordenador Geral do Curso. Pela DEPS funcionaram tanto o seu diretor, professor Levy Cruz, como o assistente da Divisão, Dr. José Geraldo da Costa, o primeiro na qualidade de Coordenador de Estudos e o segundo como auxiliar dessa Coordenação e como Supervisor da Pesquisa-Treino.

O curso atraiu o interêsse de candidatos em número superior ao total de vagas estabelecido, entre os quais foram selecionados 24 alunos, com a seguinte constituição quanto à formação profissional:

Concluintes de Ciências Sociais	6
" " Pedagogia	5
" " Direito	2
" " Ciências Econômicas	1
" " Serviço Social	1
Estudante de Ciências Econômicas	1
Formados em Filosofia	4
" " Ciências Sociais	2
" " Serviço Social	1
" " Pedagogia	<u>1</u>
<u>T O T A L</u>	24

Levy Cruz

Posteriormente, três desses alunos desistiram de continuar no Curso, o qual está assim chegando ao fim com 21 alunos.

Ao todo foram concedidas bolsas de estudos a doze alunos, pelas seguintes instituições: Centro Regional de Pesquisas Educacionais (quatro), Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais (quatro), Instituto de Antropologia Tropical (uma), Instituto de Pesquisas Econômicas, Políticas e Sociais (uma) e Escola de Enfermagem da Universidade do Recife (uma), Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (uma), Universidade da Paraíba, Universidade do Rio Grande do Norte e Prefeitura de Natal. Outros alunos, não bolsistas, foram enviados pelas seguintes instituições: Movimento de Cultura Popular, Fundação da Promoção Social, Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste e Secretaria de Educação e Cultura de Pernambuco. Outras instituições convidadas (as demais Universidades da região, a Fundação Serviço Especial de Saúde Pública, etc.) não puderam enviar representantes.

O currículo e os professores do Curso foram os seguintes: Sociologia (Prof. Levy Cruz), Antropologia Cultural (Prof. Waldemar Valente), Geografia Econômica (Prof. Mário Lacerda de Melo), e Técnicas de Pesquisa Social (Prof. Heraldo Pessoa Souto Maior) e Estatística (Prof. Antônio Carolino Gonçalves). Houve além disso um Seminário de Pesquisa Social no Brasil, a cargo do Prof. Levy Cruz. O Dr. José Geraldo da Costa atuou, como já foi dito, como Supervisor da Pesquisa-Treino. Como um serviço auxiliar pioneiro funcionou neste Curso um psicólogo com o papel de orientar os alunos nas suas características vocacionais e mesmo emocionais, até o ponto em que isso pudesse interferir com o trabalho a ser desenvolvido. Tal serviço, que ficou a cargo do professor Paulo Rosas, constituiu um aspecto interessante, e cuja experiência ajudará a programar melhor futuros cursos desse tipo.

O Curso constou, como havia sido programado, de aulas teóricas, que foram de setembro (17) a dezembro. Como realização prática foi planejada uma pesquisa no Vasco da Gama. A coordenação de estudos do Curso pensou, com esse trabalho, em unir o lado didático do curso a um aspecto prático, pois funcionando naquele bairro proletário da cidade do Recife uma Agência de Serviço Social Familiar da Escola de Serviço Social de Pernambuco e que vinha sentindo desde muito a necessidade da realização de um estudo na comunidade, entendeu em entendimento com a direção da referida escola e com a chefia da Agência, para que os alunos fizessem tal estudo, o que foi recebido com agrado por parte das duas instituições. Foi feito inicialmente um contato dire-

Griffiths

reto dos alunos com a agência e a comunidade, através de uma visita de t~oda a turma, acompanhada do coordenador de estudos do Curso, do professor de T~ecnica de Pesquisa e do Coordenador da Pesquisa. Posteriormente foi a ~area (coincidente com a da Paróquia do Vasco da Gama) dividida em segmentos; um certo n~umero d~esses segmentos foi sorteado aleat~oriamente pelos pr~oprios a~lunos e nos segmentos sorteados um arrolamento c~ompleto de t~odas as fam~ilias residentes foi levado a efeito. Em seguida foram sorteados, t~amb~em com utiliza~ção da tabela de n~umeros aleat~orios, 420 fam~ilias a serem estudadas, estando no momento sendo concluida a aplica~ção de question~arios a essas fam~ilias sorteadas. O question~ario, por sua vez, foi desenvolvido pelos alu- nos, com a assist~encia, igualmente, do coordenador de estudos, do profes- sor de T~ecnicas de Pesquisas e do coordenador da pesquisa-treino. Uma ver- s~ao preliminar foi testada no campo pelos alunos, at~e chegar ~a vers~ao defi- nitiva, que ~e a que est~a sendo aplicada.

No decorrer do Curso foram distribuidas apostilas mimeografadas, tendo as disciplinas de Sociologia, Antropologia Cultural e Estatística for- necido apontamentos detalhados das suas aulas, e as de T~ecnicas de Pesquisa Social e Geografia Econ~omica roteiros das mesmas. Algumas "leituras" (arti- gos) ou cap~itulos de livros) foram igualmente distribuidas aos alunos, tam- b~em sob forma mimeografad_a.

A biblioteca d~este Centro colocou ~a disposi~ção do Curso mais de cinquenta volumes das suas estantes, os quais ficaram durante todo o tem- po na biblioteca da Faculdade Ci~encias Econ~omicas da Universidade do Recife, onde funcionaram tanto a Coordena~ção como as aulas do Curso, facilitando as- sim aos alunos o acesso, visto a sua localiza~ção no centro da cidade.

O Serviço de Exposi~ção de Livros d~este Centro, solicitado pela Coordena~ção de Estudos do Curso, f~ez a distribu~ção aos alunos de exemplares das seguintes publica~ções: Regi~ao Culturais do Brasil, de Manuel Di~egues J~unior; Menores no Meio Rural, de Clovis Caldeira; Intrepreta~ção da L~iteraru- ra Infanto-Juvenil no Nordeste, de Paulo Rosas; e O Que se Deve Ler para Co- nhecer o Brasil, de Nelson Werneck Sodré. Igualmente solicitado pela Coorde- na~ção de Estudos, o Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais fez distri- buir aos alunos exemplares de As Migra~ções para o Recife, IV; Caracteriza~ção Social, de Levy Cruz.

Gilberto Freyre

A apuração dos questionários aplicados terá início em janeiro, quando será concluído o Curso com a análise dos dados e redação do relatório final, a cargo dos alunos, com a supervisão do Dr. José Geraldo da Costa, Assistente da DEPS.

A Divisão de Estudos e Pesquisas Sociais funcionou sob a coordenação do Prof. Levy Porfírio da Cruz, até 8 de junho, data em que lhe foi concedida, pela Portaria nº 10, licença sem vencimentos, tendo assumido a direção da referida Divisão, o Dr. Gilberto Freyre, Diretor Geral do CRR até 29 de agosto, data em que transferiu essa função ao Dr. José Geraldo da Costa, Assistente da DEPS, através da Portaria nº 17, de 29/8/62. O Dr. José Geraldo da Costa permaneceu na Coordenação da DEPS até 30 de setembro, licenciando-se em 2 de outubro de 1962.

ooo000ooo

Li. M. T. F. G.

DIVISÃO DE APERFEIÇOAMENTO DO MAGISTÉRIO

D A M

Coordenadora:

Maria Graziela Peregrino

Assistente:

Janise Pinto Peres

III - DIVISÃO DE APERFEIÇOAMENTO DO MAGISTÉRIO

Durante o ano de 1962, a Divisão de Aperfeiçoamento do Magistério funcionou com o seguinte pessoal técnico:

Coordenadora: Prof^ª. Maria Graziela Peregrino

Assistente: Prof^ª. Janise Pinto Peres, do quadro da SENEC, a qual foi admitida pela portaria nº 6, de 1º de abril, em substituição à Prof^ª. Maria de Jesus Andrade Albuquerque, que se achava de licença, sem vencimentos, desde 16 de agosto de 1961 e que solicitou demissão do cargo, por ofício, na data de 26 de março de 1962.

A Prof^ª. Janise Pinto Peres, ex-bolsista do IV Curso de Especialistas em Educação para a América Latina, foi posta à disposição do CRR, por ato nº 834, de 26.3.1962, do Sr. Governador do Estado, por um período de dois anos, como cumprimento de seu compromisso de bolsista do INEP.

Encarregada de Estudos Sociais e Ciências Sociais: Prof^ª. Marcionila Holand Rand, do quadro da SENEC, à disposição do CRR, por ato nº 837, de 26.3.1962, do Sr. Governador do Estado.

Encarregada de Atividades Artísticas e Artesanais - Prof^ª. Anna Maria Lucena de Oliveira Cavalcanti, do quadro da SENEC, à disposição do CRR, por ato nº 838, de 26.3.1962, do Sr. Governador do Estado.

Encarregada de documentação, informação e confecção de material didático : - Prof^ª. Maria Lourdes da Costa Barros, do quadro da SENEC, à disposição do CRR, por ato nº 2004, de 20.3.1959, do Sr. Governador do Estado.

Apesar de reduzido, o pessoal da DAM empreendeu uma série de atividades, desenvolvendo um intenso programa de trabalho, o qual se pode aquilatar, em linhas gerais, pela indicação precisa e objetiva das atividades, nos itens discriminados, em cada setor específico.

1. CURSOS

1.1 - Curso Intensivo para Professoras Primárias. Realizou-se, no período de 7 a 19 de maio, em convênio com o PABAEE. O Curso resultou de entendimentos iniciais havidos entre a Coordenadora da DAM e o Diretor Técnico do PABAEE, em Belo Horizonte, em novembro de 1961, seguindo-se, aos entendimen -

*Gilberto Freyre*¹⁸

tos, uma correspondência oficial entre o Diretor deste Centro, Dr. Gilberto Freyre, e o Diretor do PABAAE, Dr. Philip Schwab.

A sessão de abertura do Curso, no dia 7, constou de uma introdução aos seus objetivos, pelo Dr. Gilberto Freyre, que presidiu os trabalhos iniciais.

O Curso foi ministrado pelas Professoras Helena Lopes, Maria Thereza da Rocha e Berenice Soares Bastos, integrantes da equipe técnica do PABAAE, sob a supervisão do Dr. Charles Dent.

As aulas teóricas e as reuniões de grupo de estudo foram dadas em tempo integral, para dois grupos de professoras primárias, perfazendo um total de 49 matriculadas. Compareceram professoras da capital e do interior do Estado e 3 da Paraíba, além das ouvintes.

Realizaram-se, durante a quinzena duas sessões de avaliação dos trabalhos, tendo havido uma palestra do Dr. Carlos Maciel, Diretor da DEPE deste CRR, sobre "A professora como elemento importante da comunidade".

Houve, também, projeção de filmes sobre psicologia da criança e comentários aos temas exibidos.

Precedendo o Curso, a DAM elaborou um questionário de sondagem de opinião do professorado, a fim de colher informações sobre suas preferências por assuntos, nas áreas de Linguagem, Matemática e Psicologia da Criança.

A DAM aplicou um questionário a 100 (cem) professoras primárias da capital, tendo, posteriormente, apresentado o resultado, em percentagens, ao corpo docente do PABAAE, para uma programação de acordo com os interesses expressados. (Ver anexo 1 - DAM).

Outra iniciativa, de resultados apreciáveis, foi a aplicação de um amplo questionário analítico, por ocasião da matrícula de cada candidata ao Curso, com o fim de obter dados sobre a sua vida profissional, preferências no campo da educação primária (Ver anexo 2 - DAM).

Cumprir registrar, ainda, um fato significativo: apesar da exigência de horário integral, em um período difícil do ano letivo, das 49 professoras inscritas 47 obtiveram 100% de frequência, o que evidencia o alto interesse que o Curso despertou entre as participantes.

O encerramento das aulas foi festivo, tendo havido um programa artístico, a cargo das participantes do Curso.

1.2 - Curso de Atividades Artísticas - Atendendo a uma solicitação da Diretoria do Colégio Arquidiocesano, no Recife, a DAM promoveu, no 1º semestre letivo, um Curso de Atividades Artísticas para as jovens professoras daquela instituição, com as sessões teórico-práticas a cargo da Profª. Anna Maria Lucena de Oliveira Cavalcanti. Houve projeção de filmes sobre Atividades Artísticas, seguida de comentários.

1.3 - Curso de Iniciação à Criatividade - De 6 a 21 de agosto, no total de 20 (vinte) sessões teórico-práticas, a cargo da Profª. A. Escobar, S.S.D que estava de passagem pelo Recife, vinda dos Estados Unidos, onde realizou numerosos cursos de arte, na Universidade de Fordham (N. York) e na Rhode Island School of Design (Providence).

O Curso alcançou um êxito completo, pela qualidade e pela originalidade de que se revestiu. Além disso, atingiu professoras vindas de outros Estados.

A matrícula registrou o número de 41 pessoas, das quais, entretanto, somente 24 obtiveram certificado de aproveitamento, em vista da exigência de frequência integral e da apresentação de todos os trabalhos práticos programados.

Após o Curso, houve uma exposição que reuniu, dentre uma seleção, cerca de 90 trabalhos.

A aplicação de um questionário às participantes, de modo a colher suas impressões e a analisar suas atitudes com relação à experiência artística, também se constituiu em uma inovação, em cursos dessa natureza (Ver anexo 3-DAM)

1.4 - Curso Intensivo de Aproveitamento de Agave - A convite da Companhia de Revenda e Colonização, a DAM teve a oportunidade de promover e desenvolver, em Vitória de Santo Antão, um breve curso para líderes de comunidade e professoras rurais, em um núcleo experimental de colonização. As aulas e sessões práticas foram dadas pela Profª. Anna Maria Cavalcanti, para cerca de 20 pessoas.

1.5 - Curso de Metodologia de Estudos Sociais, ministrado em São Luis, Maranhão, pela Assistente da DAM, Profª. Janise Peres. Houve 40 aulas para 16 professoras primárias do Maranhão, durante duas semanas, em horário integral. (No item 7.1.2 há uma referência minuciosa a êsse Curso).

1.6 - Curso de Metodologia de Estudos Sociais, para as 51 professoras primárias do Curso de Artes Industriais do INEP/SENEC, no Recife. Aulas a cargo da Profª. Marcionila Holand Rand, da equipe da DAM, por solicitação es-



pecial da SENECC. No ítem 5.1.3 está citado, com maiores detalhes.

1.7 - A convite da Fundação da Promoção Social, a Prof^ª. Graziela Pergrino deu diversas aulas no "Curso de Supervisores", tendo focalizado o assunto "A afetividade da criança".

2. - SEMANAS DE ESTUDOS

2.1 - I Semana de Estudos sobre o Livro Didático para o Curso Primário - Realizou-se no período de 8 a 13 de fevereiro, tendo constado de uma série de palestras e debates, finalizando com a I Exposição de Livros Didáticos para o Curso Primário (Ver o anexo 4 - DAM).

2.2 - Semana de Estudos sobre a Influência da Família na Vida Emocional da Criança - Realizou-se de 23 a 28 de abril, contando com a participação efetiva de 22 professoras primárias da capital, as quais foram divididas em dois grupos de estudos, liderados pelas Professoras Anita Paes Barreto (Universidade do Recife), Dulce Dantas (Universidade do Recife), Lúzia Costa (Colégio Militar), Graziela Pergrino e Janise Peres, da DAM. Os trabalhos da Semana estiveram sob a direção efetiva da Prof^ª. Janise Peres. Como fichas de avaliação, foram usados os modelos anexos (Ver anexo 5 - DAM).

2.3 - I Semana de Recursos Audio-Visuais - para professoras do interior - Realizou-se, no período de 17 a 21 de julho, sob a direção da Prof^ª. Janise Peres, a qual cumpriu um programa teórico-prático, com diversas demonstrações e confecção de material didático. Compareceram professores, representando 7 municípios do interior de Pernambuco, além do Recife.

3. - PALESTRAS E CÍRCULOS DE ESTUDOS

3.1 - PALESTRAS PROMOVIDAS PELA DAM

3.1.1 - As professoras Berenice Bastos e Terezinha Deusdará, do PABAE de Belo Horizonte, fizeram um relato de suas experiências docentes naquela instituição. Compareceram professoras primárias da capital.

3.1.2 - A Prof^ª. Janise Peres fez (28.3.62) uma palestra sobre "O uso das Cartilhas", para professoras primárias da capital e do interior.

3.1.3 - A Prof^ª. Isnar de Moura, como bolsista da UNESCO/INEP / CRPE de São Paulo, fez (27.7.62) um relato sobre o curso de pesquisadores.

3.1.4 - O Revm^º. Pe. Jean de la Croix Kaelin, OP, Assistente da "Pax Romana", na Suíça (Genebra), de passagem pelo Recife, foi convidado a fa

21
Ass. Paulo Freire

zer (17.9.62) uma exposição sôbre aquêle movimento, na Europa. Compareceram alguns professores e universitários.

3.1.5 - A Prof^a. Maria da Conceição Ferreira, da Secretaria de Educação do Maranhão, fêz (21.9.62) um relato de suas experiências docentes no Treinamento do Barreto e naquela Secretaria, para professoras primárias e técnicos do CRR.

3.1.6 - A Assistente Social Jônia Sales de Melo, da SENEC, fêz (24.11.62) uma palestra com debates sôbre "O Serviço Social Escolar".

3.1.7 - A Prof^a. Felina Cruz Rocha fêz (29.11.62) uma palestra com projeção de "slides" e apresentação de objetos de artesanato popular sôbre "O México: seu povo, seus costumes", para as 51 bolsistas do Curso de Artes Industriais, do INEP/SENEC, numa promoção conjunta da DAM/CRR/SENEC.

3.2 - PALESTRAS A CONVITE DE OUTRAS INSTITUIÇÕES

3.1.1 - A Prof^a. Janise Peres fêz (30.5.62) uma palestra e círculos de estudos para os pais do Colégio Eucarístico, tendo versado sôbre "Problemas Emocionais da Criança".

3.2.2. A Prof^a. Graziela Peregrino fêz (6.11.62) uma palestra sôbre "Currículo e Aprendizagem", para o Curso Currículo de Experiências, da SENEC.

3.2.3. A convite do Curso de Artes Industriais do INEP/SENEC, a Prof^a. Graziela Peregrino fêz (23.11.62) uma palestra sôbre "Imaginação e Criatividade".

3.2.4. A Prof^a. Janise Peres foi convidada a participar, como debatedora, da 1^a. Mesa-Redonda da UNESCO, no nordeste, (27.11.62) sôbre problemas de educação.

4. - SEMINÁRIOS

4.1. Como atividade especial da D.A.M. foi realizado, em três sessões, o "Seminário sôbre Problemas de Direção de Escolas, o qual obedeceu ao seguinte roteiro:

1^a sessão, no dia 13.10.62 - Expositoras: Diretoras: Heloísa Gesteira, Laura Bezerra e Wanda Fonseca da Silveira.

2^a sessão, no dia 27.10.62 - Expositoras: Diretoras Raquel Crasto e Célia Osório de Oliveira Andrade.

3ª. sessão - No dia 10.11.962. Expositoras: Diretoras Terezinha Fonseca e Célia Cavalcanti do Amaral.

Além de terem participado professoras da capital e do interior, com pareceram diversas alunas do Curso de Administração Escolar do I.E.P., a convite especial da D.A.M.

4.2. - A Coordenadora e Assistente da DAM compareceram a todas as sessões do "Seminário de Ensino Médio" e do "Seminário de Homens de Ação e Homens de Estudo", promovidos pela DEPE.

Em uma das sessões do Seminário do Ensino Médio (a VII) a Professora Graziela Peregrino atuou como coordenadora de debates.

4.3. - Nos meses de junho a setembro, o Seminário Interno do CRR esteve a cargo da DAM, que apresentou comentários a artigos de revistas especializadas.

5. - GRUPO DE PROFESSORAS DA DAM

5.1 - Profª. Marcionila de Oliveira Band

5.1.1 - Estabeleceu diversos contatos com as equipes técnicas da Fundação da Promoção Social, tendo coordenado grupos de estudos em cursos de Metodologia de Estudos Sociais e Ciências Naturais, bem como de Administração Escolar, no Curso de Supervisores Escolares, dessa Fundação. Suas atividades se desenvolveram, principalmente, no primeiro semestre letivo.

5.1.2 - Fez três palestras sobre "Unidades de Trabalho", para 96 professoras de 17 unidades escolares do Recife, por iniciativa da inspetora-orientadora do 2º distrito da capital.

5.1.3 - Por solicitação do Departamento Técnico de Educação Primária da SENEC, ficou encarregada da área de Metodologia de Estudos Sociais, com 2 aulas por semana, no Curso de Artes Industriais, onde também reuniu grupos de estudos para discussão sobre "recursos naturais de 13 municípios pernambucanos". Utilizou projeção de "slides" coloridos, abordando o tema "Interrelações entre Povos e Nações" e serviu-se de documentação fotográfica da UNESCO, sobre o ensino em países sub-desenvolvidos. Com as professoras-bolsistas, fez pequenos levantamentos bibliográficos, resumos em fichas, etc.

5.1.4 - Coordenou 2 encontros para estudos e debates de casos: um para 28 professoras de adultos e outro para um clube de mães.

L. M. Lucena

5.1.5 - A convite da Prof^a. Myriam Didier, da SENEC, deu uma aula no Curso "Currículo de Experiências". Comparecimento de 21 professoras.

5.1.6 - Organizou um pequeno levantamento bibliográfico, sobre Estudos Sociais e Ciências Naturais, quando de sua estada em São Paulo, na biblioteca do CRFE, por ocasião de suas férias de julho.

5.2 - Prof^a. Anna Maria Lucena de Oliveira Cavalcanti

5.2.1 - Coordenou um Curso de Atividades Artísticas, conforme relatado no item 1.2.

5.2.2 - Ensaiou um grupo de crianças de Escolas Reunidas de Apipucos, para uma experiência com "Mamulengo". As crianças estimuladas a elaborar uma pequena peça, que lhes serviu de meio à expressão teatral, pela primeira vez. A peça do Mamulengo, assistiram as professoras do Curso de Artes Industriais, especialmente convidadas.

5.2.3 - Por solicitação do Departamento Técnico de Educação Primária da SENEC, foi supervisora do Curso de Artes Industriais, para o qual teve de elaborar, em conjunto com os técnicos daquela Secretaria, o planejamento das diversas atividades.

5.2.4 - Elaborou bibliografias especializadas, sobre teatro de fantoches, as quais foram distribuídas a diversas entidades interessadas.

5.2.5 - Em março, concluiu o Curso de Atividades Artesanais, que havia iniciado em fins de 1961, para o Clube das Mães de Apipucos.

5.2.6 - Por solicitação da Companhia de Revenda e Colonização, deu um curso intensivo de aproveitamento de agave, conforme consta do item 1.4.

5.2.7 - Supervisionou os trabalhos de atividades artísticas das bolsistas do Curso de Artes Industriais, na Escolinha de Arte do Recife.

5.2.8 - Participou de algumas atividades de cursos e semanas de estudos, no CRR.

5.3 - Prof^a. Maria Lourdes da Costa Barros

5.3.1 - Seu trabalho prendeu-se especificamente a coletar material informativo e documentação para o CRR, organizando pastas diversas sobre artigos da imprensa e outros.



5.3.2 - A sua colaboração à DAM prendeu-se à feitura de material didático, tanto para cursos e semanas de estudos, como especialmente para a Escola de Demonstração.

5.3.3 - Em ocasiões especiais, prestou a sua colaboração artística, na parte de organização e decoração de festividades promovidas pelo CRR.

6. - BOLSISTAS E SELEÇÃO DE BOLSISTAS

As tarefas de recrutamento e seleção de bolsistas aos diversos cursos oferecidos pelo INEP, UNESCO e PABAE tiveram o seu andamento normal, de acordo com as exigências de cada tipo de bolsa. Para isso, houve os necessários entendimentos com as instituições e as pessoas, conforme a natureza de cada caso.

Entre as atividades desenvolvidas pela DAM, visando a tais objetivos, cumpre salientar as entrevistas e as exigências relativas a documentos. As bolsas que passaram pela DAM, ou para entrevistas, ou apenas (em raros casos) para encaminhamento ao INEP, foram:

6.1 - Recreação - INEP-GB - Apresentaram-se apenas 2 candidatas, as quais foram aprovadas na seleção preliminar DAM/CRR e posteriormente pelo INEP. Uma das candidatas, por motivo de doença, não chegou a beneficiar-se da bolsa, tendo apresentado, em tempo, a sua desistência.

6.2 - Jardim da Infância - INEP-GB - Apresentaram-se 5 candidatas, todas eliminadas na seleção preliminar DAM/CRR. Posteriormente houve outra candidata, a qual gozou da bolsa que o INEP lhe concedeu diretamente, tendo sido submetida às provas de rotina, pela DAM.

6.3 - Curso de Audio-Visuais - UNESCO/INEP/CRPE de São Paulo - Em janeiro, apresentou-se um candidato, eliminado pela seleção DAM/CRR.

6.4 - Estágio na "Escola Guatemala", do INEP, GB - Apresentaram-se 2 candidatas, aprovadas na seleção DAM/CRR e INEP.

6.5 - Cursos do V E.E.E.A.L. e do S.T.P.P.E. da UNESCO e do INEP, no CRPE de São Paulo. - Entendimentos e encaminhamentos da documentação. Candidatos selecionados pelos técnicos da UNESCO e do INEP. Houve 5 candidatos aprovados.

6.6 - Cursos para Professores de Cegos e Amblíopes - INEP-GB. - Apesar de entendimentos diversos, não houve candidatos apresentados.

Handwritten signature

6.7 - Cursos de Audio-Visuais - UNESCO-INEP-CRPE de São Paulo. - Encaminhamento da documentação de uma candidata, apresentada pela SENEC e entrevistada pelos técnicos da UNESCO. Bolsa concedida.

6.8 - Bolsas para professoras primárias, concedidas pelo INEP/PABEE Em Belo Horizonte - Apresentaram-se 14 candidatas, encaminhadas pela Secretaria de Educação. Aprovadas 7, na seleção da DAM/CRR. Aprovadas 5 pelo INEP PABEE. Das 5, houve uma desistência, durante o Curso, por motivo de doença.

Em resumo: a DAM selecionou ou encaminhou 30 candidatas, perfazendo um total de 14 aprovadas e de 13 bolsas utilizadas até o final dos cursos.

Além dos eventuais entendimentos com bolsistas, a DAM lhes dirigiu, no final dos seus cursos, um ofício-circular, solicitando-lhes um relatório de suas atividades.

7. VIAGENS

7.1 - Profª. Janise Pinto Peres -

7.1.1 - A convite da inspetora-orientadora da 5ª. região escolar e do Dr. Charles Dent, do PABEE, visitou 6 cidades do interior de Pernambuco, nas quais teve oportunidade de conhecer algumas escolas e grupos escolares. As cidades visitadas foram: Paudalho, Carpina, Limoeiro, Lagoa do Carro, Bom Jardim e Orobó. Apresentou um relatório circunstanciado. Ver o anexo nº 6.

7.1.2 - Em colaboração com o Grupo de Povoamento do Maranhão, a Assistente da DAM deu um curso de Estudos Sociais, em São Luís, segundo citado no item 1.5 e apresentado minuciosamente, conforme consta de Relatório (Ver anexo nº 7). Além do Maranhão, esteve nos Estados do Pará, Ceará e Rio Grande do Norte.

7.2 - Profª. Maria Graziela Peregrino

7.2.1 - Em caráter particular, esteve em Garanhuns, onde aproveitou para visitar escolas e distribuir algumas publicações do CRR.

7.2.2 - Também em viagem particular, esteve em Campina Grande (Paraíba), onde visitou 2 colégios e fez entrega de algumas publicações do CRR.

8. PLANEJAMENTO DA ESCOLA DE DEMONSTRAÇÃO

8.1 - Foi constituída, pela Coordenadora da DAM, uma Comissão de Planejamento da Escola de Demonstração, com o fim de estudar, analisar e discutir as possibilidades de sua estruturação e funcionamento, a partir de 1963. A Comissão constou dos seguintes elementos do magistério pernambucano: Profª Célia Cavalcanti do Amaral, diretora da Escola de Aplicação do Instituto de Educação de Pernambuco; Profª. Maria Luiza de Mélo, ex-bolsista da Universidade de Indiana e inspetora-orientadora da SENEC, na função de orientadora educacional do Grupo Escolar Clovis Beviláqua; Profª. Raquel Correia de Crasto, diretora do Instituto Capibaribe; Profª. Marcionila de Oliveira Rand, ex-bolsista da Universidade de Indiana, atualmente à disposição do CRR. Profª. Janise Pinto Peres, Assistente da DAM e Profª. Maria Graziela Peregrino, Coordenadora da DAM, sendo relatora as duas últimas.

A Comissão reuniu-se dez vezes, em sessões prolongadas de estudo e debate de diversos tópicos considerados mais importantes para o Ante-Projeto. Como resultado, foi elaborado um extenso documento, o qual consta do anexo nº 8.

8.2 - Durante as reuniões foram distribuídos livros para estudo inclusive uma cópia do documento intitulado "Carta de Construccionaes Escola - res", elaborado em Rabat, em 1958.

9. DIVERSOS

9.1 - Levantamento sôbre Distritos Escolares

9.1.1 - Com vistas a uma distribuição de exemplares da "Revista do Ensino" do Rio Grande do Sul, foi efetivado um levantamento de distritos escolares da capital com a indicação precisa de tôdas as suas unidades, bem como dos recursos didáticos e outros. A documentação, de caráter informativo, está à disposição das pessoas interessadas.

9.2 - Por solicitação da DAM, o Ponto IV enviou, como doação, 3 diafilmes coloridos, os quais foram logo utilizados, na I Semana de Recursos Audio-Visuais.

9.3 - A diversos professores e a instituições educacionais de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí, Maranhão e Pará foram distribuídas as apostilas de Estudos Sociais, Ciências Naturais e Recursos Audio-Visuais, organizadas pela Profª. Janise Peres, Assistente da DAM (Ver anexos nºs. 9, 10 e 11).

De Minas, foi recebido um pedido informal das apostilas sôbre "Estudos Sociais", por parte de bolsistas do PABAAE.

Richard F. ...

9.4 - Intercâmbio e entendimentos - A DAM manteve entendimentos ou correspondência, principalmente com as Secretarias de Educação de Pernambuco e de outros Estados do Nordeste, com o PABEE, Movimento de Educação de Base, Fundação da Promoção Social, Movimento de Cultura Popular, SESI, Universidade do Recife, SENAC, Escolinha de Arte do Recife, Escola Parque de Brasília, Escola "Vita et Pax" de Rio Preto, São Paulo, CRPE de S. Paulo, Departamento de Educação da Universidade do Texas (com o Prof. Franklin Parker), Inspetoria Seccional do Recife, Grupos Escolares, Escolas e Colégios do Recife e do Interior de Pernambuco, ANCAR, Serviço Social Rural, Escola de Magistério Rural da U.R.P. e outros.

9.5 - As Secretarias de Educação do Maranhão, Ceará e Rio Grande do Norte a DAM enviou uma documentação solicitada, inclusive comentários, elaborados pela Assistente da DAM, sobre os programas e provas daquelas Secretarias.

9.6 - Solicitação de colaboração técnica, feitas à DAM, por outras instituições

9.6.1 - Do MEB/Pernambuco - para a cartilha de adultos, que está em elaboração. A Assistente da DAM tomou parte em 3 reuniões de estudos sobre cartilhas.

9.6.2 - Da CRC, já citado no item 1.4.

9.6.3 - Do Clube do Fereiro, em João Pessoa, com relação a um curso de atividades artesanais. A DAM apresentou uma série de sugestões.

9.6.4 - Da Assistente Social da Colônia Penal das Mulheres Delinquentes, no Recife. - O caso foi encaminhado à repartição competente.

9.6.5 - Do Colégio Arquidiocesano, para um curso de Atividades Artísticas. Citado no item 1.2

9.6.6 - Do Colégio Santa Sofia, em Garanhuns, referente a cooperativismo escolar. Foram encaminhadas informações e documentação bibliográfica.

9.7 - A Coordenadora da DAM manteve entendimentos diversos com o Dr. Philip Schwab e os técnicos de educação do Ponto IV e da Aliança para o Progresso, tendo procurado concretizar um entendimento inicial do INEP, com referência à doação de valioso equipamento de material áudio-visual para a Escola de Demonstração.

W. H. H. H. H.

9.8 - A fim de atender ao funcionamento, para breve, da "Escola de Demonstração", a Profª. Graziela Peregrino necessitou entrar em entendimentos diversos com o engenheiro e arquiteto daquela obra, focalizando pontos concretos no aspecto estritamente pedagógico. Escreveu um amplo Relatório sobre uma das visitas à "Escola de Demonstração", por determinação do Diretor do CRR. (Ver o anexo nº 12)

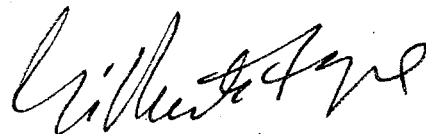
O Diretor do C.R.P.E.R. vem insistindo em que na construção da mesma Escola sejam ouvidos os especialistas em educação, sobre as funções especificamente educacionais, insistindo também em ser assegurada, no referido edifício, a segurança das crianças.

9.9 - Por indicação do Sr. Secretário de Educação, Prof. Lourival Vilanova, o Sr. Governador do Estado nomeou a Profª. Maria Graziela Peregrino, pelo ato 3436, a fim de integrar a Comissão Organizadora das Provas do Concurso de Professoras Primárias da capital e do interior.

9.10 - Visitas à Escola de Demonstração e ao Auditório - Se bem que incompleta, a relação dos visitantes registra: Profªs. Stanley Applegate (UNESCO), Horace Hartsell (UNESCO), Fred Ellison (Univ. do Texas), Charles Dent e Miss L. Keithahn (PABAE), Philip Schwab e I. Bragança (Aliança para o Progresso), Péricles Madureira do Pinho (CBPE), Fernando Tude de Souza, (Fulbright), Roberto Coaracy (Ponto IV), Maria Helena Novais (Escola Guatemala), Laís Lofreddi (CADES), Maria Amália Aroso (Universidade do Brasil), Edília Garcia (CADES), Pe. Kaelin, O.P. (Pax Romana, Suíça), Mr. Douglas Elleby e Steven Ebbin (Consulado Americano) Derwood Baker (Universidade de Nova York) Frank Tannenbaum (Universidade de Colúmbia), diversos bolsistas norte-americanos da Fulbright, grupos de professores (cursos de Artes Industriais, de Administração Escolar do I.E.P., do Colégio de São José, da Universidade Rural de Pernambuco), do Pará, Ceará, Piauí, Rio Grande do Norte, Paraíba, São Paulo, Paraná, além de alunos de Estudos Sociais e de Pedagogia da Universidade do Recife.

9.11 - A Coordenadora da DAM, atendendo a uma solicitação da Profª. Márcia Souza, da Universidade do Recife, fez um relato histórico das atividades da DAM, para um numeroso grupo de alunas de Ciências Sociais, da Faculdade de Filosofia do Recife.

Outro relato, semelhante, fez para as 51 bolsistas do Curso de Artes Industriais do INEP/SENEC, no dia de sua visita ao Centro e à Escola de Demonstração.



9.12 - A equipe da DAM compareceu, em diversas ocasiões, a palestras, conferências e exposições, no Recife, destacando-se: IX Salão de Arte Infantil do DECA, palestras do Ginásio de Aplicação, no DECA, nas Faculdades de Filosofia e outros.

9.13 - Com vistas à distribuição de laboratórios de ciências naturais, doados pelo INEP/IBECC, a DAM elaborou um questionário, visando a colher informações sobre material didático existentes nos Institutos de Educação e escolas normais do nordeste. Foram vários aplicados, durante a viagem da Assistente da DAM (Ver o anexo nº 13)

9.14 - Com o fim de debater assuntos relativos à realização de semanas de estudo da DAM, foram convidadas para reuniões diversas as ex-bolsistas da Universidade de Indiana, residentes no Recife. As reuniões realizaram-se no mês de março.

ooo000ooo

Mário Carlos de Souza

SECRETARIA EXECUTIVA

Secretário Executivo:

Sr. Mário Carlos de Souza

IV - SECRETARIA EXECUTIVA

A Secretaria Executiva, sob a direção do Sr. Mário Carlos de Souza, tem cumprido um intenso programa de trabalho, não só nas suas atribuições específicas, como também nos serviços extraordinários ligados à construção da 1) Escola de Demonstração; 2) Funções Administrativas; 3) Correspondência e Pessoal e 4) Contabilidade.

1 - ESCOLA DE DEMONSTRAÇÃO

1.1 - Como foi dito no relatório do 1º semestre do ano de 1962, a Escola de Demonstração e o Auditório ficarão concluídos em fins de janeiro de 1963. Vale salientar que grande foi o esforço da direção deste Centro Regional, que contou com a colaboração valiosa do Engenheiro construtor, Dr. Murilo Paraiso, e do Arquiteto Luiz Acioly, assim como com o amparo inteligente do Diretor do INEP.

1.2 - A Direção deste Centro registra, também, a compra da casa nº 60, à rua Dois Irmãos, de propriedade do Sr. João Caruso, pela importância de Cr\$ 2.589.585,00 (DOIS MILHÕES, QUINHENTOS E OITENTA E NOVE MIL QUINHENTOS E OITENTA E CINCO CRUZEIROS), conforme exposição feita em ofício nº 2050/62, ao Sr. Diretor Geral do INEP.

A aquisição desse imóvel beneficiou esplendidamente não só a área de recreio como a entrada principal do edifício da Escola de Demonstração. Reafirmo ter essa aquisição se realizado em condições excepcionalmente favoráveis para o Centro, o que se deve principalmente ao esforço desenvolvido pelo Secretário Executivo, Sr. Mário Carlos de Souza.

1.3 - A direção deste Centro acolheu com muito entusiasmo o telegrama do Diretor Geral do INEP autorizando a continuação das obras e espera que, com a experiência adquirida na construção da E.D. e do Auditório, os técnicos responsáveis pela construção da Biblioteca evitem maiores despesas e que suas previsões não ofereçam solução de continuidade.

Apesar de constar em todos os relatórios deste Centro um convite ao Sr. Diretor Geral do INEP para uma visita às obras da Escola, esta direção o reitera, agora, não para uma visita, mas para presidir a sua inauguração, convite que considera irrecusável.

SERVIÇO DE PUBLICAÇÕES

Miriam Rodrigues de Almeida

Encarregada:

Prof^a. Miriam Rodrigues de
Almeida

SERVICÓ DE PUBLICAÇÕES


No setor de Publicações, tendo como Encarregada a Profa. Miriam Rodrigues de Almeida, o CRR procedeu aos seguintes trabalhos:

- 1 - Editou o Boletim, regularmente, de janeiro-fevereiro a novembro-dezembro obedecendo a uma periodicidade bimestral.
- 2 - Editou 3 números dos Cadernos Região e Educação. Sendo um de dezembro de 61 - 123 páginas -, saindo com atraso, um de junho de 62 - 112 páginas - e o de dezembro de 62 - 89 páginas. A tiragem d'esses números foi de 400 exemplares, de cada, em capa de duas côres. Essa Publicação é de periodicidade semestral.
- 3 - Procedeu a edição de uma separata de 100 exemplares da pesquisa "Áreas Sócio-Economicas Homogeneas de Pernambuco" Publicada no número 2 dos Cadernos Região e Educação, do Dr. José Geraldo da Costa, Assistente da DEPS;
- 4 - Procedeu a edição de uma separata de 100 exemplares da pesquisa Realidade e Perspectivas na Orientação Profissional, publicada no nº 3 dos Cadernos Região e Educação, de Zaida Maria Costa Cavalcanti, Assistente da DEPE.
- 5 - Editou o 1º (23 páginas) e o 2º número (25 páginas) do Boletim Bibliográfico da Biblioteca deste CRR, cujos trabalhos eram publicados no Boletim Mensal. A tiragem d'esses números obedece a uma periodicidade semestral e consta de 150 exemplares.
- 6 - Procedeu ao balanço das publicações em estoque e atualizou as fichas do serviço.
- 7 - Editou os dois primeiros volumes, que constituem fascículos do programa editorial do Seminário sobre Ensino Médio. O primeiro volume "Crestomatia", 200 exemplares - 165 páginas, o segundo "Estatísticas" 200 exemplares - 93 páginas
- 8 - Editou os seguintes folhetos para as Divisões d'este CRR:



Divisão de Estudos e Pesquisas Educacionais

Vários folhetos alusivos as sessões do Seminário do Ensino Médio
(junho a novembro)

Divisão de Estudos e Pesquisas Sociais

Para o curso de Preparação em Pesquisa Social:

Programa de Técnicas em Pesquisas Social	1	página	- tiragem	60
Técnicas de Pesquisa Social - Entrevista	2	"	"	60
" " " " - Questionário	5	"	"	60
" " " " - Observação	4	"	"	60
" " " " - Natureza do				
Conhecimento científico	3	"	"	60
Cultura	10	"	"	60
Normas Sociais	3	"	"	60
Mudança Social e Cultural	6	"	"	60
Exames finais e pesquisa	2	"	"	40
Outros folhetos sôbre outros cursos				

Divisão de *Aperfeiçoamento do Magistério

Folhetos sôbre:

O ensino das Ciências Físicas e Naturais na Escola Primária	16	"	"	100
1ª Semana de Recursos Audio-Visuais	35	"	"	100
" " " " " "	8	"	"	100

e outros folhetos sôbre cursos promovidos pela divisão.

- 9 - Desenvolveu, regularmente, os trabalhos de distribuição de livros referentes aos meses de novembro e dezembro de 1961 e janeiro a dezembro de 1962, os quais estão resumidos no seguinte quadro:

Prudente

ESTADOS	P E S S O A S		I N S T I T U I Ç Õ E S	
	Nº de Pessoas	Nº de Livros	Nº de Instituições	Nº de livros
Maranhão	17	38	35	300
Ceará	8	20	140	677
R.G.Norte	11	25	46	361
Paraíba	15	24	65	441
Pernambuco	727	1066	660	3295
Alagoas	2	8	55	328
Piauí	2	2	16	190
Totais	782	1183	1017	5592

TOTAL DE VOLUMES DISTRIBUIDOS 6775

O quadro seguinte, resume o trabalho de distribuição para outros Estados e para o Exterior.

	P E S S O A S		I N S T I T U I Ç Õ E S	
	Nº Pessoas	Nº Livros	Nº de Instituições	Nº de Livros
Outros Estados	161	215	44	56
Exterior	85	144	15	74
T O T A I S	246	359	59	130

TOTAL DE VOLUMES DISTRIBUIDOS 489

TOTAL DE VOLUMES DISTRIBUIDOS NO BRASIL E NO EXTERIOR 7264

BIBLIOTECA

Liliane Fyfe

Bibliotecária:

Maria Laura Santos de Menezes

3. BIBLIOTECA


A Biblioteca, sob a direção da Srta. Maria Laura Santos de Menezes, especialista em Bibliotecanomia, funcionou, normalmente nos dois expedientes, realizando-se, gradativamente, a organização de trabalho dos vários setores, que passamos a descrever:

3.1 SETOR DE AQUISIÇÃO

- 3.1.1 por indicação dos diretores de divisão foram adquiridas publicações especializadas em Educação e Ciências Sociais e tomadas assinaturas por intermédio de livrarias e editoras nacionais e estrangeiras;
- 3.1.2 foi feito o tombamento de todos os livros e folhetos recebidos;
- 3.1.3 os periódicos foram registrados em fichas soltas, por títulos e organizado o fichário próprio, Kardex;
- 3.1.4 do material doado à Biblioteca foi selecionado o de maior interesse para os leitores e o demais e duplicatas foram destinados à permuta com instituições congêneres;
- 3.1.5 foi feita uma relação mensal das publicações recebidas e afixada em lugar de destaque para maior divulgação;
- 3.1.6 de acordo com a estatística deste setor, tivemos:

Recebimento de publicações:

livros e folhetos.....580
 periódicos.....341
 acervo atual.....2356 exemplares

Material recebido:

bibliocantos de aço.....1000
 bolsos para cartões de empréstimo.....1000
 cartões para assinatura do leitor.....1000
 cartões para controle de data.....1000
 fichário Kardex.....1
 fichário de catalogação.....1
 fichas de catalogação.....6000
 porta carimbos.....1

Diário FPP

3.2 SETOR DE CLASSIFICAÇÃO +

3.2.1 as publicações recebidas foram classificadas e receberam anotação correspondente ao assunto e autor;

3.2.2 foi feita a pesquisa em bibliotecas e catálogos especializados, quando os dados do livro não satisfaziam à classificação;

+ 3.3.3 foi determinado o assunto para desdobramento na catalogação;

3.3.4 segundo a estatística dêste trabalhos, fizemos a classificação de 580 livros e folhetos.

3.3 SETOR DE CATALOGAÇÃO:

3.3.1 fez-se a redação das fichas principais, com pista para o desdobramento;

3.3.2 procedeu-se à alfabetação das mesmas;

3.3.3 organizou-se o fichário geral, com entradas pelo autor, pelo assunto e pelo título;

3.3.4 fez-se o registro da catalogação;

3.3.5 preparou-se o material para empréstimo: colocação de bolsos e fichas duplas para assinatura do responsável e data de devolução nos livros;

3.3.6 a estatística dêstes trabalhos demonstra que 219 livros foram catalogados e entregues para circulação.

3.4 SETOR DE REFERÊNCIA:

3.4.1 atendimento aos consulentes;

3.4.2 orientação do leitor no uso da Biblioteca;

3.4.3 localização do material solicitado;

3.4.4 pesquisa para bibliografias sôbre Artesanato e Educação;

3.4.5 pela estatística, tivemos:

dias de funcionamento:246 dias

número de consulentes:.....384

3.5 SETOR DE INTERCÂMBIO:

3.5.1 neste, entramos em contacto com a United States Books Exchange, entidade norte-americana, cujo sistema de permuta de publicações nos será de grande valia. Entre outras Instituições que ,

êste ano, entraram em regime de intercâmbio com a Biblioteca d'êste Centro, contam-se a Escuela Nacional de Ciencias Políticas y Sociales, do México; a Longfellow Library, da Associação Cultural Brasil-Estados Unidos; O Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais; a Faculdade de Filosofia de Pernambuco e a Syracuse University Library, USA.

3.6 SETOR DE EMPRÉSTIMO:

3.6.1 Por determinação do Sr. Diretor foi suspenso o empréstimo a domicílio que, a partir do mês de agosto, passou a ser feito apenas ao pessoal que exerce trabalho para o Centro. Aos estranhos ao quadro de funcionários é permitida a consulta local.

É a seguinte a estatística do empréstimo:

Obras Gerais.....	5
Filosofia.....	46
Ciências Sociais.....	90
Estatística	20
Política	4
Economia	14
Educação.....	154
Filologia.....	2
Antropologia.....	22
Matemática.....	2
Física.....	2
Química.....	1
Biologia.....	6
Geologia.....	1
Literatura.....	52
História.....	10
Geografia.....	<u>19</u>

T O T A L456 livros emprestados

3.6.2 A biblioteca publicou, ainda, o Boletim Bibliográfico, semestral, constando o primeiro, de 203 entradas; o segundo de 281; uma relação dos periódicos recebidos durante o ano, um índice de autores e um índice de assuntos.



3. FUNÇÕES ADMINISTRATIVAS

3.1 - CORRESPONDÊNCIA

3.1.1 - No setor de comunicações, o serviço de correspondência registra o seguinte movimento:

Ofício e cartas expedidos	2.055
Telegramas	<u>235</u>
<u>T O T A L</u>	2.290

3.2 - PROCESSOS DE CONCORRÊNCIA

3.2.1 - Para a aquisição de material permanente e material de consumo foram preparadas coletas de preços de acordo com o quadro seguinte:

a) Coletas para fornecimento de material para o Centro:	<u>41</u>
b) Coletas para fornecimento de material para a construção da Escola de Demonstração	<u>51</u>
<u>T O T A L</u>	92

As despesas correspondentes sempre autorizadas previamente pelo Diretor e de acordo com as necessidades e conveniência da administração, foram realizadas segundo as previsões orçamentárias do plano de aplicação de recursos organizado para o exercício de 1962.

3.3 - EQUIPAMENTO

3.3.1 - A Secretaria Executiva, mediante concorrência, adquiriu o seguinte equipamento:

- 2 Arquivos de Aço, marca Ramco, com 4 gavetas, tamanho escritório, ref. 1404, cor verde oliva, com fechadura de segurança.
- 1 Fichário de Aço marca Ramco, com 2 gavetas, para fichas de 8cm x 13cm, cor cinza.
- 1 mesa para máquina de escrever, modelo K-450, nas dimensões: 0,95 x 0,50 x 0,70, em imbuia, lustrada, com 4 gavetas.
- 100 Bibliocantos de aço e 2 Porta-carimbos.
- 2 Estantes com portas envidraçadas, tamanho 1,70 x 1,10 x 0,40.
- 1 Bureau com as seguintes dimensões: 1,50 x 0,80 x 0,78, com 4 gavetas, em imbuia lustrada.

Gilberto Freyre

4. P E S S O A L

Eis o quadro do pessoal temporário, regido pela Consolidação das Leis Trabalhistas, em virtude do Decreto Presidencial nº 50.314, de 4 de março de 1961.

Dr. Gilberto Freyre - Diretor Geral

4.1 - P E S S O A L T E C N I C O

- Dr. Carlos Frederico Maciel - Coordenador e Assessor Técnico da DEPE
- Dr. Levy Porfírio da Cruz - Coordenador e Assessor Técnico da DEPS
- Profª. Maria Graziela Peregrino - Coordenadora e Assessora Técnica da DAM
- Drª. Zaida Maria Costa Cavalcanti - Assistente da DEPE
- Dr. José Geraldo da Costa - Assistente da DEPS
- Profª. Maria de Jesus Andrade Albuquerque - Assistente da DAM (até 26 de março de 1962, data em que pediu exoneração).
- Profª. Janise Pinto Peres - Assistente da DAM (a partir de 1º de abril do ano de 1962).

4.2 - P E S S O A L A D M I N I S T R A T I V O

- Sr. Mário Carlos de Souza, Secretário Executivo
- Sr. Paulo Francisco de Souza, Contador
- Srtª. Maria Laura Santos de Menezes - Bibliotecária
- Profª. Lúcia Neves do Amaral e Silva - Encarregada de Publicações e Relações Públicas, até 29/1/962, data em que se exonerou.
- Profª. Miriam Rodrigues de Almeida - Encarregada de Publicações e Relações Públicas, a partir de 1º de fevereiro de 1962.
- Maria Auxiliadora Luna da Costa Barros - Secretária-Datilógrafa
- Dilza Pereira Dutra, Datilógrafa da Secretaria Executiva.
- Virgínio Roberto Harrop Galvão - Datilógrafo da DEPS
- José Clodoaldo Lins - Datilógrafo da DEPE, até 1º de junho de 1962, data em que pediu exoneração.
- Maria Arlinda Valença Lins - Datilógrafa da DEPE, a partir de 1º/7/1962.
- Marcos José Teixeira Leite - Auxiliar de Expedição e Operador de Mimeógrafo
- Salatiel Rosa dos Santos - Motorista
- Lenildo Carneiro da Cunha - Motorista
- Cezário Fernandes de Albuquerque - Zelador
- José Rodrigues da Silva - Servente
- Sérgio Bernardo da Silva - Mensageiro.

CONTABILIDADE

Liherete

Contador:

Sr. Paulo Francisco de Souza

3. C O N T A B I L I D A D E

Willlys

O Serviço de Contabilidade, articulado com a Secretaria Executiva e sob a orientação e responsabilidade técnica do Contador Paulo Francisco de Souza, registrado no C.R.C. -PE., além de seus trabalhos regulares em exercícios anteriores, teve a sobrecarga contábil relativa a escrituração exigida para a construção da Escola de Demonstração.

Durante o ano foram elaborados sistematicamente, relatórios trimestrais contendo balancetes acompanhados de prestação de contas e comprovantes da despesa, de acordo com as instruções do INEP. Foi observado ainda pelo Serviço de Contabilidade no controle de aplicações de dotações a expedição de Autorização de Pagamento, o preparo de empenhos, a confirmação de saldos bancários em depósitos e a elaboração de fôlhas de pagamento de pagamento do pessoal do CRR.

Eis o quadro geral das despesas efetuadas nas diversas subcategorias do plano orçamentário do corrente exercício, organizado pelo Serviço de Contabilidade:

MOVIMENTO FINANCEIRO NO EXERCÍCIO DE 1962 DA VERBA DE CUSTEIO DO CENTRO

RECEITA

Suprimentos do INEP:- OT n. 4602, de 29/12/61 - 1.570.000,00		
OT n. 471, de 15/2/1962 - 2.500.000,00		
OT n. 1570, de 14/5/1962 - 2.500.000,00		
OC.n. 536, de 1/8/1962 - 2.500.000,00		
OC n. 1907 de 28/11/62 - 2.800.000,00		
Supº n. 96, de 24/5/1962		
(adiantamento do motorista Salatiel Rosa dos Santos).....	15.000,00	
Supº n. 98, de 25/5/62		
(prêmios de seguros da Rural Willlys - pago no Rio-GB.....	56.167,00	11.941.167,00



Receita Patrimonial-Juros bancários, ref. aos 1º e 2º semestre de 1962.....		61.178,70
Receita Patrimonial-Alienação de bens patrimo- niais(venda de um "Jeep").....		405.850,00
Receita Eventual-Venda de jornais velhos, etc.		2.750,00
Dépósitos de Origens Diversas-Instituto dos Comerciários(descontos de contribuições)..	359.633,60	
Imposto de Renda(descontos s/folhas).....	<u>12.544,00</u>	372.177,60
Verba Especial-destinada à aquisição do pré- dio à rua Dois Irmãos, 92,digo 60-Apipucos		<u>2.589.585,00</u>
		<u>15.372.708,30</u>
SALDO EM 31/12/1961.....		<u>183.480,10</u>
		<u>15.556.188,40</u>

DESPESA

1-Direção e Secretaria

1.1-Pessoal	3.852,310,40	
1.2-Material Permanente	358.164,30	
1.3-Material de Consumo	718.602,60	
1.4-Serviços e Encargos	787,286,10	
1.5-Despesas de Viagens	69.127,50	
1.6-Outras Despesas	<u>464.647,60</u>	6.250.138,50

2-Divisão de Estudos e Pesq.


Educacionais

2.1-Coordenação e Assessoria	1.086.000,00	
2.2-Proj. de Estudos,digo de Pesq.e Levantamento	<u>234.518,50</u>	1.320.518,50

3-Divisão de Estudos e Pesq.

Sociais

3.1-Coordenação e Assessoria	754.194,50	
3.2-Projetos de Estudos e Pesquisas	<u>292.652,00</u>	866.846,50



4-Divisão de Aperf.do Magis- tério		
4.1-Coordenação e Assessoria	683.725,00	
4.2-Projetos de Aperf.do Ma- gistério	<u>49.240,00</u>	732.965,00
Sub-Plano (aplicação do saldo do ex.1961)		
1-Direção e Secretaria		
1.4-Serviços e Encargos	323.000,00	
1.6-Outras Despesas	20.000,00	
2-Divisão de Estudos e Pesq. Educaçãoais		
2.2-Projetos	156.422,00	
4-Divisão de Aperf.do Magis- tério		
4.2-Projetos de Aperf.do Magistério	<u>176.436,30</u>	<u>675.858,30</u>
Restos a Pagar-Ex.1959		
Projetos	70.500,00	
Restos a Pagar-Ex.de 1960		
Projetos	5.760,00	
Restos a Pagar-Ex.1961		
Projetos	15.500,00	
Despesas Gerais	<u>583.843,80</u>	675.603,80
Depósitos de Origem Diversas		
IAPC (consignações entregues)	335.136,10	
Imposto de Renda	<u>11.568,00</u>	346.704,10
Verba Especial-aquisição do prédio prédio sito à rua Dois Irmãos 60-Apipucos		<u>2.589.585,00</u>
SALDO EM 31/12/1962-depositado na Caixa Econômica Federal de Pernambuco		<u>2.097.968,70</u>
		<u>15.556.188,40</u>



MOVIMENTO FINANCEIRO DA VERBA DESTINADA À CONSTRUÇÃO DA ESCOLA DE
DEMONSTRAÇÃO, NO EXERCÍCIO DE 1962

R E C E I T A

Suprimentos de INEP- O.T.n.496,20/2/62	6.000.000,00	
O.T.n.1458, 7/5/62	3.491.000,00	
O.C.n.2519, 23/8/62	3.000.000,00	
O.C.N.1649/62.....	<u>5.800.000,00</u>	18.291.000,00
Instituto dos Industriários-descontos pre- videnciários s/ as folhas de pagamento.		626.022,90
Juros bancários, contados pela Caixa Econômica no exercício de, 1962		<u>71.922,00</u>
		18.988.944,90
		<u>2.591.043,70</u>
SALDO EM 31/12/1961.....		<u>21.579.988,60</u>

D E S P E S A

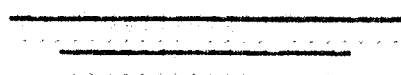
Material de Construção	6.428,024,20	
Salário(Mão de Obra)	8.306.562,90	
Assistência Social-IAPI	1.507.141,10	
Serviços Técnicos(Taxa de Administração)	1.208,088,80	
Encargos Trabalhistas	224.838,10	
Serviços Especializados	704.354,50	
Despesas Diversas	170.302,00	
Serviços de Fiscalização	120.000,00	
Aluguéis de máquinas e equipamentos	70.752,00	
Prêmios de Seguro	91.485,00	
Transportes de Materiais	23.734,00	
Comissão bancária	<u>16.320,00</u>	18.871.602,60
SALDO EM 31/12/1962-depositado na Caixa Econômica		<u>2.708.386,00</u>
		<u>21.579.988,60</u>

DIVISÃO DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS

(DEFE)

A N E X O S

- Nº 1 - Plano Geral para a Experiência de Orientação Profissional;
(Relatório do 1º semestre)
- Nº 2 - Pesquisas - Pesquisas sobre os recursos econômicos para a Educação em Pernambuco (Relatório do 1º semestre)
 - 2a- Projeto (Rel. do 1º semestre)
 - 2b- Andamento (Rel. do 1º semestre)
 - 2c- Andamento (Boletim julho-agosto)
 - 2d- Andamento (Boletim setembro-outubro)
 - 2e- Andamento (Boletim novembro-dezembro)
- Nº 3 - O Recife seus problemas Sócio-Educacionais
- Nº 4 - Seminário sobre "O Ensino Médio - Tema e Problemas"
- Nº 5 - Seminário sobre "O Ensino Médio - Tema e Problemas"
Fascículo amostra da Crestomatia
- Nº 6 - Reformulação do projeto de curso sobre:
Problemas de Planejamento e Programação Educacional.



PLANO GERAL PARA A EXPERIÊNCIA DE ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL

CONSIDERAÇÕES GERAIS

O trabalho que nos propomos a realizar é um trabalho a lên go prazo, o nosso plano inclui, pesquisa, experimentação e ação concreta simultaneamente e em estreita interdependência.

É nosso projeto, não divulgar imediatamente o plano geral e manter todo o trabalho em caráter de pesquisa e de experimentação, mesmo nas áreas de ação imediata definidas, isto porque não pretendemos esperar por uma fase de conclusão de trabalho, para então passarmos a uma etapa de ação, esperamos que a nossa pesquisa e a experiência que pretendemos levar a cabo, vão aos poucos se transformando em um serviço, como também por que reconhecemos a necessidade de uma renovação nos métodos de trabalho na área de Orientação Profissional e não queremos menosprezar, nem criar antagonismos com o que já existe. A divulgação de um plano de trabalho em bases totalmente diferentes das atuais e a hipótese de darmos ao plano um caráter específico de Serviço, daria ao trabalho a ser feito pelo centro um caráter de verticalidade e de doutrinalismo que dificultariam em muito a penetração nos meios devidos.

JUSTIFICAÇÃO DA TENTATIVA DE MUDANÇA DE APPROACH:

do diretivo ao não diretivo

Conceito de método diretivo - Todo e qualquer método que atinja o indivíduo de maneira vertical, pesquisando de maneira direta, (Teste de inteligência e personalidade, questionários, inventários etc.) ou indireta, (tes tes e técnicas projetivas) a sua personalidade, interesses, experiências e tendências; Que use a entrevista dirigida como parte da rotina de trabalho e que se baseie em dados quantitativos, tabolas, perfís, escalas, etc., como base de Orientação e ainda, que use o método de aconselhamento formal.

Conceito de método não diretivo - O método que atinge o indivíduo na sua própria perspectiva, que parte do princípio de que todo indivíduo é capaz

de "self insight" e de tomar decisões acertadas em tudo o que lhe concerne, desde que lhe sejam dadas oportunidades de conhecimento consciente e externo dos objetos de escolha. O método que acredita mais nas possibilidades inerentes ao indivíduo de descobrir e cultivar os seus próprios valores, de que na capacidade de testes e técnicas descobrirem e indicarem caminhos.

Entre nós, o método usado na Orientação Profissional e Vocacional, tem sido tipicamente diretivo, sendo a rotina de trabalho: - entrevistas, testes de inteligência e personalidade, inventários de interesse e entrevista final de aconselhamento. Em alguns casos têm havido tentativas de programas de palestras e visitas às Universidades, os quais não chegaram a ser feitos sistematicamente.

Diversas restrições poderiam ser feitas acerca deste procedimento de trabalho:

1. Ao método em si - O método diretivo, a que poderíamos também chamar "método de gabinete" é um método estático, o indivíduo é encaminhado ao gabinete e submetido a uma série de provas, cujos resultados são computados em termos numéricos. Este método, teoricamente bom, não vem produzindo resultados satisfatórios, por razões técnicas e psicológicas que omitiremos aqui.
2. Aos testes e técnicas aplicadas - Os testes mais comumente usados aqui, para Orientação Profissional e Vocacional são a Técnica do Kock, mais conhecida como "Teste da Árvore", o Cornell Index, o catálogo de livros e o Raven e, recentemente o D.A.T. Todos, exceto o D.A.T. já são considerados técnicas superadas, quer porque não obtiveram um índice satisfatório de "Reliability and Validity", quer porque a sua divulgação já o tornou obsoleto, quer pela complexidade e pelo preço-aplicação da técnica.
3. Ao número de indivíduos atingidos - O método diretivo limita muito o seu próprio âmbito de ação, uma vez que sendo um método altamente dispendioso em tempo e material, como também em pessoal, dificilmente o serviço poderá atender às necessidades.

Bases de um trabalho não diretivo

O trabalho não diretivo é um trabalho extenso, em espaço e tempo. Do ponto de vista não diretivo, o fator mais importante é ofere-

cer ao estudante o maior número possível de oportunidades de informar-se sobre as possibilidades abertas para o seu futuro, não com palestras de profissionais ouvidas esporadicamente, mas com um acervo concretas que estejam à sua disposição, com possibilidades de observar, e mesmo de participar de atividades profissionais e de ir, lenta e sistematicamente identificando-se e integrando-se em uma esfera profissional.

PESQUISA

Os dados obtidos aqui serão elaborados sob forma de fichas ou folhetos para uso de orientandos. Serão também fornecidos a orientadores, diretórios e serviços onde possam ser úteis.

A - Informações

1. Setor Universitário - Cursos e institutos mantidos pelas universidades - Condições de ingresso a cada escola - tipo de preparo prévio requerido - possibilidades de Bôlsas de Estudo - possibilidade de trabalho relacionado com o curso durante a duração do mesmo, de estágio, remunerado ou não - expediente escolar - vestibular - número de vagas - percentagem de reprovações - matérias com maior índice de reprovações - média aproximada de candidatos - cursinhos de preparação.
2. Campos de Aplicação e especialização - O que fazer com a profissão escolhida - que chances ela oferece - que tipos de atividades podem ser realizadas dentro daquele setor - quais as perspectivas profissionais em serviços públicos ou particulares - descrição detalhada de cada setor especializado. (indicações de pessoas e obras conhecidas devem ilustrar os diversos campos)
3. Setor Comercial - Possibilidades de Ingresso imediato. - Funções que podem ser exercidas com o preparo ginásial ou colegial - Salário Mínimo e sistema de promoções - Leis trabalistas e Previdência. Descrição de funções específicas - Instituições de aperfeiçoamento.
4. Setor Industrial - Possibilidades de Cursos Técnicos - Análise de trabalho industrial - Salário Mínimo e sistema de Promoções - Leis trabalistas e Previdência - Descrição de funções específicas - Instituições de Aperfeiçoamento.
5. Situação Social da Profissão - Quotação atual da profissão - Mercado de Trabalho - Significado da profissão escolhida na estrutura social atual - Remuneração versus esforço - Comparação de numerários - Direitos e deveres inerentes a profissão escolhida.

PESQUISAB - Fundamentação

Os dados obtidos aqui serão a parte de fundamentação do projeto. As informações contidas se destinam a Orientadores e a serviços a que possam interessar.

1. Setor Universitário, Industrial e Comercial - Classificação por grupo, dos diversos setores de trabalho com fator G (Aptidões gerais) em comum. Análise dos fatores S (aptidões específicas), para cada função isoladamente, dentro de um sistema de análise de trabalho. Análise curriculum.
2. Campos de aplicações e Especialização - Organograma analítico de especialização e funções. Descrição detalhada do tipo de trabalho para cada função. Tipo básico de personalidade requerido. Análise do caráter específico das profissões e dos seus campos de especialização.
3. O problema da Orientação Profissional - Situação do Problema em Geral. Situação de Problema em Pernambuco. A Orientação Profissional como campo definido de Especialização - A orientação Vocacional como campo de Pesquisa - Formação de Orientadores. Orientação Vocacional e Orientação Profissional - Orientação Profissional e Trabalho . Ética Profissional.

OBJETIVOS DO NOSSO TRABALHO

- 1 - Atingir o maior número de estudantes
- 2 - Aproveitamento imediato de líderes e de bem dotados (vide "planejamento de Experiência")
- 3 - Evitar o caráter direcional da Orientação de Gabinete
- 4 - Partir de bases concretas e atuais de informação e critérios do trabalho.
- 5 - Sair do esquema de "testismo" para:
 - a) Evitar a inclusão, num programa de trabalho, de técnicas superadas, insuficientes ou inadequadas à nossa realidade.
 - b) Evitar programas diretivos.
 - c) Proporcionar ao estudante uma vivência extensa de sua escolha vocacional e profissional.
 - d) Criar no grupo de trabalho um sistema de Pensamento, pesquisa e atualização em espaço e tempo.
 - e) Pela colaboração com entidades já existentes, tentar modificar aos poucos o seu sistema de trabalho.
 - f) Pela divulgação periódica dos resultados da nossa pesquisa entrar em contato com as pessoas interessadas no nosso sistema de trabalho.

HIPÓTESE PARA EXPERIMENTAÇÃO DO MÉTODO NÃO DIRETIVO

Pretendemos iniciar simultaneamente a pesquisa e uma experiência com adolescentes. Para isto, pretendemos criar um Grupo Experimental, este grupo será formado por 10 a 15 alunos de primeiro ano colegial, de diferentes colégios. A condição de escolha para participação no grupo será a de liderança, confiando na hipótese de que os líderes, com rendimento escolar satisfatório ou não, sejam também os mais bem dotados.

Este grupo participará ativamente no nosso trabalho de pesquisa, no que se refere a coleta de dados e estudos dirigido das diversas profissões. Será, ao mesmo tempo, preparado para os primeiros estágios em campo e para funções que possam vir a desempenhar no plano, O GE terá reuniões semanais sob nossa direção.

- 1: Aproveitamento imediato de líderes e bem dotados
- 2: Oportunidade de pesquisar o problema na perspectiva do orientando.
- 3: observação dos resultados da Orientação não diretiva
- 4: Demonstração de sistema de trabalho
- 5: Oportunidade de desenvolver no pessoal do GE, a consciência do problema de escola profissional e o gosto pela pesquisa científica.
- 6: Oportunidade de estágio supervisionado de trabalho grupos adolescente

INTRODUÇÃO

O nosso intento, ao planejar uma abordagem diferente para o problema da Orientação Profissional, em primeiro lugar, tentar fazer um trabalho que ao mesmo tempo fôsse econômico e atingisse um maior número de estudantes, em segundo lugar, uma, não menos importante, fazer com que a escolha profissional não fosse um momento, mas uma vivência do adolescente com quem trabalhassemos. Para isto, evitamos os testes psicológicos preferindo proporcionar meios, os mais variados, para que os orientandos sentissem as profissões em seu funcionamento e aos poucos identificassem o seu interesse com algum setor.

O programa realizado em grupo e não com indivíduo, abrange 3 aspectos da escolha profissional.

1) Conhecimento da realidade social e econômico da região - Esta parte, correspondente a primeira fase do programa, teve como objetivo dar ao adolescente uma visão de estrutura de transição do Nordeste, os problemas básicos da região, as linhas existentes para possíveis soluções, e mercado de trabalho da região e a solicitação crescente de pessoal competente, em programa de Desenvolvimento.

Todo o programa girou em torno dos diferentes aspectos da Indústria havendo a preocupação de fazer uma atualização constante com os problemas e realização do Nordeste.

2) Observação Participante da vivência de uma profissão - Esta segunda fase do programa será realizada no período de férias através de estágios supervisionados em empresas ou escritórios técnicos ou outras instituições de acordo com os interesses de cada orientando.

3) Preparação para a vida profissional - Será dividida em 3 setores:

- 1) Estudos Sociais - problemas regionais e nacionais, estrutura de universidade e reforma universitária
- 2) Prep. para a profissão - estudo da natureza e método do campo de interesse do orientando.
Conhecimento dos projetos e realização daquele setor no plano nacional.

Uso de meios de conhecimento
da profissão escolhida.

- 3) Prep. para o trabalho - Noções de: Produtividade
Planejamento
Relações Humanas
Ética Profissional

n. 2

1 - PESQUISAS

1.1 - Pesquisa sôbre recursos econômicos e financeiros para a educação em Pernambuco.22 Projeto

Transcrevemos a seguir, em sua redação definitiva, o projeto dessa pesquisa já iniciada, segundo noticiou o Boletim passado:

Referências

Responsabilidade da Divisão de Estudos e Pesquisas Educacionais (DEPE)

Planejamento e Supervisão: Carlos Maciel (Diretor da DEPE)

Direção de Execução: Zaida Cavalcanti (Assistente da DEPE)

Coleta e tratamento dos dados: Zaida Cavalcanti e auxiliar(es)

Relatório: Carlos Maciel e Zaida Cavalcanti

Prazo: 1ª etapa: 1962:

Coleta de dados: março-junho

Apuração: julho-setembro

Relatório: outubro-dezembro

2ª etapa: 1963

Justificação

A pesquisa enquadra-se no programa geral que o CRR vem desenvolvendo no sentido de arrecadar elementos para um Plano de Educação para Pernambuco. Em vista disso terá cunho prático, orientando-se no sentido de permitir elaborar hipóteses de ação.

Por outra parte, a pesquisa relaciona-se também com os estudos que o Diretor da DEPE vem programando na direção de uma Economia Educacional. A pesquisa fornecerá elementos empíricos a serem adicionados às fundamentações teóricas e informações de estudos que lastrearão a primeira parte da monografia sôbre o assunto previsto no programa geral da DEPE para 1962-63.

Objetivos, perspectivas e procedimentos

O objetivo primeiro é operativo: permitir uma intervenção eficaz na realidade, pelo planejamento escolar. Esse objetivo caracterizará a primeira etapa (para 1962) ou parte nuclear da pesquisa.

Por conseguinte a pesquisa terá uma perspectiva axial "estratégica", nos seguintes momentos: avaliação das necessidades globais; levantamento do potencial global de recursos; análise e aplicação-ponderação dêstes àquelas.

Entre outros procedimentos metodológicos utilizaremos "modêlos" forjados para serem provados mediante sua aproximação focal à realidade, bem como proporemos "critérios" de programação e "índices" de prioridade construídos por interação entre decisões do operador e sugestões emanadas da própria situação.

Em tôrno e posteriormente a essa etapa da pesquisa, uma outra parte terá lugar, na qual procuraremos, mais amplamente, fazer aproximação entre a Economia e a Educação (ambas entendidas quer como realidade, quer como visualizações).

Para essa fase a atitude metodológica adequada será mais uma atitude teórica, de investigação, captação e descrição de fatos, relações e interferências entre fenômenos e aspectos econômicos e educacionais, à base de juízo analítico-resolutivos, que a atitude operacional, à base de juízos sintéticos-compositivos. Por outro lado, a ênfase se deslocará então, do financeiro para o econômico.

Programa da Pesquisa

I PARTE

Delineamento Geral

Conforme já ficou dito, a pesquisa terá um núcleo essencial, correspondendo à etapa de 1962 e uma "coroa" de pontos e aspectos laterais para elaboração em uma etapa posterior.

A primeira parte, como também já foi dito, se estrutura axialmente em torno da determinação de demanda global e do levantamento dos recursos. Tentaremos tomar como ano base ou central para as análises, o ano de 1960. Também utilizaremos primacialmente a divisão territorial do Estado vigente em 1960 (102 municípios). O Recife, onde houver cabimento, será objeto de considerações especiais.

A ênfase será posta no ensino primário. O ensino médio merecerá atenção e consideração. O ensino superior será objeto apenas de alusões e atenção marginal.

A segunda parte obedecerá ao que está bosquejado, mais adiante, em caráter provisório. Trata-se de um conjunto de aspectos para um tratamento secundário dos dados ou para incursões subsidiárias, para eventuais ou posteriores disponibilidades de tempo.

II PARTE

Desenvolvimento

Cap. I - Roteiro da Primeira Parte

A - Balanço das Necessidades

- 1 - Estimação de população escolar dos municípios, desdobrando-se em sub-grupos correspondentes a diversos níveis escolares.
- 2 - Visão do estado atual do atendimento no sentido de calcular suas lacunas e deficiências brutas e ponderadas.
- 3 - Para o Recife examinar-se-á a situação para diversas zonas da cidade (segundo a delimitação administrativa ou outra elaborada).

B - Levantamento do Potencial de Recursos

- 1 - Anotar nos orçamentos de 58, 60 e 62, da União, Estado e Municípios, as previsões da:

Receita total

Receita tributária
 Despesa total
 Despesa com Educação e Cultura

- 2 - Verificar a prestação de contas dos municípios relativamente a 60 para com paração com a previsão.
- 3 - Verificar a arrecadação da União no Estado e em cada um dos seus municípios nos anos de 58 e 60.
- 4 - Verificar a arrecadação do Estado - e os dados de excesso de arrecadação - em cada município, nos mesmos anos.
- 5 - Anotar observações, sôbre as despesas de educação e cultura da União em função de Pernambuco, em 60.
- 6 - Analisar as despesas de educação e cultura de Pernambuco, em particular da SENEK, em 60, em relação aos índices:
 - Invenstimento/custeio
 - pessoal/outros
 - administração geral/rêde escolar
 - % relativa aos vários ramos do ensino
 - outros
- 7 - Tentar discriminar o esforço da SENEK relativamente a cada município, em 60.
- 8 - Analisar uma amostra de orçamentos municipais em 60, sob os aspectos enunciados no item 6.
- 9 - Anotar e utilizar o produto global dos municípios em 60, como índice do potencial econômico dos municípios, a fim de compará-los entre si e com seu potencial financeiro, bem como utilizar para os mesmos fins a renda per capita e o produto global da União e do Estado.
- 10 - De posse dêsses e de outros dados, que se fizeram úteis, tentar estabelecer índices de "densidade financeira" e de "esfôrço financeiro" do Estado e dos Municípios.

(Tomar como hipótese de capacidade financeira para a educação 2,5% do produto global).

C - Balisamento de um plano

- 1 - Com os dados colhidos no tópico A, tentar estabelecer índices de demanda escolar bruta e ponderada, bem como pêsos de prioridades para programação do emprêgo dos recursos nos municípios. Para isso examinar a necessidade bruta e ponderada, o estado do atendimento (ou de "deficiência") e outros elementos como sinais de apetência ou impulso educacional, etc., construindo, para isso, coeficientes multiplicadores.
- 2 - Com os dados colhidos no tópico B, tentar estabelecer índices e escalonamentos de "capacidade financeiro-educacional", bem como de "esfôrço financeiro-educacional", bruto ou ponderado (quanto à sua produtividade, ou adequação do emprêgo).
- 3 - Construir em seguida modêlos de orçamento educacional e critérios de cálculo dos recursos necessários e de aplicação dos recursos existentes, de modo a construir uma distribuição ótima de uma "receita educacional máxima" às necessidades encontradas.
- 4 - Aproximar os resultados obtidos na manipulação dêsses modêlos e hipóteses abstratas à situações real, de modo a avaliar os desvios e afastamentos, bem como as possibilidades de urdir expedientes e dispositivos de adaptação e alteração da situação real com vistas a um atingimento de metas selecionadas e justificadas em prazos e condições previstas.

Cap. II - Apontamentos para a Parte Complementar e Subsidiária (*)

Seção I

Pesquisa sôbre Administração e Legislação Educacional

- 1 - Visualização da estrutura e funcionamento da SENEC
- 2 - "Survey" ou Sondagem sôbre os órgãos municipais de administração escolar

(*) Dependendo das necessidades e conveniências de limitações impostas pelo senso das possibilidades esta parte será mais ou menos desdobrada em sub-pesquisas de variável amplitude e complexibilidade. A execução dessa parte será flexível podendo ser começada lateralmente ao andamento da parte nuclear, com o ritmo e intensidade que fôrem julgados possíveis ou oportunos.

- 3 - Exame de aspectos legais e políticos da administração e financiamento de educação em Pernambuco.
- 4 - Exame de legislação federal sob êsse aspecto e tentativa de avaliar o quanto e o modo da contribuição da União.

Seção II

Análises sócio-econômicas educacionais

- 1 - Tentar delimitar áreas educacionais, a fim de buscar correlações entre a conjuntura educacional e a conjuntura demo-sócio-econômica, efetuando comparações, classificações e escalonamentos entre municípios no espaço.
- 2 - Para uma amostra de municípios tentar correlações entre a evolução demo-sócio-econômica e a educacional efetuando comparação, classificação e escalonamentos entre diversos estágios de municípios no tempo.

Seção III

Custo e Produtividade do Ensino

- 1 - Efetuar golpes de sonda em relação ao Recife e ao Estado quanto à evolução do esforço financeiro e custo relativo de ensino, em dado período.
- 2 - Igualmente aferir diferença de produtividade nos índices:

escolas/salas	turmas/alunos
conclusões/matriculas	evasão

bem como na pirâmide de escolaridade primária e outros índices.

2b Andamento

[Sôbre o andamento dessa pesquisa temos a informar o seguinte:

Descrição de Procedimento

Os dados de base da pesquisa serão, tanto na parte demográfica como nos aspectos financeiros, aquêles de 1960, com incursões, para referências e termos de comparação, em dados equivalentes de 1958 e 1962.

Sub-Pesquisa nº 1 - Capacidade Econômica do Estado e dos Municípios para a Educação

A coleta de dados para esta parte tem seguido o método de consultas à fontes estaduais abalizadas, de onde são colhidos os documentos de base no que se refere ao orçamento Estadual, legislação orçamentária e prestação de contas; enquanto que os dados de previsão orçamentária vêm sendo colhidos diretamente das prefeituras municipais.

Sub-Pesquisa nº 2 - Situação da Educação em cada Município individualmente

Embora alguns dos dados referentes a situação da Educação em cada Município pudessem ser obtidos diretamente da SENEC, optamos pela coleta feita diretamente junto aos municípios, por meio de formulários, servindo esta forma de abordagem a 2 objetivos, o primeiro, o de auscultar não só o problema em si, como também a maneira como o mesmo é percebido e manipulado pelos dirigentes dos diversos municípios. O segundo, o de pôr os Municípios em maior contato com este Centro e suas realizações no setor de Educação e pesquisas educacionais, o que, sem dúvida ampliará o nosso raio de ação ao mesmo tempo que nos dará uma visão mais real do problema educacional no Estado.

Sub-Pesquisa nº 3 - Recursos outros que não os Públicos para a Educação

Os dados referentes a este item serão colhidos diretamente das respectivas Instituições, por meio de consultas diretas, quando a Instituição for sediada na Capital e formulários quando se fizer necessário.

Desenvolvimento dos trabalhos

1) Capacidade Econômica do Estado e dos Municípios para a Educação

a) Estado

Já se encontram prontos para tratamento estatístico e comparativo os dados referentes ao Investimento e Custeio da Educação no ano base da Pesquisa (1960).

b) Municípios

Foram enviados ofícios circulares a todos os Municípios, exceto a Capital, solicitando as previsões orçamentárias para os anos de 1958, 1960 e 1962, os quais vêm sendo respondidas com apreciável presteza.

2) Situação da Educação em cada Município

Foram enviados ofícios e formulários a todos os Municípios, exceto a Capital, solicitando os dados que são do interesse da Pesquisa, os formulários têm sido devolvidos devidamente preenchidos e é de notar o interesse que os mesmos vêm despertando em um grande número de Prefeituras. De Municípios mais distantes têm-nos chegado cartas emprestando inteiro apôio, enquanto outros municípios mais próximos, como Vitória de Santo Antão, Caruaru e Cupira têm procurado entrar em contato mais direto com este Centro, enviando aqui seus encarregados da Educação no Município.

3) Recursos particulares para a Educação

Já foram consultadas - O Sesi - informações ainda incompletas
 O MCP - não respondeu
 Promoção Social - informações completas
 Província Franciscana
 Arquidioceses de Olinda e Recife
 Diocese de Nazaré da Mata
 Diocese de Garanhuns
 Diocese de Pesqueira
 Diocese de Petrolina
 Diocese de Caruaru
 Diocese de Afogados da Ingazeira
 Presbitério de Pernambuco
 Presbitério Sul de Pernambuco
 Presbitério Centro de Pernambuco
 Presbitério de Garanhuns
 Convenção Batista Brasileira
 Convenção Batista de Pernambuco
 Igreja Adventista do Recife
 Igreja Metodista do Recife
 Igreja Congregacional do Recife

PESQUISAS

RECURSOS ECONÔMICOS E FINANCEIROS PARA A EDUCAÇÃO EM PERNAMBUCO

Andamento

Concluída, no prazo previsto - maio do corrente, a coleta complementar de dados para a pesquisa, nos fez acumular o material abaixo discriminado, para lastrear a pesquisa:

Quadros demonstrativos

- Quadro comparativo da receita orçamentária nos exercícios de 1960 e 1961
- Recapitulação das receitas fiscais desde 1958, elaborado por Paulo Frederico Maciel para o Banco Interamericano de Desenvolvimento.
- Recapitulação das receitas fiscais desde 1958, elaborado por Paulo Frederico Maciel para o Banco Internacional de Desenvolvimento
- Recapitulação das Receitas, Despesas e Financiamentos do Deficit desde 1958 (elaborado por Paulo Maciel para o Banco Interamericano de Desenvolvimento).
- Movimento Financeiro dos Municípios do Interior no exercício de 1958 (Departamento de Assistência Técnica aos Municípios)
- Idem de 1960 (Departamento Assistência Técnica aos Municípios)
- Receita orçamentária arrecadada pelos municípios do interior, segundo natureza, espécie e zonas fisiográficas no exercício de 1958 (Departamento de Assistência Técnica aos Municípios)
- Idem de 1960 (Departamento de Assistência Técnica aos Municípios)
- Despesas realizadas pelos municípios do interior, por serviços no exercício financeiro de 1958 (Departamento de Assistência Técnica aos Municípios).
- Idem em 1960 (Departamento de Assistência Técnica aos Municípios).
- Instrução pública Municipal no exercício de 1958 (Departamento de Assistência Técnica aos Municípios).
- Idem em 1960 (Departamento de Assistência Técnica aos Municípios).
- Sumário do orçamento da União para 1958 (Delegacia Fiscal).
- Idem 1960 (Delegacia Fiscal).

- Idem 1962 (Delegacia Fiscal)
- Discriminação das verbas da União por setores (Orçamento da União).
- Idem em 1960.
- Idem em 1962.
- Posição do MEC em comparação com os outros Ministérios (Orçamento da União).
- Idem em 1960.
- Idem em 1962.
- Orçamento do MEC para 1958 - Demonstração das Despesas por Verbas e Consignações (Orçamento da União).
- Idem para 1960 (Orçamento da União).
- Idem para 1962 (Orçamento da União).
- Orçamento do MEC (Orçamento da União).
- Idem para 1960 (Orçamento da União).
- Idem para 1962 (Orçamento da União).
- Receita arrecadada pelos municípios do interior em 1950 (Departamento de Assistência Técnica aos Municípios).
- Idem em 1958 (Departamento de Assistência Técnica aos Municípios).
- Idem em 1960 (Departamento de Assistência Técnica aos Municípios).
- Mapa de zoneamento fiscal federal (Delegacia Fiscal).
- Idem Estadual (Secretaria da Fazenda).
- Mapa dos distritos escolares da capital (S.E.N.E.C.).
- Mapa das inspetorias escolares do interior (S.E.N.E.C.).
- Educação primária em Pernambuco por distritos, inspetorias, matrículas e professores (S.E.N.E.C.).
- Discriminação das unidades escolares de ensino primário existentes no estado em 1961 (S.E.N.E.C.).
- Discriminação do magistério primário da Capital (S.E.N.E.C.).
- Idem no interior (S.E.N.E.C.).
- Magistério Primário na Capital (1958 - Localização, Função, nível, remuneração mensal, total do pessoal, total anual-despesa prof./ano, função/ano) - (elaborado pela DEPE)
- Idem para 1960 (elaborado pela DEPE).
- Idem para 1962 (elaborado pela DEPE).

- Magistério primário do Interior (1958) - (Localização, função, nível remuneração mensal, total do pessoal, total anual-despesa prof./ano, função/ano) - (elaborado pela DEPE).
- Idem para 1960 (elaborado pela DEPE).
- Idem para 1962 (elaborado pela DEPE).
- Magistério Secundário - Técnico e Ginásial (1958) - (Localização, função, nível, remuneração mensal, total do pessoal, total anual - despesa prof./ano, função/ano). (elaborado pela DEPE).
- Idem para 1960 (elaborado pela DEPE).
- Idem para 1962 (elaborado pela DEPE).
- Quadros técnicos da S.E.N.E.C. - 1958) (Localização, função, nível, remuneração mensal, total do pessoal, total anual - despesa prof./ano, função/ano) - (elaborado pela DEPE).
- Idem 1960 (elaborado pela DEPE).
- Idem 1962 (elaborado pela DEPE).
- Investimentos para a Educação no Estado, segundo Fonte e destino - 1960. (elaborado pela DEPE).
- Idem para 1960 (elaborado pela DEPE).
- Idem para 1962 (elaborado pela DEPE).
- Custeio da Educação no Estado, segundo fonte e destino - 1958 (elaborado pela DEPE).
- Idem para 1960 (elaborado pela DEPE).
- Idem para 1962 (elaborado pela DEPE).
- Nordeste, Ensino Primário, Investimento calculado para atender ao deficit de escolarização, com base em preços de 1961. (DATF - SUDENE).
- Nordeste, Ensino Primário - Atendimento à população em idade escolar - 1958 (DATF - SUDENE). (Anuário Estatístico do Brasil).
- Nordeste, Ensino Primário - Matrícula Efetiva em 1958 - (Anuário Estatístico do Brasil).
- Nordeste, Ensino Primário - Professores e Alunos em 1958. Capacidade total de atendimento, atendimento efetivo, Deficit de atendimento. (DATF - SUDENE);
- Situação dos prédios escolares segundo a dependência administrativa (S.E.N.E.C.).
- Atendimento da rede de escolas da Promoção Social em 1961.

- Atendimento da r ede de escolas do SESI em 1961.
- " " " " " de Prov incia Franciscana em Pernambuco.
- " " " " " das Dioceses do Estado.
- " " " " " " diversas denominações Protestantes.

Fontes de Referência organizada em função da pesquisa.

Dossier individual de cada município.

Fichário do contrôle do intercâmbio com municípios

Mapa de contrôle do progresso dos trabalhos.

Fichário de ementas e referências de Lei, projetos e decretos Estaduais referentes   Educação desde 1955.

Fichário de fórmulas estatísticas e sua aplicação.

Bibliografia - título - em grande parte obras já lidas e estudadas pelo Diretor da DEPE da fase de elaboração do projeto, catalogando suas consultas.

Já iniciada a fase tratamento dos dados de base da pesquisa, os trabalhos vem mantendo o mesmo r tm  estável que caracterizou a primeira fase do projeto, prenunciando a conclusão dos trabalhos no tempo previsto.

ooooo0000ooooo

DIVISÃO DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAISNoticiário das Atividades

Sumário

1. PESQUISAS

1.1 Recursos Econômicos e Financeiros para a Educação em Pernambuco

Prosseguem os trabalhos desta pesquisa sob a direção da pesquisadora Zaida Cavalcanti. Além da Auxiliar Miriam de Moraes Vasconcelos está também colaborando, desde 1º de julho, o pesquisador Aécio Aquino, contratado para o período de julho a setembro, fase prevista para o tratamento dos dados.

De início deve-se observar que, apesar de todo o esforço desenvolvido (vd. relatórios nos números anteriores do Boletim) foi impossível colher numerosos dados importantes para o que se projetava, o que vai obrigar a cancelar boa parte das apurações que a pesquisa visava obter, por outro lado, em virtude dessas mesmas dificuldades e de outras, resultantes da atenção dispensada pelos elementos da DEPE a outros programas da Divisão, resolveu-se prolongar até o fim de dezembro a fase de tratamento e apuração dos dados, adiando o começo da elaboração do relatório para 1963.

No mês de agosto findo - prolongando-se agora em setembro - o principal esforço desenvolvido pelos técnicos da DEPE, foi a tentativa de delimitar algumas áreas contínuas caracterizadas por critérios econômico-financeiros, para servirem de áreas de programação educacional. Os técnicos da DEPE procuraram inicialmente utilizar o trabalho do Assistente da DEPS sobre "Áreas sócio-econômicas homogêneas", mas decidiram tentar ver se elaboram outra delimitação, uma vez que as áreas encontradas nessa pesquisa da DEPS não só não eram contínuas como parecem predominantemente agro-geográficas e sócio-agrícolas, e não predominantemente econômico-financeiras. A tentativa da DEPE será a de delimitar algumas áreas de programação educacional pelos critérios de produção, receita municipal, arrecadação tributária no Município pelas três esferas administrativas, e, se possível, ao lado disto alguns critérios demográficos e educacionais.

Para a delimitação das áreas a direção da pesquisa já realizou o levantamento de cada município sob o ponto de vista econômico-financeiro, educacional e demográfico e vem fazendo o tratamento estatístico daqueles

dados no sentido de obter áreas que se caracterizem por homogeneidade e continuidade.

Os auxiliares da pesquisa, por sua vez vêm trabalhando:

A Prof^a. Miriam de Moraes Vasconcelos, no tratamento dos dados referentes a situação da educação nos diferentes municípios, tomando por base as verbas estaduais para pagamento do professorado do interior, a inversão total em educação e cultura e a percentagem destes gastos sobre a receita total de cada município.

O Sr. Aécio Villar, levantamento da produção agrícola e suas estimativas da produção industrial feito à base do imposto de vendas e consignações, para cada município.

1.2 Realidade e Perspectivas na Orientação Profissional

Concluída no 1º semestre. O relatório final da experiência realizada com um grupo de adolescentes do Colégio Estadual de Pernambuco, já foi redigido e consta de:

1ª Parte - Considerações acerca dos conceitos de base do trabalho, em termos de pessoal, métodos e recursos.

2ª Parte - A experiência: objetivos, área de experimentação e recrutamento do grupo.

Características do Grupo Experimental: características sociais e características psicológicas.

3ª Parte - Desenvolvimento do Trabalho - Limitações sofridas pela experiência - Pontos positivos da experiência.

4ª Parte - Sugestão para a montagem de um serviço de Orientação Profissional do tipo "Agência" financiado pelo poder público.

O relatório é ilustrado com documentação de "casos individuais", sendo a referida documentação de caráter confidencial, será omitida em publicação que se faça do relatório.] *

2. SEMINÁRIO E CURSOS

2.1 Seminário sobre O RECIFE: SEUS PROBLEMAS SÓCIO-EDUCACIONAIS

Teve prosseguimento este seminário visando uma aproximação entre homens de estudo e homens de ação com mais duas sessões:

2 e Diretor da DEPE substitui Diretor Geral do CRR

Mais uma vez esteve o Diretor da DEPE, Dr. Carlos Maciel, substituindo o Dr. Gilberto Freyre, ausente do país desde 1º de setembro, para ^{viagem} ~~uma~~ ~~viagem~~ ~~de caráter cultural, através dos Ministérios do Relações Exteriores,~~ ~~esta~~ a Europa, na Direção Geral do CRR.

Durante esse período o Dr. Carlos Maciel exerceu as funções de supervisão dos trabalhos normais do CRR, além dos relativos à construção da Escola de Demonstração e do Auditório. O Diretor Substituto levou a termo, nessa oportunidade, uma pequena reforma na sede do CRR, por meio de adaptações em alguns compartimentos que assim ficaram melhor utilizáveis.

Programa para 1963

A DEPE já está elaborando o ante-projeto do programa de trabalhos para 1963, que depois de revisto e aprovado pelo Diretor Geral será publicado no próximo Boletim.

O programa será fundamentalmente uma consequência e continuação do programa deste ano, uma vez que vários projetos foram previstos para continua rem e serem concluídos no ano próximo.

1. PESQUISAS

1.1. Levantamento de Recursos Financeiros para a Educação em Pernambuco

Já concluídos os cálculos e estatísticas referentes a

- custo do aluno ano Primário na rede estadual
- verbas previstas para Educação e Cultura na Capital e no interior no ano base da pesquisa (1960)
- investimento e custeio para Educação e Cultura em 1960
- verbas estaduais para pagamento de professores e de pessoal de serviços complementares em 1960
- percentuais das diferentes verbas sobre total de Educação e Cultura.

Em fase de conclusão o zoneamento do Estado de Pernambuco segundo critérios sócio-econômicos.]

O RECIFE: SEUS PROBLEMAS SOCIAIS E EDUCACIONAIS

Seminário visando uma aproximação

entre homens de estudo

e

homens de ação

Patrocínio: CENTRO REGIONAL DE PESQUISAS EDUCACIONAIS DO RECIFE
INSTITUTO JOAQUIM NABUCO DE PESQUISAS SOCIAIS

Direção: Dr. Gilberto Freyre, Diretor do CRPER
Dr. Mauro Mota, Diretor do IJNPS

Coordenação: Dr. Carlos Frederico Maciel (CRPER)
Dr. Roberto Mota (IJNPS)

Sumário

Natureza e Fins

Organização e Estrutura

Programa

Regimento das sessões

Anexos: Orçamento

Lista de participantes

Natureza e Fins

O seminário sobre O Recife: seus problemas sociais e educacionais, terá por fim tanto promover o interrelacionamento de pontos de vista de diferentes ciências e perspectivas em torno de um assunto amplo - a educação, o urbanismo e a sociologia de uma grande cidade - como, principalmente, propiciar uma aproximação entre homens de estudo e homens de ação, fazendo convergirem e interagirem suas contribuições e estilos de tratamento de um problema complexo - o Recife, como caso concreto de cidade a desafiar a capacidade construtiva de seus habitantes.

Com esta iniciativa procuram o Centro Regional de Pesquisas Educacionais do Recife e o Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais desenvolver uma tentativa realmente pioneira, na linha de exemplos de seminários deste tipo bem recentemente lançados à experiência - e obtendo sucesso -, nas principais universidades americanas, segundo teve ocasião de observar, em sua última viagem àquele país, o Diretor deste Centro, Dr. Gilberto Freyre.

O ideal seria, talvez, um desenvolvimento dos debates do seminário de um modo inteiramente "im-previsto", como que por intussuscepção a partir de uma visualização global do tema. Tal, entretanto, não seria possível, não só por motivos presumíveis, como, principalmente, em face da total inexperiência entre nós, de um seminário assim. Em consequência adotamos o processo de marcar temas para cada sessão, mas temas aproximados e coalescentes, de modo a haver flexibilidade e retornos cíclicos, à medida que os participantes fôrem se integrando no seminário e uns com os outros.

Organização e Estrutura

O seminário se desenvolverá em duas etapas:

Uma de 6 sessões em 1962, destinadas a uma visão panorâmica do contexto social e sociológico do Recife, tendo em mira os problemas educacionais.

Outra, a desenvolver-se em 1963, com um pouco mais de ênfase nos problemas educacionais, em particular educação de base, e escolaridade primária, mas sem perder a perspectiva panorâmica.

O seminário terá um núcleo de participantes fixos - seja em definitivo, seja por uma etapa -, e participantes eventuais (para uma ou mais sessões, conforme for programado). O núcleo de participantes fixos será constituído na proporção de 2 terços de homens de ação (industriais, líderes sindicais, profissionais de renome, políticos, clérigos, etc) para 1 terço de homens de estudo (educadores e cientistas sociais de renome intelectual nos meios universitários). Alguns dentre os membros desse núcleo - entre um terço e a metade -, serão substituídos para a etapa de 1963.

Os participantes eventuais, escolhidos na mesma proporção de dois terços de homens de ação para um terço de homens de estudo, serão escolhidos tendo em vista a contribuição que sua participação possa representar para a discussão do assunto focalizado na respectiva sessão.

Programa

Etapa de 1962

- 1 - Local: Centro de Pesquisas Educacionais
Data: Sexta-feira, 15 de junho (20 horas)
Abertura pelo Dr. Gilberto Freyre
Tema: Família, educação e urbanismo
Expositor: Carlos Maciel

- 2 - Local: Instituto Joaquim Nabuco
Data: Sexta-feira, 13 de julho (20 horas)
Tema: Problemas de Planejamento do Recife
Expositor: Antônio Baltar
- 3 - Local: Centro Regional de Pesquisas Educacionais
Data: Sexta-feira, 17 de agosto (20 horas)
Tema: Condições de vida e habitação da família no Recife
Expositor: Marco Aurélio de Alcântara
- 4 - Local: Instituto Joaquim Nabuco
Data: Sexta-feira, 14 de setembro (20 horas)
Tema: A família e a cidade. Problemas de Pastoral Familiar
Expositor: Depoimento de D. Carlos Coelho (e possivelmente uma exposição do Pe. Pedro Beltrão)
- 5 - Local: Centro de Pesquisas Educacionais
Data: Sexta-feira, 19 de outubro (20 horas)
Tema: O menor marginal no Recife
Expositores: Três depoimentos a cargo de pessoas ligadas a instituições que lidem com o problema no Recife
- 6 - Local: Instituto Joaquim Nabuco
Data: Sexta-feira, 16 de novembro (20 horas)
Tema: Desportos, recreação e educação física infantil e juvenil no Recife
Expositores: Depoimentos a cargo de técnicos que vêm lidando com o problema no Recife

Observações:

Os temas devem ser desenvolvidos nas exposições, de modo a fazer emergirem aspectos práticos e concretos dos "problemas".

Etapa do 1963

Prevêm-se cêrca de 8 ou 9 sessões, entre as quais possivelmente, algumas dedicadas aos seguintes temas:

- 1 - Mercado e Formação de Mão de obra no Recife
- 2 - Alfabetização e Educação de Base no Recife
- 3 - Meios Informais de Educação. Educação de Adultos. Cultura Popular
- 4 - Escolaridade Primária no Recife
- 5 - ... Educação de Nível Médio no Recife
- 6 - Organizações e atividades educativas extra-escolares: educação social, cívica-política, moral e religiosa.
- 7 - A Universidade no Recife
- 8 - ... Atividades artísticas, científicas e culturais no Recife
- 9 - ...

Régimento das Sessões

- 1 - As sessões terão lugar em dia útil, alternativamente na sede do CRR e do IJN, com início às 20 horas e duração por duas horas, sob a presidência do Diretor Geral do CRR ou do IJN.
- 2 - Em cada sessão, haverá uma primeira parte, dedicada a uma exposição (de 30 a 40 minutos), ou à apresentação de dois ou três depoimentos (de 20 minutos) de pessoas que estão lidando com o problema em foco; e uma segunda parte para os debates.
- 3 - Nos debates somente tomarão parte as pessoas inscritas como participantes, não sendo permitido usar da palavra por mais de 10 minutos da primeira vez, nem mais de 5 minutos nas outras.
- 4 - Pessoas interessadas poderão assistir ao seminário, sem tomar parte nos debates.
- 5 - As exposições, depoimentos e debates serão gravados para ulterior publicação em volume especial.
- 6 - Os Técnicos do CRR e do IJN são membros natos e permanentes do seminário.

Membros Natos

Diretores:

Dr. Gilberto Freyre, Diretor do CRR e Presidente do Conselho do IJN

Dr. Mauro Mota, Diretor do IJN

Técnicos do CRR:

Prof. Carlos Maciel, Diretor da DEPE

Prof. Levy Cruz, Diretor da DEPS

Prof^a. Graziela Peregrino, Diretora da DAM

Prof^a. Zaida Cavalcanti, Assistente da DEPE

Prof. José Geraldo Costa, Assistente da DEPS

Prof^a. Janise Pinto Peres, Assistente da DAM

Conselheiros do IJN:

Dr. Antiógenes Chaves

Dr. Luiz Delgado

Dr. Merval Jurcma

Dr. Odilon Ribeiro Coutinho

Técnicos do IJN:

Dr. Antônio Carolino Gonçalves, estatístico

Dr. Froes da Fonseca, antropólogo

Dr. Gonçalves Fernandes, psicólogo social

Dr. Paulo Maciel, economista

Dr. Renato Campos, sociólogo

Membros Fixos

- 1 - Deputado Miguel Santos
- 2 - Industrial Renato Bezerra de Melo
- 3 - Arcebispo D. Carlos Coelho
- 4 - Dirigente Social Dulce de Souza Leão Sampaio (Cruzada de Ação Social)
- 5 - Técnico em Organização Social Marco Aurélio de Alcântara
- 6 - Estudante Marco Antônio Maciel
- 7 - Líder Sindical Edson Carvalho (Enfermeiros)
- 8 - Dona de Casa Silvia Martins
- 9 - Vereador Nivaldo Maia
- 10 - Médico Rui João Marques
- 11 - Engenheiro e Economista Telmo Maciel
- 12 - Médico Nelson Chaves
- I - Geógrafo Mário Lacerda
- II - Urbanista Antônio Baltar
- III - Sociólogo e Economista Vamireh Chacon
- IV - Assistente Social Evani Mendonça
- V - Educadora Anita Paes Barreto

Membros Variáveis

Sessão para o tema 1

- 1 - Advogado Orlando Neves (Confederação das Famílias Cristãs)
- 2 - Pastor Merval Rosa
- 3 - Secretário da Educação Lourival Vilanova
- 4 - Professor Paulo Freire
- I - Sociólogo Silvio Loreto
- II - Educador José Rafael de Menezes

Sessão para o tema 2

- 1 - Prefeito Miguel Arraes
- 2 - Dr. Salviano Machado (SESI)
- 3 - Deputado Alcides Teixeira
- 4 - Ex-prefeito Pelópidas Silveira
- I - Urbanista Jarbas Guimarães
- II - Geógrafo Gilberto Osório

Seminário sobre O ENSINO MÉDIO: TEMAS E PROBLEMAS

Transcrevemos abaixo o projeto de realizações do Seminário acima intitulado, que faz parte do programa da DEPE no setor de cursos e seminários, e para o que já está sendo tomadas as medidas preliminares:

Projeto

Introdução

Há um consenso geral sobre ser o problema do ensino médio e secundário o problema chave, da educação no nosso século. Lembrar isso é tornar dispensável qualquer justificativa para o seminário aqui programado tanto mais oportuno quanto a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases vem trazer o problema à tona, tornando-o a preocupação imediata e decisiva dos Conselhos Federal e Estaduais de Educação.

O assunto consta entre as principais e constantes atenções da Divisão de Estudos e Pesquisas Educacionais deste CENTRO REGIONAL DE PESQUISAS EDUCACIONAIS DO RECIFE e sua programação, na verdade, não é súbita mas já de algum tempo aguardava sua vez. Dentro das graves limitações de tempo, pessoal e recursos financeiros, tanto deste CRR como da própria circunstância e ambiente do Recife, procuraremos realizar algo meticulosamente programado e fielmente executado, por isso mesmo merecedor de ser compendiado em um volume que desde já fica anotado para o programa de publicações desta Divisão e deste Centro em 1963.

Procurar-se-á trazer ao Seminário a colaboração de nomes do mais alto nível do Recife e, se possível, de fora do Recife, a fim de emprestar às sessões o tom e o cunho das exposições não improvisadas e das informações competentes, da participação regular, metódica, interessada e séria.

O Diretor da DEPE será o coordenador geral do seminário, decidindo dos casos omissos e do andamento em geral dos trabalhos.

F I N A L I D A D E S

Os objetivos do seminário estão implícitos na sua denominação: tema tizar o ensino médio e secundário, em seus diversos ângulos, circunscrevendo seus problemas e procurando extrair conclusões e encaminhar soluções.

A ênfase será posta no ensino secundário dentre os diversos ramos do ensino médio, e no ciclo colegial (sobretudo séries terminais), dentre seus dois ciclos. Procurar-se-á encarar o tema de um modo integral partindo da base dupla de um ponto de vista "fundamental" teórico e de uma visualização "so cial" englobante, daí progredindo para aspectos mais internos e concretos.

Não se tem em vista simplesmente agitar mais uma vez os problemas mas sim aprofundá-los procurando explicitar e consolidar uma orientação, daí decorrendo as diretrizes formais e processuais do seminário, adiante expostas.

Procurar-se-á, em face das possibilidades abertas pela Lei de Diretrizes e Bases, extrair um lastreamento para uma política do ensino secundário.

F O R M A , P R O C E S S O e M É T O D O

O seminário constará de duas etapas-fases:

Inicialmente de uma série de sessões, em forma de painéis, conforme o temário adiante, justificando-se esta forma por ser o painel um processo de reunião em que se permuta a participação do público, mas somente sobre a base de um aprofundamento prévio dos debates entre os expositores. O método a ser seguido é, não somente o de seguir um certo ordenamento lógico dos temas, mas o de permitir um certo aprofundamento e continuidade de perquirição. Daí porque alguns membros serão repetidas vezes convidados a compôr o painel, enquanto outros terão participação mais efêmera.

Entre esses participantes do seminário - chamando-se de ouvintes ou assistentes todos os que apenas vêm assistir às reuniões - cumpre destacar um

grupo, provavelmente de 4 pessoas, um dêles o Diretor da DEPE, que constituirá o comitê do seminário, cujo modêlo remoto são os "committees" de "Educational Policie Commission" ou o famoso "committee" de Harvard, que elaborou o "report" sôbre General Education in a Free Society. Os membros dêsse comitê **pela** sua presença em tôdas as sessões e pela participação repetidas vêzes como expositores e coordenadores é que constituirão o núcleo unificado marcante da progressão do seminário.

Além disso - e ó isto que constitui a segunda etapa-face do seminário - os membros dêsse comitê redigirão um curto Documento de Conclusões e Recomendações e orientarão uma sondagem de opinião a ser, possivelmente, realizada entre entendidos em ensino secundário, bem como a forma final do volume que enfeixará tudo o que fôr relativo ao seminário.

TEMÁRIO

O temário será desenvolvido nas 4 partes e 10 sessões seguintes:

I PARTE - Teoria do Ensino Médio

- 1 - Fundamentos: Cultura Geral, Madureza, Humanidades, Educação Liberal. Exame dêsses conceitos.
- 2 - A natureza e conceituação do ensino médio e a nova conjuntura do "ensino médio para todos". O aspecto econômico-social e político. A seletividade e a igualdade de oportunidades. As massas e os bens dotados.

II PARTE - Organização e Estrutura

- 3 - Diferenciação: A questão do ensino técnico versus ensino secundário. O "propedeutico", o profissional, a "educação terminal", a "escada educacional". Mão de obra e treinamento em serviço. Escolaridade e ascensão social versus trabalho manual.
- 4 - Aspectos didáticos e pedagógicos I: Articulação (Admissão e Vestibular). Integração. Diversificação. Ciclos. Equivalência.
- 5 - Aspectos didáticos e pedagógicos II: O sistema de funcionamento. O currículo. Os métodos. Os exames.

III PARTE - Problemas Especiais

- 6 - Orientação educacional .
- 7 - Orientação profissional

IV PARTE - Ensino Comparado: experiências e sugestões

- 8 - A experiência europeia. A experiência francesa: "Les Classes Terminales". O "Bachot".
- 9 - A experiência americana. A "comprehensive high-school" e a "General education". A acreditação.
- 10 - A experiência brasileira. O curso pré e o curso colegial. Sugestões e Propostas.

Obs: - Este tomário será depois desenvolvido em roteiros que distribuirão entre os espositores, os tópicos dos assuntos a serem focalizados em cada sessão.

PROGRAMA

	1ª <u>ETAPA</u>	Período	Mês
I	Parte - Sessões 1 e 2	1ª quinzena	junho
II	" - Sessões 3, 4 e 5	2ª quinzena	julho
III	" - Sessões 6 e 7	2ª quinzena	setembro
IV	" - Sessões 8, 9 e 10	1ª quinzena	novembro

Os dias e horas serão marcados, oportuna e gradativamente, dependendo dos entendimentos com os participantes.

2ª ETAPA

Realização de uma sondagem de opiniões, ocasião oportuna, com relatório e apuração prolongando-se até fevereiro de 1963.

Redação pelo comitê do Documento de Conclusões e Recomendações: até janeiro-fevereiro de 1963.

Preparo e revisão final do texto do volume a ser editado, inclusive prefácio, etc: - Até maio de 1963.

Edição do volume: até dezembro de 1963.

REGIMENTO DAS SESSÕES

- 1 - As sessões do seminário terão a duração de 2 1/2 horas e serão divididas em três partes:
 - a - na primeira parte que durará 60 (ou 70) minutos, três expositores apresentarão suas comunicações segundo um roteiro escrito, previamente apresentado.
 - b - após um intervalo de 10 minutos terá início a segunda parte, com duração de 40 minutos, reservada à discussão entre os membros do painel (os expositores e o coordenador dos debates) e os membros do comitê do seminário. Esta parte será iniciada com os comentários do coordenador, que disporá de 10 minutos. Os outros membros do painel terão direito a intervenções de 5 minutos no máximo.
 - c - seguir-se-á imediatamente a terceira parte destinada aos comentários e perguntas do público, durante 40 (ou 30) minutos, não devendo cada intervenção ultrapassar de 3 minutos.
- 2 - Na mesa terão assento apenas os componentes do painel, reservando-se lugares especiais para os membros do comitê e eventualmente outras pessoas gradas.
- 3 - As exposições serão de 20 minutos cada uma, ou, em certos casos, de 30 minutos a exposição principal.
- 4 - O coordenador além do comentário com que abrirá os debates, dirigindo-se aos expositores e aditando suas contribuições e subsídios, tem a seu cargo conduzir os debates de modo a entrecruzar e ordenar as intervenções, evitando as digressões, os monopólios de palavra e os comentários ociosos. Na terceira parte procurará evitar que mais de um membro da mesa e comitê use da palavra entre dois assistentes.
- 5 - A secretário do seminário controlará rigorosamente o tempo das intervenções e cuidará da gravação dos debates e exposições e do mais que fôr necessário.

DISTRIBUCIÓN DE LA JUVENTUD INGLESA EN DISTINTOS TIPOS DE ESCUELAS (1949)

Edad media	Año escolar	
	Edad	Porcentaje en las escuelas
18	14	73
17	13	78
16	12	87
15	11	94
14	10	95
13	9	97
12	8	99
11	7	100
10	6	100
9	5	100
8	4	100
7	3	100
6	2	100
5	1	100

DISTRIBUCIÓN DE LA JUVENTUD ALEMANA EN DISTINTOS TIPOS DE ESCUELAS (1955)

Edad media	Año escolar % en las escuelas	
	Edad	%
17	12	17
16	11	72
15	10	100
14	9	100
13	8	100
12	7	100
11	6	100
10	5	100
9	4	100
8	3	100
7	2	100
6	1	100

DISTRIBUCIÓN DE LA JUVENTUD FRANCESA EN DISTINTOS TIPOS DE ESCUELAS (1950)

Edad media	Año escolar Porcentaje en las escuelas	
	Edad	Porcentaje
17	12	11
16	11	25
15	10	26
14	9	39
13	8	100
12	7	100
11	6	100
10	5	100
9	4	100
8	3	100
7	2	100
6	1	100

Fonte: Erich Hylla e William L. Wrinkle - Las Escuelas y la Enseñanza en Europa Occidental, Editorial Kapelusz, Buenos Aires, 1960.

INTRODUÇÃO À CRÍTICA DO ENSINO SECUNDÁRIO

Significado social dos tipos de ensino

Geraldo Bastos Silva

Pág. 75

... a estrutura social européia ... condicionou o estabelecimento do ensino secundário como um tipo autônomo de educação, separado horizontalmente dos demais tipos de ensino médio e sem articulação vertical com o ensino primário. Em função dessa estrutura, as escolas primárias e secundárias não representavam, realmente, graus sucessivos do processo educativo. Ao contrário, eram os núcleos, em larga medida justapostos, de duas organizações paralelas que se diferenciavam à base do nível social das respectivas clientela e da finalidade social a que obedecia a formação educativa das mesmas.

... desde o nível elementar diferenciava-se a educação dos futuros alunos do ensino de tipo secundário, a qual era ministrada, durante um período em geral de quatro anos, em classes ou escolas preparatórias (classes préparatoires, preparatory schools, Vorschulen), anexas às escolas secundárias ou com estas mantendo íntima conexão.

Os alunos do ensino de tipo secundário, dessa forma, não provinham da escola primária comum: école primaire élémentaire, elementary school, Volksschule. Esta - com um curso de seis a oito anos, concluído, portanto, em regra, já em plena adolescência e quando, para a maioria dos alunos, deveria ter início a vida economicamente ativa - era, como a designação alemã literalmente indicava, a escola destinada às camadas populares.

... E, na França, a referência depreciativa ao esprit primaire, lembra ainda Kandel, "expressava concisamente a diferença qualitativa entre a educação elementar e a educação secundária, a primeira enchendo o espírito dos alunos com certa quantidade de informações, a última treinando-os para lidar com as idéias". "Escola popular" - Volksschule - chamava-se na Alemanha, por sua vez, a escola primária pública.

Em muitos países, como é o caso dos três que estamos tomando como exemplos, essa educação primária, é verdade, tinha, para alguns alunos, sua continuação natural num ensino de nível médio. Ainda que acentuadamente geral, no entanto, este era um ensino que nitidamente se diferenciava do ensino de tipo secundário, e se integrava, realmente, no mesmo espírito do ensino primário popular, fazendo parte do mesmo complexo institucional de que a escola primária era a base. Ele apenas prolongava a educação que, na escola primária comum, recebiam adolescentes da mesma classe donde provinha a clientela desta última. Essa dupla integração - pedagógica e social - desse ensino médio, não secundário, no ensino de tipo primário, tem seus símbolos, respectivamente, na designação que, na França, se dava às escolas que o ministravam, chamadas aí écoles primaires supérieures; e na denominação que, na Alemanha, tinham as escolas correspondentes a essas, aqui apelidadas de Bürgerschulen (ou Mittelschulen). Na In-

glaterra, as escolas dessa categoria de ensino eram chamadas higher elementary schools, equivalente literal da denominação francesa; outras, de aparcimento posterior, foram chamadas central schools, denominação esta possivelmente também inspirada pelo exemplo francês, visto como as écoles centrales, da época revolucionária, foram, de certo modo, as antecessoras das écoles primaires supérieures.

Revisão conceitual e reajustamentos parciais na educação secundária

Em alguns países, dentre os mais desenvolvidos pedagógica e economicamente, está em curso ou já se consumou aquela superação dos problemas meramente adjetivos da educação secundária, em favor da colocação e discussão do problema global da educação da adolescência em nosso tempo, a que nos referimos. E essa superação envolveu a mutação semântica, que entre nós mal se esboçou, pela qual o termo secundário perde o sentido restritivo, em que ainda o empregamos, e passa a referir-se ao conjunto das escolas destinadas a adolescentes, a ser usado na acepção que, em nosso país, tem a palavra médio, isto é, a designar simplesmente um grau, nível ou estágio do processo educativo. Apenas de passagem, neste momento, observemos que essa mutação semântica, representando a passagem de um conceito limitado de ensino secundário para um conceito orgânico e global de educação secundária, constitui, no plano meramente semântico, não só o restabelecimento do significado literal do termo secundário, como também a restauração de sua acepção pedagógica primitiva.

Literalmente, de fato, a expressão ensino secundário designaria um grau ou nível do processo educativo, e, dessa forma, teria ela o mesmo significado de ensino médio, de segundo grau ou pós-primário. Educação secundária significaria a fase do processo educativo que corresponde à adolescência, ou que se superpõe à educação primária ou elementar; seria a educação do adolescente, assim como a educação primária é a da criança. Historicamente, de outra parte, nessa função de qualificativo de dois dos graus do processo escolar, ou melhor, das escolas que realizam esse dois graus ou níveis da educação, foi que se usaram inicialmente os termos primário e secundário. Veremos que isto ocorreu na França, ao tempo da Revolução, bem como verificaremos que foi também na França onde se deu a mutação terminológica inicial, de sentido restritivo, em vista da qual esses termos se associaram à idéia de tipos de ensino e deixaram de significar meros graus da educação.

... Negando-se em seguida, a identificar "ensino de segundo grau" com "escola média" (designação esta que usa no sentido europeu, de acordo com a qual ela se aplica a instituições de tipo determinado, como a école primaire supérieure francesa, ou a Mittelschule alemã, portanto como uma espécie, e não como um gênero de que a escola de tipo secundário e as outras "escolas médias, não secundárias", seriam as espécies, como é de uso no Brasil), Henri Simon finalmente caracteriza o ensino secundário dizendo que êle "semble avoir pour do-

"il s'adresse à des adolescents bénéficiant à la fois de dons personnels e d'appuis sociaux (que ces appuis leur viennent de leur famille ou de l'État)" (p. 148).

Pág. 172

... na França se inicia o uso pedagógico do termo secundário e nela, também, este termo se associou pela primeira vez ao tipo de ensino ao qual, até hoje, o reservamos.

A inovação semântica representada pelo uso pedagógico do termo secundário, e a rápida mutação semântica constituída pela sua associação com um tipo de ensino, se dão no decorrer de um processo político-social que pode ser condensada na tríade de Justiniano José da Rocha: ação, reação, transação.

. . .

... o nome é uma criação da Revolução Francesa, e a associação do nome à coisa um resultado da reação napoleônica.

. . .

É como símbolo da transação pedagógica - reflexo da transação política - que, conforme já assinalamos, se dá a mudança de sentido do adjetivo secundário. Esta mudança é tanto mais significativa quanto este termo, assim como o termo primário, têm o seu uso pedagógico iniciado na França, durante a Revolução, em dois dos muitos estudos, alvitres e projetos concebidos, nessa época, com o fito de estabelecimento de um sistema público de escolas. À designação de escola primária, usada em 1791, por Talleyrand, em proposta submetida à Assembléia Constituinte, segue-se, no ano seguinte, o emprêgo por Condorcet, no Rapport et projet de décret apresentado à Assembléia Legislativa, da denominação de oscola secundária.

Condorcet propunha a estruturação do ensino público em quatro graus de escolas, das quais às dos dois primeiros chamava escolas primárias, adotando a designação cunhada por Talleyrand, e escolas secundárias. Estas últimas, por sua situação na estrutura vertical do sistema escolar proposto por Condorcet, assim como por seu currículo, não corresponderiam, a rigor, àquelas que depois passaram a ministrar o ensino a que se reservou a denominação de secundário. Equivaliam, aproximadamente, àquelas que vieram a ser chamadas, na educação francesa, écoles primaires supérieures.

. . .

... Não só por causa da diferença curricular, como também em vista da diferença de nível, não eram as escolas secundárias, mas os institutos, isto é, as instituições do terceiro grau da estrutura educacional proposta por Condorcet, correspondentes aos colégios do "ancien régime" e dedicados ao estudo mais aprofundado das ciências e das letras - mais ao estudo das primeiras do que ao das últimas, - os equivalentes aproximados das escolas que depois passaram a dar o ensino chamado secundário.

Pág. 181

... O primeiro ato de Napoleão, relacionado com o ensino, é a lei de 1802, na qual as escolas são divididas em primárias, secundárias e escolas superiores especiais. ...

A retomada, nessa lei de 1802, da designação escola secundária... as opunha frontalmente às escolas do mesmo nome, do projeto Condorcet, e marcava a substituição do ensino realista e flexível das écoles centrales por um ensino formalista e tradicional, semelhante ao dos colégios do antigo regime, exprimirá um dos resultados mais duradouros da obra napoleônica...

Pág. 185

Assim, da revisão do sentido do esforço educativo da época revolucionária, processada durante o período napoleônico, resultou a adoção da palavra secundário para designar aquele ensino cuja tradição era anterior à Revolução e ao próprio termo, e esta tentara destruir.

CENTRO REGIONAL DE PESQUISAS EDUCACIONAIS DO RECIFE
Divisão de Estudos e Pesquisas Educacionais
Seminário sobre o Ensino Médio
8ª Sessão - Novembro de 1962

Nas suas linhas gerais a reforma prevê:

1 - A prolongação da escolaridade obrigatória até aos 16 anos, para crianças que atingiram a idade de 6 anos, a partir de 1º de janeiro de 1959.

2 - A criação de um ciclo de observação. Este ciclo, de dois anos de duração, ao nível das antigas classes sixième e cinquième será comum a todos os tipos de ensino. Terá por finalidade determinar a natureza dos estudos que mais convém aos alunos.

3 - Decentralização do ensino.

4 - A possibilidade de reorientações mais fáceis. Neste particular, foram criadas classes de quatrième, chamadas de acolhimento ou de adaptação. Devem permitir aos alunos cuja formação inicial fôsse moderna a prosseguir estudos clássicos ou reciprocamente segundo as condições que tivessem revelado tardiamente, bem como retomar os alunos que ainda não tivessem um ensino prolongado. Foi principalmente para atender a essas finalidades que foram previstas as classes de quatrième bem como para reorientar realmente os alunos que tentem seguir o secundário longo e que se revelem incapazes de o acompanhar.

As primeiras medidas, aplicadas desde os começos de 1960, comportam principalmente:

1 - A mudança de denominação dos estabelecimentos

2 - Criação do primeiro ano do ciclo de observação (sixième);

3 - Instituição da classe de quatrième, de acolhimento ou de adaptação, destinada aos alunos das classes terminais das escolas primárias e que se revelaram aptos a um ensino prolongado.

O ensino público compreenderá, desde então:

1 - Um ciclo elementar à saída do qual as crianças poderão entrar, quer no ciclo de observação, quer terminar sua obrigação escolar em um ciclo terminal;

2 - Um ciclo de observação;

3 - Um ensino geral breve;

4 - Um ensino geral longo;

5 - Um ensino profissional breve;

6 - Um ensino profissional longo.

O ciclo de observação.

Ao término dos dois anos do ciclo de observação é que os alunos deverão optar seja pelo ensino profissional breve ou aprofundado, seja pelo ensino geral breve ou longo. Isso visa evitar que as crianças sejam levadas, prematuramente, à escolha de uma determinada profissão.

O ciclo de observação abrange o estudo dos programas normais das classes de sixième e de cinquième das diversas categorias de estabelecimentos.

O recrutamento no ciclo de observação:

O primeiro ano do ciclo de observação funciona desde os começos de 1960 e substitui as antigas classes de sixième, mas as condições de admissão não mudaram. Para ser admitido, o aluno deve ter atingido a idade de 11 anos, no mínimo, e 12 anos no máximo, a 31 de dezembro do ano em curso. Tolerância de um ano é permitida.

A orientação ao termo do ciclo de observação:

Ao fim do ciclo de observação, o Conselho de Orientação indica o tipo de ensino que parece mais indicado às aptidões manifestadas pelos alunos. Se a família atende à sugestão do Conselho de Orientação, o aluno entra, de pleno direito, na classe de quatrième ou de nível correspondente de ensino aconselhado. Neste caso, o inspetor da Academia garante a admissão do aluno no estabelecimento conveniente, próximo, tanto quanto possível, de sua residência familiar.

Se a família prefere um outro tipo de ensino, distinto do aconselhado, o aluno deverá sujeitar-se a um exame de admissão à classe de quatrième, à qual deverá ser apresentado pela própria família.

As classes de acolhimento e adaptação:

Desde os começos de 1960 foram criadas classes de acolhimento e de adaptação (Les classes de 4ème, d'accueil et d'adaptation). Têm por fim, de um lado, permitir uma observação complementar dos alunos do ciclo de observação quando isso é necessário, e de outro lado facilitar as reorientações em face da revelação de novas aptidões.

Até o começo do ano escolar de 1961, essas classes de quatrième receberão os alunos das classes de fim de estudo das escolas primárias e que aí se revelaram aptos a um ensino prolongado.

A partir do começo do ano escolar de 1962, algumas dessas classes receberão alunos que, por uma razão qualquer, não tenham sido admitidos, nos dois anos precedentes, nas classes do ciclo de observação.

Classes de troisième, de acolhimento e adaptação, em sequência de quatrième, do mesmo tipo, poderão ser abertas a partir do ano letivo de 1961.

Ensino geral abreviado:

Constará de:

- 1 - Dois anos do ciclo de observação;
- 2 - De um ciclo de três anos de estudos.

Será dado nos colégios de ensino geral denominados, até agora, cursos complementares. É sancionado por um diploma de ensino geral (brevet) que substituirá o de ensino do primeiro ciclo (B.E.P.C.). Esse diploma dá direito a exame de admissão ou concurso de ingresso nas escolas normais primárias, que formam professores e professoras de quatro anos de estudos. Dará também acesso às escolas de agricultura ou outras escolas especializadas.

Os melhores alunos, dos colégios de ensino geral, poderão prosseguir seus estudos, ingressando no ensino geral prolongado (que conduzirá ao bacharelado), ou nas secções especiais do ensino profissional (ensino técnico).

Os que não prosseguem seus estudos e que conseguem o diploma do ensino geral breve poderão se apresentar em concurso nos escritórios de empresas administrativas, industriais ou de casas comerciais. Esse diploma não dá qualificação profissional. Representa apenas um grau de cultura geral.

Ensino geral prolongado:

Esse ensino será dado:

- 1 - Nos liceus, antigos liceus e colégios clássicos, e modernos;
- 2 - Nos liceus técnicos, antigos colégios técnicos, escolas nacionais profissionais, escolas nacionais de ensino técnico.

O ensino prolongado abrangerá:

- 1 - Dois anos do ciclo de observação (6^a e 5^a);
- 2 - Dois anos em sequência a esse ciclo (4^a e 3^a) e que oferecerão:
 - a) A secção clássica A (ensino do latim, de grego e uma língua viva);
 - b) A secção clássica B (ensino do latim e de duas línguas vivas);
 - c) A secção moderna M (ensino intensivo do francês e ensino de duas línguas vivas).

Enfim, dois outros anos de estudo conduzirão à primeira parte do bacharelado (classe de 2^a e de 1^a).

Ao entrar para a classe de 2^a, os alunos da secção A poderão escolher entre:

- 1 - A secção A e a secção A', cujo programa científico extenso é idêntico ao das secções modernas (esta secção tem um programa moderno muito extenso e não é aconselhável senão aos melhores alunos). Os alunos que saem da secção A poderão, também, sem dificuldade, entrar na secção C (ver mais abaixo), renunciando ao estudo do grego.

Os alunos que deixam a secção B, poderão escolher entre:

1 - A secção B, e a secção C, entre as quais a diferença de nível científico é grande.

2 - Poderão, também, renunciando ao estudo do latim, entrar para a secção M (moderna).

Os que saem da secção M, entram normalmente na secção M, (moderna).

Os alunos que terminam o ensino geral breve e que não estudaram senão uma língua viva, entrarão normalmente na secção M'.

Além disso haverá uma secção técnica T, que se caracteriza pelo ensino das ciências, de uma língua viva e de técnicas industriais fundamentais, e a secção T', que se caracteriza principalmente pela orientação de diversos ensinamentos relativos a fatos econômicos, seus meios de expressão, e pelo estudo de duas línguas vivas.

Depois da obtenção da primeira parte do bacharelado, um 7º ano preparará, em cinco secções, a segunda parte do bacharelado.

Os alunos que deixam as secções A e B poderão entrar na classe de "Filosofia" ou na classe de "Ciências Experimentais". De direito todos os que terminam a primeira parte do bacharelado poderão entrar em qualquer classe terminal e de fato apenas as classes de Matemáticas, e de Matemática e Técnica são de difícil acesso aos alunos de A e B.

Os alunos que saem das secções A e C poderão entrar, em primeiro lugar, na classe de "Matemáticas" ou na classe de "Ciências Experimentais" ou ainda na classe de "Filosofia".

Os alunos que terminam as secções M e M' poderão entrar na classe de "Ciências Experimentais", ou na classe de "Matemáticas" ou ainda na classe de "Filosofia".

Os alunos da secção técnica T entrarão normalmente na classe de "Matemáticas e Técnica", mas poderão ir para a classe de "Matemáticas".

Os alunos da secção técnica T' entrarão normalmente na classe de "Ciências Econômicas e Humanas", denominada até aqui "Técnica Econômica". Excluindo-se esta mudança de nome, o resto continua como o regime anterior.

Das indicações acima se vê que não convém opôr, como se pretende erradamente fazer, "estudos clássicos" e "estudos científicos".

Todos os alunos do ensino prolongado clássico ou moderno farão os mesmos estudos científicos até o fim da classe de 3ª. Entre os alunos do ensino clássico, apenas os que, ao entrarem para a 2ª, optarem pelas secções A ou B, renunciando a conservar a paridade científica com os das secções A', C, M e M'.

Em contra partida, os alunos das secções clássicas que continuarem seus estudos clássicos (com latim na 2ª C, depois na 1ª C, ou com latim e grego na 2ª A', depois na 1ª A', farão estudos científicos tão completos como os alunos das secções modernas e poderão entrar, nas mesmas condições, na classe de matemáticas, que permite, ulteriormente a realização de estudos científicos de nível elevado, no ensino superior (faculdades ou grandes escolas científicas).

É bon notar que os alunos que terminam A' e C, terão garantidas tôdas as possibilidades de ingresso nos outros ramos de ensino superior (principalmente na Faculdade de Letras e de Ciências Humanas e na Faculdade de Direito e de Ciências Econômicas).

Ensino profissional breve:

Tem por finalidade a formação de profissionais qualificados, e será realizado:

- 1 - Nos colégios de ensino técnico (antigos centros de aprendizagem);
- 2 - Nos cursos profissionais que darão aos aprendizes um complemento de ensino teórico;
- 3 - Nos centros de aprendizagem das empresas.

Esse ensino comportará, eventualmente, ao termo dos dois anos do ciclo de observação, três anos de estudos.

Ensino profissional prolongado:

Este ensino tem por finalidade a formação de técnicos de um certo nível e técnicos superiores, que recebem certificados correspondentes.

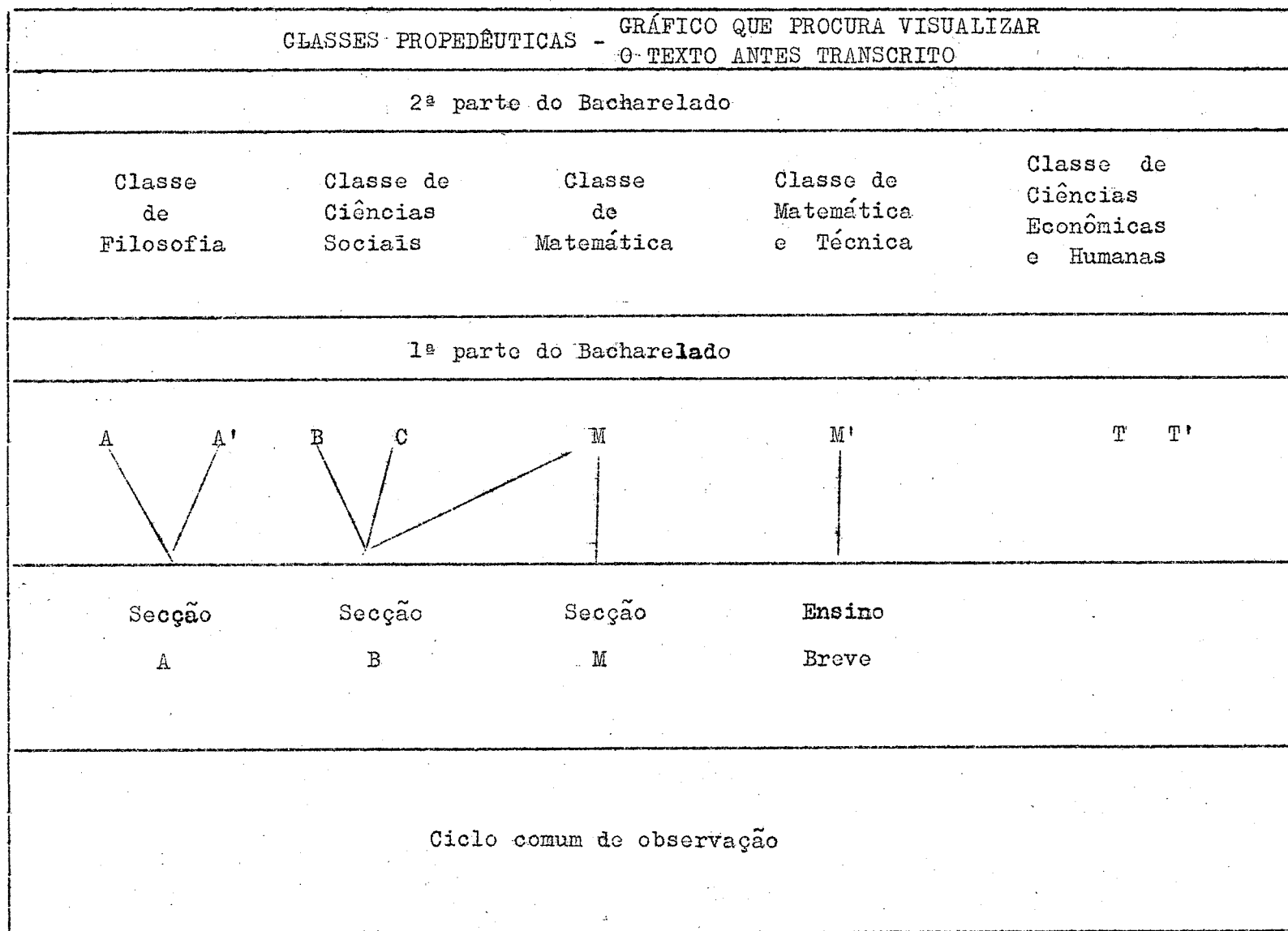
É realizado nos liceus técnicos (antigas escolas nacionais profissionais e colégios técnicos) e estabelecimentos congêneres.

A formação de técnicos (agents techniques) se fará imediatamente em continuação ao ciclo de observação e constará de um período de quatro anos. O aluno receberá um diploma ou certificado de formação técnica (agent technique breveté).

A formação de técnicos especializados (techniciens) se fará logo após os dois anos de observação e através de um curso de cinco anos, e será concedido o diploma de técnico diplomado (technicien breveté).

Os técnicos superiores serão formados nas escolas ou secções especiais acessíveis aos bachareis do ensino geral prolongado (de acôrdo com as especialidades).

CENTRO REGIONAL DE PESQUISAS EDUCACIONAIS DO RECIFE
Divisão de Estudos e Pesquisas Educacionais
Seminário sôbre o Ensino Médio
8ª Sessão - Novembro de 1962



1. Gráfico elaborado pelos editores como esquema ilustrativo do texto precedente

UMA NOVA ERA EM EDUCAÇÃO

Editôra Fundo de Cultura

Rio de Janeiro

1960

I. L. Kandel

Pág. 319

Antes da Segunda Guerra Mundial a aprovação nas duas partes do exame para o baccalauréat credenciava os alunos à admissão à universidade, sem qualquer outro requisito. Porém, desde 1926 tem-se batalhado pela instituição de um ano propedêutico ou preparatório para os bachareis, ou detentores do baccalauréat, antes de ingressar nas universidades. A razão apresentada pelo Sr. LAPIE, Reitor da Sorbonne, foi que o ensino secundário não proporcionava preparo suficiente para o estudo universitário e se tornava necessária uma síntese dos estudos secundários ou cultura geral. A instituição, em 1948, do ano propedêutico ou preparatório (année propédeutique ou année préparatoire), iria preencher essa finalidade...

CENTRO REGIONAL DE PESQUISAS EDUCACIONAIS DO RECIFE
Divisão de Estudos e Pesquisas Educacionais
Seminário sobre o Ensino Médio
8ª Sessão - Novembro - 1962

Pág. 27

Il conviendrait enfin de rattacher au second degré la propédeutique, où seraient faits les choix définitifs, de généraliser les classes de Lettres supérieures, Mathématiques supérieures, avec des sections parallèles pour le droit ou la médecine.

Pág. 50

A ce niveau, au point de vue culturel, le secondaire public est d'abord caractérisé par la prépondérance numérique de plus en plus écrasante des sections modernes. Avant 1939, elles constituaient moins du tiers de l'effectif, elles en sont aujourd'hui plus de la moitié (57%) avec un surplus de 70.000 élèves. Cette différence est évidemment, pour une part, la conséquence de la transformation, en 1942, des Ecoles primaires supérieures en Collèges modernes.

On pourrait être tenté de l'attribuer aussi à une désaffection à l'endroit des études classiques. Il n'en est rien. Le nombre des élèves latinistes ne cesse de croître, il s'est élevé de 120 à 210.000 entre 1947 et 1957. Le taux d'accroissement est supérieur à celui du moderne! En prenant pour base 100 les effectifs de 1946, il est à 194, tandis que la série moderne atteint seulement 176. En sixième, les classiques sont plus nombreux: 67.000 contre 64.000 modernes en 1957-58. C'est que le latin conserve tout son prestige social aux yeux de nombreux parents, jusque dans les classes les plus modestes.

On ne retrouve en première, en fin d'études classiques, que la moitié de ceux qui les avaient entreprises six ans auparavant: 20.000 élèves en classique contre 37.000 en moderne. Ce renversement de situation est la seconde caractéristique du secondaire public, il résulte de la détérioration progressive des sections classiques, qui d'année en année rejettent leurs élèves les plus faibles dans les sections modernes. Trop d'enfants ont été engagés par leurs parents dans des études pour lesquelles ils n'ont pas d'aptitude. Et, d'autre part, la réduction excessive des horaires de sept heures à quatre heures par semaine rend les débuts du latin beaucoup plus difficiles que naguère.

A l'encontre, les effectifs des sections modernes paraissent remarquablement stables. Stabilité toute apparente, car l'élimination y est aussi accusée que dans le classique. Les effectifs ne se maintiennent que parce que les départs y sont sans cesse compensés par le double apport des éliminés du classique et des recrues des cours complémentaires qui rejoignent lycées et collèges en quatrième et surtout en seconde.

Classiques ou modernes choisissent nécessairement une formation scientifique ou littéraire. Ce choix est évidemment capital au regard des besoins de cadres de la nation et de son économie. Il n'est pas possible d'apprécier vraiment l'importance respective de ces options avant les classes terminales, car les sections modernes sont moins scientifiques qu'on ne le croit, leurs élèves, c'est le cas pour beaucoup de jeunes filles, compensent une inaptitu-

de scientifique par de bonnes notes en français et en langues vivantes. Seule donc la répartition des élèves dans les classes terminales renseigne sur la proportion des scientifiques par rapport aux littéraires. Les 73.000 candidats au baccalauréat deuxième partie en juillet 1957 se répartissent: Philosophie 40%; Sciences expérimentales, 29%; Mathématiques élémentaires et mathématiques techniques 31%.

Une rapide comparaison avec la distribution des 46.000 candidats qui les ont devancés devant les jurys en juillet 1948: Philosophie, 55%; Sciences expérimentales, 19%; Mathématiques, 26% révèle une forte décroissance des études philosophiques depuis dix ans (- 15%). Mais cette diminution a profité surtout à la série semi-scientifique qu'est la classe de sciences expérimentales (+ 10%). Le gain de mathématiques élémentaires est en partie contrebalancé par la plus forte proportion d'échecs d'un examen plus difficile: 40% de "reca-lés" contre 31 et 29% dans les deux autres séries.

Le chiffre absolu des bacheliers scientifiques est en forte augmentation, 13.500 contre 8.800, il y a dix ans, parce que le contingent des bacheliers a fort grossi; leur pourcentage est demeuré presque stationnaire autour de 28%. D'aucuns en concluent: "plus des deux tiers des élèves couronnent leur scolarité secondaire par des études qui ne leur donnent aucune formation scientifique solide". En réalité, - et cela montre une fois de plus combien est délicat l'art d'interpréter les chiffres - la participation très accrue des jeunes filles, dont un très petit nombre poursuit des études mathématiques, masque l'efficacité des informations diffusées auprès des familles sur l'importance des débouchés scientifiques: 44% des jeunes gens reçus bacheliers en 1957 sont des scientifiques, 11.500 sur 26.000, parmi eux 2.000 seulement sont des bacheliers techniques.

CENTRO REGIONAL DE PESQUISAS EDUCACIONAIS DO RECIFE

Divisão de Estudos e Pesquisas Educacionais

Seminário sobre o Ensino Médio

8ª Sessão - Novembro de 1962

L'ÉQUILIBRE DES ÉTUDES DANS L'ÉDUCATION ACTUELLE

(Cahiers Pédagogiques, Janvier, 1962, N° 4)

Franz Hilker

Pág. 41

Au siècle dernier, dans les pays de vieille tradition culturelle, les programmes scolaires de l'enseignement du second degré prévoyaient encore une répartition immuable des matières et des enseignements et ne se préoccupaient pas des particularités individuelles.

. . . .

C'est aux Etats-Unis que la part de la liberté dans l'organisation des études secondaires a atteint le plus haut degré possible. . . . Mais précisément cette liberté presque illimitée de choix a conduit, non à une amélioration des résultats de l'ensemble de l'enseignement secondaire, mais au contraire à une baisse inquiétante du niveau, par exemple pour les langues, et aussi dans une certaine mesure en mathématiques et dans les sciences. . . .

. . . .

Toujours est-il que l'expérience a montré que ni la rigidité des programmes, ni la liberté illimitée accordée aux choix des élèves n'est favorable à une organisation souple et équilibrée des études secondaires. L'équilibre entre les désirs personnels et les exigences de la société d'une part, entre le patrimoine de la culture traditionnelle et les éléments modernes d'autre part, devrait plutôt être recherché dans l'action réciproque exercée par ces deux pôles opposés que constituent la différenciation et l'intégration, et c'est là sans doute qu'on le découvrira.

Le principe de l'intégration, c'est-à-dire la fusion en un tout indivisible des éléments de la culture, devrait s'appliquer à tout ce qui, en vue des études ultérieures, sera nécessaire à la compréhension du passé et du présent. Ce serait déborder le thème de cette étude que d'exposer le détail des matières à enseigner pour former cette culture de base, inculquée à tous les élèves. Nous nous contenterons de désigner ces matières du nom de "matières obligatoires" (Pflichtfächer). Elles devraient permettre d'atteindre un certain niveau considéré comme normal dans la connaissance de la langue maternelle, la formation historique et morale, mathématique et scientifique, sociale et économique, manuelle et artistique.

Le principe de la différenciation devrait intervenir plus ou moins rapidement dans les matières qui seront importantes pour la spécialisation professionnelle. Il faudrait distinguer entre les "matières obligatoires au choix" (Wahlpflichtfächer), dont l'élève aurait à choisir la nature et l'étendue selon ses préférences et aussi selon la profession à la-

quelle il songe pour l'avenir, et les "matières facultatives libres" (freie Wahlfächer), sans importance décisive pour le développement de sa personnalité. Une relative péréquation des emplois du temps pourrait être obtenue par la fixation d'un nombre maximum ou normal des heures hebdomadaires d'enseignement.

En République Fédérale, un "Comité allemand pour l'enseignement et la culture", dû à l'initiative commune du gouvernement central et des gouvernements des Etats, a procédé à une étude longue et détaillée du problème de la réforme de l'enseignement, et a fait finalement des propositions qui sont un compromis entre la division ancienne en trois systèmes d'enseignement et une organisation nouvelle mieux adaptée aux conditions de la vie actuelle.

Ces propositions se limitent à l'enseignement général et mettent provisoirement entre parenthèses la formation professionnelle qui a pris au jourd'hui tant d'importance et sur laquelle on reviendra plus tard. Sous le vocable de Studienschule, elles prévoient le maintien d'un enseignement prolongé de neuf ans, particulièrement destiné aux élèves qui, après quatre ans d'enseignement primaire (Grundschule), ont subi un examen et se sont révélés capables de faire plus tard des études supérieures. Tous les autres élèves passeront par un cycle appelé Förderstufe (cycle préparatoire ou de transition ayant pour objet de mettre au niveau nécessaire), d'une durée de deux ans, au cours desquels on les observera et les préparera à entrer soit dans un "école principale" (Hauptschule), de caractère essentiellement pratique, d'où ils sortiront à 15 ou 16 ans, soit dans une "école moyenne" (Mittler-oder Realschule), combinant l'enseignement théorique et l'enseignement pratique, d'où ils sortiront à 16 ou 17 ans, soit enfin dans un lycée classique ou moderne conservant les élèves jusqu'à leur dix-neuvième année. Le vocable de Förderstufe ne semble pas très heureux, il vaudrait mieux le remplacer par celui d'Orientierungsstufe (cycle d'orientation).

Les Etats de la République Fédérale sont libres de décider quand et comment ils tenteront l'application de la Förderstufe ou de tout autre aspect de la réforme.

C'est en Angleterre qu'on a été le plus loin dans le sens d'une diminution du nombre des matières obligatoires pour le candidat bachelier. Dans ce pays, il faut étudier sept matières pour obtenir, à la fin de la Sixth Form, le certificat général d'éducation (degré ordinaire), qui n'ouvre pas l'accès aux études universitaires: mais il suffit d'en étudier deux ou trois pour obtenir, après deux ou trois ans de Sixth Form, le degré supérieur du même certificat qui, lui, permet d'entrer à l'université. Bien entendu, ce diplôme ne rend possibles les études supérieures que dans les matières auxquelles il se rapporte, alors que le Reifezeugnis allemand et le bac-

Naturellement, ces conséquences néfastes de la spécialisation en Sixth Form - et le mal n'est pas limité à la Sixth Form, il affecte d'une manière à peu près semblable les classes antérieures - ne sont pas passées inaperçues en Angleterre. En fait, ce problème constitue depuis quelques années un thème de controverses, et il est même possible que cette question passe dans un an ou deux au premier plan des préoccupations, et qu'alors se manifeste une colère tellement vive qu'une réforme puisse intervenir, soit du fait des universités se groupant pour agir de leur propre chef, soit à la suite d'une pression indirecte du gouvernement sur elles.

Effectivement, une première étape est prévue en ce sens pour le mois de juillet 1963: à cette date, une aide financière étant accordée aux étudiants des universités par les autorités locales d'éducation, on mettra fin au régime des bourses d'Etat et le Scholarship Level + sera remplacé par un autre diplôme "S", légèrement différent, afin de mettre les universités en mesure de choisir leurs étudiants sans imposer aux candidats le surmenage (en français dans le texte) auquel ils sont actuellement soumis. Toutefois, l'auteur de cet article doute fort que la réforme prévue ait le moindre effet appréciable. Il pense que ce sera une application de plus de la formule: "Plus ça change et plus c'est la même chose" (en français dans le texte). A son avis, la seule solution serait une augmentation substantielle du nombre des places disponibles dans les universités.

... en France, en Allemagne et dans les pays scandinaves ... une légère réduction du nombre des matières étudiées pour le baccalauréat, ou son équivalent, serait profitable à toute la jeunesse du continent, tant au point de vue physique qu'intellectuel, alors qu'un accroissement du nombre des matières scientifiques et littéraires serait profitable à toute la jeunesse d'Angleterre et du Pays de Galles.

. . .

Vraiment, il est passionnant d'observer l'état des problèmes d'éducation au nord et au sud de la Manche. Au sud, des éducateurs français ont découvert que contraindre des jeunes gens de 15 ou 16 ans à faire une étude approfondie de toute une gamme de matières diverses est contraire à l'intérêt et des élèves et de la nation. Au nord de la Manche, des éducateurs anglais ont découvert qu'une excellente réforme avait consisté, il y a une quarantaine d'années, à réduire à quatre le nombre des matières sur lesquelles les jeunes devaient, après l'âge de 16 ans, travailler de façon approfondie afin d'accéder aux études supérieures; mais que cette réforme était tombée dans l'exagération quand le nombre de ces matières avait été réduit de quatre à trois et même à deux, et qu'on en arrivait ainsi à une sur-spécialisation, génératrice d'étroitesse intellectuelle.

Pour les anciens Grecs, la plus haute réussite de la vie devait être recherchée dans un juste milieu, un équilibre entre les extrêmes, ce que la France appelle la mesure.

calauréat français ouvrent les portes de toutes les universités. Le système anglais pousse donc à l'extrême la concentration et la spécialisation. Mais on le considère actuellement de plus en plus comme trop étroit et on éprouve le besoin de l'élargir dans le sens d'une formation plus générale.

LA SPÉCIALISATION DANS LES ÉCOLES SECONDAIRES EN ANGLETERRE ET
AU PAYS DE GALLES

(Cahiers Pédagogiques, Janvier, 1962, N° 4)

C. H. Dobinson

Pág. 45

Sur l'ensemble du groupe d'âge des garçons et des filles de 14 ans 20% environ se trouvent dans ces Grammar Schools, où en général ils sont entrés à la suite d'un concours, ou bien à la suite de l'examen objectif sur pièces des résultats qu'ils ont obtenus durant leur scolarité antérieure; mais cet examen sur pièces a lui-même le caractère d'une compétition, car seuls sont admis les élèves ayant les meilleurs résultats scolaires. Après avoir passé, à 15 ou 16 ans, le certificat général d'éducation - examen qui comporte habituellement sept ou huit matières, dont ordinairement une ou deux matières scientifiques - une proportion importante des élèves quittent l'école. Ceux qui continuent pour entrer en Sixth Form (sixième classe qui tient de votre année terminale et de votre Première supérieure) constituent une proportion notablement inférieure à 10% du groupe d'âge - proportion qui augmente d'ailleurs légèrement d'année en année.

. . .

Les élèves que le tableau précédent dénombre sont précisément ceux, garçons et filles qui, dans les classes terminales (Sixth Form) des différents types de Grammar Schools, sont soumis au régime de la spécialisation. C'est en dernière analyse aux universités qu'incombe la responsabilité de ce régime qui limite à trois, parfois même à deux, le nombre des matières étudiées sérieusement par les élèves de Sixth Form.

. . .

... Réellement, le nombre des demandes d'admission aux collèges d'Oxford et Cambridge est si fantastiquement élevé que ces collèges sont forcés d'avoir recours à des procédés de sélection du genre de ceux que nous avons décrits ci-dessus. ...

Mais en réalité la pression qui s'exerce sur Oxford et Cambridge est rendue bien plus désastreuse encore du fait de la compétition extrêmement sévère qu'occasionne l'entrée dans n'importe quelle université...

. . .

A mesure que cette compétition devient plus âpre - elle le devient d'année en année - jeunes gens et jeunes filles des Sixth Forms d'Angleterre et du Pays de Galles limitent leurs efforts à un domaine de plus en plus étroit. ...

1- Curso de programação educacional

Em colaboração com o DATT da SUDENE que financiará o curso e as bolsas de 45 alunos, de todos os Estados do Nordeste, com a finalidade de preparar pessoal para as atividades de planejamento educacional em função dos recursos de Plano Nacional de Educação, da Aliança Para o Progresso e da própria SUDENE. O curso durará de 8 de janeiro a 23 de março, com aulas (4) pela manhã e horário (duas horas e meia) à tarde, para estudo dirigido, seminários, etc.

Sem entrar em detalhes do programa, relacionamos, a seguir, as matérias e seus professores:

- 1- Realidade Brasileira (6 aulas) - Prof. Paulo Freyre
- 2- Introdução ao Desenvolvimento Econômico (26 aulas) - Prof. Nailton Santos
- 3- Estatística (25 aulas) - Prof. Antônio Carolino Gonçalves
- 4- Teoria Geral da Educação (37 aulas) - Prof. Carlos Maciel
- 5- Administração e Legislação Escolar (37 aulas) - Prof. Itamar Vasconcelos
- 6- Programação (39 aulas) - Prof. Antônio Cabral de Andrade
- 7- Projetos (30 aulas) - Prof. Antônio Amado

Além disso, será Diretor de Estudos o Prof. Jomard Muniz de Brito.

Trata-se de um projeto que exigirá trabalho intensivo da DEPE, durante três meses, sendo de assinalar que o Diretor da DEPE é também co-diretor do curso, juntamente com o Prof. Cabral, pela SUDENE.

Amplio material de leitura e documentação será fornecido aos alunos pela SUDENE e pelo Centro, o qual porá também sua Biblioteca à disposição do curso.

Centro Regional de Pesquisas Educacionais do Recife

Divisão de Aperfeiçoamento do Magistério

Abril - 1962

Sondagem de opinião do professorado sôbre o Curso do INEP-PABAAE-CRPE

Pela primeira vez, vamos fazer um curso para professoras primárias, precedido de uma consulta às preferências do professorado.

A sua opinião contribuirá para a escolha do temário do Curso, após o levantamento geral das respostas e sugestões.

Haverá três áreas de estudo, no Curso: Psicologia, Linguagem e Matemática.

Para responder, faça uma cruz, ao lado de cada número. Você deverá assinalar 10 títulos, entre os 15 sugeridos.

Abaixo de cada lista, há um espaço branco, no qual você poderá dar outras sugestões de assuntos, conforme lhe parecer melhor. Escreva até 3 assuntos, mesmo tendo assinalado os 10, na nossa lista.

PSICOLOGIA:

- 1 - As diferenças individuais e as atividades escolares.
- + 2 - A timidez infantil.
- 3 - O problema da dislexia.
- + 4 - A maturação da criança e a aprendizagem.
- + 5 - A imaginação da criança.
- + 6 - A capacidade de atenção da criança.
- + 7 - Como agir diante do furto e de mentira infantil.
- + 8 - A disciplina escolar.
- 9 - Os tiques infantis.
- + 10 - A motivação na aprendizagem.
- 11 - Expressão de criança através das atividades livres.
- + 12 - O desenvolvimento do raciocínio da criança.
- 13 - Hábitos e atitudes.
- + 14 - Memória e aprendizagem.
- + 15 - Relações "professor-aluno".

Outras sugestões:

1 -

2 -

3 -

* * *

LINGUAGEM

- + 1 - A maturação da criança em face da aprendizagem da leitura e da escrita.
- + 2 - O adulto em face da aprendizagem da leitura e da escrita.
- 3 - As falhas do ensino da leitura na escola tradicional.
- + 4 - Ensino da leitura e da escrita a classes homogêneas, quanto à idade.
- + 5 - Ensino da leitura e da escrita a classes de crianças de idades diferentes.
- + 6 - Ensino da leitura e da escrita a classes de adultos, na escolarização de emergência.
- 7 - O período preparatório da leitura e seus objetivos: atividades requeridas.
- + 9 - O período de desenvolvimento rápido de leitura e seus objetivos: atividades requeridas.
- 10 - A leitura nas classes adiantadas.
- 11 - O ensino da escrita.
- + 12 - As unidades de trabalho e o ensino da linguagem.
- + 13 - A cartilha e outros livros de leitura.
- + 14 - Material didático para o ensino da linguagem.
- + 15 - A linguagem e a expressão livre da criança.

Outras sugestões:

1 -

2 -

3 -

MATEMÁTICA:

- + 1 - O concreto, a transição do concreto ao abstrato e o abstrato, no ensino da matemática.
- + 2 - Iniciação das crianças à matemática, com vistas à maturação.
- + 3 - Os conceitos matemáticos em face da compreensão infantil.
- + 4 - Iniciação dos adultos à matemática.
- + 5 - O período de prontidão no ensino da matemática e seus objetivos: fatores que o influenciam.
- 6 - Processos do ensino da contagem.
- 7 - A resolução de problemas aritméticos na escola primária.
- + 8 - As unidades de trabalho e o ensino da matemática.
- + 9 - Os exercícios de fixação.
- 10 - Adição e subtração.
- 11 - Multiplicação e divisão.
- 12 - O ensino de frações.
- + 13 - O ensino de porcentagem.
- + 14 - Iniciação à geometria.
- + 15 - Material didático para o ensino da matemática.

Outras sugestões:

1 -

2 -

3 -

* * *

Nome - *Daisy de Araújo Santos.*
Enderêço - *Rua da Casa Forte 124*
Nome da escola - *Grupo Escolar "Silva Jardim"*
Sua função atual, na escola - *professora.*

Séries em que prefere ensinar -

Faça uma cruz ao lado de 2 áreas de sua preferência:

Linguagem (+)

Ciências Naturais ()

Matemática ()

Estudos Sociais ()

Atividades Artísticas (+)

Recreação ()

CENTRO REGIONAL DE PESQUISAS EDUCACIONAIS DO RECIFE

Divisão de Aperfeiçoamento do Magistério

Curso Intensivo de Aperfeiçoamento para Professôras Primárias, em convênio com o "Programa de Assistência Brasileiro Americana ao Ensino Elementar" (PABAAE), de Belo Horizonte

De 7 a 18 de maio de 1962

Professôres Dr. Charles Dent = Coordenador
do Profª, Berenice Bastos - Psicologia
Profª, Maria Thereza Rocha - Linguagem
PABAAE Profª. Helena Lopes - Aritmética

Horário: das 8,00 às 11.30 h. e das 14.15 h. às 17.30 h. diariamente, exceto aos sábados.

Fôlha de Inscrição

- 1 - Nome
2 - Residência Cidade
3 - Local de Trabalho (escola, grupo):
4 - Há quanto tempo exerce o magistério primário?
5 - Você pode comprometer-se a assistir às aulas e aos trabalhos, em horário integral (manhã e tarde)?

6 - Você tem algum curso de especializaçã, (Preencha): no setor do ensino primário?

Table with 5 columns: Nome da Instituição, Duração em meses, Ano em que cursou, Local: escola e cidade, Natureza do curso

7 - Qual a série que você está ensinando atualmente?

8 - Indique quais as áreas de seu maior interesse, no curso primário, marcando o 1º, 2º e 3º lugares, na ordem de sua preferência:

- Ciências Naturais () Linguagem ()
Matemática () Atividades Artísticas ()
Estudos Sociais () Recreação ()

9 - Tem alguma experiência de trabalho em grupo? Por exemplo:

- Círculo de estudos () Seminários ()
Simpósio () Mesa redonda ()
Semana ou Tríduo Pedagógico () Discussão em painel ()
Outros tipos de trabalho em grupo não citados:

10 - Você tem dificuldades especiais em expressar o seu pensamento, quando participa de um trabalho em grupo? _____

11 - Você prefere o tipo de trabalho em grupo, ou individual? _____

12 - Com sua classe, você já utilizou?

Unidades de Trabalho () Centros de interesse ()

Excursões de estudos () Método de projetos ()

Estudo dirigido () Atividades Artísticas ()

Outras experiências interessantes: (Cite, resumidamente).

13 - A que série do curso primário você prefere ensinar?

14 - No desempenho de suas funções de professora, quais são as suas maiores dificuldades? (Marque quantos itens julgar necessários).

Manejo de classe () Extensão dos programas ()

Meio social e econômico desfavorável ()

Dificuldades de material didático () Crianças difíceis ()

Horário insuficiente ()

Outros fatores: _____

Explique, se possível, por que tem essas dificuldades: _____

15 - Você tem experiência com educação de adultos? _____

Há quantos anos? _____

De que tipo? _____

Onde (nome da escola e cidade): _____

Qual a instituição mantenedora? _____

16 - A seu ver, quais os maiores problemas do curso primário no nordeste?

17 - Você tem alguma solução para sugerir? _____

18 - Quais os cursos de longa duração que você já fez?

Ginasial () Faculdade de Filosofia:

Normal - 1º ciclo () Secção do curso: _____

2º ciclo () Bacharelado ()

Licenciatura ()

Outros cursos não citados: _____

19 - Quais os melhores livros que você já leu sobre o curso primário (nome e autor, ou pelo menos, nome do livro): _____

Observações:

1) Só será conferido certificado a quem tiver freqüência integral.

2) Local do Curso: Centro Regional de Pesquisas Educacionais do Recife

Rua Dois Irmãos, 92, Apipucos. Ônibus: "Dois Irmãos", na Avenida Guararapes.

Outras observações: _____

CENTRO REGIONAL DE PESQUISAS
EDUCACIONAIS DO RECIFE
DIVISÃO DE APERFEIÇOAMENTO DO MAGISTÉRIO

Curso de Iniciação à Criatividade Artística, a cargo da Profa.
A. Escobar S.S.D - 6 a 21 de agosto de 1962 -

RESULTADO PARCIAL DA AVALIAÇÃO

No texto abaixo, há excertos de algumas respostas apresentadas pelas participantes do Curso. Foram escolhidas frases significativas pelo conteúdo, ou apenas indicativas de uma opinião mais generalizada, nos 30 questionários respondidos, segundo a ortografia de cada participante

Que idéias, principalmente, você acha que OBTIVE neste Curso?

- * A idéia do belo, mesmo em coisas sem forma definida.
- * Neste Curso, pude obter muitas idéias. Por exemplo, em relação à linha criadora, às côres, às massas, etc.
- * Contribuiu muito para minha observação tanto em trabalhos de arte, como também a natureza. Mudou completamente a minha idéia sobre arte moderna.
- * Aprendi que a beleza artística não está somente na massa, mas também nas linhas de uma composição e em suas côres.
- * Sinceramente, acho que a arte moderna não se resume a simples borrões, sem sentido. Senti a necessidade de procurar a mensagem de cada obra de arte.
- * Obtive muitas, pois pensava que um trabalho era feito sem se levar em conta questões tão importantes sobre linha, forma, côres, etc.
- * Idéia de confiança para realizar um bom trabalho artístico; necessidade de parar p/a uma contemplação, enfim clima de reflexão.
- * Que devemos exercitar ao máximo o poder criador que cada um de nós, consciente, ou não, possui.

Você acha que modificou sua maneira de ver, esteticamente, as coisas da natureza? De que modo?

- * Sim. Despertando o amor pelo Belo, ficando mais receptiva à beleza que nos cerca.
- * Já olho a natureza de uma maneira mais inteligente. Distingo, não só a forma, mas, ainda, um sentido, uma harmonia de linhas; sinto mais a beleza do que vejo.
- * Observando a natureza do colorido.
- * Aprenti a ver melhor as formas, linhas e côres.
- * Admirando formas e côres, que outrora passavam despercebidas por mim.

O Curso serviu para você se "libertar da forma"? Como?

- * Sim. Através do estudo das linhas e de sua beleza.
- * Um pouco. Dando expansão ao meu pensamento sem preocupação com a opinião alheia.
- * Um pouco. Tentando interpretar as coisas a meu modo e expressar alguma coisa só com linhas.
- * Sim. Através dos exercícios realizados, principalmente, os que se referem à beleza da linha e à dinâmica das côres.
- * Sim. Através do manejo das linhas.
- * Sim. Através das linhas, consegui descobrir o meu senso artístico e expressá-lo com harmonia.
- * Sim. Aprendendo e melhorando tudo quanto podemos fazer de belo com as linhas e a dinâmica do verde.

- * Sim. Dando coragem para expressar o pensamento e não a forma do objeto.
- * Procurando criar, ser mais original, deixando de lado a cópia.
- * Sim, bastante. Na realização de trabalhos sem intenção de "forma".

Com que "problemas" você gostou mais de trabalhar? Por que?

- * Ilustração de palavras e movimento de linhas.
- * Com linhas. Dão mais possibilidade de criar.
- * Com cores. Porque as cores têm uma grande expressão, e como trabalho com crianças do Jardim da Infância aprendi algo sobre cores, ajudando-me assim a compreender melhor a expressão da criança através das cores no desenho.
- * Usando as cores: Quando trabalho com as cores me sinto com mais liberdade de me expressar.
- * Com todos aqueles em que não apareciam formas definidas, e também onde apareciam diversas cores. Porque achei que podia me expressar melhor desta maneira.
- * Os de gradação tonal, harmonia das cores, dinâmica do verde. Porque me senti mais livre para realizá-los.
- * Interpretação de idéias. Porque me deu oportunidade de ser mais original.
- * De criação de linhas. É possível chegar até ao infinito dos pensamentos.

Considerando o seu "enriquecimento pessoal", que você achou MELHOR, no Curso?

- * O tempo dedicado à crítica.
- * A aprendizagem de "ver" as coisas, descobrindo-lhes detalhes e nuances.
- * A tentativa de liberação das formas.
- * A interpretação das linhas de composições artísticas.
- * A liberação das formas.
- * A alegria que dá a cada um de nós o trabalho criador.
- * A liberdade adquirida durante os exercícios.
- * A parte crítica foi de grande proveito.
- * A crítica dos trabalhos ajudou-me bastante.
- * A crítica bastante construtiva.
- * A liberação da forma, pelo grande poder criador que nos dá.
- * Apreciar melhor as coisas que antes ignorava.
- * A exposição e crítica dos trabalhos.

Que coisas erradas você encontrou no Curso?

- * Somente - ter sido muito curto.
- * Ter sido em período letivo, o que dificultou a confecção dos trabalhos.
- * Gostei imensamente de tudo. Só achei uma parte negativa: muitos trabalhos para fazer em casa e como temos pouco tempo não podemos fazer grandes coisas.
- * a) Turma grande. b) Pouco tempo para preparar os trabalhos. c) Limitação dos recursos a empregar e esquecimento disto, após.
- * Achei poucas aulas.
- * O aspecto do relacionamento p/a mim foi falho, explicado pela falta de tempo para contatos.
- * Si houve não os percebi.
- * Ter sido bastante rápido.
- * Achei que foi muito rápido.
- * Pouca duração.

Que sugestões você apresenta para futuros cursos de criatividade?

- * Cursos de criatividade infantil.
- * Que as aulas sejam em dias consecutivos.
- * Um período maior de horas de aula e de tempo de curso.
- * Maior ênfase o estudo das cores como maior expressão da personalidade infantil.
Seria de grande aplicação para as professoras que ensinam classes mais atrazadas.
- * Que sejam mais longos e em período de férias.
- * Um curso de criatividade infantil.
- * Maior espaço de tempo para a apresentação dos trabalhos.
- * a) menor número de alunas. b) mais tempo para a apresentação dos trabalhos.

- * Que o curso seja mais longo, se dê mais tempo para a execução dos trabalhos.
- * Que outros cursos sejam realizados em continuação a Curso de Iniciação à Criatividade, e com maior duração.
- * 1) Que sejam em períodos de férias. 2) Que nos tragam mais sugestões para o desenvolvimento da criatividade na escola.

A última parte do questionário de avaliação versou sobre uma apreciação pessoal, a qual pode ser comparada com as respostas dadas pelas participantes, no questionário inicial para fins de matrícula. É interessante observar que houve uma certa evolução, tomando-se como base as respostas fornecidas pelos dois questionários.

Reproduzindo os itens propostos, para melhor compreensão, temos:

"Responda, francamente, depois do que você observou e aprendeu, neste Curso, Você se julga uma pessoa:

Neutra, em criatividade artística ()
 Com talento, em potencial ()
 Com gosto artístico medíocre ()
 Completamente nula ()
 ou....."

Dos 30 questionários analisados (outros, por motivos diversos, não foram computados) os resultados são os seguintes:

Neutra, em criatividade artística ..1
 Com talento, em potencial18
 Com gosto artístico medíocre..... 4
 Completamente nula 1

Houve 4 respostas especiais, que podem ser encaixadas em um item ou outro, parecendo melhor citá-las na íntegra:

- * "Uma pessoa que se interessará pelo assunto afim de melhorar cada vez mais"
- * Com alguns conhecimentos
- * Bastante desejosa de continuar a procurar ampliar sempre mais os conhecimentos adquiridos e estudados neste Curso.
- * Apenas, uma pessoa que já pode sentir uma obra de arte.

Observação: Não foi alterada a grafia das respostas, apesar das incorreções.

CENTRO REGIONAL DE PESQUISAS EDUCACIONAIS DO RECIFE

DIVISÃO DE APERFEIÇOAMENTO DO MAGISTÉRIO

I Semana de Estudos sobre o Livro Didático para o Curso Primário

- Dia 8 - O uso do livro nas classes iniciais - Profª. Myriam Didier de Grupo Escolar Clóvis Beviláqua.
- Dia 9 - Como organizar, com os alunos, suas próprias cartilhas - Profª. Lea Lattari, Técnico de Educação da Secretaria de Educação do Estado da Guanabara.
- Dia 10 - O uso do livro didático nas classes adiantadas - Profª. Mercês Figueiroa, da Escola de Aplicação "Conego Rochael de Medeiros".
- Dia 12 - O uso de livros auxiliares do ensino - Profª. Maria Luiza de Melo, do Grupo Escolar Clóvis Beviláqua.
- Dia 13 - A importância do livro no aperfeiçoamento do professor - Profª. Janise Pinto Peres, da Escola de Especialização Murilo Braga.

O programa diário abrange duas partes:

- 1ª. Relato de experiências e debates das professoras participantes.
- 2ª. Palestra e debate sobre o tema escolhido.

Local: Rua Dois Irmãos, 92 - Apipucos

(Fevereiro -1962)

COMO AVALIAR

Fôlha de avaliação para líderes de discussão em grupo.

I Introdução

- a) O tópico escolhido foi adequado ao grupo?
- b) O tópico foi bem apresentado (breve e especificamente)?
- c) O propósito da discussão foi explicado?

II Participação

- a) Cada um dos membros contribuiu para a discussão?
- b) Os vários aspectos da questão foram suscitados?
- c) O líder impôs seus pontos de vista?
- d) Os participantes apresentaram suas contribuições arrazoadamente, com dados que as suportavam?
- e) Permitiu-se que alguém dominasse a discussão?
- f) O líder permitiu que a discussão se dispersasse (saísse do tema proposto)?
- g) O líder apresentou sumários ocasionais a fim de ajudar a guiar o grupo?
- h) O líder fez um discurso?

III Sumário

- a) O líder apresentou um pequeno resumo final?
- b) O resumo representava os pontos de vista do grupo?

IV Propósito (Finalidade)

- a) O grupo:
 - 1. Trabalhou seguindo a linha apresentada pelo líder?
 - 2. Demonstrou interesse nela?
 - 3. Identificou o problema?
 - 4. Explorou o problema?
 - 5. Analisou o problema?
 - 6. Tentou a solução do problema?
 - 7. Aumentou seu interesse atual no problema ou situação?
 - 8. Reuniu informações somente?
 - 9. Trabalhou como uma unidade?
 - 10. Agiu como um todo ao tomar decisões?
 - 11. Determinou o curso das ações?
- b) A discussão levou a outra posteriormente?

V Outros fatores importantes

- a) O líder usou o quadro-negro?
- b) A reunião começou e terminou pontualmente?
- c) Os fatores físicos eram adequados (temperatura da sala, luz, lousa, mesa)?
- d) A pessoa auxiliar (resource person) foi forçada ao papel de orador? (speechmaker)
- e) O grupo:
 - 1. Planejou a próxima reunião?
 - 2. Escolheu o líder seguinte?
 - 3. Decidiu quanto ao material a ser usado?
 - 4. Escolheu uma data para a próxima reunião?

COMO AVALIAR

Questionário a ser usado para avaliar uma série completa de reuniões de estudo e discussão.

1. Você acha que esta série de reuniões contribuiu com algo para você:

- dando-lhe mais informações? Sim Não
- mudando suas idéias? Sim Não
- mudando suas atitudes? Sim Não
- aumentando suas habilidades? Sim Não

2. Qual é seu ponto de vista pessoal a respeito do valor desta série de reuniões?

- a) decididamente vantajosa
- b) vantajosa.....
- c) útil.....
- d) inútil.....

3. Que sugestões você pode dar para uma futura série de discussões?

a) tópicos de discussão:

b) filmes:

c) Que outros meios você gostaria de ver utilizados:

- Palestra.....
- Discussão em grupo
- Simpósio.....
- Forum.....
- Outros..... Quais?

4. Se suas respostas às perguntas 1 e (ou) 2 fôrem negativas, que sugestões você tem para aperfeiçoar o processo?

5. Outros comentários:

(NÃO ASSINE, POR FAVOR)

AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE DISCUSSÃO EM GRUPO

1. Como você classificaria a discussão de hoje?

10 9 8 7 6 5 4 3 2 1 0
exce- má
lente

2. Você obteve idéias ou conceitos novos através da discussão?

10 9 8 7 6 5 4 3 2 1 0
Muitos nenhum

3. A discussão ajudou-o a esclarecer alguns problemas?

10 9 8 7 6 5 4 3 2 1 0
muito inútil
útil

4. Você estava interessado no tópico da discussão?

10 9 8 7 6 5 4 3 2 1 0
muito nada

5. Como você avaliaria o trabalho em conjunto dos participantes?

10 9 8 7 6 5 4 3 2 1 0
muito mau
bom

6. Como você classificaria o líder da discussão?

10 9 8 7 6 5 4 3 2 1 0
exce- mau
lente

OBSERVAÇÕES: Por favor, não assine.

Se tiver quaisquer outras sugestões, escreva-as aqui.



Relatório da visita da Assistente da D.A.M. a Escolas do Interior

No dia 5 de setembro, a convite de Dr. Charles Dent, técnico de PABAE, visitei várias escolas do interior, juntamente com o referido professor e com a inspetora-orientadora da 5ª região escolar da SENEC, Profª. Hilda Brandão.

1 - Visitamos, inicialmente, uma escola típica rural em Paudalhe, na qual estão matriculadas 50 crianças e onde há uma frequência média de 38 crianças. Sendo uma escola rural, a primeira hora é destinada aos trabalhos de campo. As condições de instalação são precárias, pois a sala é um pouco pequena para 50 crianças e na mesma sala estão todas as séries do Curso Primário. O único recurso áudio-visual que encontramos foi o quadro-negro e, assim mesmo, muito pequeno.

2 - Visitamos, depois, o Grupo Escolar Joaquim Olave, também em Paudalhe. Neste Grupo, há 13 classes, das quais 6 funcionam pela manhã e 7, à tarde. As classes são, em geral, de 35 alunos com uma frequência média de 32. As condições materiais dessa escola são, mais ou menos, satisfatórias. Possui gabinete dentário, onde em determinados dias atende-se também a moradores do município, porém estranhas à escola. A qualidade do ensino ministrado nesta escola nos pareceu boa, pois os alunos se mostraram bastante inteirados do assunto que está sendo vivido por toda a região, que é a unidade de trabalho, intitulada: "Sou brasileiro". Notamos, ainda, que há um bom uso dos recursos áudio-visuais. Possui uma pequena biblioteca, museu, serviço de Caixa Escolar, Clube Agrícola, Jornal Mural, pelotão de saúde, serviço de intercâmbio com pessoas de outras localidades, Círculos de Pais e Mestres, serviço de merenda, tudo planejado e realizado com esforço dos alunos e das professoras. Ultimamente, adquiriram uma banda marcial, no valor de Cr\$ 67.000,00. Há uma boa divisão de responsabilidades entre os alunos e as professoras, o que podemos constatar, através do quadro de avisos.

3 - Em Lagoa do Carro, visitamos duas escolas isoladas, as quais funcionam em condições muito precárias. Em uma delas, os alunos têm apenas 2 hs. de aula por dia, pois sendo a sala muito pequena, não ^{comporta} todos os alunos de uma vez.

4 - Em Limoeiro, visitamos duas escolas, das quais se destacam, por oferecer melhores condições materiais e, conseqüentemente, melhor ensino, o Grupo Escolar Austro Cesta.

5 - Em Bom Jardim, visitamos também um grupo escolar. As instalações são, mais ou menos, satisfatórias. Quanto à qualidade do ensino, não podemos afirmar nada, devido à pressa com que visitamos essa escola.



6 - Em Orobó, visitamos o Grupo Escolar Abílio Barbosa, o qual funciona em dois turnos. Há 415 alunos, distribuídos em 10 classes, sendo 5, no turno da manhã e 5, no turno da tarde. A matrícula de cada classe varia de 32 a 45 alunos. Nesta unidade escolar, as professoras parecem muito interessadas e a escola funciona, de fato, como um centro da comunidade. Também lá, estão vivendo a unidade de trabalho, intitulada: "Seu brasileiro", a qual foi organizada pela inspetora regional e um grupo de professoras da região e distribuída por todas as escolas.

7 - Além dessas visitas citadas, passamos, ligeiramente, por outras escolas daqueles municípios e ainda de Carpina, onde colhemos algumas informações sobre as mesmas, o que nos possibilitou concluir a precariedade das escolas do interior do Estado, tanto do ponto de vista material, como do ponto de vista da qualidade do ensino.

8 - Tivemos, ainda, oportunidade de discutir, particularmente, certos assuntos, ligados ao ensino.

Esta região, conta, atualmente, com 82 escolas.

Recife, 6 de setembro de 1962

Jamisé Pinto Peres

Assistente da D.A.M.

ANEXO Nº 7

RELATÓRIO DA VIAGEM DA ASSISTENTE DA DAM., PROFA. JANISE PERES, PELO NORDESTE, NO PERÍODO DE 12 DE SETEMBRO A 19 DE OUTUBRO DE 1962

O principal objetivo da nossa viagem foi ministrar as aulas de Metodologia dos Estudos Sociais no Curso de Treinamento de Professôres Primários, promovido pela SUDENE, em S. Luís do Maranhão.

Aproveitando a oportunidade, visitamos escolas normais e primárias de algumas capitais do nordeste, colhendo algumas informações sôbre as referidas escolas.

Entramos também em entendimento com instituições ligadas ao ensino, como Secretarias de Educação, MEB e outras.

Detalhes das nossas atividades neste período:

• 1 - Maranhão:

1.1 - Curso da SUDENE

O referido curso foi promovido pela SUDENE, tendo em vista o seu plano de povoamento a ser executado na área do Pindaré-Mirim, interior do Estado do Maranhão.

O objetivo do curso foi treinar professôres primários, que, mais tarde funcionarão como orientadores de ensino, nas escolas que serão instaladas, pela SUDENE, na área acima citada.

Além dêste CRPE, colaborou também de modo efetivo na execução dêsse curso, a Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Maranhão.

Participaram do curso 16 professôres, sendo 15 do sexo feminino e um do sexo masculino. Quase todos eram do interior do Estado.

Dêstes alunos, cinco tinham o curso normal de 2º ciclo e os demais, apenas o curso normal rural. Tanto de uns, como de outros, a preparação cultural e, mais particularmente, a pedagógica deixa muito a desejar.

A duração do curso foi planejada para dois meses,

em regime de horário integral.

Pelo fato de não nos ser possível permanecer em S. Luís todo esse tempo, o curso foi dividido em duas partes, havendo uma distribuição um tanto irregular das matérias e das aulas, o que poderá ser constatado mais adiante.

A primeira parte do curso ficou sob a nossa coordenação e a segunda, sob a coordenação da Profa. Maria da Conceição Ferreira, técnica de educação da Secretaria de Educação daquele Estado.

Esta primeira parte do curso se estendeu de 20 de setembro a 4 de outubro e abrangeu as seguintes áreas: Linguagem (com 30 aulas); Estudos Sociais (40 aulas); Ciências Naturais (10 aulas); Psicologia (9 aulas); Atividades Agrícolas (12 aulas) e Atividades Artesanais (12 aulas).

As áreas de: Ciências Naturais, Psicologia, Atividades Agrícolas e Atividades Artesanais continuarão a ser estudadas na segunda parte do curso, juntamente com novas áreas, como: Aritmética, Economia Doméstica e Socorros de Urgência.

As áreas de Linguagem, Ciências Naturais, Psicologia e uma parte da área de Atividades Artesanais ficaram sob a responsabilidade de professoras da SUDENE. Esta última área esteve também sob a responsabilidade de uma professora do Centro de Treinamento do Barreto (local onde se realizou o curso), sendo a referida professora, ex-bolsista do Curso de Artes Industriais do INEP, no Rio.

A área de Atividades Agrícolas esteve a cargo de um agrônomo e professor do mencionado Centro de Treinamento.

O horário das aulas, era de segunda a sábado, de 6,30 às 18 hs., havendo 2 hs. de intervalo para almoço; 30 m. de intervalo para lanche, entre a 3^a e a 4^a aula da manhã; 5 m. entre as demais aulas da manhã e 10 m. entre as aulas da tarde. Esta diferença de intervalo entre as aulas da manhã e as da tarde é determinada pelo fato de não haver lanche, nesse segundo horário.

Tendo em vista as prerrogativas didáticas e psicológicas e a intensidade do horário, as professoras procuraram va-

riar o tipo de aula, tentando torná-las o mais prático possível.

De Estudos Sociais, houve, diariamente, 3 a 4 aulas, sendo a primeira, em geral, expositiva; a segunda, trabalho em grupo com leitura comentada e discutida e apresentação de relatório; a terceira, leitura dos relatórios dos vários grupos, avaliação dos trabalhos do dia, tanto do ponto de vista do conteúdo, como da técnica de trabalho em grupo. Esta técnica foi dada dentro da mesma variação de tipo de trabalho, usada para outros assuntos.

Dependendo da dificuldade do assunto ou da falta de tempo para ler e discutir tudo a respeito do mesmo, fazíamos, ainda, nessa última aula do dia, um resumo do assunto.

Nos dias em que havia 4 aulas de Estudos Sociais, permitíamos que o trabalho em grupo se estendesse por mais tempo, pois, além de considerarmos este tipo de trabalho como o mais eficiente, nós o considerávamos também como mais interessante e menos cansativo para os alunos, levando em conta a intensidade do horário. Esta atividade era realizada ao ar livre.

Todos esses trabalhos em grupo foram realizados sob a nossa observação, direta ou indiretamente, isto é, estando presente no grupo ou observando-o de longe.

O método preconizado por nós para um ensino mais eficiente, foi o das Unidades de Trabalho, o qual foi estudado, detalhadamente. No entanto, não querendo ser exclusivista, falamos também sobre o método de projetos e o de Decroly.

Os assuntos estudados, dentro dessa área, foram os seguintes:

- I) Necessidade do professor ter consciência do "por que, para que, o que e como" ensinar cada uma das matérias, levando-se em conta as necessidades e capacidade da criança, nas diversas fases de sua vida;
- II) Valor do trabalho em grupo e sua técnica;
- III) O lugar dos Estudos Sociais na Escola Elementar:
 - 1 - O que são Estudos Sociais
 - 2 - Definição de Escola Elementar

- 3 - Os Estudos Sociais, como centro do currículo e o tempo que lhe deve ser dedicado;
- 4 - Relação dos Estudos Sociais com a Ciência;
- IV) A educação e a disciplina democrática:
 - 1 - A disciplina da democracia:
 - a) conceito de democracia;
 - b) conceito de educação democrática;
 - c) conceito de sociedade;
 - d) a democracia como melhor sistema;
 - e) socialização da escola;
 - f) politização;
 - g) conceitos em que se baseiam as relações humanas em uma democracia;
 - h) a autoridade numa democracia;
 - i) o comportamento democrático;
 - j) a participação e cooperação democrática;
 - l) a competição numa democracia;
 - m) aprendizagem social em uma democracia;
 - n) conceito de espaço vital, sua expansão e responsabilidade da escola a este respeito;
 - o) Imprevisibilidade dos problemas sócio-pessoais e preparação da criança para solucioná-los.
- V - Objetivos dos Estudos Sociais;
- VI - A organização do currículo de Estudos Sociais;
- VII - A criança e como ela aprende Estudos Sociais;
- VIII - Criação contínua em aprendizagem social;
- IX - Como ensinar Estudos Sociais:
 - 1 - Método dos Centros de Interêsse
 - 2 - Método de Projetos
 - 3 - Método das Unidades de Trabalho:
 - a) Tarefas no planejamento da unidade;
 - b) O ensino da unidade

Na nossa segunda semana de atividades, tentamos organizar com a turma uma Unidade de Trabalho sobre a escola, a ser desenvolvida na 1ª série.

Depois, cada um dos três grupos, em que a turma foi dividida, tentou elaborar uma Unidade de Trabalho. Um grupo escolheu, como assunto: "a família", unidade a ser desenvolvida na 1ª série; o segundo, fez sobre "os Estados do Brasil", na 4ª série e

o terceiro, "o descobrimento do Brasil", também para a 4ª série.

Para a leitura sobre o trabalho em grupo e sua técnica, utilizamos publicações do SESP e do PABAE e, para os demais assuntos, utilizamos a apostila que organizamos, baseada em autores americanos, nas publicações do PABAE, INEP e outras.

No final, foi feita uma breve avaliação escrita, que dizia respeito tanto à parte de conteúdo, quanto à parte de desenvolvimento dos trabalhos, isto é, o trabalho dos grupos, o trabalho do professor e o trabalho individual.

Esta avaliação não a consideramos satisfatória. As respostas estavam, em geral, muito semelhantes, breves, superficiais e algumas vezes até, fora do assunto. Quanto à parte de redação e ortografia, pareceu-nos sofrível.

Deixando de lado as possíveis falhas didáticas, que tenhamos cometido, ao tratarmos os diversos assuntos, apontamos, como fatores que influenciaram, negativamente, no resultado, a intensidade do horário (mais de 8 hs. de trabalhos diários, sendo a metade de Estudos Sociais) e a falta de base cultural dos alunos.

1. 2 - Visitas a escolas:

1.2.1 - Visita ao Centro de Treinamento do Barreto, dirigido pela Profª Mª C. Ferreira.

Neste Centro, funciona um curso de treinamentos para professoras leigas e uma escola primária, que serve como escola de aplicação do referido curso.

Este curso é de seis meses e nêle, são dadas 16 matérias, divididas em bimestres. Os programas são adaptados a cada região a que se destina o curso.

As candidatas são enviadas pelos prefeitos ou associações paroquiais e êstes, pagam-lhes a passagem de ida e volta e uma bolsa, correspondendo ao ordenado de professorã. A escola, no entanto, é gratuita e às vezes, no fim do ano, as bolsistas ainda recebem uma suplementação, dada pela escola.

Têm preferência, as candidatas que já exercem o magistério, por sua própria iniciativa ou não.

As professorandas são em número de trinta e uma, sendo essa a média dos outros cursos.

Fazem trabalho em grupo e praticam, na parte da manhã, na Escola de Aplicação, à qual nos referimos acima.

O curso funciona em horário integral, havendo aulas também à noite. É em regime de internato e as próprias alunas cuidam da casa e fazem todos os serviços, exceto cozinhar e lavar. Fazem, inclusive, alguns móveis para os dormitórios e a escola, costurando também suas próprias roupas.

Na cadeira de Artesanato, há uma primeira etapa de trabalhos preferidos pelas alunas e uma segunda, de trabalhos com matéria prima da região. Aproveitam tudo na confecção de trabalhos, os quais são expostos e vendidos no fim do curso, revertendo o lucro para compra de material para o curso seguinte. A aluna, que quiser ficar com o trabalho, deve comprar o material.

O nível das alunas é, em geral, de 3^{as} e 4^{as} série primárias.

No curso, além da metodologia de cada matéria, dão também o conteúdo da mesma.

Há também trabalho de campo, onde elas fazem tudo, desde o preparo do terreno, o qual é bastante grande.

Nos sábados e domingos saem para passear em grupos com as monitoras.

Parece haver um clima de muita amizade e confiança entre as alunas e, entre estas e as monitoras.

Os primeiros cursos de treinamento eram de dois meses, passando depois para três e agora, com seis meses.

As casas das alunas são visitadas pelas monitoras.

A escola apresenta condições semelhantes às do interior para evitar desajustamentos, mas, mesmo assim, é melhor do que a residência das alunas.

Estas acham a duração do curso insuficiente.

É plano do Estado fundar mais quatro centros dêsse

tipo para poder atingir todo o Estado, satisfatoriamente.

A Escola de Aplicação do Centro está constituída de 10 classes com uma matrícula de mais de 300 alunos. A matrícula média de cada classe é de 32 alunos. Funcionam 5 classes pela manhã e 5, à tarde, em salas vizinhas às das professorandas.

As professoras da Escola de Aplicação são tôdas diplomadas e quase tôdas com cursos de treinamento. Estas preenchem uma ficha de avaliação do trabalho das professorandas.

As instalações são, mais ou menos, satisfatórias.

Tanto no Curso Primário, como no Curso de Treinamento, procura-se fazer o relacionamento das matérias.

O ensino religioso é ministrado, semanalmente, por catequistas e de 15 em 15 dias por um sacerdote.

Do Centro de Treinamento, conseguimos a ficha de avaliação de prática de ensino e a ficha de avaliação final do curso para professoras.

Os alunos do Curso Primário confeccionam muitos trabalhos e cartazes.

1.2.2 - Visita ao Colégio Conceição de Maria.

A referida instituição é de iniciativa particular e dirigida pela Prof^ª Maria da Conceição Ferreira.

As instalações da escola são bastante boas.

Das escolas que visitamos é a melhor e a mais atualizada. Sob todos os aspectos, o trabalho, que lá se realiza, é bastante significativo.

A escola possui 8 classes, compreendendo do primeiro período do Jardim da Infância à 5^a série. Cada turma tem, em média, 30 alunos de ambos os sexos.

Estão realizando também uma experiência com crianças excepcionais, dentro de turmas de crianças normais.

O método global é usado em tôdas as classes, bastante emprêgo de recursos áudio-visuais, porém o que mais nos sa-

tisfez foi a avaliação qualitativa, que é feita de cada aluno, mensalmente, através de fichas.

Os documentos conseguidos com esta visita foram: os estatutos do Colégio; requerimento de matrícula; convite para uma das reuniões de pais e mestres, no qual está o aproveitamento do aluno, durante o mês; ficha de avaliação qualitativa do aluno com o ritmo do seu progresso; ficha social do aluno; um número do jornalzinho que é editado pelos alunos.

1.2.3 - Visita à Escola do SESI:

A Escola do SESI que visitamos ainda não está em funcionamento. As instalações são excelentes, no entanto, temos a impressão de que a escola é por demais luxuosa, tendo em vista as necessidades e possibilidades do Estado. Possivelmente, no referido estabelecimento, conforme fomos informadas, funcionará um ginásio noturno.

1.2.4 - Visita ao Grupo Escolar "Estado do Pará".

As instalações são regulares. Possui 7 classes com um grande número de crianças em cada classe. Ao que nos pareceu, a professora do Jardim da Infância é a mais atualizada.

Esta escola é, em geral, freqüentada por crianças de um baixo nível social, conforme nos informou a diretora e o tipo de habitação que pudemos observar nos arredores da Escola.

Este Grupo funciona em dois turnos, porém, em cada um deles há uma diretora e, inclusive, o nome da escola é diferente para cada turma. Perguntamos a razão dessa distinção tão marcada entre os turnos, porém as respostas não nos satisfizeram, absolutamente, e nos permitiram concluir que é decorrente da grande influência da política sobre a educação em todo o Estado.

1.2.5 - Visita à Escola Modelo:

Esta escola funciona em três turnos: matutino, vespertino e noturno, com 22 turmas em cada um e com uma matrícula de 35 a 40 alunos em cada turma. As instalações são muito precárias e os métodos empregados parecem não ser muito atualizados. Ausência quase completa de recursos áudio-visuais. Há uma sala para

Trabalhos Manuais.

1.2.6 - Visita ao Grupo Escolar "Governador Mattos Carvalho".

Neste Grupo há salas bastante grandes, mas ainda não estão sendo ocupadas. Portanto, no momento, as instalações são muito deficientes.

Conforme nos informou a diretora, as turmas têm, em geral, 30 a 35 alunos. Não pudemos observá-los em classe, por estar na hora de recreio, mas vendo as salas de aula, nos pareceu impossível acomodar tôdas essas crianças numa classe, principalmente em algumas salas.

O ensino, na referida escola, também nos pareceu bastante desatualizado, a concluir pela arrumação e ornamentação da sala e por contactos, embora rápidos, com as professoras.

Nessa escola, está sendo instalado o serviço dentário e futuramente funcionará também um ginásio noturno, mantido pela CNEG.

1.2.6 - Visita à Escola Particular "Jesus, Maria, José".

Com o intuito de comprar bancas usadas para o curso da SUDENE, tivemos oportunidade de visitar esta escola.

Pouquíssimos alunos, instalações precaríssimas e o ensino nos pareceu ainda mais deficiente. Na sala, não havia nada que nos levasse a concluir que alise fazia alguma coisa. Encontramos os alunos sem fazer nada e assim permaneceram, durante todo o tempo em que lá estivemos.

1.2.7 - Visita ao Colégio Santa Teresa:

Este estabelecimento de ensino é dirigido pelas Irmãs Dorotéias.

As instalações são muito boas.

Possui o curso primário, ginásial, normal e colegial, com 1.300 alunas, aproximadamente.

O número de alunos em cada turma é muito variado.

No ginásio, há, em geral, duas ou três turmas de 50 em cada série. No curso normal, além das três turmas comuns no Colégio, há uma turma de 42 alunas da 2ª série, as quais são excedentes da matrícula do Instituto de Educação e, por conseguinte, bolsistas do Estado.

Há bastante material de Ciências Naturais, Física, Química, História e Geografia, o qual é aproveitado pelos professores em suas aulas. A proporção é de 1 aula prática para 3 teóricas, conforme podemos constatar pelo formulário do CRPER preenchido pelo referido Colégio.

Recebemos também folhetos publicados pelo Serviço de Orientação Educacional deste Colégio.

1.2.8 - Visita ao Instituto de Educação:

Apesar de termos ido 6 vezes ao Instituto de Educação, quase nenhuma informação conseguimos, pois nunca encontramos a diretora, que é a Profª Oceanira Galvão e ninguém nos sabia dar informações sobre a escola.

A Escola não funciona em prédio próprio e tem um número excessivo de alunas.

A orientação dada, no curso normal, se bem que não seja grande coisa, parece ser a melhor do Estado, a concluir pelas alunas do Curso da SUDENE e outras, com as quais, tivemos contato.

Não possui material de ciências naturais, física, química, etc., conforme o formulário preenchido pela diretora.

Conseguimos os planos de estudos do Curso Normal, os quais serão analisados, posteriormente, do mesmo modo como as demais documentações, por nós recebidas.

1.2.9 - Visita ao Colégio Rosa Castro:

As instalações são muito deficientes: prédio adaptado e portanto, com salas muito pequenas, mobiliário inadequado, etc. Não possui museu, sala de ciências ou coisa semelhante.

É dirigido pela Profª Rosa Castro, a qual é também professora da Faculdade de Filosofia.

O Colégio possui cerca de 700 alunas.

Ao que parece, das três escolas normais da capital, é a mais deficiente sob todos os aspectos. Atualmente, não tem o 3º ano normal.

1.3 - Entendimentos com a Secretaria de Educação:

Estivemos três vezes na referida Secretaria. Visitamos todos os departamentos e colhemos várias informações sobre o funcionamento da mesma e sobre a situação do ensino no Estado do Maranhão, muitas delas, documentadas, conforme poderemos ver mais adiante. O atual Secretário de Educação é o Cônego José de Ribamar.

Conseguimos os seguintes documentos: 1 - Relação das unidades escolares não subordinadas à orientação do Centro de Pesquisas da Secretaria, com número de salas, de turmas e de alunos matriculados, com a divisão por turnos e a indicação do tipo da escola; 2 - Relação dos funcionários da Secretaria, com os cargos, número de pessoas para cada um e seções em que estão lotados; 3 - Programas do Curso Primário; 4 - Fichas de matrícula para alunos antigos e novos; 5 - Relação Percentual dos alunos que solicitaram matrícula no ano de 1961 e não foram atendidos por falta de vagas e, os seus turnos; 6 - Relação dos funcionários do Centro de Pesquisas da Secretaria de Educação, com os respectivos vencimentos; 7 - Vantagens de que gozam os funcionários do Estado; 8 - Atribuições e finalidades do Centro de Pesquisas e de cada um dos seus membros; 9 - Quadro do rendimento dos Grupos diurnos, assistidos pelo Centro de Pesquisas de 1949 a 1962, com o número de unidades escolares; 10 - Tabela adotada no Centro de Pesquisas para correção das provas; 11 - Relação dos livros adotados no Curso Primário; 12 - Instruções para aplicação das provas; 13 - Provas de cada série no primeiro semestre de 1962; 14 - Instruções especiais para aplicação das provas; 15 - Testes para a maratona comemorativa do 350º aniversário de fundação da cidade de S. Luís, a qual foi realizada entre os alunos das quartas e quintas séries; 16 - Ficha de aproveitamento do aluno; 17 - Fôlha de registro de matrícula e quadro de aproveitamento dos alunos, em geral; 18 - Fôlha de aproveitamento da classe; 19 - Ficha geral de conduta e aproveitamento do aluno; 20 - Modelo do atestado de frequência dos alunos; 21 - Guia de transfe-

rência; 22 - Quadro geral de interpretação estatística dos resultados dos testes; 23 - Folhetos.

1.4 - Entendimentos com o Exmo. e Revmo. D. José Delgado, arcebispo de S. Luís:

O M.E.B. no Maranhão já está iniciando as suas atividades. As escolas radiofônicas estão planejadas, porém não estão ainda em funcionamento por dificuldades de local adequado para a instalação da rádio da Arquidiocese, pois o Ministério da Aeronáutica tem condenado todos os locais escolhidos até o momento. Três terrenos já foram escolhidos, sendo rechaçados pelo citado Ministério.

A Arquidiocese fundou e mantém duas Escolas Normais Regionais no interior do Estado. Uma, está localizada em Morros e a outra, em Rosário.

A Escola Normal Regional de Morros foi construída em convênio com o INEP.

O Sr. Arcebispo acha o ensino deficiente em todos os ramos e em todos os pontos do Estado. Há cerca de 400.000 crianças sem escola, muito primitivismo, problemas com indígenas, os quais são semi-civilizados e ferocíssimos. Só na zona do Pindaré, há 7 tabas.

O MEB está dando cursos de treinamento para professoras do interior, educação sanitária e politização. Estes últimos estão sendo dados, tanto no interior como na capital.

O Sr. Arcebispo está bem a par de todos os movimentos e trabalhos que estão sendo planejados e realizados.

Os habitantes do interior do Maranhão, conforme êle nos informou, em geral, são nômades, o que dificulta qualquer trabalho que se queira realizar.

O Maranhão recebe sempre um grande número de imigrantes nordestinos principalmente do Piauí e do Ceará.

A Arquidiocese já está elaborando um plano de assistência religiosa à área do Pindaré, onde está atuando a SUDENE. Já há dois padres trabalhando nessa área e, brevemente, deverão chegar

mais dois franceses. Os quatro serão motorizados para poder atender melhor a t^oda a área. Brevemente também, duas ordens religiosas se instalarã^o na zona. O nível intelectual, principalmente, no interior é baixíssimo, apesar de ser, o povo, bastante inteligente.

A Universidade Católica está funcionando com seis escolas, havendo, ainda, duas escolas federais, que são: Farmácia e Odontologia.

1.5 - Entendimentos com o MEB:

Tivemos vários contatos com a equipe do MEB, a qual é composta de cinco membros, sendo 2 rapazes e três moças. Duas das moças têm curso de pedagogia, e os outros elementos são estudantes de pedagogia. A terceira das moças, além de ser estudante de pedagogia tem o IV Curso de Especialistas em Educação para a América Latina, feito em S. Paulo e bastante prática no Curso Primário, tanto como professôra, como diretora.

Os cursinhos a que nos referimos acima, são ministrados pela própria equipe que planeja e dirige o movimento.

1.6 - Entendimentos com a Prof^a Madalena Marques Costa.

A citada professôra pertence ao quadro da Faculdade de Filosofia da Universidade Católica.

As suas informações e pontos de vista coincidem muito com as que nos foram dadas pelo Sr. Arcebispo.

Grande está sendo a desorganização do ensino universitário, principalmente, em consequência da prolongada greve havida no primeiro semestre.

Os professôres recebem por aula e estas, são muito mal remuneradas (R\$ 300,00). Ora, havendo greve, os professôres não foram pagos e muitos deixaram a cadeira. A situação pior é do curso de filosofia, o qual está sem professor das matérias mais importantes, como: introdução à filosofia, metafísica, teoria do conhecimento, etc.

Os alunos, em geral, são pouco interessados e as turmas pequeníssimas.

As bibliotecas são também muitíssimo deficientes.

1.7 - Visita à Faculdade de Filosofia da Universidade Católica:

Em visita a esta escola, pudemos observar a precariedade de instalações e confirmar algumas das informações que nos haviam sido dadas por outras pessoas, como o número reduzido de alunos em cada turma.

1.8 - Visita à Escola de Serviço Social da Universidade Católica:

A citada escola é dirigida pelas irmãs missionárias de Jesus Crucificado.

O número de alunas é reduzido.

Além do Curso de Serviço Social há, anualmente, na Escola um curso de cooperativismo, o qual é feito em colaboração com o M.E.C. A duração do curso é de três meses e as turmas são, em geral, de 30 alunos. Na turma atual há, inclusive, alunos estrangeiros.

1.9 - Entendimentos com um dos planejadores do Centro Popular de Cultura.

Foi bem rápido este nosso entendimento e o que conseguimos saber a respeito do citado Centro é que é um movimento, mais ou menos, nas bases do Movimento de Cultura Popular do Recife.

Foi manifestado o desejo de ter a nossa colaboração na cartilha que pretendem elaborar, porém, por falta de tempo não pudemos ter um entendimento em bases mais concretas.

Em geral, são universitários, ao que parece, esquerdistas que estão à frente desse movimento.

1.10 - Visita à sede da CNEG:

A visita à sede da CNEG foi muito rápida. Apenas pudemos observar as instalações que são muito deficientes.

Recebemos dois exemplares do boletim da CNEG.

O diretor da Campanha no Maranhão é o Dr. José Se-guins, que, atualmente, está também como Diretor de Educação na Secretaria de Educação e Cultura do Estado.

1.11 - Entendimentos com industriais paulistas:

Entramos, ainda, em entendimentos com um grupo de industriais paulistas que pretende desenvolver, no Maranhão, um plano semelhante ao da SUDENE, se bem que em menores proporções.

Atualmente, estão estudando a melhor área para aplicação de seu plano e começarão mantendo 18 escolas, as quais já estão instaladas em condições muito deficientes e que iam ser fechadas por ter havido esquecimento dos srs. deputados de tratar da verba que as vinha sustentando.

1.12 - Diversos:

Parece haver uma grande preocupação em fundar Escolas Normais Regionais e Ginásios gratuitos para elevação de prestígio social e político dos seus fundadores.

Grande é o número de professôres não-normalistas no Estado.

A supervisão do ensino é feita de modo muito deficiente por duas seções da Secretaria de Educação. Estas seções têm finalidades diferentes e nada, a não ser a influência política, justifica essa divisão das escolas, pois são tôdas do mesmo tipo e na mesma área.

O salário é bastante baixo, principalmente o das professoras municipais e particulares. Tôdas as professoras pertencem a um mesmo nível, não importando tempo de serviço ou especializações.

A admissão como professôra, diretora ou inspetora é sempre na base de influência política e, por conseguinte, não tem estabilidade.

A promoção dos alunos é feita através de testes, organizados pela Secretaria, notando-se muito protecionismo ou prevenção por parte das professoras, conforme nos informou a própria Secretaria de Educação.

Os livros adotados no Curso Primário são escolhidos pela professôra, dentro da lista de livros aprovados pela Câmara, para cada período de cinco anos, no entanto, conforme nos informou a Secretaria de Educação, quase tôdas as escolas estão adotando o livro: "Vamos Estudar".

O Diretor de Educação da Secretaria de Educação, assumiu, há pouco tempo o cargo e fala em fazer uma série de modificações. Uma delas será a utilização da maquinaria e dos instrumentos, fornecidos pelo INEP, para Artes Industriais, com o aproveitamento de ex-bolsistas dos Cursos de Artes Industriais do INEP, no Rio e na Bahia.

2 - Ceará:

2.1 - Entendimentos com a Secretaria de Educação:

Visitamos os vários departamentos da referida Secretaria e conseguimos os seguintes documentos: 1 - Mapa de distribuição das Escolas Normais do Estado e indicação dos tipos de escola; 2 - Dados estatísticos sobre o ensino em 1960: número de unidades escolares; número de classes; corpo docente, com discriminação de instituição mantenedora, isto é, a distinção entre escolas estaduais, municipais e particulares; matrícula geral e efetiva; aprovações e conclusões; 3 - Regulamento do Ensino Normal; 4 - Instrução nº 1 para o desenvolvimento do plano de trabalho das Escolas públicas Primárias.

Notamos falta, quase absoluta, de dados na Secretaria de Educação e quanto aos dois últimos documentos citados não estão, absolutamente, postos em prática, conforme nos informou a própria Secretaria. Falam em reformas para o próximo ano.

Há um grande número de professoras não-normalistas no Estado, principalmente, como interinas.

Não há supervisão e a influência política é grande. Em consequência disso, grande é também o número de professoras diplomadas postas à disposição de outros serviços que algumas vezes, não têm nada com educação.

O salário não é dos mais baixos. As professoras foram, agora, aumentadas para @ 15.000,00 porém fomos informadas de que, até bem pouco tempo, o salário era de @ 2.500,00.

Tôdas as professoras estão dentro de um mesmo nível e sua admissão não é através de concursos, mas por influência política.

2.2 - Visitas à CAMEC:

A Campanha de Aperfeiçoamento do Magistério do Esta

do do Ceará foi idealizada e é dirigida pelo Prof. Evaristo Linhares, do quadro da Secretaria de Educação e ex-bolsista do IV Curso de Especialistas em Educação para a América Latina, em S. Paulo. Colabora também na Campanha sua esposa, a Prof^{ma} Nilsa Linhares, professora secundária com estágio no Serviço de Recursos Áudio-Visuais do CRPE de S. Paulo.

A Campanha tem sede própria e mantém três tipos de cursos de aperfeiçoamento para professoras primárias: 1- Cursos pelo Rádio; 2 - Cursos na própria sede e 3 - Semanas Pedagógicas no interior do Estado.

Os primeiros são realizados tôdas as quintas-feiras, através da Rádio Assunção. Está muito bem organizada, como podemos ver através dos documentos que conseguimos e que enumeraremos mais adiante, porém fomos informadas de que os mesmos são pouco profundos.

Os documentos que conseguimos foram: a) pastas para as apostilas do Curso; b) quadro do teste de múltipla escolha; c) apostila de Atividades Artísticas; d) envelope onde são enviadas à sede as informações sobre o curso nas diversas cidades; e) certificado; f) plano do curso de atividades artísticas; g) ficha de instalação do curso em cada lugar; h) ficha de aula; i) mapa de controle de freqüência; j) mapa de matrícula; l) ficha da aluna; m) ficha social do aluno; n) ficha de contato com os cursos nas diversas cidades; o) mapa de controle de freqüência e dos resultados. Todo êsse material é feito em cores diferentes para a capital e para o interior.

Os cursos na sede funcionam também às quintas-feiras. No momento em que lá estivemos, estava havendo um curso de música, aplicada à escola primária. Êste curso, tivemos oportunidade de observar e nos pareceu superficial.

2.3 - Visita a Escolas Primárias e Normais:

2.3.1 - Visita ao Grupo Escolar Cláudio Martins (capital)

No citado estabelecimento tivemos oportunidade de assistir à festinha comemorativa do Dia da Criança, a qual foi bastante fraca.

O Grupo funciona em dois turnos, sendo, pela manhã, as meninas e à tarde, os meninos. Tem cêrca de 300 alunos, distribuídos numa média de 35 a 40 alunos para cada turma, da 1ª série à 5ª, tendo ainda, a classe chamada de "alfabetização" e que pretende corresponder ao Jardim.

Apesar de haver a determinação da Secretaria para obedecer a limite de idade para cada série, nessa escola, como em quase tôdas as outras, principalmente, nas mais afastadas do centro da cidade, isto não é observado.

As instalações são regulares.

2.3.2 - Visita ao Grupo Escolar Juvenal Galeno (Capital).

Este grupo fica quase no centro da cidade e, conforme nos informaram é um dos melhores de Fortaleza.

Tem cêrca de 700 alunos, distribuídos em dois turnos. O primeiro turno é feminino e o segundo, masculino. Há várias turmas de cada série, cada uma com uma média de 35 alunos.

O prédio é bastante grande.

Atualmente, as classes estão, quase tôdas na mão de interinas, a maioria delas não diplomadas.

O serviço de biblioteca e de ensino religioso está bastante organizado, possuindo ambos, um bom número de material didático.

Por iniciativa de uma professôra do turno da manhã, o programa a ser desenvolvido em cada dois meses é organizado por uma comissão formada por professôras da escola.

Tivemos oportunidade de dizer à diretora que, diga-se de passagem, é uma pessoa bastante receptiva, que não concordávamos muito com êsse sistema, primeiro, pela sua rigidez e depois, pelo fato de muitas professôras de classe não terem oportunidade de dar suas sugestões, pois a mesma comissão organizava os programas para tôdas as classes.

Os métodos de ensino não são muito atualizados, havendo desconhecimento quase total dos métodos globais.

2.3.3 - Visita ao Instituto de Educação:

O atual Instituto de Educação consta, atualmente, do curso primário e normal.

Tem 1218 alunos, sendo 240 no curso normal e 978 no curso primário e Jardim da Infância, distribuídos numa média de 40 alunos em cada turma, tanto no curso normal, como no primário.

O prédio é novo e não nos pareceu dos piores; os professores, no entanto, sentem falta de muitas acomodações.

O terreno é bastante grande e, conforme fomos informadas, o INEP prometeu construir, brevemente, acomodações especiais para o Jardim da Infância.

Há duas salas destinadas à orientação das normalistas, no que se refere à confecção de recursos áudio-visuais. Por ocasião da nossa passagem por esta escola, estava sendo dada a técnica de confecção de cartazes e pudemos observar um grande número de trabalhos já realizados pelas alunas. O material é o mais simples possível. Este serviço é novo, na escola.

2.3.4 - Visita ao Colégio Sagrado Coração:

Este estabelecimento é dirigido pelas irmãs dorotéias.

Possui 694 alunas distribuídas da seguinte maneira: 1 - Curso Primário: Infantil (62 alunas); 1ª série A (42); 1ª série B (28); 2ª série (54); 3ª série (49); 4ª série A (40); 4ª série B (37); 5ª série A (32) e 5ª série B (24), perfazendo um total de 368 alunas; 2 - Curso Ginásial: 1ª série (44 alunas); 1ª série B (32); 2ª série (50); 3ª série (50); 4ª série (45), perfazendo um total de 221 alunas; 3 - Curso Normal: 1ª série (15 alunas); 2ª série (37); 3ª série (27), perfazendo um total de 79 alunas; 4 - O Curso Colegial só tem a 1ª série com 26 alunas.

No Curso Normal, a prática de ensino e visitas a escolas são pela manhã e as demais matérias, à tarde.

De acordo com os planos de estudo do Estado, para o Curso Normal, só há Português na 1ª série, porém esse estabelecimento dá também esta matéria, na 2ª série.

As instalações são regulares. Possui salas com material de ciências, física e química, porém os professores não se utilizam do mesmo, conforme o formulário preenchido pela diretoria.

2.3.5 - Visita ao Colégio N. Sra. das Graças:

O referido Colégio é dirigido pelas irmãs da Ordem das Filhas do Coração Imaculado de Maria.

Possui: 1- o Curso Normal com 82 alunos, sendo 19 na 1ª série; 26, na segunda e 37, na 3ª; 2 - o Curso Ginásial com 71 alunas, sendo 25 na 1ª série; 18, na segunda; 12, na terceira e 16, na 4ª; 3 - o Curso Primário com 268 alunas, sendo 52 no Jardim; 24, na classe de alfabetização; 37, na 1ª série; 40, na 2ª; 42, na 3ª; 37, na 4ª e 36, na 5ª; 4 - à tarde, duas turmas de alfabetização mantidas e dirigidas pela prefeitura: uma, com 25 alunos e outra, com 22. Contando com as turmas da prefeitura, o Colégio possui 468 alunas.

O ensino parece ser bastante atualizado e o Colégio possui bastante material didático.

As instalações são regulares.

De acordo com o formulário respondido pela diretoria, possui alguns aparelhos para o ensino de física, química e ciências naturais, porém não possui substâncias químicas.

O material que possui é utilizado, apenas pelos professores de ciências e o de física, na proporção de 1 aula prática para cada 10,15 e 10 aulas teóricas, respectivamente.

2.3.6 - Entendimentos com professores da Faculdade de Filosofia:

Tivemos, ainda, oportunidade de entrar em contato com o Dr. Valnir Chagas, do Conselho Federal de Educação e outros professores da Faculdade, acima mencionada.

Entre as outras coisas tratamos da necessidade de um plano de ação educacional para o Estado do Piauí, onde o ensino está completamente desorganizado, inclusive em Teresina. Conforme fomos informadas, nem sequer existe Secretaria de Educação do Estado.

Falamos também sôbre as atividades do nosso Centro.

2.3.7 - Diversos

Em tôdas as Escolas Normais, que visitamos, a maioria dos professôres não tem curso de filosofia. Quando muito têm o curso da CADES.

O prof. Evaristo Linhares nos consultou acêrca da possibilidade de elementos do nosso Centro darem cursos de aperfeiçoamento para professôras em Fortaleza, ficando a passagem por conta do referido Centro e a estadia por conta da Secretaria de Educação do Ceará.

Fomos informadas também de que, ùltimamente, o PABAEE tem dado vários cursinhos de aperfeiçoamento, devendo iniciar um, no dia seguinte à nossa saída de Fortaleza.

3 - Rio Grande do Norte:

3.1 - Visita às Escolas Normais:

3.1.1 - Visita ao Instituto de Educação de Natal.

O referido estabelecimento é dirigido pela Prof^ª Francisca Nolasco.

Conta com 178 alunas no Curso Normal, sendo 38 na 1^ª série; 32, numa turma da 2^ª série e 29 em outra; 39, numa turma da 3^ª série e 40, em outra. Na 1^ª série há um rapaz e 37 moças.

No referido Instituto só funciona o curso primário e o normal.

A equipe de professôres é bastante atualizada e conseqüentemente, o ensino. Seis professôres do Curso Normal têm cursos de especialização no PABAEE e procuram dar a mesma orientação, que receberam, à turma.

As alunas preparam muito material didático, do mais moderno possível; realizam pequenas pesquisas na cadeira de matemática e fazem muito trabalho em grupo, sem falar nas pesquisas bibliográficas que fazem, dentro de cada área; planejam unidades de trabalho e escrevem pré-livros e histórias para crianças na cadeira

de metodologia da linguagem.

O curso primário segue o mesmo ritmo de trabalho e atualização.

As instalações são satisfatórias.

Tanto a biblioteca do curso primário, como a do curso normal são bastante organizadas.

Apesar da boa qualidade do ensino, há um certo desprezo pela profissão de professora primária, que faz com que só as das classes mais baixas procurem o curso normal.

Por ser, o Instituto de Educação, uma escola do governo, nêle, êsse problema é sentido com mais evidência, porém a diretora e os professores estão empenhados em fazê-lo desaparecer e, conforme nos informou a diretora, já há um pouco menos de revolta em ser aluna do Instituto de Educação.

Com a orientação do Pe. Nivaldo Monte, professor de Psicologia da Escola, as alunas realizam, freqüentemente, festas na escola com a colaboração de rapazes estranhos à mesma.

Apenas a professora de música não está de acôrdo com as inovações, porém, já está fazendo algumas concessões, dentro da sua matéria.

Os professores procuram relacionar as matérias. Conseguiu a fôlha de avaliação de prática de ensino das normalistas.

3.1.2 - Visita à Escola Doméstica

Esta Escola é freqüentada, quase que exclusivamente, por moças da classe alta.

As instalações são ultra-modernas e luxuosas, o que nos parece, não se coadunar muito com a pobreza da cidade e do Estado.

As turmas são, em geral, pequeníssimas.

Possui escola maternal, Jardim da Infância e Pré-primário, que correspondem ao 1º, 2º e 3º período do nosso Jardim da Infância, respectivamente.

O Curso Primário vai da 1ª à 5ª série.

O Curso Doméstico é de cinco anos em horário integral e regime de internato. As alunas dão as matérias do curso ginasial, mais Puericultura, Arte Culinária, Decoração, etc.

A Escola possui uma creche com crianças de 0 a 2 anos, para prática das alunas do Curso Doméstico. Cada uma toma conta das crianças durante três dias. Nos dois primeiros dias, são consideradas auxiliares e no terceiro, mãe. Há sempre três alunas, cuidando das crianças. Cada dia, há uma aluna que inicia o estágio e outra, que termina. São orientadas pela professora de puericultura e pelo pediatra. Há, em geral, de 6 a 10 crianças na creche. Ao atingir os dois anos são devolvidas aos pais. As alunas também praticam um pouco em hospitais e maternidades assistindo a operações e partos.

Para prática de Arte Culinária, há dois "laboratórios".

O Curso Normal começou, há pouco tempo, de modo que ainda não tem a terceira série.

No Curso Normal só são recebidas alunas que fizeram o Curso Doméstico na Escola e as matérias que já foram dadas neste curso, não são mais dadas, embora o sejam nas outras Escolas Normais do Estado. Por exemplo, não há a cadeira de Higiene e Puericultura, Psicologia, Artes Aplicadas, etc.

Em todos os cursos o ensino é atualizadíssimo. Os professores, em geral, têm cursos no PABAE ou nos Estados Unidos.

Desde os primeiros anos do Curso Primário, estuda-se inglês.

As bibliotecas, isto é, a do Curso Primário e as dos outros dois cursos são muito bem organizadas.

A Escola é de orientação católica.

3.1.3 - Visita ao Colégio Imaculada Conceição:

O referido colégio é dirigido pelas irmãs Dorotéias.

Tem: 1 - o Curso Primário com 297 alunos, sendo 31

do Jardim; 35 do preliminar; 40, do 1º ano; 47, do 2º ano; 46, do 3º; 47, do 4º e 51 do Admissão; 2 - o curso ginásial com 219 alunas, sendo 50 da 1ª série; 53, da 2ª; 49, da 3ª; 27, da 4ª série A e 40, da 4ª série B; 3 - o curso clássico com 55 alunas, sendo 35 da 2ª série e 20 da 3ª; 4 - o curso normal com 81 alunas, sendo 33 da 1ª série; 26, da 2ª e 22, da 3ª. O Colégio tem ao todo 643 alunas.

A freqüência é muito boa, cêrca de 90%.

As instalações são satisfatórias.

O ensino do curso normal e primário pareceu-nos não muito atualizado.

Possui uma grande quantidade de material didático para o ensino religioso.

3.2 - Visita ao Centro de Pesquisas da Secretaria de Educação:

Este Centro é dirigido pela Profª Lia Campos, do Centro de Orientação do Rio Grande do Sul, posta à disposição deste Centro, juntamente com a Profª Cecília Cardoso Alves.

Consideramos excelente o trabalho, que vem sendo realizado por êsse Centro, o que pode ser constatado através de documentação que conseguimos, a qual consta de: 1 - quadro sôbre o ensino normal; 2 - modelo do questionário para colheita dos dados para o quadro sôbre o ensino normal; 3 - programas do curso primário; 4 - ante-projeto de Lei da Formação do Magistério Primário; 5 - quadro das Inspetorias Regionais de Ensino, de acôrdo com o Ante-projeto de lei; 6 - instruções sôbre o curso de suficiência; 7 - matrícula do curso primário nos diferentes municípios; 8 - número e habilitação do corpo docente das escolas primárias; 9 - matrícula real das escolas primárias; 10 - relação dos municípios e distritos do Estado; 11 - Unidades de Trabalho realizadas pelas escolas primárias.

3.3 - Visita ao MEB

Desta visita colhemos as seguintes informações:

Até o momento a maior preocupação do MEB foi esten-

der a r ede de escolas radiof onicas, por em, agora, que o movimento j a conta com 1410 escolas distribu idas em mais de 50 municípios, portanto mais da metade dos municípios j a estando atendidos e com 24.000 alunos, j a começam a pensar em aprofundar o trabalho.

O MEB de Natal j a instalou tamb em 20 escolas nas cidades limítrofes da Paraíba.

De um modo geral, a meta tem sido: politiza o e alfabetiza o de adultos.

Procuram usar o método global e as aulas são de 45 minutos diários.

Quanto   distribu o dos rádios,   feita mediante autoriza o do vigário da paróquia.

As aulas abrangem da 1 a   4 a série.

Os cursos de treinamento para os monitores são de quatro dias, exigindo-se, além disso, que saibam ler e escrever e fazer as quatro opera es.

Em cada paróquia, há um órgão de coordena o.

Os livros, atualmente, usados são: a cartilha "Ler" e uma do Ministério de Educa o e Cultura. Por serem, ambas, inadequadas, o MEB está preparando uma cartilha para as escolas radiofônicas, do nordeste. Além dessas leituras têm, ainda, o jornal das escolas radiofônicas, livrinhos sôbre problemas de saúde, higiene, etc. e folhetos de politiza o.

Mensalmente, os alunos fazem testes e cada escola tem uma ficha com os resultados.

Com essa visita conseguimos os seguintes documentos: 1 - apostila sôbre a "Missão das Escolas Radiof nicas"; 2 - horário dos programas do MEB; 3 - ficha de chamada de alunos; 4 - modelos de testes da 1 a, 2 a e 4 a série; 5 - quadro de cada escola com número de alunos em cada classe; freq ncia e aprova es; 6 - ficha social do aluno; 7 - ficha de aproveitamento do aluno; 8 - ficha de pedidos de jornais.

3.4 - Visita às escolas da prefeitura.

Visitamos essas escolas em cinco bairros.

As escolas funcionam em barracões cobertos de palha. Em cada bairro há, em geral, 3 barracões juntos, cada um com 3 a 5 classes.

A matrícula é de cerca de 40 alunos em cada classe, porém a frequência não é das melhores.

As escolas têm, apenas, até a 3ª série. Nelas está se tentando usar o método global. Causou-nos surpresa tôdas as professoras, apesar de serem leigas, estarem usando a letra "script".

Estas escolas fazem parte de uma campanha que tem por "slogan": "De pé no chão também se aprende a ler". Já estão, agora estendendo a campanha ao âmbito profissional. Barracões idênticos aos das escolas primárias estão sendo construídos, ao lado destas, para, nêles, funcionar cursos profissionais, tendo por "slogan": "De pé no chão também se aprende uma profissão".

A campanha se preocupa também com o problema de recreação. É uma campanha de cunho mais político e, mais ou menos, nas bases do Movimento de Cultura Popular.

As coordenadoras têm, quase tôdas, cursos de especialização fora do Estado (INEP - PABAE - UNESCO, etc.)

Fomos informadas de que a campanha tem mais extensão que profundidade, porém achamos que está havendo preocupação, principalmente por parte das coordenadoras, de aprofundá-la.

Já estão também pensando na instalação de um Centro de Treinamento de Professôres. O pavilhão já está sendo construído e o ante-projeto que regulamenta os cursos está em fase de conclusão.

Tivemos uma demorada reunião com duas das coordenadoras da campanha e discutimos o ante-projeto e em consequência desta reunião algumas modificações foram feitas.

As professoras leigas, antes de iniciarem suas atividades profissionais fazem um cursinho de treinamento de dois meses.

Antes de serem fundadas as escolas, foi feito um levantamento do número de analfabetos e em cada rua há uma faixa in-

dicando o número de analfabetos que aí existe.

A campanha tem, atualmente, uma matrícula de 15.000 alunos.

3.5 - Semana das Normalistas.

Tivemos ocasião de participar da primeira sessão dêste seminário e obtivemos o programa da Semana.

O Seminário tem por finalidade aproximar as alunas das três escolas normais de Natal e tentar despertar nas mesmas um maior entusiasmo pela profissão.

A iniciativa foi das alunas do Instituto de Educação, porém foi muito bem aceita pelas duas outras escolas.

As próprias alunas foram as expositoras e debatedoras.

Os trabalhos expostos foram sempre trabalhos de equipe.

Os trabalhos apresentados na 1ª sessão versaram sobre: formação e qualidades do professor e foram apresentados por duas alunas da Escola Doméstica.

Não houve muito debate, porém as expositoras ao responderem as perguntas se mostraram muito seguras.

Em todos os locais da cidade colocaram cartazes, confeccionados por elas mesmas.

3.6 - Diversos

O professor primário no Rio Grande do Norte é por demais desvalorizado e assim sendo, quase ninguém quer ingressar no magistério. O salário do Estado é baixíssimo. Em consequência disso, 90% ou mais do professorado primário do Rio Grande do Norte é leigo.

As professoras diplomadas, além de poucas, estão quase todas em colégios particulares ou em outras profissões pois assim têm possibilidade de ganhar muitíssimo mais.

É verdadeiramente lamentável que o Estado não remunere melhor as professoras e não aproveite as diplomadas, pois, a nosso

ver, é o Estado do nordeste que melhor está preparando o seu professorado, isto é, onde os cursos normais estão mais atualizados, pelo menos nas matérias profissionais.

A influência política na educação é sentida de modo ainda muito marcante.

4 - Belém:

Apesar de Belém já estar numa outra região e de ter sido a viagem em caráter particular, aproveitamos a oportunidade para visitar também escolas e instituições ligadas ao ensino.

Visitamos: 1 - o Grupo Escolar "Prof^ª Anésia", o qual fica num subúrbio; 2 - o Grupo Escolar "Barão do Rio Branco", no centro da cidade; 3 - o Grupo Escolar Prof^ª Sena Freire", anexo ao Instituto de Educação do Pará; 4 - a Superintendência do Serviço de Orientação, cuja responsável é a Prof^ª Poranga Cruz Jucá; 5 - A Escola "Monsenhor Álvares de Azevêdo", que é uma escola para cegos e funciona no Instituto Lauro Sodré, escola profissional do Estado.

O Secretário de Educação atual é o Dr. Benedito Celso de Pádua Costa.

Visitamos, ainda, a Faculdade de Filosofia e o Colégio Santo Antônio, dirigido pelas Irmãs Dorotéias.

Entramos ainda em contato com os professores especialistas em educação pela UNESCO, com curso feito no CRPE de São Paulo.

De um modo geral, a educação no Pará, nos pareceu muito deficiente, não só de ponto de vista metodológico, mas também do ponto de vista das instalações.

Os professores, além de terem um baixo salário, desde vários meses não o recebem e em consequência disso, faltam às aulas, ficando os alunos, praticamente sem escola. Há uma completa falta de estímulo para os professores desempenharem sua missão.

Chamou-nos particular atenção o Jardim da Infância do Grupo Escolar "Barão do Rio Branco", o qual parece estar bastante atualizado.

O Jardim da Infância da Escola de Aplicação do Ins-

tituto de Educação também faz um bom trabalho, porém as condições ma teriais não ajudam.

5 - Diversos

Em todos os lugares em que estivemos, sentimos uma boa aceitação e um desejo mesmo de receber orientação do nosso Centro, se bem que não o conhecessem nas verdadeiras proporções. Uns, nem sabiam da existência do nosso Centro e outros, faziam uma idéia por demais grandiosa do mesmo.

De todos os Estados visitados, é no Rio Grande do Norte onde sentimos mais esforços pela melhoria do ensino.

Em todos os Estados distribuimos várias publicações do INEP e do nosso Centro.

Janise Pinto Peres
Janise Pinto Peres

ANTE-PROJETO DA ESCOLA DE DEMONSTRAÇÃO DO CRPE DO RECIFE

ESTRUTURA E FUNCIONAMENTO

ÍNDICE GERAL

	Pg.
1. ESCOLA DE DEMONSTRAÇÃO DO CRPE DO RECIFE	1
1.1. CONSTITUIÇÃO DA COMISSÃO DE PLANEJAMENTO DA E.D.	1
1.2. NATUREZA DA E.D.	1
1.3. OBJETIVOS DA E.D.	2
1.4. RECURSOS	3
1.5. PESSOAL	4
1.6. SUPERVISÃO DA E.D., PELA DAM	4
2. CURRÍCULO	4
3. ATIVIDADES ESPECIAIS	5
3.1. AUDITÓRIO	5
3.2. BIBLIOTECA	5
3.3. ATIVIDADES EXTRA-CLASSE	6
3.4. CÍRCULOS DE PAIS	6
4. DISTRIBUIÇÃO DAS CLASSES, EM 1963	6
5. HORÁRIO ESCOLAR	7
6. ADMINISTRAÇÃO DA E.D.	7
7. HORÁRIO DO PESSOAL TÉCNICO E AUXILIAR	8
8. CURSO-SELEÇÃO	8
9. CURSO-TREINO	10
10. ESTÁGIOS	10
11. CURSOS DA DAM	12

1. ESCOLA DE DEMONSTRAÇÃO DO CRPE DO RECIFE

1.1. CONSTITUIÇÃO DA COMISSÃO DE PLANEJAMENTO DA E.D.

No dia 2 de outubro de 1962, foi constituída, pela Divisão de Aperfeiçoamento do Magistério do C.R.P.E. do Recife, uma Comissão, com o fim de estudar, analisar e debater os problemas pertinentes à estruturação e ao funcionamento da "Escola de Demonstração" do mesmo Centro.

Considerando as vantagens do trabalho em grupo e a experiência docente, sobretudo de direção e de cursos realizados, por parte das pessoas convidadas, a Comissão passou a ser integrada pelas seguintes pessoas:

Prof^ª. Maria Luíza de Melo, ex-bolsista do INEP, na Universidade de Indiana, em cursos de Administração Escolar, atualmente inspetora-orientadora da Secretaria de Educação e Cultura, com função de orientadora educacional no Grupo Escolar Clóvis Beviláqua;

Prof^ª. Célia Cavalcanti do Amaral, ex-bolsista do INEP, em dois cursos de Administração Escolar e atualmente dirigente da Escola de Aplicação anexa ao Instituto de Educação de Pernambuco;

Prof^ª. Raquel Correia de Crasto, Orientadora Educacional do Instituto de Educação de Pernambuco e diretora do Instituto Capibaribe;

Prof^ª. Marcionila Holanda Rand, ex-bolsista do INEP, na Universidade de Indiana, atualmente à disposição do C.R.P.E. do Recife; e

Prof^ªs. Maria Graziela Peregrino e Janise Pinto Peres, respectivamente, Coordenadora e Assistente da Divisão de Aperfeiçoamento do Magistério do C.R.P.E. e relatoras deste Ante-Projeto.

A partir do dia 9 de outubro, houve um total de 10 reuniões, incluindo, nas duas primeiras, as visitas que constaram de uma demorada observação a todas as dependências da E.D., para fins de apreciação pedagógica dos pormenores da construção e futura utilização das dependências. Na segunda dessas visitas, a Comissão contou com a presença do arquiteto da obra, Dr. Luiz Acioli, do INEP.

As reuniões, estritamente para estudo dos problemas da E.D., foram em número de oito, durando, em geral, de duas horas a três horas.

No dia 5 de dezembro, realizou-se a última reunião, com a leitura comentada da minuta do presente Ante-Projeto.

É óbvio acrescentar que esse período de outubro a dezembro, além de ter contribuído para uma melhor aproximação e entrosamento dos membros da Comissão, serviu para o amadurecimento de opiniões e pontos-de-vista, com resultados práticos apreciáveis.

1.2. NATUREZA DA E.D.

A Escola de Demonstração, a partir de 1963, será um órgão de experiência didática, através de suas classes iniciais e de acordo com o tipo de ensino ministrado nas mesmas. Será um órgão de experiência, mas não no sentido de apresentar

inovações didáticas, lançadas ao acaso. Pelo contrário: a estruturação da Escola de Demonstração está a exigir um criterioso programa didático, de tal categoria e profundidade, que possibilite uma experiência da melhor significação humana, no plano individual e social.

Uma Escola de Demonstração, como diz o nome, existe para demonstrar alguma coisa, inclusive a validade do que se quer demonstrar, com resultados a colher, não por fruto da casualidade, mas de uma verdadeira relação causal, derivada de procedimentos, processos e atitudes do seu magistério qualificado.

Nada mais desabonador para uma Escola de Demonstração do que a rotina sem afã de renovar e de melhorar os seus padrões. Perderia o nome, a qualidade e a função essencial de ser uma "Escola de Demonstração", para tornar-se uma escola comum, sem nada que a diferenciasse das demais, senão a excelência das instalações e de outros recursos técnicos e materiais.

Assim sendo, sem abstrair a realidade sócio-econômica e sócio-cultural da nossa cidade, do nosso estado e da nossa região, mas firmando-se nela mesma, para ser uma instituição com raízes, e não uma implantação "ad extra", a Escola de Demonstração tem uma função essencial a cumprir. Ela há de ser, nesta região do Nordeste, um órgão executor e, simultaneamente, estimulador de outras experiências didáticas, com o objetivo de promover uma educação condigna à pessoa humana, nas suas condições corporais e espirituais.

É, pois, com justificadas razões, que se pode falar no "espírito" da "Escola de Demonstração", sem que isso incorra em lirismo pedagógico.

À Escola de Demonstração pode dar-se uma significação própria, que não se confina apenas no aspecto material de seu prédio ou do seu funcionamento, com classes e programas em execução. Mas a sua significação principal é do "espírito" que informa toda a atividade pedagógica e didática, da mentalidade que vincula os seus membros numa comunidade, quanto possível, comunidade de pensamento, de ação e de vida autêntica.

1.3. OBJETIVOS DA E.D.

Da sua natureza, decorrem os seus objetivos próprios, que são, de modo mais preciso, imediatos e mediatos.

Os objetivos imediatos, na ordem da ação, confundem-se com a promoção humana dos alunos, através de suas experiências vitais de currículo. Poderíamos caracterizar esses objetivos pela própria experiência escolar, na persecução de uma aprendizagem ajustada à vida e aos seus valores essenciais.

Os objetivos mediatos, se bem que estreitamente unidos aos imediatos e até certo ponto decorrentes deles, numa simbiose educacional "sui generis", podem ser atingidos, quer considerando o pessoal discente, quer o pessoal docente, de que, ainda, não falamos. Todavia, numa Escola de Demonstração, parece-nos que este ponto é igualmente essencial.

A Escola de Demonstração atinge, em plenitude e em desidade psicológica, não só o aluno, que se promove como homem, racional e livre, mas o professor, que alcança, por meio de um aperfeiçoamento buscado e consentido, uma outra plenitude, a profissional, que se fundamenta na condição essencial de pessoa.

Eis porque, em linhas gerais, parece fácil traçar os objetivos de uma Escola de Demonstração, embora sabendo, por antecipação, que o "modus operandi" desses objetivos possa falhar, por motivos humanos.

Entretanto, cumpre aos educadores que ajam como se nada houvesse a lhes entrar os processos e planos, a fim de que superem com otimismo realístico as dificuldades que se acumularem.

A própria condição de "demonstrabilidade", que emerge da natureza dessa Escola, exige dos seus professores e dos seus estagiários uma "docilidade de espírito" (sem que isto se confunda com submissão e conformismo estéril), que lhes permita trabalhar "como quem ensina e aprende", ao mesmo tempo, aprofundando as tarefas diárias em uma dimensão distinta: a demonstração.

Parece que a "demonstração", ao ser a característica dominante de uma Escola, seja pelo que insinua, seja pelo que oferece, tenta usurpar outras características. No entanto, como Escola e porque Escola, é que poderá ser de "demonstração".

Assim, salvando o caráter de Escola, para que a Demonstração não usurpe (nem que seja por um mal-entendido), o valor e a função essencial de Escola, é preciso atentar para o que essa Escola é e oferece ao professorado, como órgão propulsor de novas experiências e de novas atitudes humanas para com as crianças.

1.4. RECURSOS

Em vista das suas funções altamente qualificadas e diferenciadas, uma Escola de Demonstração, para alcançar os seus objetivos, precisa de uma série de recursos a lhe sustentarem a estrutura.

Evidentemente, e para facilitar a discriminação, podemos resumir os recursos em dois grupos:

- A. Materiais -
 - a) Instalações do prédio e área do terreno
 - b) Serviços em funcionamento no prédio
 - c) Auxílios didáticos diversos
 - d) Patrimônio próprio ou garantia de manutenção.
- B. Pessoais -
 - a) Corpo docente qualificado
 - b) Administração qualificada em harmonia com o corpo docente
 - c) Clientela discente estável
 - d) Serviço adequado de auxiliares
 - e) Vinculação com a comunidade.

Em vista de ser a E.D. do CRPE uma entidade destinada a ter uma grande repercussão na educação primária do Nordeste - especialmente pela formação e aperfeiçoamento de professoras estagiárias - é de prever que o orçamento da E.D., em anexo, seja devidamente considerado em suas justas alegações.

Quanto aos outros itens de "pessoais", serão analisados em outros tópicos.

1.5. PESSOAL

Nos tópicos seguintes, especialmente 7, 8 e 9, este assunto será explicado.

1.6. SUPERVISÃO DA E.D., PELA D.A.M.

Entende-se esta supervisão não no sentido de uma fiscalização, mas de uma previsão, acompanhamento e co-avaliação das atividades docentes e discentes da Escola de Demonstração.

Por ser função específica da D.A.M., nos Centros Regionais onde funcionam Escolas de Demonstração, caberá de modo especial à Coordenadora da D.A.M. e à sua Assistente esta tarefa supervisora, no que concerne aos programas, métodos, atividades curriculares e extra-classe, estágios e cursos que se realizarem na Escola de Demonstração, ou por sua iniciativa, em outros locais, patrocinados pelo C.R.P.E.

Esta supervisão, todavia, deixa a critério da Diretora da E.D. a tarefa "ut sic" de direção, que lhe está afeta, sob sua responsabilidade direta, com os problemas conexos de pessoal e serviço da própria Escola.

A fim de efetivar um adequado entrosamento e eficiência do trabalho, a Coordenadora da D.A.M. e a Diretora da E.D. deverão manter entendimentos constantes, sobre os projetos comuns a atingir, realizando-se, para isso, reuniões pedagógicas semanais, ou quando o exigirem as necessidades do serviço.

2. CURRÍCULO

Com a finalidade de proporcionar uma base maior de experiências e conhecimentos à criança e de aplicar a lei de Diretrizes e Bases, o nosso currículo será de seis anos e abrangerá as seguintes áreas: Linguagem, Matemática, Ciências Naturais, Estudos Sociais, Atividades Artísticas e Artesanais e Religião.

As Atividades Artesanais, propriamente ditas, só serão realizadas nas duas últimas séries.

Quanto aos programas das diversas matérias serão organizados de acordo com as necessidades e interesses da criança e do meio. Os programas serão, portanto, bastante flexíveis, porém, as professoras deverão ter uma certa preocu-

pação em dar os assuntos sugeridos como o mínimo, pelo Estado, para cada série, a fim de que as crianças que saírem da Escola não sejam prejudicadas ao se matricularem em outras escolas. Esse ajustamento, aos programas do Estado, será feito de tal modo que não venha a prejudicar a qualidade do ensino.

Como até o momento, não há sexta série nas escolas do Estado, o programa da 5ª e 6ª séries abrangerá: Linguagem, Matemática, Estudos Sociais, Ciências Naturais e Iniciação Musical, seguindo, mais ou menos, os das duas primeiras séries ginasiais, dando-se ênfase aos assuntos de mais aplicação na vida diária dos alunos. Os programas de Atividades Artísticas e Artesanais e o de Religião serão mais amenos e mais flexíveis, por não serem matérias obrigatórias da primeira e segunda séries ginasiais.

A promoção será automática, dando-se especial atenção aos alunos que necessitarem de recuperação em qualquer uma das áreas. A recuperação será feita em horário especial, que não coincida com o trabalho de classe.

3. ATIVIDADES ESPECIAIS

3.1. AUDITÓRIO

A utilização do Auditório dará ensejo a que as crianças, devidamente assistidas por suas professoras, tenham programas de recreação e de educação artística, com uma continuidade tal que lhes forme as atitudes. Não será uma utilização esporádica, mas permanente, de modo a propiciar uma verdadeira educação estética da criança.

Além desse objetivo, o Auditório terá uma função social de indiscutível relevância, ao se constituir em centro de reunião das famílias dos alunos, em festividades e outras atividades previstas no calendário escolar.

Dada a importância da localização e excelência das instalações desse Auditório, no bairro de Apipucos, prevê-se uma larga utilização do mesmo, na promoção de reuniões, conferências, seminários, concertos, atividades teatrais, etc.

A Divisão de Aperfeiçoamento do Magistério está em vias de elaborar um Ante-Projeto de funcionamento do Auditório, com um regulamento próprio, de modo a limitar sua cessão eventual a outras entidades que o solicitarem, sem perturbar o ritmo normal dos programas do CRPE e da E.D.

3.2. BIBLIOTECA

Este tópico será apenas citado, para lembrar a importância que, no futuro, desempenhará a Biblioteca do CRPE, com vistas à clientela da E.D., professorado e alunos, sem omitir a sua contribuição como centro cultural da comunidade de Apipucos.

Na E.D., como atribuição normal da professora, haverá o plano de instalação de uma pequena biblioteca ou "estante" em cada classe, para que as

crianças se habituem à leitura e reflexão. Aliás, a disposição dos armários de classe é excelente, permitindo a sua imediata utilização como "estante" de livros, ao alcance das crianças.

3.3. ATIVIDADES EXTRA-CLASSE

Além das atividades citadas anteriormente, nos tópicos 3.1 e 3.2, haverá outros, como cooperativas, clubes de leitura, pelotão de saúde, etc. Esses assuntos serão estudados e debatidos por ocasião do Curso-Seleção e do Curso-Treino, em que a equipe a constituir-se, para a E.D., traçará os planos concretos de ação.

Assim, deixando margem à flexibilidade, sem elaborar um roteiro de modo taxativo, julgamos que o assunto, como o de currículo e outros citados neste Ante-Projeto, poderão ser objeto de estudos da equipe, no início do ano letivo de 1963.

3.4. CÍRCULOS DE PAIS

A Comissão de Planejamento, ouvida sobre este assunto, preferiu deixar também a fixação de um programa concreto de atividades a cargo da Diretora e do Grupo Docente da E.D.

Assim fazendo, a Comissão de Planejamento não se omitiu da tarefa, mas agiu no sentido de assegurar uma flexibilidade de funcionamento da E.D., estabelecendo, não obstante, critérios básicos de uma estrutura escolar, de acordo com os modernos recursos da psicologia educacional e da didática.

A necessidade de uma aproximação efetiva, e não apenas casual entre pais e professores está na pauta das nossas preocupações, de professoras, conscientes das reformas e transformações por que passa a vida atual.

Assim sendo, impõe-se, como decorrência natural do "status" do professor no ambiente escolar, que a sua atuação não se limite à sala de aula. Antes, pelo caráter de ampliação de suas atividades que a vida moderna vem exigindo, o professor toma consciência de inúmeros problemas de conteúdo familiar, trazidos à classe pelas crianças. Daí a importância básica dos círculos de pais e professores.

4. DISTRIBUIÇÃO DAS CLASSES, EM 1963

No primeiro ano de funcionamento da Escola, haverá apenas três classes, cada uma com o máximo de 30 crianças, abrangendo as faixas de idade entre 6 e 8 anos. A classe do pré-primário (ou adaptação) corresponderá ao 3º período do Jardim, para adaptar as crianças à Escola. As outras duas classes serão a 1ª série A e B, forte e fraca, de acordo com os resultados obtidos nos testes de maturidade e outros.

Nos anos seguintes, só serão matriculadas crianças para a classe de adaptação, efetivando-se o preenchimento gradual da Escola.* Os alunos da Escola terão a sua matrícula renovada, cada ano.

5. HORÁRIO ESCOLAR

No primeiro ano de funcionamento da Escola, as crianças só a frequentarão no horário da manhã, isto é, das 8 às 12 hs. e pelo menos uma vez por mês virão também, à tarde, para a sessão de auditório.

O horário parcial para as crianças, no primeiro ano de funcionamento da Escola, apresenta as seguintes vantagens:

- a) As professoras terão mais tempo para se aperfeiçoar.
- b) No primeiro semestre, haverá possibilidade de se realizarem cursos no horário da tarde, sem que haja participação nas classes, pois estas estarão ainda em fase de organização e adaptação.

Obs. À tarde, haverá um horário extra, para os alunos de "recuperação".

6. ADMINISTRAÇÃO DA E.D.

A Escola necessitará, de início, de 17 funcionários:

- a) uma diretora da Escola, que será também a supervisora dos estágios, com um salário de Cr\$ (Em tempo integral).
- b) uma orientadora educacional, em tempo parcial. Cr\$
- c) três professoras de classe, que serão responsáveis por todos os tipos de atividades com classes, inclusive Atividades Artísticas e também Recreação, na ausência da professora encarregada dessa atividade. Essas três professoras ajudarão, ainda, a diretora na supervisão dos estágios e terão um salário de Cr\$ (T.I.).
- d) uma professora de Recreação e Iniciação Musical, a qual ficará 1/2 hora por dia, com cada turma, alternando as atividades. Esta professora será também responsável pelas sessões de auditório, cooperativa e caixa escolar. Ela deverá ensinar danças folclóricas, jogos, etc., enfim, atividades que visem o desenvolvimento sensorial e estético da criança. Seu salário será de Cr\$ (T.I.)
- e) uma professora de Educação Física, a qual ficará, com as crianças, uma hora por dia, sendo 2 vezes na semana com cada uma das turmas de 1ª série e 1 vez com a classe de adaptação. Ela deverá realizar com as crianças, exercícios e jogos que visem o desenvolvimento físico das mesmas. Ela será também responsável pela cantina e ajudará a professora de recreação, na preparação e realização das sessões de auditório. Seu salário será de Cr\$ (T.I.)
- f) uma professora substituta, a qual deverá fazer trabalho de recuperação com os alunos das diversas turmas, em horário especial, que não coincida com o trabalho de classe, e substituir qualquer professora que necessitar se ausentar. Seu salário será de Cr\$ (T.I.)
- g) uma auxiliar de secretaria, cujo salário será de Cr\$ (T.I.)

~~h)~~

* Ver o gráfico anexo.

h) um médico, o qual deverá examinar cada aluno, pelo menos, uma vez por mês e acompanhar o tratamento dos que necessitarem. Nesse último caso, os alunos necessitados, irão ao seu consultório, por não haver, ainda, instalações médicas na Escola. Seu salário será de Cr\$ _____, sendo os tratamentos especiais pagos separadamente, embora seja dada mensalmente uma pequena taxa pelo compromisso de atender a essas crianças em seu consultório. (T.P.)

i) um dentista que atenderá as crianças em seu consultório, examinando cada uma, pelo menos, uma vez por semestre, e acompanhando o tratamento das que necessitarem. Seu salário será de Cr\$ _____ (T.P.)

j) uma cantineira, a qual será responsável, não só pela preparação do lanche diário, como também da conservação da cantina. Seu salário será de Cr\$ _____

l) três zeladores, ficando cada um responsável por uma classe. Um deles fará também serviços externos e os outros dois serão também responsáveis pela conservação das demais dependências da escola. Seu salário será de Cr\$ _____

m) um jardineiro, cujo salário será de Cr\$ _____

n) um vigia, com o salário de Cr\$ _____

Obs.: Os zeladores, jardineiro e cantineira serão contratados por 6 horas de serviços diários.

* T.I. = Tempo integral.

T.P. = Tempo parcial.

7. HORÁRIO DO PESSOAL TÉCNICO E AUXILIAR

As professoras de classe, que serão em número de três, a professora substituta e a professora de Recreação terão horário integral, ficando a tarde destinada ao planejamento e avaliação dos trabalhos, reuniões administrativas e outras atividades, como cursos de aperfeiçoamento.

A professora de Educação Física, no primeiro ano de funcionamento da Escola, em vista do pequeno número de alunos e do tipo de serviço que realiza, só será contratada em tempo parcial.

8. CURSO-SELEÇÃO

Esta seleção será feita, no mês de janeiro, através de um curso prático, com a duração de duas semanas, em horário integral.

Para o referido curso serão abertas inscrições. Algumas ex-bolsistas do INEP, sobre o trabalho das quais se tem referências elogiosas, serão convidadas a participar do curso.

As candidatas serão submetidas a testes escritos e entrevistas, os quais serão práticos e minuciosos, sendo destinado um dia a cada matéria.

As candidatas serão informadas, a respeito da matéria que será examinada em cada dia e responderão um questionário de inscrição, o qual esclarecerá sobre a formação, os antecedentes profissionais e dados sociais da candidata. No questionário de inscrição haverá um item sobre os conhecimentos e habilidades musi-

cais da candidata, os quais são de grande importância para professoras de classes iniciais.

Procedimento das provas escritas:

A - Linguagem, Matemática, Estudos Sociais, Ciências Naturais (uma prova para ca da matéria).

Apresentar-se-á, às candidatas, dois ou três assuntos do programa das classes iniciais para que cada uma exponha como transmitiria êsses assuntos à classe, o que permitirá sua avaliação sôbre o seu conhecimento a respeito dos métodos modernos de ensino.

B - Recreação, Atividades Artísticas, incluindo Iniciação Musical.

As candidatas deverão planejar atividades, nesses setores, a se realizarem no prazo de uma semana.

C - Psicologia

Apresentar-se-á, às candidatas, três casos, os quais elas deverão analisar, formular uma possível solução, justificando-a.

Procedimento das provas práticas:

As provas serão coletivas e em forma de debates, em Linguagem, Matemática, Estudos Sociais e Ciências Naturais. Os debates serão do tipo de círculos de estudos, evitando-se qualquer julgamento impressionista, à base da fluência verbal das candidatas.

As candidatas serão divididas em grupos de 10, no máximo.

Cada grupo terá um horário diferente, a fim de que tôdas as candidatas sejam avaliadas pelas mesmas pessoas, duas, no mínimo, escolhidas entre os elementos da DAM e especialistas nas diversas matérias. Cada grupo terá duas relatoras, para o que se adotará o sistema de rodízio.

A avaliação será feita através dos relatórios e da atuação nos debates, levando-se em conta, não só a segurança no assunto, como também a capacidade de trabalho em equipe.

Sôbre Recreação e Iniciação Musical, não haverá debates, porém as candidatas deverão preparar uma festinha de encerramento. Sôbre esta tarefa serão avisadas, logo no primeiro dia do curso.

Sôbre Atividades Artísticas também não haverá debates, porém as candidatas deverão executar 3 trabalhos com técnicas diferentes, de preferência os trabalhos citados no planejamento escrito.

No final da triagem, as candidatas deverão também ser submetidas a testes psicológicos.

As candidatas escolhidas, no fim do curso, serão admitidas na Escola de Demonstração, pelo período de um ano, em caráter probatório.

9. CURSO-TREINO

Em fevereiro, será iniciado o treinamento das professoras selecionadas, sendo também permitida a participação de outras professoras de Jardim e 1ª série.

O referido treinamento terá um caráter eminentemente prático e será realizado em horário parcial.

Esse treinamento terá por finalidade levar as candidatas a planejarem, dentro de princípios psico-pedagógicos, o trabalho, a ser realizado no primeiro mês de funcionamento da Escola, abrangendo as seguintes áreas: Linguagem, Matemática, Estudos Sociais, Ciências Naturais, Recreação e Iniciação Musical, Atividades Artísticas e Religião. Complementando o treinamento, haverá aulas de Administração Escolar e de Recursos Áudio-Visuais, conforme as necessidades do planejamento.

Os trabalhos práticos executados, em colaboração com todo o grupo, serão deixados para a Escola.

As participantes desse treinamento serão divididas em três grupos, de acordo com as classes que funcionarão na Escola (Pré-Primário, 1ª série A e 1ª série B).

Haverá uma reunião inicial para escolha do tema e sugestões de atividades e em seguida, cada grupo planejará o seu trabalho, o qual será apreciado pela orientadora da matéria em reunião com o referido grupo.

As orientadoras irão dando a fundamentação psicológica e metodológica, à medida que fôr sendo exigido pelo planejamento.

Na parte de Recreação e Iniciação Musical, as participantes aprenderão também canções, tipos de dramatização, etc.

10. ESTÁGIOS

É da mais alta importância, como decorrência natural da qualidade de uma Escola de Demonstração, que a questão dos estágios seja analisada com profundidade e crítica.

Parece-nos justo não admitir estágio no primeiro semestre de 1963. Isto se depreende de motivos ponderados: 1) as dificuldades iniciais de constituição das turmas. 2) relação das professoras com alunos de nível sócio-econômico e sócio-cultural bastante baixo e ainda sem experiência escolar. 3) dificuldades de formação homogênea de uma equipe de professoras, que possam trabalhar com segurança profissional a toda prova. 4) problemas de rendimento, decorrentes dos motivos supra indicados. 5) necessidade de dar maior atenção às crianças, como o objetivo primacial da Escola, sobretudo em vista de uma didática nova, que se imporá, se os resultados forem de bom nível.

Destas razões, parece-nos viável o estágio apenas no segundo semestre, quando houver maiores possibilidades de um trabalho mais harmonioso e de continuidade assegurada pelo êxito do 1º semestre.

Aberta esta possibilidade, ainda a depender dos resultados colhidos, e do número de dias letivos do 1º semestre, o que é matéria controvertível, na dependência do início exato do funcionamento da "Escola", parece-nos justificável incluir um plano de estágio, para 1963.

Ressaltamos que é justificável o plano, mas a sua concretização dependerá da efetivação das medidas acima indicadas.

Assim, propomos o seguinte plano de estágio:

Por serem reduzidas as classes que funcionarão em 1963 (apenas três), é razoável que o estágio não exceda o número de 12 professoras, numa proporção de 4, para cada classe. Depois de várias considerações sobre o assunto, a nossa Comissão de Planejamento optou pelo número de 4 estagiárias para cada classe, levando-se em conta: a) as excelentes condições materiais das salas de aula, inclusive por sua área (de 66 m²); b) as possibilidades de rodízio completo das estagiárias, nos dias da semana; c) o rendimento maior para o estágio, em vista de uma possibilidade de melhor atendimento das estagiárias, por parte da Supervisora.

O estágio, a iniciar-se no segundo semestre, caso o permitam as condições de funcionamento da E.D., terá o seguinte programa:

Em cada sala de aula, estagiam, no máximo, 4 professoras, as quais terão tarefas discriminadas, conforme o plano: um dia por semana, cada estagiária permanece como "professora auxiliar", enquanto as outras três observam na classe e anotam todas as atividades para discussão em mesa redonda e relatório. As quatro professoras estagiárias terão uma oportunidade, por semana, de serem "auxiliares" da professora regente da classe. Assim, fica um dia por semana destinado exclusivamente à revisão e avaliação do estágio, a cargo da supervisora.

Para que a professora regente não se sinta alijada de sua competência profissional para opinar, o que seria uma quebra de continuidade entre o seu trabalho pessoal na classe das crianças e o trabalho a ser desenvolvido, pelas estagiárias, e em outra perspectiva, julgamos, que uma aproximação efetiva entre as estagiárias e professora regente se torna imprescindível para o êxito da tarefa comum de ensinar bem e educar as crianças.

No horário das crianças, como existem períodos dedicados à iniciação musical, recreação e educação física, com professoras especiais, em um dia da semana, um desses horários será utilizado, para que em cada classe, a professora tenha uma reunião com as suas 4 estagiárias. Serão as reuniões parciais de avaliação. Uma vez por semana, no dia em que não há prática de estágio, para as 12 professoras, realiza-se uma reunião geral de avaliação e círculo de estudos, fazendo-se uma previsão semanal para a matéria desse círculo de estudos. A maté-

ria será escolhida pelo grupo das estagiárias, segundo as necessidades mais prementes que experimentaram em suas atividades de observação e, sobretudo, de co-regência de classe.

11. CURSOS DA D.A.M.

A D.A.M. promoverá, como vem fazendo todos os anos, cursos de aperfeiçoamento do magistério primário da capital, do interior e de outros Estados. Os cursos destinados ao magistério primário da capital visarão, antes de tudo, às professoras da E.D. e poderão ser distribuídos da seguinte maneira:

Janeiro: Curso-Seleção (vide item 8)

Fevereiro: Curso-Treino (vide item 9)

Março: Curso, compreendendo as seguintes matérias: Administração Escolar, Metodologia e Psicologia.

Abril: Curso compreendendo Linguagem e Matemática e, simultaneamente, um curso sobre Jardim da Infância.

Maior: Curso sobre Estudos Sociais e Ciências Naturais.

Agosto: Curso sobre Atividades Artísticas, Serviços e Recursos Audio-Visuais e Metodologia da Religião.

Setembro: Testes e Medidas em Psicologia

Outubro: Filosofia da Educação.

Com exceção do Curso-Seleção e Curso-Treino, nos demais haverá aulas três vezes por semana, no horário da tarde, das 14 às 17 hs.

Esses cursos deverão ter caráter teórico-prático. Serão conferidos certificados, a quem obtiver frequência e rendimento comprovado em todos os trabalhos.

OBSERVAÇÕES:

No presente Ante-Projeto estão omitidos todos os salários de técnicos e funcionários, porquanto esse assunto está merecendo um estudo especial, de comparação entre os salários vigentes na capital pernambucana. Além desse cotejo entre instituições como Secretaria de Educação, Movimento de Cultura Popular, Fundação da Promoção Social, SESI, SESC, SENAC, MEB e outras, sem nos basearmos nos salários mais altos da Universidade do Recife e da SUDENE, temos que fazer a previsão orçamentária, partindo do próximo aumento do salário mínimo, o que vai determinar uma mudança de padrões, em 1963.

Na previsão orçamentária de 1963, para a E.D., todos os salários ou complementações serão incluídos

Recife, 7 de dezembro de 1962

Manoel José Araújo
Coordenadora da D.A.M.

Assistente da D.A.M.

A D E N D O

Ao ser lido êste Ante-Projeto, pelo sr. Diretor do Centro Regional, Dr. Gilberto Freyre, por parecer do Sr. Secretário Executivo, Sr. Mário Carlos de Sousa, foi sugerida a admissão de um funcionário como "encanador-eletricista", a incluir no item 6.

O Sr. Secretário Executivo alega a conveniência de ser contratada uma pessoa habilitada para essas funções, a fim de atender a serviços de reparos e consertos, sobretudo de emergência, na Escola.

O Sr. Diretor do Centro deu apôio a essa justificativa, razão pela qual está aposta, em tempo, no Ante-Projeto.

Recife, 11 de dezembro de 1962

Maria Carolina Freyre
Coordenadora da D.A.M.
Relatora

CENTRO REGIONAL DE PESQUISAS EDUCACIONAIS DO RECIFE

Divisão de Aperfeiçoamento do Magistério

I Semana de Recursos Áudio-Visuais (17 a 21 de julho de 1962)

Os Recursos Áudio-Visuais e a Aprendizagem

A instrução áudio-visual não é uma nova matéria. É parte de um método de ensino que se propõe a contribuir na apresentação das diversas matérias. As ajudas áudio-visuais não existem independentemente, nem são, por si mesmas, instrutivas. Na realidade, são, apenas, ajudas ou auxílios para a instrução.

A instrução áudio-visual não é um substituto dos processos educativos. Durante muito tempo se usou para a transmissão dos conhecimentos, apenas, a palavra escrita e a falada, principalmente, esta última, porém, devido ao progresso, hoje, já não são suficientes.

Este movimento áudio-visual não se refere, unicamente, aos filmes, como já se pensou.

Este tipo de instrução também não é um simples divertimento. É desagradável ter que dizer que ainda há professores e administradores que acreditam na disciplina e sustentam que, quanto mais difícil e desagradável é um trabalho escolar, tanto mais educativo ele se torna. Estes professores, no entanto, conhecem e simpatizam com a moderna filosofia e psicologia educacionais, as quais, ressaltam a importância do interesse no ensino. O extremismo disciplinar tende a valorar o êxito, não pelo que os seus alunos aprendem, mas, precisamente, pelo que eles não aprendem, sendo o índice do seu êxito a proporção de notas altas que não dão.

Para este professor, qualquer dispositivo ou processo que tenha por objetivo diminuir as dificuldades do ensino ou fazer o trabalho escolar mais interessante significa divertimento, porém não, educação.

A instrução áudio-visual não é nova, porém só agora é que estão surgindo trabalhos escritos sobre o assunto. Lembremos os hieroglifos dos antigos egípcios.

Os recursos áudio-visuais são dispositivos suplementares, mediante os quais o professor, valendo-se de diversos condutos sensoriais, contribuem para esclarecer, fixar e relacionar conceitos, interpretações ou apreciações exatas.

Tipos de recursos áudio-visuais: quadro-negro, quadro de avisos, dramatizações, desenhos, fotografias, gravuras, gráficos, mapas, modelos, objetos e exemplares, projetores cinematográficos, fonógrafos, vitrolas, amplificadores, discos, transcrições, cartazes, historietas, recortes, rádio, projetores opacos, retro-projetor, gravador, filmes, diafilmes, diapositivos, projetores de diapositivos e diafilmes, mimeógrafo, hectógrafo, placas transparentes, televisão, viagens, excursões, exposições, museus, visitas, jogos, etc.

Em todos os setores da vida, os recursos áudio-visuais, nos últimos tempos, têm sido largamente usados.

As razões que, atualmente, determinam um maior interesse pela instrução áudio-visual são: a) as diferenças básicas entre a criança e o adulto:— A principal diferença está no grau de maturidade, que, em geral, é maior no adulto; devido às suas experiências. b) O aumento dos conhecimentos nos últimos tempos, tem dificultado a aprendizagem rápida e de modo direto daquilo que o indivíduo necessita saber para poder adaptar-se com êxito aos costumes e usos de seu grupo particular. c) O aumento vertiginoso da população e d) A crescente complexidade da sociedade também tem contribuído para dificultar a aprendizagem e tem exigido uma escola que funcione, uma escola que tenha objetivos mais justificados, matérias mais adequadas e importantes, assim como maior eficiência nos processos instrutivos em geral. e) A moderna psicologia da aprendizagem acentua a idéia de que a criança tem interesses vitais e inerentes e que a tarefa da educação é descobri-los, desenvolvê-los e aproveitá-los para fins benéficos. Ora, é evidente que os recursos áudio-visuais despertam o interesse e conseguem isto de vários modos ou por diversas razões, as mais importantes das quais são: 1) usualmente, estes recursos constituem uma novidade; e a variedade e sempre um atrativo, tanto para a criança, como para o adulto; 2) Estes recursos permitem alguma liberdade das restrições formais vigentes durante as lições tradicionais. 3) Os recursos áudio-visuais podem ser compreendidos e dominados com relativa facilidade porque são concretos. 4) Os recursos áudio-visuais fazem com que a criança concentre, imediatamente, toda a sua atenção neles. 5) Muitos dos recursos dão oportunidade à criança de manipular e atuar, o que lhe agrada muito, como também ao adulto, porque satisfaz, pelo menos temporariamente, o desejo natural de domínio e aquisição e é, não só interessante, como também essencial para uma verdadeira aprendizagem. 6) Os recursos áudio-visuais satisfazem a curiosidade imediata, e isto serve de ponto de partida para o interesse. 7) Os recursos áudio-visuais interessam porque não satisfazem completamente, pois, quanto mais se vê, mais se deseja ver. Portanto, da margem a novos ensinamentos. f) Os recursos áudio-visuais fornecem uma base concreta e comum de experiências. g) Auxiliam a compreensão dos fatos e conceitos comunicados. h) Apresentam idéias com exatidão. i) Transportam o mundo à sala de aula. j) Tornam a aprendizagem mais duradoura. l) Fazem com que a matéria seja assimilada com mais rapidez. m) Atinge um maior número de indivíduos e n) Torna o ensino mais agradável, tanto para o aluno, como para o professor.

Princípios em que se deve apoiar o uso apropriado dos recursos áudio-visuais: a) entender o valor desses recursos; b) selecioná-los cuidadosamente, isto é, não comprar ou fazer qualquer material didático, mas aqueles mais úteis; c) devem ser econômicos, do ponto de vista financeiro; d) saber a função própria dos diversos recursos áudio-visuais, isto é, usar o material adequado e em lugar conveniente. Por exemplo, para uns assuntos, as fotografias são mais adequadas do que os mapas, como no ensino do relêvo; e) saber manejar os diversos recursos áudio-visuais, eficazmente, por exemplo, o projetor cinematográfico; f) devem ser apropriados à idade,

inteligência e experiência dos alunos. Por exemplo, não se vai apresentar um gráfico a crianças do Jardim ou 1ª série, pois elas nada entenderão; g) o professor deve assegurar-se de que os alunos obtêm experiências reais e de primeira mão com estes recursos, isto é, na medida do possível, deixar que as crianças manipulem estes materiais, e não, o professor ficar fazendo tudo ou tê-los para mostrar às visitas; h) os recursos áudio-visuais devem ser realmente ensinados e não, simplesmente, mostrados. Por exemplo, ao se apresentar uma fotografia, deve-se também pedir que os alunos a interpretem e explicá-la, pois os recursos áudio-visuais não são dispositivos mágicos, mediante os quais o aluno fica educado de modo instantâneo e completo; i) a participação do aluno é fundamental para que o ensino tenha êxito, pois, embora se ensine em grupo, não quer dizer que se aprende em grupo. Toda aprendizagem é assunto individual, devido às diferenças individuais. j) A preparação do professor é absolutamente necessária. Provavelmente, em nenhum tipo de atividade instrutiva a preparação prévia é mais importante. O professor deve saber quais são os elementos importantes da mesma e os que não são; deve saber, exatamente como aquele recurso pode contribuir para a compreensão do assunto, assim como os assuntos passados e futuros relacionados com este e o modo como pode ser utilizado mais econômica e vantajosamente. Por exemplo, um professor que não tenha examinado com antecedência um filme não pode usá-lo, adequadamente, em sua classe. l) Também é necessária uma adequada preparação do aluno, isto é, o aluno deve experimentar uma necessidade ou falta, que o recurso áudio-visual pode satisfazer. Esta necessidade sentida e a antecipação de havê-la satisfeito determinam uma atitude ou disposição mental favorável; m) A utilização dos recursos sensoriais deveria supor um emprêgo econômico do tempo, tanto em relação com o professor, como ao aluno. n) Não se deve usar estes recursos em demasia; o) Os recursos áudio-visuais deveriam ser, continuamente, avaliados pelos professores para ver se requerem alguma modificação e também pelos alunos, diretores, etc. p) Deve-se desenvolver um programa equilibrado de instrução áudio-visual, isto é, variar o material, dentro da mesma aula e em outras aulas, pois uma fotografia, por exemplo, pode atrair muito um aluno e, consideravelmente, menos a outro ou, mesmo quando o novo recurso for muito atrativo para os alunos, seu uso continuado e interrompido tornar-se-á monótono; q) Os recursos devem ser adequadamente protegidos e conservados; r) Os recursos deverão estar convenientemente situados e circular, eficazmente; s) Deveria se desenvolver um sã apôio da comunidade ao programa da instrução áudio-visual, isto é, fazer com que os pais e as instituições mantenedoras da escola se convençam da importância dos recursos áudio-visuais e assim possam ajudar na aquisição dos mesmos.

(Organizado pela Profª. Janise Peres - CRPER/DAM)

Bibliografia:

McKown, H.C. e Roberts, A.B. - Educación Audio-Visual
UTEHA, México-1954

Áudio-Visual em Revista - Nº 6, 7, 9 - Ano II - Rio

Audio-Visual Instruction - Vol. 2, nº 6 - Washington

DAM/12/62

CENTRO REGIONAL DE PESQUISAS EDUCACIONAIS DO RECIFE

Divisão de Aperfeiçoamento do Magistério

I Semana de Recursos Áudio-Visuais (17 a 21 de julho de 1962)

Os Recursos Áudio-Visuais e a Aprendizagem

A instrução áudio-visual não é uma nova matéria. É parte de um método de ensino que se propõe a contribuir na apresentação das diversas matérias. As ajudas áudio-visuais não existem independentemente, nem são, por si mesmas, instrutivas. Na realidade, são, apenas, ajudas ou auxílios para a instrução.

A instrução áudio-visual não é um substituto dos processos educativos. Durante muito tempo se usou para a transmissão dos conhecimentos, apenas, a palavra escrita e a falada, principalmente, esta última, porém, devido ao progresso, hoje, já não são suficientes.

Este movimento áudio-visual não se refere, unicamente, aos filmes, como já se pensou.

Este tipo de instrução também não é um simples divertimento. É desagradável ter que dizer que ainda há professores e administradores que acreditam na disciplina e sustentam que, quanto mais difícil e desagradável é um trabalho escolar, tanto mais educativo ele se torna. Estes professores, no entanto, conhecem e simpatizam com a moderna filosofia e psicologia educacionais, as quais, ressaltam a importância do interesse no ensino. O extremismo disciplinar tende a valorar o êxito, não pelo que os seus alunos aprendem, mas, precisamente, pelo que eles não aprendem, sendo o índice do seu êxito a proporção de notas altas que não dão.

Para este professor, qualquer dispositivo ou processo que tenha por objetivo diminuir as dificuldades do ensino ou fazer o trabalho escolar mais interessante significa divertimento, porém não, educação.

A instrução áudio-visual não é nova, porém só agora é que estão surgindo trabalhos escritos sobre o assunto. Lembramos os hieroglifos dos antigos egípcios.

Os recursos áudio-visuais são dispositivos suplementares, mediante os quais o professor, valendo-se de diversos condutos sensoriais, contribuem para esclarecer, fixar e relacionar conceitos, interpretações ou apreciações exatas.

Tipos de recursos áudio-visuais: quadro-negro, quadro de avisos, dramatizações, desenhos, fotografias, gravuras, gráficos, mapas, modelos, objetos e exemplares, projetores cinematográficos, fonógrafos, vitrolas, amplificadores, discos, transcrições, cartazes, historietas, recortes, rádio, projetores opacos, retro-projetor, gravador, filmes, diafilmes, diapositivos, projetores de diapositivos e diafilmes, mimeógrafo, hectógrafo, placas transparentes, televisão, viagens, excursões, exposições, museus, visitas, jogos, etc.

Em todos os setores da vida, os recursos áudio-visuais, nos últimos tempos, têm sido largamente usados.

As razões que, atualmente, determinam um maior interesse pela instrução áudio-visual são: a) as diferenças básicas entre a criança e o adulto:— A principal diferença está no grau de maturidade, que, em geral, é maior no adulto, devido às suas experiências. b) O aumento dos conhecimentos nos últimos tempos, tem dificultado a aprendizagem rápida e de modo direto daquilo que o indivíduo necessita saber para poder adaptar-se com êxito aos costumes e usos de seu grupo particular. c) O aumento vertiginoso da população e d) A crescente complexidade da sociedade também tem contribuído para dificultar a aprendizagem e tem exigido uma escola que funcione, uma escola que tenha objetivos mais justificados, matérias mais adequadas e importantes, assim como maior eficiência nos processos instrutivos em geral. e) A moderna psicologia da aprendizagem acentua a idéia de que a criança tem interesses vitais e inerentes e que a tarefa da educação é descobri-los, desenvolvê-los e aproveitá-los para fins benéficos. Ora, é evidente que os recursos áudio-visuais despertam o interesse e conseguem isto de vários modos ou por diversas razões, as mais importantes das quais são: 1) usualmente, estes recursos constituem uma novidade; e a variedade e sempre um atrativo, tanto para a criança, como para o adulto; 2) Estes recursos permitem alguma liberdade das restrições formais vigentes durante as lições tradicionais. 3) Os recursos áudio-visuais podem ser compreendidos e dominados com relativa facilidade porque são concretos. 4) Os recursos áudio-visuais fazem com que a criança concentre, imediatamente, toda a sua atenção neles. 5) Muitos dos recursos dão oportunidade à criança de manipular e atuar, o que lhe agrada muito, como também ao adulto, porque satisfaz, pelo menos temporariamente, o desejo natural de domínio e aquisição e é, não só interessante, como também essencial para uma verdadeira aprendizagem. 6) Os recursos áudio-visuais satisfazem a curiosidade imediata, e isto serve de ponto de partida para o interesse. 7) Os recursos áudio-visuais interessam porque não satisfazem completamente, pois, quanto mais se vê, mais se deseja ver. Portanto, da margem a novos ensinamentos. f) Os recursos áudio-visuais fornecem uma base concreta e comum de experiências. g) Auxiliam a compreensão dos fatos e conceitos comunicados. h) Apresentam ideias com exatidão. i) Transportam o mundo a sala de aula. j) Tornam a aprendizagem mais duradoura. l) Fazem com que a matéria seja assimilada com mais rapidez. m) Atinge um maior número de indivíduos e n) Torna o ensino mais agradável, tanto para o aluno, como para o professor.

Princípios em que se deve apoiar o uso apropriado dos recursos áudio-visuais: a) entender o valor desses recursos; b) selecioná-los cuidadosamente, isto é, não comprar ou fazer qualquer material didático, mas aqueles mais úteis; c) devem ser econômicos, do ponto de vista financeiro; d) saber a função própria dos diversos recursos áudio-visuais, isto é, usar o material adequado e em lugar conveniente. Por exemplo, para uns assuntos, as fotografias são mais adequadas do que os mapas, como no ensino do relêvo; e) saber manejar os diversos recursos áudio-visuais, eficazmente, por exemplo, o projetor cinematográfico; f) devem ser apropriados à idade,

inteligência e experiência dos alunos. Por exemplo, não se vai apresentar um gráfico a crianças do Jardim ou 1ª série, pois elas não entenderão; g) o professor deve assegurar-se de que os alunos obtêm experiências reais e de primeira mão com estes recursos; isto é, na medida do possível, deixar que as crianças manipulem estes materiais, e não, o professor ficar fazendo tudo ou tê-los para mostrar as visitas; h) os recursos áudio-visuais devem ser realmente ensinados e não, simplesmente, mostrados. Por exemplo, ao se apresentar uma fotografia, deve-se também pedir que os alunos a interpretem e explicá-la, pois os recursos áudio-visuais não são dispositivos mágicos, mediante os quais o aluno fica educado de modo instantâneo e completo; i) a participação do aluno é fundamental para que o ensino tenha êxito, pois, embora se ensine em grupo, não quer dizer que se aprende em grupo. Toda aprendizagem é assunto individual, devido às diferenças individuais. j) A preparação do professor é absolutamente necessária. Provavelmente, em nenhum tipo de atividade instrutiva a preparação prévia é mais importante. O professor deve saber quais são os elementos importantes da mesma e os que não são; deve saber, exatamente como aquele recurso pode contribuir para a compreensão do assunto, assim como os assuntos passados e futuros relacionados com este e o modo como pode ser utilizado mais economicamente e vantajosamente. Por exemplo, um professor que não tenha examinado com antecedência um filme não pode usá-lo, adequadamente, em sua classe. l) Também é necessária uma adequada preparação do aluno, isto é, o aluno deve experimentar uma necessidade ou falta, que o recurso áudio-visual pode satisfazer. Esta necessidade sentida e a antecipação de havê-la satisfeito determinam uma atitude ou disposição mental favorável; m) A utilização dos recursos sensoriais deveria supor um emprêgo econômico do tempo, tanto em relação com o professor, como ao aluno. n) Não se deve usar estes recursos em demasia; o) Os recursos áudio-visuais deveriam ser, continuamente, avaliados pelos professores para ver se requerem alguma modificação e também pelos alunos, diretores, etc. p) Deve-se desenvolver um programa equilibrado de instrução áudio-visual, isto é, variar o material, dentro da mesma aula e em outras aulas, pois uma fotografia, por exemplo, pode atrair muito um aluno e, consideravelmente, menos a outro ou, mesmo quando o novo recurso for muito atrativo para os alunos, seu uso continuado e interrompido tornar-se-á monótono; q) Os recursos devem ser adequadamente protegidos e conservados; r) Os recursos deverão estar convenientemente situados e circular, eficazmente; s) Deveria se desenvolver um sólido apoio da comunidade ao programa da instrução áudio-visual, isto é, fazer com que os pais e as instituições mantenedoras da escola se convençam da importância dos recursos áudio-visuais e assim possam ajudar na aquisição dos mesmos.

(Organizado pela Profª. Janise Peres - CRPER/DAM)

Bibliografia:

McKown, H.C. e Roberts, A.B. -- Educación Audio-Visual
UTEHA, México-1954

Áudio-Visual em Revista - Nº 6, 7, 9 - Ano II - Rio

Audio-Visual Instruction - Vol. 2, nº 6 - Washington

DAM/12/62

CENTRO REGIONAL DE PESQUISAS EDUCACIONAIS DO RECIFE
DIVISÃO DE APERFEIÇOAMENTO DO MAGISTÉRIO
I SEMANA DE RECURSOS ÁUDIO-VISUAIS
(para professoras primárias do interior)

O QUADRO-NEGRO

A aula com o quadro-negro combina: símbolos verbais
símbolos visuais
símbolos motores

Estes três fatores conjugados reforçam a fixação dos conceitos.

1. VANTAGENS QUANTO À UTILIZAÇÃO a - desperta o interesse; b - serve para apresentar qualquer matéria; c - permite ampla variedade de temas, d - adaptável a muitos usos; e - serve para fixar conceitos essenciais; f - permite a participação do aluno; g - permite a correção em flagrante; h - facilita a estabelecer contrastes; i - ilustra idéias abstratas; j - facilita tomar anotações; l - permite contacto quase permanente com o aluno; m - permite ativar a apresentação do tema; n - ajusta o tempo de apresentação do tema, ao tempo de compreensão do aluno;

2. QUANTO À DISPONIBILIDADE a - é fácil de obter; b - custa pouco; c - é fácil de fazer; d - é fácil de conservar; e - existe em todo centro de ensino; f - serve de base para outros auxílios visuais; g - dispensa energia elétrica;

COMO USAR O QUADRO-NEGRO

ANTES DA AULA

1. Planejamento da apresentação do tema
 - a - que devo escrever no quadro-negro?
 - b - que palavras-chaves fixarão os conceitos?
 - c - são claras as palavras que estou empregando?
 - d - será necessário ilustrar a idéia?
 - e - deverei preparar com antecedência os desenhos mais complicados?
 - f - escreverei antes da chegada dos alunos?
 - g - deverei complementar o quadro-negro com outros auxílios A-V.?
 - h - que palavras sublinhar?
 - i - deverei deixar algo escrito durante toda a aula?
 - j - será necessário distribuir apostilas?

RECOMENDAÇÕES GERAIS

- a - verifique a iluminação para evitar reflexos;
- b - observe a visibilidade dos diferentes cantos da sala;
- c - estude o arranjo das cadeiras;
- d - apague e retire os elementos de dispersão;

DURANTE A AULA

- 1 - mantenha-se ao lado do quadro-negro;
- 2 - comece a escrever em cima;
- 3 - controle seus movimentos;
- 4 - escreva no momento preciso;
- 5 - mantenha a apresentação limpa;
- 6 - utilize os acessórios;
- 7 - escreva por breves espaços de tempo;
- 8 - escreva o desenho em tamanho grande;
- 9 - use um bom giz, fazendo pressão constante;
- 10 - ao usar o ponteiro, não cubra o desenho com o corpo;
- 11 - verifique frequentemente a legibilidade;
- 12 - escreva em linhas retas;
- 13 - escreva em tipo de letra legível;
- 14 - ilustre com desenhos simples;
- 15 - siga o roteiro da apresentação, em sequência lógica, agrupando elementos semelhantes;
- 16 - utilize o quadro-negro de maneira dinâmica;
- 17 - organize questionários e debates;
- 18 - estimule a participação do aluno na utilização do quadro-negro;
- 19 - mantenha a legibilidade:
 - a) deixando margens amplas
 - b) grandes espaços livres
 - c) limpando com o apagador
 - d) sublinhando com: côr, círculos, setas.
- 20 - ao terminar, passe o apagador, limpando o quadro-negro, para o uso do próximo instrutor.
- 21 - Empregue giz colorido para dar ênfase e estabelecer contrastes.
- 22 - Use setas, círculos e barras para dramatizar a apresentação e destacar pontos-chaves.
- 23 - Combine o quadro-negro com outros recursos áudio-visuais : modelos, mapas, gráficos, filmes, espécimos, etc.
- 24 - Não encha excessivamente o quadro-negro. Se necessário, prepare a postilas para completar o tema.

DESENHOS NO QUADRO-NEGRO

Podem ilustrar

- a - uma idéia;
- b - um tema em ação;
- c - transcurso de tempo;
- d - comparação;
- e - símbolos;

podem ser também figurativos:

- gráficos- 1. linha 2. sector 3. organogramas

COMO FAZER DESENHOS

De forma simplificada

- figurativos : círculo para a cabeça ; retas para os membros ; ângulos para os movimentos

DE FORMA ELABORADA

antes da aula

- completo ; delineado

podem ser: - a) original do professor

b) copiado: -- 1) pelo sistema quadricular

2) decalcando com o apagador

3) copiando de uma imagem projetada:

de um projetor de diafilme

de um projetor de filmes

de um epidiascópio

de um projetor de diapositivos

de uma figura iluminada

TIPOS DE QUADRO-NEGRO

Segundo o material: lousa ou pedra; encerado; madeira; "duratex"; linóleo, etc.

a côr: negro; verde; branco e outras côres.

INSTALAÇÃO: fixos na parede; reversíveis; portáteis.

UTILIDADE: geral e específica

UM BOM QUADRO-NEGRO DEVE SER:

a) - de material rígido

b) - de pintura especial

. opaca

. porosa

. lavável

. côr adequada

c) - suficientemente amplo

d) - bem instalado, tendo-se em vista

. cadeiras

. forma da sala

. iluminação

e) - de fácil acesso para

. escrever

. limpar

ACESSÓRIOS ÚTEIS a) giz : (branco, de côr); b) apagador: (esponja de borraça, pano, feltro, flanela, etc.); c) ponteiro; d) régua; e) compasso ; f) figuras geométricas; g) pregos ou ganchos; h) cortinas; i) fita adesiva, etc.

* * * * *

FONTE : Apostilas do SRAV do CRPE de S. Paulo

O ENSINO POR MEIO DO FLANELÓGRAFO

1 - Qualidades peculiares:

- a - permite movimentar as figuras e é de fácil manipulação.
- b - é de rápida apresentação.
- c - dá continuidade ou seqüência ao assunto que está sendo explicado.
- d - é fácil de ser preparado.

2 - Usos mais comuns:

- a - reconhecimento (de letras, palavras, símbolos, etc.)
- b - relações (de tamanho, tipo e cor)
- c - manipulação (sinais de tráfego)
- d - localização (geografia e fisiologia)
- e - comparação (de tamanho, posição, etc.)
- f - ilustração (de um fato histórico, um acidente geográfico, etc.)
- g - expressão criadora (arte)
- h - diagramas (jogos, gramática e matemática)
- i - narração de histórias.

3 - Avaliação:

- a - A apresentação atingiu seu objetivo?
- b - Foi de encontro as necessidades e interesses da audiência?
- c - Os materiais eram apropriados?
- d - Os méritos peculiares do flanelógrafo foram usados com vantagem?
- e - O flanelógrafo foi o melhor recurso para ensinar o assunto?

(FONTE: Apostila do SRAV do CRPE de S. Paulo)

ALBUM SERIADO

O álbum seriado é um excelente recurso para professores, extensionistas, conferencistas, assistentes sociais, etc.

O que é ?

Trata-se de uma coleção de estampas ilustradas, devidamente acondicionadas em uma encadernação de madeira compensada ou papelão encorpado, podendo conter fotografias, mapas, gráficos, organogramas, cartazes ou qualquer outra forma de representação simbólica que possa ser útil ao educador ou líder na apresentação de um tema.

Vantagens

- Desperta atenção e mantém interesse.
- Facilita a compreensão, objetivando conceitos.
- Serve como roteiro de aula, apresentando tópicos em seqüência lógica.
- É de construção simples e econômica.
- É fácil de ser instalado e transportado.
- Assegura o acondicionamento e a conservação das ilustrações, que assim poderão ser utilizadas quase indefinidamente.

(FONTE: Audio-Visual em Revista - Nº 3 Ano I)

GRAVURAS E FOTOGRAFIAS

A diferença entre as gravuras e as fotografias está só no papel em que elas são feitas.

Características:

a - São baratas; b - abundantes; c - fácil de serem adquiridas; d - podem ser selecionadas conforme o objetivo do professor; e - são atraentes.

Equipamento necessário:

Se possível no projetor opaco, se não usá-las no quadro de avisos, no flanelógrafo, etc...

Como selecioná-las:

As gravuras constituem o material áudio-visual mais abundante. Por isso podemos avaliá-las, cuidadosamente, e selecionar somente aquelas que servirão aos nossos objetivos. Boas gravuras apresentam as seguintes qualidades: a - são simples; b - contem uma história; apresentam colorido agradável; d - têm fundo que não dispersa da idéia principal; e - mostram relações exatas de tamanho; f - são autênticas e verdadeiras; g - são interessantes; h - servem para atingir o objetivo que o professor tem em mente.

Onde encontrá-las:

As gravuras podem ser tiradas de revistas e jornais. O professor pode pedir aos alunos que contribuam também trazendo revistas velhas de casa.

Como guardá-las:

Há duas espécies de coleção de gravuras: a da escola e a da sala de aula. Para guardar estas gravuras há várias soluções: 1 - use um fichário de madeira ou ferro, ou então, em caixote; 2 - guarde as gravuras em envelopes ou pastas, uma para cada material; 3 - se quiser encontrar suas gravuras rapidamente, dê um título a cada uma delas e faça um índice.

aceite a colaboração das crianças:

A - Um dos trabalhos importantes no aprendizado é encontrar materiais adequados e organizá-los de maneira a serem úteis. Parece razoável, então fazermos com que as crianças colecionem, montem e arquivem gravuras, pois isto constituirá uma boa experiência para elas. Os alunos podem ser encorajados a sentir que a coleção de gravuras é "nossa coleção" e não, do professor.

B - Se isto fôr feito é necessário:

- 1 - dar-se ajuda as crianças, fazendo com que elas formulem regras para a seleção de gravuras, de acordo com a unidade que se está ensinando;
- 2 - ajudá-las a montar as gravuras corretamente;
- 3 - ajudá-las a reconhecer o tempo certo para usar as gravuras;

C - Um comitê ou um grupo de alunos (talvez rotativo), composto de alunos que tenham habilidade e interêsse por este trabalho pode ser de grande ajuda na promoção da coleção de gravuras.

Montagem:

a - Antigamente, era costume montar as gravuras em cores neutras. Atualmente, porém, os professores montam-nas em cores encontradas na gravura, cores que harmonizam com ela ou com outras exposições da sala de aula; b - alguns preferem guardar as gravuras sem montagem, colocando-as na cor desejada, somente, quando forem postas no quadro de avisos. Mas, há sempre o problema de conservar a gravura no fichário ou pastas sem estragar. Uma possível solução é montá-las em cartolina ou cartão e cortar esta base do tamanho da gravura para posterior montagem em cores; c - cola de sapateiro é ótima para a montagem de gravuras, pois evita que elas se estraguem por excesso de cola; d - para a montagem em cores, a margem inferior é sempre maior. Numa gravura quadrada a margem superior é igual às laterais. Numa fotografia vertical, a margem superior é maior que as laterais. Numa fotografia horizontal, a margem superior é maior que as laterais e - não devem ser colocadas molduras que chamem atenção para as mesmas.

(FONTE: Apostila e apontamentos de aulas do SRAV de S. Paulo)

Mapas

Como elemento educativo, os mapas ajudam o aluno a ver e localizar importantes aspectos do mundo, que ele nunca poderia compreender ou apreciar, somente com simples descrições escritas ou orais e, inclusive de fotografias e que, além disso, jamais poderia observar na realidade, devido ao número e extensão desses aspectos e suas complicadas relações.

Tipos de Mapas:

GLOBO - Este tipo de mapa é mais exato que o mapa plano, porque se assemelha à terra por sua forma, e as massas d'água e terra aparecem em seus tamanhos e posições relativas. O globo pode ser usado para demonstrar com clareza os movimentos da Terra.

As principais desvantagens dos globos são: pequeno tamanho das representações das diversas partes do mundo e a dificuldade de traduzir, em termos de realidade, as dimensões desse mundo em miniatura. O uso de outros recursos áudio-visuais, em conjunção com o globo contribuirá para evitar essas desvantagens.

PLANETÁRIO: É um aparelho em que as posições e movimentos relativos dos corpos celestes ~~aparecem~~ aparecem desenhados no teto hemisférico de uma sala ou auditório. Seguramente, ^{as} escolas poderão dispor de um planetário próprio.

Os mapas em relevo tem por objetivo dar uma impressão geral, mais do que uma informação precisa.

Há, ainda, vários tipos de mapas planos.

* * * *

I - CARACTERÍSTICAS : A - fáceis de encontrar; B - vários tipos; C - podem ser feitos pelo professor ou pelo aluno.

II - COMO SELECIONÁ-LOS

A - Mapas feitos comercialmente deveriam ter as seguintes qualidades :

1 - Ser simples

- a) letreiros simples e legíveis
- b) poucos símbolos.

2 - Ser suficientemente grandes para serem vistos nas diferentes posições da classe;

3 - Ter uma escala;

4 - Ter legenda;

5 - Ser precisos;

6 - Ter as cores estabelecidas para cada acidente;

7 - Ser do nível dos alunos que os usarão.

III - COMO FAZÊ-LOS

A - Mapas de parede

1 - Um mapa pode ser aumentado:

a) por projeção (com projetor opaco, de diafilmes ou diapositivos);

2 - Mapas grandes podem ser feitos de:

- a) cartolina
- b) cartão
- c) papel de cartaz
- d) papel jornal

B - Mapas em relêvo podem ser feitos facilmente com papel amolecido na água e massa feita de trigo. Dá-se a forma desejada e pinta-se

C - Mapas pictóricos: são aqueles em que se colocam fotografias de produtos, locais históricos, aspectos naturais etc... Cada um dos itens deve ser colocado separadamente para maior clareza. Há um outro tipo em que se coloca os produtos ou objetos relacionados com as diversas regiões, ligando-os a elas por meio de fios.

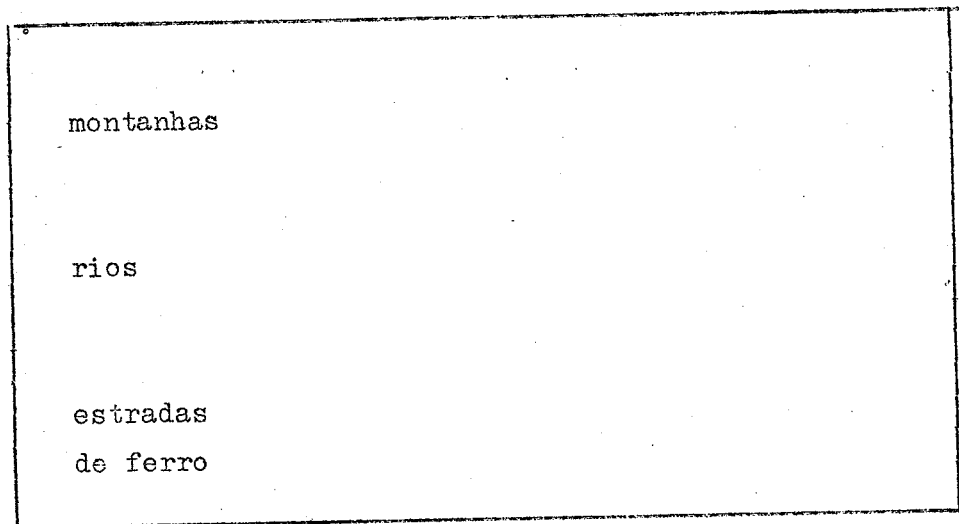
IV - COMO AJUDAR OS ALUNOS A "LER" OS MAPAS:

Os pontos importantes a serem ensinados são:

1 - as direções nos mapas: começando por mapas das salas, da escola, etc., eles chegam a generalizar que o norte está na parte de cima do mapa, o sul em baixo etc... Esta noção será aperfeiçoada com o correr do tempo.

2 - os símbolos do mapa. Naturalmente a princípio eles deverão ser bem simples, passando depois a mais complexos. Os símbolos podem ser fotografias de recortes relativos às coisas mostradas. Algumas coisas mostradas nos mapas não são familiares às crianças. Alguns acidentes geográficos poderão ser facilmente compreendidos com excursões nas vizinhanças da escola. Outros, porém, como montanhas e oceanos, deverão ser estudados com fotografias.

Será interessante fazer cartazes como o aqui ilustrado



- 3 - as legendas: ao ver um mapa as crianças notam que êls conta vá-
rias coisas diferentes. Alguns são sôbre estradas, estados, cli-
ma, chuva etc... Através dessa experiência êles aprendem que é
preciso não só achar a legenda, mas ser capaz de lê-la para sa-
ber o que o mapa tem a nos dizer.
- 4 - as escalas: as crianças precisam saber o que os mesmos mapas são
encontrados em diversos tamanhos diferentes, em virtude de serem
feitos baseados numa escala.
- 5 - latitude e longitude: êstes são conceitos difíceis para o primá-
rio. Porém, com o uso freqüente do globo para localizar pontos
e encontrar o menor caminho entre êles, serão mais facilmente
compreendidos.
Pode-se usar de recursos como:
 1. comparar a latitude e longitude às ruas de uma cidade.
 2. fazer experiências para mostrar em que direção a terra se mo-
ve, onde o sol nasce e move em primeiro lugar.

V - PROPÓSITOS PARA O USO DE UM MAPA.

A - Para introduzir uma unidade de ensino.

- 1 - use um mapa para localizar o novo país que vai ser estudado.
- 2 - se as crianças já souberem ler mapas êles podem ser usados
para que elas façam uma idéia do país através da topografia,
latitude, chuvas etc... Os resultados a que elas chegarem po-
derão ser verificados através de leituras.

B - Para resumir uma unidade de ensino:

- 1 - um excelente modo para os alunos resumirem o que sabem sôbre
um país é fazer um grande mapa de parede, onde colocarão o
que aprenderam: os produtos do país, os recursos naturais ou
outro assunto estudado.
- 2 - para relatar ao grupo o que encontraram a respeito da unida-
de, os mapas dão ênfase e adicionam interêsse aos seus rela-
tórios.

(FONTE PRINCIPAL: Serviço de Recursos Audio-Visuais de CRPE
de S. Paulo)

G R Á F I C O S

Os gráficos permitem a percepção rápida e fácil de idéias ou dados complexos, pois se fôsem apresentados de forma tabular ou descritiva seriam difíceis de compreender e interpretar. Entretanto, os gráficos nem sempre oferecem precisão de dados, mas facilitam fixar melhor as informações, além de proporcionar uma visão de conjunto de determinados elementos.

Podem ser usados nas classes adiantadas para ilustrar aulas ou em exposições, ou projetados na forma de diapositivo.

Tipos de gráficos:

Gráficos de barras: são mais indicados para comparações entre dois totais e frações das partes componentes.

Gráficos de círculo: são os melhores para comparações de três e quatro partes

Gráficos lineares e tabelas: são mais adequados para apresentar comparações e tendências de natureza dinâmica - aumentos, reduções, flutuações durante um período de tempo.

Pictogramas: auxiliam a localizar com precisão informações, a interpretar e ter uma visão de conjunto dos fatos apresentados e a lembrar a informação dada, mesmo depois de decorrido certo tempo.

Entretanto, o resultado mais interessante das suas pesquisas é o de que os leitores parecem preferir estatísticas ilustradas, que constituem uma combinação de gráficos e ilustrações. Há uma tendência geral em dar tratamento pictórico a todas as formas de gráficos, a fim de torná-los mais interessantes. Até mesmo o gráfico linear é apresentado de modo mais atraente com o emprego de cores, chaves, legendas e variações das linhas, que podem ser sólidas, interrompidas ou em forma de pontos.

QUE FORMA DE GRÁFICO UTILIZAR?

Para mostrar	Barras Simples	Barras Múltiplas	Círculo	Gráfico Linear	Pictograma
Um todo ou partes	§	X	§	X	%
Comparações Simples	%	§	§	%	§
Comparações Múltiplas	X	§	X	%	%
Tendências	X	§	X	§	X

CÓDIGO: § - Recomendado

% - Possível

X - Desaconselhável

FORTE: Audio Visual em Revista, nº 6, II, 1960

DAM/13/62

* * * *

CENTRO REGIONAL DE PESQUISAS EDUCACIONAIS DO RECIFE

Divisão de Aperfeiçoamento do Magistério

I Semana de Recursos Áudio-Visuais para Professôras do Interior
de 17 a 21 de julho de 1962

Quadros de Aviso

I - Características

- A - Preço acessível
- B - Pode ser adaptado aos objetivos do professor
- C - é de fácil confecção:-
 - a) pode ser utilizada parte do quadro-negro em falta de um quadro de aviso próprio;
 - b) pode-se cobrir o quadro-negro com Eucatex, papelão, ou mesmo fazer um quadro de aviso de tamanho regular com estes materiais.

II - Materiais que podem ser usados no Quadro de Avisos

- A - Gravuras;
- B - Fotos da escola e de atividades de classe;
- C - Cartões postais que os alunos tenham trazido de viagens;
- D - Mapas - comprados ou feitos pelos alunos;
- E - Gráficos - de revistas, jornais, ou feitos pelos alunos;
- F - Objetos:-
 - a) de coleções históricas
 - b) de outras regiões
- G - Trabalhos de alunos - desenhos, poesias, composições;
- H - Capa de livros.

III - Como prepará-lo

- A - Decida qual é o seu objetivo;
- B - Decida que material é mais útil para atingir esse objetivo;
- C - Procure um bom cabeçalho - faça com que seja visto à distância.
 - 1. Que fale ao leitor - Mães! Vacinem seus filhos!
 - 2. Faça-lhe uma pergunta - Você é eleitor?
 - 3. Use jôgo de palavras
- D - Arrango o seu material eficientemente mas de maneira simples.
 - 1. Dê ênfase a uma idéia:
 - a - selecionando cuidadosamente o material;
 - b - usando tiras de papel ou pedaços grandes de papel colorido para ligar um material a outro;
 - c - tenha um centro de interêsse
 - 2. Atraia a atenção:
 - a - mudando o quadro de aviso frequentemente;
 - b - usando material interessante;
 - c - mantendo-o bem iluminado;
 - d - usando legendas de tamanho adequado;
 - e - mantendo-o à altura dos olhos;
 - f - usando recursos para chamar a atenção (pontos coloridos, quadrados, triângulos, desenhos, arame, fio plástico).

- E - Encorage os alunos a ajudar no arranjo do quadro de aviso
1. estabeleça com êles normas para o arranjo de um bom quadro de aviso;
 2. peça-lhes que ajudem a colecionar e montar materiais;
 3. permita que êles participem do arranjo do quadro de aviso;
 4. permita que êles, depois de cuidadoso preparo, façam o arranjo independentemente.
- F - Deixe a margem inferior mais larga do que as laterais e a superior
- G - Os espaços entre as gravuras ou material exposto são menores do que as margens externas.
- H - Use frases com que o aluno se identifique
- I - Flechas e linhas guiam os olhos.
- J - Exposição do material numa linha reta básica. As linhas ou linha podem ser paralelas, diagonais ou convergentes. Mas mantenha-as retas.

IV - Formas em que o quadro de aviso pode ser usado

- A - Para iniciar uma unidade de ensino:
1. Selecione algumas gravuras para o quadro de aviso e planeje legendas apropriadas sôbre a nova área ou unidade a ser estudada. Êste pode ser usado em conexão com outros materiais como motivação.
 2. Use o quadro de aviso para fazer o resumo dos planos de um grupo para determinado trabalho, como perguntas para serem respondudas, especificação dos comitês, do seu ^{uso} e dos materiais a serem usados.
- B - Para encontrar respostas a perguntas específicas de uma unidade de ensino:
1. Use gravuras atraentes, interessantes para estimular as perguntas dos alunos;
 2. Use perguntas que os alunos possam responder, procurando as respostas em outros materiais na sala (livros de referência, livros da biblioteca, globo, etc...);
 3. Use gravuras ou outros materiais que ajudem a tornar claros conceitos errôneos da parte dos alunos;
 4. Use gravuras, mapas, etc... que ajudem a tornar certos conceitos mais concretos.
- C - Para resumo de uma ou várias aulas sôbre determinado assunto.

V - Algumas Sugestões para Quadro de Aviso

- 1 - Um mapa mundi no centro, recortes de notícias atuais ao redor dos cantos, fios ligando as notícias no local do acontecimento no mapa.
- 2 - Mapa no meio, fotos ou desenhos feitos pelos alunos ao redor das bordas, fios ou fitas da gravura ao lugar no mapa em que o fato em foco aconteceu. As gravuras podem ser de:
 1. Acidentes geográficos;
 2. Produtos;
 3. Tipo de População.
- 3 - A mesma idéia, só que objetos reais ou modelos de objetos reais são usados numa mesa abaixo do quadro de aviso.

- 4 - Capas de livros nas bordas, ligadas por fios a um mapa no centro, mostrando o país cuja história o livro descreve
- 5 - Tipo de mural mostrando vida em outro país.
- 6 - Monte material impresso em papel colorido e sublinhe os pontos importantes.
- 7 - Use objetos tridimensionais para dar maior ênfase. Eles são pouco comuns num quadro de avisos.
- 8 - Use alfinetes comuns em vez de percevejos, quando tiver muito material para o quadro de avisos.
- 9 - Faça experiências com cores. Escolha duas ou três cores de combinação agradável.
- 10 - Prenda o material no quadro de avisos com um grampeador. Este precisa ser do tipo que tem a base móvel.
- 11 - Para atrair a atenção, use alfinetes com as cabeças coloridas. Percevejos podem ser pintados com esmalte.
- 12 - Se possui um quadro de avisos grande, tente organizá-lo em seções, como: Hoje - Esta Semana - Este Mês - Avisos Gerais - Acontecimentos Especiais - Departamento de Novidades - Clubes e Organizações.
- 13 - Faça o quadro de avisos parecer um jornal. Coloque os folhetos em evidência à direita, uma foto sobre o assunto no centro, fatos menos importantes à esquerda, poemas e desenhos cômicos nos cantos inferiores e avisos na parte inferior.
- 14 - Selecione uma foto para contar a história. Use apenas as legendas necessárias.
- 15 - Peça a opinião do aluno sobre um assunto controverso, pendurando para isso lápis e bloco no quadro de avisos.
- 16 - Nunca coloque folhetos na moldura do quadro. É uma maneira negativa de dar ênfase.
- 17 - Tente deixar o quadro de avisos vazio por alguns dias antes de colocar nele novo material.
- 18 - Use o quadro de avisos na sala de aula para colocar a foto da semana, poema, trabalho criador e alguma exposição simples.
- 19 - Mantenha o material sempre novo. Nunca o deixe por mais de uma semana.
- 20 - Se você tem uma gravura ou material o qual não deseja estragar com alfinetes ou percevejos, coloque clips para papel nos cantos superiores da gravura e neles use os percevejos.

Cartazes

Os cartazes são hoje largamente utilizados, não só para transmitir uma informação como para motivar e educar. Um bom cartaz deve:

- atrair o olhar
- prender a atenção
- contar coisas rapidamente
- transmitir uma mensagem bem definida.

Ao planejar um cartaz, devemos levar em consideração vários fatores: o texto, a ilustração, a disposição dos elementos e as cores.

1) O texto:

O texto deve transmitir, com o menor número de palavras possíveis, a nossa mensagem. O cartaz ideal é o que expressa uma idéia apenas com a ilustração. Uma maneira de economizar palavras é o uso de símbolos: eles são facilmente compreendidos e retidos por bastante tempo.

As expressões que usarmos no cartaz deverão ser claras e simples, ao nível do público a que se destina. Ditados, "slogans" geralmente ajudam a gravar a idéia.

O texto terá mais vigor se contiver um apêlo para a ação. Impressão na mais a ordem: "Beba leite para viver muito" do que a simples afirmação: "O leite prolonga a vida do homem".

2) Ilustração:

Ao escolhermos a ilustração para o nosso cartaz, devemos ter em mente que a sua finalidade é atrair a atenção. Uma vez que a pessoa tenha a sua atenção chamada para o cartaz, provavelmente lerá o texto e tomará conhecimento da nossa mensagem.

A ilustração deve ter vida; uma forma de conseguir isso é apresentando a figura de uma pessoa. Esta deverá ter os característicos das pessoas a quem queremos atingir com o nosso cartaz; caso contrário, estas não se identificarão e não atingiremos o nosso objetivo.

Ilustrações cômicas são muito aconselháveis, pois permanecem por longo tempo na memória.

3) A disposição dos elementos:

O letreiro, a ilustração e as cores devem ser dispostos de uma maneira agradável e que ajude a ressaltar a mensagem do cartaz. É preciso cuidado a fim de que o letreiro não prejudique a ilustração ou vice-versa. É preciso que ambos se harmonizem. As cores também devem ser utilizadas com cuidado a fim de que não obscureçam a nossa mensagem.

4) As cores

Sen dúvida, as cores dão muita vida ao cartaz. É preciso, entretanto, que não haja abuso de cores, pois elas poderão prejudicar a nossa mensagem. A parte artística do cartaz é bem menos importante do que a nossa mensagem, eis o que não podemos esquecer.

Por esse motivo, o cartaz não deve de modo geral, ter mais de três cores. Não contamos como outra cor a cor do papel de impressão.

O estudo das cores é assunto de certa complexidade em virtude da multiplicidade de efeitos que podem ser criados. Além disso, há também a considerar o fator gosto que é por natureza subjetivo. Vamos ver alguns fundamentos da técnica de seleção das cores.

a) Côres fundamentais.

O amarelo, o vermelho e o azul são côres que não podem ser produzidas pela combinação de outras e que, por outro lado, podem dar origem a qualquer côr. São por isso denominadas côres primárias.

Da combinação de duas côres primárias surge uma secundária. O vermelho e o azul dão origem ao violeta; o azul com o amarelo dá o verde, e o amarelo associado ao vermelho dá o alaranjado. Da combinação de uma côr secundária com uma das primárias que lhe são adjacentes surge uma terciária, como por exemplo: o violeta com o azul dá o azul-violeta e assim sucessivamente.

b) Côres análogas.

É o conjunto de côres onde há uma côr comum que figura em cada uma delas em proporções diferentes. Exemplo:

Verde (amarelo - azul)

Amarelo-verde

Amarelo

Amarelo-laranja

Laranja (amarelo - vermelho)

A côr em comum neste grupo é o amarelo. É êle o "fator de analogia".

As côres análogas estão sempre em harmonia e produzem efeitos agradáveis com pouco contraste. Tais combinações criam em geral uma sensação de descanso e tranquilidade.

c) Côres complementares ou contrastantes.

São as que se encontram diametralmente opostas no círculo das côres, como o caso do amarelo com o violeta, do laranja com o azul, entre outros.

O característico principal das côres complementares é o impacto. O contraste, pondo em realce um ou mais elementos de um cartaz, é um excelente recurso para atrair a atenção do observador. Tal efeito é produzido para destacar uma ilustração de um fundo ou, como ocorre na maioria das vezes, para pôr em evidência um texto.

O contraste produzido por duas côres diametralmente opostas nem sempre agrada e por vezes é demasiado chocante. Um bom esquema é obtido pela combinação de uma côr com uma ou duas adjacentes à sua complementar. Exemplo: amarelo com azul-violeta e/ou vermelho-violeta. Desta forma podemos obter um esquema de contraste em 3 côres.

d) Trio harmônico.

É obtido pela combinação de três côres equidistantes dentro do círculo. A maneira mais prática de selecionar esquemas deste tipo consiste em inscrever um triângulo equilátero no círculo das côres. Os vértices indicam as côres componentes.

Uma das fórmulas seria: amarelo, vermelho e azul, isto é, as três côres primárias combinadas, cujo resultado é um tanto carregado. Há outras combinações mais suaves, como por exemplo: laranja, violeta e verde; amarelo-verde, vermelho-laranja e azul violeta, etc.

Arranjos desta natureza proporcionam harmonia e contraste, sendo, portanto, um meio termo entre as combinações análogas e as complementares.

e) Escalas monocromáticas.

Caracterizam-se pela presença de uma única côr em diferentes graduações de intensidade. Exemplo: azul médio e azul escuro.

Arranjos monocromáticos produzem efeitos bem suaves que, em alguns casos, podem causar até mesmo monotonia. A intercalação do branco, preto ou cinza serve para realçar o contraste.

Observações:

- O branco é resultante da associação de todas as cores do espectro, enquanto o preto simboliza a ausência de cor. O cinza, em seus diferentes maticos, é fruto da combinação do branco com o preto em proporções variadas. As cores quando são justapostas ao branco, ao preto ou ao cinza aumentam de intensidade.

- As cores que contêm o vermelho ou o amarelo são denominadas quentes, enquanto as frias são as formadas pelo azul. As cores frias dão a sensação de profundidade e prestam-se para planos de fundo. As cores quentes dão a impressão de aproximação e servem para primeiros planos e letreiros.

- As cores que desfrutam de maior preferência são as primárias e, em geral, na ordem: azul, vermelho e amarelo (as populações rurais e as crianças, todavia, parecem ter predileção pelo vermelho).

- A experiência indica que as combinações que proporcionam melhor visibilidade são, na ordem: preto sobre amarelo, preto sobre branco, amarelo sobre preto, branco sobre preto, azul sobre branco, branco sobre verde, verde sobre branco, vermelho sobre branco, branco sobre vermelho, preto sobre laranja, laranja sobre preto, vermelho sobre verde e verde sobre vermelho.

Conservação dos cartazes

A conservação dos cartazes pode ser feita com a montagem em papelão, pano (entelagen), celuloide.

A cola de borracha é a melhor, porque, esquentando os cartazes colados com este material, a figura sai sem se estragar e nem estraga o cartaz.

Entelagen: Faz-se um grude com farinha de trigo, água e inseticida. Em seguida, molha-se bem o pano e estica-se bem sobre uma tábua, pregando-se com percevejos.

Passa-se água nas costas da figura, mas esta não deve ser desbotável. Passa-se água na tábua e passa-se o grude na fazenda nos lugares marcados antes. Prende-se o centro da figura e depois os cantos em diagonais. Coloca-se, depois, tiras de papel nos quatro lados e passa-se o rôlo de pastel, primeiro, partindo do centro para os lados, para cima e para baixo; depois, do centro para cada um dos cantos, sem chegar até o fim da figura e, finalmente, passa-se, novamente na primeira direção, chegando, agora, até o final da figura. Tira-se, então, as tiras de papel e se houver rugas, pega-se em diagonal e vai-se até o centro, baixando depois com a mão. Passa-se, então, uma esponja molhada por cima da figura para limpar os excessos. Depois, deixa-se até o outro dia, quando se tira, então, os percevejos e corta-se as bordas, fazendo o acabamento, que pode ser variado: madeira, durex, etc.

Adaptado de um folheto do

Serviço de Meios de Comunicação

USOM/ Brasil (Ponto IV). Esta adaptação foi feita pelo SRAV do CRPE de São Paulo.

Campanhas

I) Quanto mais frequentemente uma idéia fôr apresentada, mais facilmente ela será aceita.

II) Uma campanha se caracteriza: a) pelo uso coordenado de reuniões, contactos pessoais, rádio, televisão, cinema, cartazes, exposições, etc.; b) pela colaboração de vários grupos e instituições.

III) Tem como finalidade: a) quebrar barreiras existentes; b) atingir um objetivo.

IV) Etapas de uma campanha: a) planejamento; b) produção de material; c) treinamento; d) campanha propriamente dita; e) avaliação.

A - Planejamento:

a - Determine o problema; b - reúna a comissão, criando "clima" para opiniões francas; c- determine a duração da campanha; d- lembre-se que seu público passa pelas seguintes fases: indiferença, atenção, interesse, desejo e decisão; e- conheça cuidadosamente seu público; f- escolha os métodos e meios que vão ser utilizados; g- coordene os esforços e faça um manual da campanha; h- faça um plano para a avaliação permanente durante a campanha.

B - Produção do material:

a - Faça um calendário de produção do material; b- faça um calendário de utilização do material.

C - Treinamento:

a - Do pessoal técnico; b- dos elementos de liderança, comunidade e imprensa.

D - Campanha propriamente dita:

a - Ao lançar sua campanha, consiga publicidade; b- consiga o envolvimento de personalidades; c- crie um tema; d- use símbolos, selos e distintivos; e- desenvolva as fases da campanha de acordo com o planejamento; f- promova atividades de concentração, como exposições, projeções cinematográficas e concursos; g- complemente todas as fases com materiais áudio-visuais, como cartazes, debates, demonstrações, literatura, etc.

E - Avaliação:

a - A Avaliação é um processo contínuo: durante o planejamento, a execução e após o término da campanha; b- A avaliação envolve crítica de método e crítica de material.

Adaptado do diafilme: "Campanha", produzido pelo SRAV do CRPE de São Paulo.

A Escola e a Comunidade

É de muita necessidade o entrosamento da escola com a comunidade. E os auxílios áudio-visuais muito podem ajudar nesta tarefa.

Meios que podem ser usados:

1 - Exposição de trabalhos; 2- Participação em atividades, como campanhas, instituições organizadas, etc.; 3- Observação e análise; 4- Através de cartas, jornaizinhos, etc.

É necessário também pôr o aluno em contacto com seu meio. Para isso a professora deve fazê-lo conhecer bem os recursos de sua comunidade, como, por exemplo, museus, lugares pitorescos, etc.

O melhor meio de conhecer a comunidade é através de visitas e excursões.

Deve-se: a) começar por excursões curtas e simples; b) estabelecer e manter relações cordiais com os encarregados dos lugares de destino; c) planejar todos os detalhes da excursão completa e cuidadosamente; d) vigiar, cuidadosamente, a excursão; e) relacionar e integrar a excursão com as atividades da classe; f) fazer e arquivar uma avaliação justa de cada excursão.

Pode-se fazer também excursões imaginárias, as quais diferem das outras, apenas, por não serem realizadas efetivamente. Todos os detalhes da excursão real são investigados, estudados e planejados. Os lugares de destino são vistos por meio de filmes, diafilmes, diapositivos, fotografias, mapas, objetos, modelos, conversas, informações, rádio e discos. Mas, estas só devem ser usadas se não fôr possível realizá-la, efetivamente.

Exemplo: ao Correio

Preparo:

- Estabeleça contato com o Correio, para marcar a hora da visita;
- Providencie condução;
- Escreva aos pais pedindo permissão para a excursão e convidando alguns deles;
- Discuta com as crianças o que elas querem ver e faça uma lista das perguntas que elas deverão responder;
- Planeje o que cada criança deve fazer no Correio (despachar um pacote, passar um telegrama, etc.);
- Tire fotografias.

Atividades posteriores (sugestões de trabalhos a serem feitos pelas crianças sob a orientação do professor).

Estudos Sociais: (História - Geografia)

- Planejar e construir o correio da classe;
- Estudar como as cartas eram enviadas antigamente e como o são hoje;
- Usar um filme sobre o correio;
- Começar uma coleção de selos;
- Estimular nas crianças o respeito pelo trabalho alheio (do carteiro, etc.)

Leitura:

- Ler histórias sobre o carteiro;
- Fazer pequenas histórias para cartazes e delas tirar palavras novas.

Linguagem:

- Escrever cartas de agradecimento, subscriptando os envelopes;
- Ver as fotografias da excursão e discutir as coisas que elas nos ajudam a lembrar;
- Escrever histórias e poemas.

Aritmética:

- Fazer problemas baseados nas experiências adquiridas no correio.
(Cada criança pode ter a oportunidade de trabalhar no correio da classe, vendendo selos, o que envolve fazer troço e manter dados sobre as vendas).

Ciências:

- Chamar a atenção para o tempo e sua influência sobre o carteiro e o transporte aéreo de cartas, etc.

Arte:

- Fazer desenhos do ônibus, do correio, do carteiro, etc.

Música:

- Procurar ou compor músicas curtas e simples sobre o correio ou o carteiro.

Fonte: Educação Audio-Visual - Harry C. McKnown e Alvin B. Roberts
Apostila do SRAV do CRPE de São Paulo

* * *

Dramatizações

I - Vantagens da dramatização na escola:

O gosto dramático é inato na criança, o que podemos constatar pelas suas atividades espontâneas, quando brinca de comadre, de cozinha, de escola, de teatro, etc., imitando cenas e fatos da vida real, em suas passagens mais expressivas, com encantadora naturalidade.

É natural, pois, que a escola, em seu empenho de aproveitar as atividades espontâneas da criança, use seu interesse dramático, como poderoso meio educativo. Além da parte recreativa, que só por si justificaria a prática da dramatização escolar, dada a influência do fator alegria nas predisposições e associações que condicionam a aprendizagem, a dramatização promove, diretamente, a formação de hábitos, atitudes e ideais, aquisição de conhecimentos e técnicas escolares.

Desde a escolha do motivo a ser dramatizado, adaptação de histórias, distribuição de papéis e de encargos até a apresentação da peça com todos os seus pequenos-grandes problemas, há situações variadíssimas para o emprêgo da atividade infantil e oportunidades educativas.

II - A preparação:

O processo usado no preparo da dramatização varia conforme o grau de desenvolvimento dos alunos e orientação do professor. Proposto o tema pelo professor, pelos alunos ou em colaboração é feita a escolha das personagens e distribuição de encargos (arranjos do material necessário, caracterizações, objetos, móveis e apetrechos para o ambiente) também com o mesmo critério.

O modo de preparação individual de cada personagem, isto é, a fixação do enredo, também é variável. Há quem condene a memorização da história; há quem a tolere, desde que redigida, em linguagem corrente e de fácil assimilação pela criança.

Evidentemente, nunca deve ser exigida a memorização integral e servil, mas apenas do conteúdo e enredo, para não prejudicar a sequência da história, uma vez que certos interlocutores não têm bastante presença de espírito para improvisar.

Isto, em se tratando de dramatizações para serem apresentadas às outras classes em reuniões especiais. Nas de uso diário e como parte das atividades normais, a improvisação deve ser cultivada.

Em qualquer situação, entretanto, deve ser deixada uma larga margem à iniciativa da criança, mesmo nas peças elaboradas por outrem, permitindo-se adaptações, contribuição pessoal e inovações.

A interpretação deve ser muito pessoal e favorável ao desenvolvimento dos pendoros artísticos, dons oratórios e gesticulação apropriada.

Há professores que fazem do preparo da dramatização o motivo de um projeto com todo seu cortejo de atividades, que dão oportunidade para o desenvolvimento da linguagem, geografia, história, bem como de atividades manuais, na confecção de trajes e objetos relacionados com o motivo central.

III - Tipos de dramatizações:

Dramatizações de cenas da vida real, com ou sem máscaras; teatro de fantoches; teatro de sombras; teatro de varas.

Fonte principal: Revista do Ensino do R.G.S. - Nº 59

Artigo da Profª. Zulmira de Queiroz Breiner.

* * *

MUSEUS

O valor de museu como uma instituição para preservar os objetos que demonstram o progresso do homem e da civilização é um fato bem estabelecido. Por séculos, museus têm-se preocupado e ligado seus trabalhos à cultura dos povos e países através do globo.

No entretanto, só recentemente é que o museu tem sido utilizado como uma força vital na Educação, - na medida em que suas funções básicas foram redefinidas nos seguintes termos:

1. mostrar ao público muitas coleções de materiais instrutivos e interessantes;
2. providenciar exposições transportáveis para escolas, em vários assuntos educativos;
3. oferecer materiais que venham ao encontro das oportunidades do ensino ocasional;
4. conduzir as visitas das crianças pelas seções apropriadas do museu, em relação ao objetivo do estudo;
5. treinar professores no uso eficiente dos materiais e visitas aos museus;
6. providenciar instrutores familiarizados com as necessidades dos escolares em todos os graus.

Na escola, a necessidade de um museu escolar é do perfeito conhecimento de todo professor. Além das vantagens especiais para o desenvolvimento do trabalho pedagógico propriamente dito, colecionar objetos, espécimes, etc., constitui uma atividade que responde à inclinação natural da criança de juntar e guardar coisas. Nada mais interessante, portanto, que aproveitar esta disposição da infância para um construtivo trabalho escolar que, envolvendo a participação de todo o grupo, cria um ambiente dinâmico de intercâmbio na escola. Podemos, apenas para efeito de condução do assunto, estabelecer alguns pontos que devem ser considerados:

(I) Material para o museu escolar - Dos inúmeros artigos, objetos, mostras e modelos que podem ser incluídos em um museu escolar, podemos sugerir:

Aquário - peixes, rãs, tartarugas, caracóis, plantas aquáticas.

Alimentos e produtos alimentícios - domésticos e estrangeiros.

Anatomia - caveiras, ossos, garras, órgãos, plumas, dentes, peles.

Animais - ratos, ratões, coelhos, gatos.

Apiário - abelhas, zângãos, operárias, rainhas, mel, cêra.

Arte - quadros, pinturas, esculturas, anúncios, ilustrações.

Artigos estrangeiros - dinheiro, alimentos, trajes, selos, anúncios, desenhos, jogos.

Bebidas - chocolate, café, chá, refrigerantes.

Cerâmica - vasos, xícaras, fontes, potes para água, bandejas, jarros.

Combustíveis - madeira, carvão - antracita, hulha, gás.

Comunicação - métodos e materiais antigos - telefone, telégrafo, rádio.

Conchas - caracóis marinhos, ostras, mexilhões, cavalos marinhos, caramujos, corais.

Condimentos - sal, açúcar, pimenta, noz moscada, canela, vinagre, cravo.

Cronômetros - instrumentos variados, relógios.

Curiosidades e recordações.

Equipamentos de cozinha e mesa - pratos, utensílios.

Flôres - locais e nacionais, silvestres e domésticas.

Ferramentas e complementos - antigos e modernos.

Fôlhas - ramos, sementes.

Fungos - musgo, líquens.

Insetos - moscas, borboletas, libélulas, larvas, ovos.

Jóias - antigas e modernas.

Brinquedos e jogos - nacionais e estrangeiros, antigos e modernos.

Madeiras - diversas espécies, corte para demonstrar.

Más ervas e suas sementes.

Materiais de construção - ladrilhos, telhas, madeiras, metal, pintura, cunhas, pregos, asbesto, ferragens.

Matérias primas - algodão, linho, sêda, látex, produtos alimentícios.

Metais - puros e ligas.

Moeda - cunhada, papel moeda, selos - nacionais e estrangeiros, antigos e modernos.

Bonecas - antigas e modernas, domésticas e estrangeiras: trajos e equipamento.

Ninhos - pássaros, coelhos, vespas, aranhas.

Pinturas - quadros, esboços, desenhos, esquemas, fotografias, reproduções.

Plantas - flôres, grãos, cactus, vegetais, bulbos.

Plantas e suas sementes.

Publicações - livros, boletins, revistas, diários.

Material indígena - pontas de flecha, pedras talhadas, tacapes, anzóis e cerâmica.

Répteis - serpentes, lagartos, salamandras.

Rochas - pedras, minerais, metais, fósseis, madeira petrificada.

Cereais - (grãos)

Cartões postais e folhetos de turismo

Tecidos - antigos e modernos, nacionais e estrangeiros.

Vestuário - de uso comum e de gala - nacionais e estrangeiros - chapéus, sapatos, trajos, abrigos, luvas, etc.

(II) Procedência: - casa dos alunos - comunidade;

- estabelecimentos industriais ou comerciais - da localidade ou de fora;

- férias, exposições;

- câmaras de comércio da cidade; do Estado;

- intercâmbio com outras escolas e colegas;

- museus públicos e particulares.

(III) Preparação de objetos, amostras e modelos. - Dependendo ^{do} material, pode-se e mesmo deve-se estimular os alunos a realizarem o trabalho.

- Técnicas simples.

- Rotulagem.

- Colocação e exposição.

- Cooperação com os museus públicos.

(IV) Fases de instalação de um museu.

1ª Fase:

a) Circulação dos objetos entre as escolas e sua distribuição.

b) Construção de modelos (escala o mais possível idêntica à do objeto real; do mesmo modo a forma e a cor).

c) Aspecto econômico.

d) Escala menor - Mais indicada a representação fiel do todo que a inclusão de muitos detalhes (distração); a escala deve estar sempre indicada.

e) Escala maior - Inclusão de detalhes; cuidado com a proporção para evitar a distorção.

f) Iluminação - Concentrada é preferível à difusa; a luz artificial é preferível à natural

g) Critério de colocação e arranjo.

h) Critério de aquisição.

2ª Fase:

- a) Interação entre o instrutor do museu e o professor.
- b) Interação entre o instrutor do museu e a classe.
- c) Treinamento de professores em cursos oferecidos pelo museu (turmas).
- d) Assistência individual ao professor.
- e) Cooperação entre museus.

3ª Fase:

- a) O museu como parte de um serviço áudio-visual.

* * *

Exposições

I - Principais objetivos:

- a) desenvolver espírito de equipe; b) transmitir uma mensagem.

II - Para preparar uma exposição educacional:

A. Definir, inicialmente, os objetivos, considerando o público, suas necessidades e interesses. Para tanto, assegure-se do seguinte:

1. qual é o assunto?
2. por que está sendo feita a exposição?
3. que tipo de posição seria o mais adequado?
4. quais os objetivos educacionais que ela deverá atingir?
5. que é que o público deverá fazer, pensar e aprender?

B. Estabelecer planos preliminares

1. Formule claramente a idéia fundamental. Depois será fácil imaginar o material.
2. Considere o espaço disponível, porque disso depende o tamanho e a forma da exposição.
3. Selecione o material mais eficiente.

4. Planeje a participação da audiência, para manter a atenção e interesse. Se fôr possível, inclua coisas para o público fazer, tais como: acionar alavanca, levantar um tampo, virar um botão.
5. Faça um esboço rápido da exposição, tendo em mente o que ficou estabelecido sobre espaço, forma, côr, iluminação e lotreiros. Um planejamento sistemático neste ponto tornará mais eficiente o uso do dinheiro, material e tempo disponíveis.

C. Passar do plano para a ação.

1. Procure todos os objetos e materiais necessários.
2. Providencie, se possível, a participação dos alunos no planejamento e produção.
3. Consuma a exposição.

III - Disposição:

- a) Dispor da maneira melhor, dando continuidade ao trabalho e deixando claro o que quer que a pessoa veja.
- b) As exposições pretendem manter o interesse até o fim. Isso se fará através de pontos de atração. Ex.:
 - afirmação impressionante. Ex: Você sabe quanto pesa?
 - fotografia de interesse humano.

IV - Nas exposições deve-se empregar movimento, luz e côr. Ex.: boneco com movimento; projeção; cilindro iluminado, etc.

V - O organizador da exposição deve preparar um folheto.

Fontes: Apostila do SRAV do CRPE de São Paulo
Educação Audio-Visual - Harry C. McKnown e Alvin B. Roberts.

(Elaboração pela Prof. Janise Peres - CRPER/DAM)

C E N T R O R E G I O N A L D E
P E S Q U I S A S , E D U C A C I O N A I S D O
R E C I F E (DIVISÃO DE APERFEIÇOAMENTO DO MAGISTÉRIO)

I Semana de Recursos Áudio-Visuais (para professores primários do interior)

O ENSINO ATRAVÉS DO FILME

Como todos os recursos áudio-visuais e processos de ensino, o projetor cinematográfico apresenta vantagens e desvantagens.

I - VANTAGENS:

1 - Reflete o movimento:

A função principal do projetor cinematográfico é refletir os movimentos e este implica continuidade. Se o movimento não fosse uma parte essencial da representação, as imagens fixas serviriam aos propósitos educativos, mais adequadamente. O movimento pode ser observável e não observável. O projetor cinematográfico reproduz muito efetivamente os dois. O som e a cor levam à classe um elemento de realismo que não pode ser conseguido por nenhum outro meio de instrução.

2 - O projetor cinematográfico também determina uma saudável variedade dos métodos de instrução

II - Desvantagens:

1 - Custo; 2 - Distribuição; 3 - Disponibilidade; 4 - Interpretação errada da função, isto é, pensam que a finalidade do filme é simplesmente entreter; 5 - Carência de facilidades adequadas.

III - Os valores educativos do projetor cinematográfico:

1 - Situação instrutiva mais real, desde que nem sempre é possível obter uma informação de primeira mão; 2 - Maior retenção de fatos; 3 - Economia de tempo, pois a experiência tem provado que a aprendizagem se dá, mais rapidamente, quando se usa filmes; 4 - Ajuda especial para os leitores lentos. O estudante, em geral, é um leitor lento, devido a um defeito de movimentos dos olhos, a técnicas de ensino demasiado pobres ou dificuldades do vocabulário ou, ainda, devido a um retardamento mental ou uma perturbação emocional. Muitas dessas dificuldades são eliminadas com o uso de filmes.

IV - O ensino através de filmes

O professor: 1)- Deve estabelecer as finalidades específicas, isto é, seus objetivos. 2)- Deve planejar a apresentação, a fim de atingir os objetivos. 3)- Deve verificar se o filme é apropriado ao nível mental da criança. 4)- Deve determinar o lugar do filme na unidade de trabalho ou lição, isto é, determinar se será mais útil no início da unidade, no meio ou no fim. 5)- Deve preparar os alunos para ver o filme, isto é, inculcar na criança que o filme não é um simples divertimento, mas é também um meio educativo. 6)- Deve conhecer o conteúdo do filme, pelo menos e depois, planejar o melhor método para apresentá-lo. 7)- Deve planejar as atividades seguintes.

Apresentação de uma película, que não desperte um interesse que possa ser dirigido para outras atividades instrutivas não é um bom filme instrutivo, nem uma boa apresentação. Qualquer um dos processos sugeridos pela preparação da classe para ver o filme podem ser empregados no desenvolvimento e complemento do seu conteúdo. Os resumos ou informações escritas, álbuns de recortes, experiências, excursões e leituras supletivas saem facilmente do filme e podem ser usados com este propósito adicional.

8)- Deve avaliar os benefícios obtidos pelo aluno. A melhor prova do filme é a sua contribuição para os ideais, conhecimentos e hábitos da criança. Pode-se usar provas de tipo subjetivo e objetivo para determinar esta contribuição. Os resultados das provas realizadas antes do filme, com os das provas realizadas depois, contribuirão para a avaliação do filme. A reação dos alunos a estas atividades posteriores indica o valor do filme, enquanto auxiliar da instrução. As opiniões gerais do aluno também serão valiosas. Pode assegurar-se que a contribuição que o filme dá, está em proporção direta com o planejamento do professor e a preparação dos alunos.

V - Seleção e cuidado dos materiais

Os filmes e projetores cinematográficos são caros e, portanto, devem ser selecionados cuidadosamente, utilizados com inteligência e conservados de maneira apropriada, não só pelo dinheiro gasto neles, mas também pela necessidade de serem, instrutivamente, eficientes. Um filme inapropriado ou mutilado e um projetor com defeitos nunca darão resultados satisfatórios, como instrumentos de ensino

1)- tamanho dos filmes:

Os filmes são sempre de 8,16 ou 35 mm. Os primeiros, são mais apropriados para passar em casa, isto é, para pouca gente. Os segundos, são os mais aconselháveis para uso na escola e os últimos, são próprios para as projeções em cinemas, isto é, projeções para muita gente.

2) Tipos de filmes.

Os filmes podem ser mudos ou sonoros e ainda, em branco e preto e coloridos.

Os filmes mudos têm, como vantagem, o fato de serem mais baratos e de poder adaptá-los aos diversos níveis e a numerosas questões, contanto que o professor acrescente a narração correspondente. Quando os professores se acostumarem a usar os filmes na classe, estarão melhor preparados para valer-se do filme mudo.

Uma desvantagem do filme mudo é que, atualmente, poucas companhias o produzem e outra, é que os alunos já estão acostumados com o filme sonoro.

O filme sonoro é aquele em que o som fica registrado ao lado do filme, no espaço chamado "lado sonoro". O som pode: a) explicar oralmente as cenas ou o conteúdo do filme; b) combinar a explicação oral com o som natural, como o tom de um instrumento musical, o ruído de uma árvore que cai, etc.; c) combinar a explicação oral com um fundo sonoro, geralmente, musical.

A principal vantagem do filme sonoro é a combinação dos conceitos auditivos e visuais, aproximando, então da realidade.

Outra vantagem é que a explicação oral, autêntica e, apropriada - mente, sincronizada, dirige a atenção dos alunos para os pontos principais do filme. Se o professor não tem bastante experiência no uso dos filmes ou não está bem a par da matéria a que o filme se refere, os textos orais ajudam .

Em terceiro lugar, o filme sonoro pode ser, eficazmente, usado com alunos que têm dificuldades na leitura, devido a que, quase todos os títulos, como os que são usados no filme mudo, foram eliminados. No entanto, não se deve esquecer de que a palavra falada pode carecer de significação, do mesmo modo que a imprensa.

Uma quarta vantagem do filme sonoro é a continuidade; não é necessário que o professor interrompa o tema para explicar os títulos, como no filme mudo. No filme sonoro de 16mm há há 24 quadros por segundo e, no silencioso, 16 quadros por segundo a diferença entre a imagem e o som é de 24 quadros .

VI - Critérios para a seleção de filmes: a) Só deve ser utilizado se os outros recursos áudio-visuais não forem satisfatórios para aprendizagem do assunto. Se no assunto que vamos ensinar, o movimento não constitui um tema importante, êles podem ser dispensados, como por exemplo, para ensinar edifícios, montanhas, fábricas, etc. b) Deve estar relacionado com o programa, que está sendo desenvolvido na classe. O filme deve também se combinar com outros recursos áudio-visuais. c) Deve ser autêntico. d) O professor deve compreender e fazer com que a classe compreenda o propósito para o qual foi feito o filme. e) Não deve ser dispersivo. f) Deve ser, tecnicamente, bem feito. g) Deve servir de motivação.

VII - O filme pode mostrar: a) habilidades; b) ações; c) informações básicas; d) fatos.

Um filme pode também a) formar atitudes; b) estimular emoções; c) levantar problemas.

VIII - Antes da projeção, o professor deve: a) verificar o projetor, isto é, as lâmpadas, do som e do projetor, as lentes e a abertura; b) verificar a sala, isto é, tomadas, escurecimento, ângulo visual .

IX - Cuidados com o filme:

a) Não esfregar os dedos no filme. b) Não parar a projeção. c) Não esquecer a folga . d) Verificar se o filme está bem encaixado na roda dentada.

X- Cuidados com o projetor:

a) limpar as lentes; b) limpar a abertura; c) desmontá-lo, depois de usado; d) usar o ventilador.

FONTES: Educação Audio-Visual

Harry C. McKnown e Alvin B. Roberts

- Curso de Audio-Visual dado pelo SRAV do CRPE de S. Paulo em 1961

* * * *

O CINEMINHA

De uso muito freqüente em escolas de qualquer nível econômico, dado seu baixo custo e a simplicidade de sua execução, o "Cineminha" é um excelente recurso didático para programas de nível elementar e de educação de base. Funcionando como um diapositivo de confecção doméstica, sua aplicação é larga e proveitosa para vários tipos de público.

Para confeccionar o cineminha utiliza-se uma caixa de papelão ou, caso se prefira, um material que ofereça maior resistência e tenha maior durabilidade, como madeira leve. As dimensões variam de acordo com o número de ouvintes. Por exemplo, para passar um "Cineminha" para um grupo de 20 a 30 pessoas deve-se utilizar uma caixa na proporção aproximada de 60 cm de comprimento por 40 de largura. Na parte de frente abre-se um quadrado de cerca de 28x28cm, tendo-se o cuidado de fazer os cortes laterais um pouco afastados das paredes externas. Por esta janela deverão passar todas as cenas da história ou os quadros da exposição.

A parte lateral direita desta caixa deverá ter dois orifícios situados cada um a uma distância de aproximadamente 5cm da parte de cima e de parte de baixo. Introduza em cada um deles, pelo lado de fora, um arame retorcido em forma de manivela e faça-o penetrar 1 1/2cm dentro de um rôlo de madeira ou pedaço de cabo de vassoura. O outro lado destes bastões é preso com um prego que se apoia na parede interna sobre pequenas escoras.

O segundo passo para a execução do "Cineminha" consiste na preparação dos desenhos feitos em quadros sucessivos representando as cenas da história, relato ou exposição que se quer apresentar. Caso não se tenha muita inclinação para o desenho, pode-se lançar mão do recurso de recortar figuras e ilustrações de revistas, livros ou brochuras. A narrativa pode, também, ser ilustrada pelas próprias crianças ou adultos que vão constituir o público, aumentando assim o interesse pela apresentação.

Depois de preparados, os desenhos são colados em uma longa tira de papel grosso ou pano, devendo ter de largura 2cm menos do que os rolos de madeira. A seqüência das cenas deve obedecer ao planejamento feito anteriormente para a apresentação.

As extremidades desta longa tira são em seguida presas firmemente aos rolos, de modo que as figuras fiquem voltadas para fora. Enrola-se todo o papel no cabo de baixo, do fim para o começo da seqüência, de modo que fique à vista a primeira figura a aparecer na história, ou o título da mesma.

Se o trabalho estiver bem feito, as figuras devem aparecer desligando progressivamente pela abertura da frente à medida que se aciona a manivela superior; e em retrocesso ao se movimentar o rôlo inferior. O ritmo da sucessão das figuras deve ser controlado pelo operador.

Para substituir a seqüência retira-se o papel dos rolos e troca-se o "diapositivo", procedendo como já se fez anteriormente.

É não imagine que só sua assitência terá prazer em ouvir sua história acompanhada de figuras em movimento. É também um prazer eleborar, realizar e manejar um "Cineminha".

FONTE: Áudio-Visual em Revista Nº 6 - 1960

Artigo de Célia Rocha Braga.

* * * *

O RETRO-PROJETOR

O retro-projetor serve para projetar transparências.

As suas vantagens são as seguintes: 1) pode ser usado na sala de aula sem escurecimento, apresentando uma imagem nítida e aumentada; 2) o professor não perde o contacto visual com a classe; 3) permite a apresentação do material para uma classe inteira; 4) como as transparências são grandes, permitem que se escreva sôbre elas; 5) pode servir como quadro-negro com economia de tempo; 6) possui o rôlo de celofane que permite, facilmente, a revisão da matéria; 7) mantém a classe atenta, pois, na apresentação há uma série de variações.

FONTE: Curso de Áudio-Visual dado pelo SRAV do CRPE de S. Paulo em 1961

PROJETORES DE DESENHOS FIXOS

O projetor de desenhos fixos está sendo, atualmente muito usado para o trabalho na classe, pois é um recurso áudio-visual muito eficaz.

Uma de suas vantagens é que os materiais usados para isso são, relativamente, baratos e podem durar muito.

Outra vantagem é que estas máquinas são de fácil manejo, podendo até mesmo ser manejadas pelos alunos.

Outra vantagem, ainda, é que êstes projetores de desenhos fixos, com exceção dos opacos, podem ser usados em uma semi-obscuridade. Portanto, podem ser usados na própria classe.

Há vários tipos de projetores de desenhos fixos, sendo os principais: o projetor opaco, o projetor de diafilmes e o de diapositivos.

1 - Projetor opaco:

Êste tipo de projetor reflete a luz de um desenho, moeda, objeto, exemplar ou material semelhante, mediante uma série de espelhos, através de lentes sôbre uma tela. Como a imagem é refletida, se necessita de um local bem escuro para obter bons resultados.

a) RAZÕES DO SEU USO:

a) os professores primários empregam mais desenhos simples do que os das escolas secundárias; b) pode ser usado por êles uma grande abundância de material. Fotografias, cartões postais, caricaturas, moedas, bilhetos, mapas, aventuras etc. podem ser projetados. Também pode usar-se provas, exercícios de leitura e numeração, direções e desenhos, etc. Até os desenhos dos livros de texto, revistas e enciclopédias podem ser projetados sem precisar arrancar a página. Também pode empregar-se gráficos, desenhos ou outros trabalhos dos alunos.

O fato de que o próprio trabalho deles pode ser mostrado à classe, constitui um estímulo para que o façam cada vez melhor.

b) Uma desvantagem possível é que o projetor opaco é grande e portanto, não pode ser levado, com facilidade, de um lugar para outro.

c) Cuidado na escolha do projetor opaco - o tamanho da abertura debaixo da qual se vai colocar o desenho. A abertura maior torna possível o uso de maior quantidade de material.

Para conseguir melhores resultados, as figuras devem ser montadas em cartolina.

Quase todos os projetores opaco estão construídos para poder empregar também, com o auxílio de determinadas peças, diafilmes.

2 - Projetor de diafilmes

- As suas principais vantagens são: a) é muito leve e pode, portanto, ser tirado de um lugar para outro, com facilidade; b) é relativamente, barato; c) os filmes requerem muito pouco espaço para a sua conservação; d) os filmes também são, relativamente, baratos e são encontrados para compra ou empréstimo com facilidade; e) podem ser confeccionados pelo próprio professor ou, mesmo pelos alunos.

- As duas principais desvantagens são: a) exigem sala bastante escura; b) os desenhos formam séries e, portanto, não são bastante flexíveis.

SELEÇÃO DE UM PROJETOR:

a) Tipo - o que fôr mais útil ao programa da escola.

b) Sala - o tamanho, o escurecimento etc.

c) As lâmpadas - quanto maior fôr o número dos espectadores, e mais clara for a sala, mais potentes devem ser as lâmpadas para que o desenho possa ser projetado em tamanho suficiente.

CUIDADOS COM O PROJETOR:

a) Não dar quedas ou pancadas.

b) Deve ser protegido da poeira.

c) Ser colocado em lugar de fácil acesso.

d) Limpar, frequentemente, o refletor, o condensador e as lentes com um papel branco.

e) Será conveniente ter lâmpadas extras.

3 - O PROJETOR DE DIAPOSITIVOS ("slides")

Em geral vem combinado no mesmo projetor de diafilmes ou no projetor opaco, e apresenta as mesmas vantagens, as mesmas desvantagens e requer os mesmos cuidados do primeiro.

Os diapositivos podem ser feitos com máquina fotográfica ou a mão. As placas feitas à mão podem ser: de vidro com água forte, plásticas, de tinta china, de celofone, etc.

RECURSOS AUDITIVOS

1 - O RÁDIO

Suas vantagens:

a) reflete os acontecimentos no momento em que se dão; b) dá uma sensação de participação; c) apela para as emoções e assim, atrai a atenção;

d) é de fácil aquisição; e) envolve autoridades; f) elimina as distâncias; g) dá variedade aos procedimentos correntes; h) serve para instrução em grupo.

- Suas limitações.

a) Falta de número suficiente de receptores para fazer frente às necessidades do pessoal; b) coincidência das emissões com as aulas.

- Objetivos da instrução pelo rádio:

a) interpretar e enriquecer o trabalho da classe; b) educar para um uso dos descansos; c) desenvolver o raciocínio e o discernimento.

- Sugestões para utilizar as emissões radiofônicas:

a) não considerar as emissões como um substituto do ensino regular; b) evitar auditórios e outros locais demasiado amplos; c) selecionar os programas com todo cuidado; d) preparar e ter os alunos dispostos, convenientemente para a emissão; e) relacionar e integrar o programa com o trabalho de classe; f) insistir para que o aluno esteja sempre atento; g) complementar as emissões com outros recursos; h) considerar as emissões radiofônicas como tipo de tarefa para estudos posteriores; i) tentar medir os resultados da emissão; j) não incluir demasiados programas radiofônicos; l) informar as estações de rádio a respeito dos programas de que necessitam; m) selecionar o receptor; n) obter informações acerca do programa.

2 - GRAVAÇÕES

As gravações podem ser em disco, em arame ou em fita magnética.

As melhores são as gravações feitas em fita magnética, porque: a) são mais baratas; b) são mais fáceis de fazer; c) podem ser usadas várias vezes; d) podem ser ouvidas várias vezes sem perder na qualidade.

Para esse tipo de gravação, a velocidade deve ser constante para evitar distorção. A velocidade pode ser de $3 \frac{3}{4}$ e $7 \frac{1}{2}$ polegadas por segundo.

Quanto maior a velocidade, melhor a qualidade do som. As fitas magnéticas são de dupla face e, portanto, podem gravar dos dois lados.

Há fitas de 600 pés e de 1200 pés. A fita de 600 pés com a velocidade de $7 \frac{1}{2}$ polegadas por segundo, dá para gravar durante 32 minutos e com velocidade de $3 \frac{3}{4}$, 1 hora e 4 minutos.

A fita de 1200 pés, com a velocidade de $7 \frac{1}{2}$ polegadas por segundo, dá para gravar durante 1 h. e 4 m. e com a velocidade de $3 \frac{3}{4}$, 2 h. e 8 m.

Ao gravar, certifique-se de que: a) barulhos como cochichos, arrastar cadeiras, ruídos externos - foram eliminados; b) as vozes são claras; c) foram evitadas as interrupções; d) se o microfone está suficientemente perto e bem apoiado.

Para desgravar, basta gravar em cima do que já estava gravado ou deixar correr a fita, como se fosse gravar, sem, no entanto, gravar nada.

AS GRAVAÇÕES EM DISCOS, se bem que não possam ser realizadas na classe, são muito úteis para narração de histórias, para educação musical, para desenvolvimento da audição, etc.

FONTES - Educacion Visual - Harry McKnow e Alvin B. Roberto

Curso de Áudio-Visual dado pelo SRAV DO CRPE de S. Paulo, em 1961

* * * * *

CENTRO REGIONAL DE PESQUISAS EDUCACIONAIS DO RECIFE

DIVISÃO DE APERFEIÇOAMENTO DO MAGISTÉRIO

O ENSINO DAS CIÊNCIAS FÍSICAS E NATURAIS
NA ESCOLA PRIMÁRIA



JANISE PINTO PERES,
ASSISTENTE DA DAM

O ENSINO DAS CIÊNCIAS FÍSICAS E NATURAIS NA ESCOLA PRIMÁRIA

Antes de começar a ensinar qualquer matéria, o professor deve fazer, a si mesmo, algumas perguntas, tais como: a) o que é ciência?; b) quem é a pessoa indicada para ensinar tal matéria?; c) por que ensinar ciência na escola primária?; d) que assuntos devem ser ensinados?; e) para que se ensina ciência na escola primária?; f) como ensinar tal matéria; isto é, que métodos devem ser usados?, etc.

O QUE É CIÊNCIA?

Deixemos que nos falem os mestres:

- Segundo o Prof. Glenn O. Blough, ciência é o estudo do ambiente. Para as crianças o estudo de ciência consiste em explorar seu mundo, a fim de aprender coisas sobre ele e, assim, responder suas questões a respeito da melhor maneira de gozar e apreciar o que se passa em seu redor. No estudo de ciência, aprendemos modos de explorar para aprender, a respeito do mundo.

- Para o Prof. Burnett, a ciência é um ponto de vista, uma atitude para com um fenômeno que é tomado, como causa natural de todas as coisas que podem ser apreendidas pelo sentido.

A ciência é um método geral de investigação.

- Os Profs. Maxime Dunfee e Julian Greenlee afirmam que a ciência, para a criança pode ser pensada como o método e os assuntos que a ajudarão a compreender e controlar melhor o seu mundo e o ambiente do qual ela está se inteirando e no qual ela se expande, enquanto seus conhecimentos aumentam.

- Para o Prof. Clark Hubler, a ciência é uma investigação ativa.

- Para o Prof. Phillip Johnson, a ciência significa uma insaciável curiosidade e uma sede de conhecimento do desconhecido.

A ciência significa uma empresa cooperativa uma profissão intrépida, onde as idéias e os resultados dos esforços de muitas pessoas são relacionados e dirigidos para um problema ou objetivo comum.

- Segundo a National Society for the Study of Education, a ciência é uma grande força social, tanto quanto um método de investigação. Os professores de ciência têm uma grande oportunidade e responsabilidade de dar uma grande contribuição para o bem estar e progresso da humanidade.

A Ciência é um assunto dinâmico para as crianças, porque faz com que elas compreendam o universo, a energia, a matéria e a vida. O ensino de ciência para crianças pode ser um processo dinâmico usado com interesse pelos professores e pelos alunos.

- Para o Prof. Herbert Zim, em termos gerais, a ciência inclui as técnicas intelectuais para isolamento dos problemas e dos fatos exatos, para solucionar aqueles problemas. A ciência tem, algumas vezes sido chamada de senso comum organizado. Ela envolve muitos métodos e usa muitas técnicas. O método básico da ciência é o da observação. A experiência direta ou de primeira mão é o seu centro. Mas, ela não é só baseada em observações. Ela é baseada em observações que podem ser repetidas e verificadas.

- Segundo o Prof. Gerald Craig, a ciência é uma tentativa do homem para explorar, interpretar e operar com os materiais e forças do universo que o circunda. O indivíduo, quer seja criança ou adulto, tenta, desde o berço até a morte, dirigir as forças de seu ambiente. (1)

AS CRIANÇAS E A CIÊNCIA

Conforme o professor que acabamos de citar, a ciência só tem importância no ensino elementar, enquanto ela serve às crianças e, através delas, às democracias, das quais elas fazem parte.

O curso primário não é campo para especialistas em ciências ou outra matéria.

A maneira de viver pode ser influenciada pela ciência, mas, é o homem que a desenvolve. Ela não é uma personalidade, como, frequentemente, se dá a entender. Ela resulta do trabalho do homem e essa noção é que deve ser ensinada às crianças do curso primário, para que elas sintam a sua parte de responsabilidade.

Se ajudamos as crianças, em nossas democracias, a se tornarem sábias, não necessitaremos temer o futuro próximo ou distante.

Ser professor primário é uma das mais sublimes profissões, pois, é lida com o mais precioso material do universo, que são os espíritos e os caracteres da juventude.

A ciência, na escola elementar, leva em conta a natureza da criança e a da própria ciência. O que elas têm em comum é que estão sempre envolvidas na interpretação dos objetos e dos acontecimentos do ambiente. Quando as crianças vêm para a escola elas já têm reagido à gravidade, à energia, à escuridão, à luz, ao trovão, ao relâmpago, ao tempo e a uma série de outros fenômenos científicos. Elas podem trazer concepções falsas, superstições e mênos, e tornar-se um perigo para a sociedade, ou também, podem vir para a escola com uma boa atitude de aprendizagem e prontidão para o desenvolvimento da inteligência, rica fonte de comportamento.

Ao vir para a escola, a criança já tem adquirido certos conceitos de dureza, escuridão, etc., isto é, ela já os relaciona com suas experiências.

As palavras serão mais facilmente aprendidas se se associa com a experiência, principalmente as experiências diárias (quedas, brinquedos, etc.). O comportamento das crianças é, profundamente, influenciado pelo sentido que elas tiram daquelas experiências.

Cabe aos pais e professores, formar hábitos construtivos nas crianças e fazê-las sentir-se responsáveis pelo ambiente e estes padrões de comportamento adquiridos na infância podem tornar-se padrões básicos para a vida inteira.

Na idade pré-escolar, as crianças têm um grande número de experiências com fenômenos físicos e biológicos.

O desenvolvimento dos conceitos do ambiente podem começar com as experiências das crianças ao manipular, sentir, pegar e cheirar objetos, etc.

Há um constante intercâmbio de matéria entre a criança e o ambiente. A atuação de um sobre o outro será tanto melhor, quanto melhor for a educação recebida pela criança.

A criança é, naturalmente, egocêntrica e isto, devido à sua grande capacidade de adaptação ao ambiente. Sua adaptação resulta de suas próprias interpretações.

Cada criança é um sistema de energia e em todo o universo não há nada mais impressionante.

A potencialidade da ciência, de um certo modo, está nos seres humanos e sua origem remonta ao passado distante do homem. Ela resulta das necessidades dos homens, através dos tempos. Partindo disso, é fácil a aprendizagem das crianças. Além disso, o aspecto técnico, vocacional e especializado não faz parte do ensino elementar.

Alguns adultos não vêem a ciência, dêsse ponto de vista, por defeito de educação, mas eles podem, por si mesmos, livrar-se dessas reações negativas, procurando ver o ambiente e a ciência, através dos olhos das crianças, isto é, encorajando as crianças, na classe, a se exprimirem, livremente, sem medo de serem humilhadas a respeito de suas idéias sobre os acontecimentos naturais.

Através da vida, o indivíduo vai sendo introduzido no estudo dos fenômenos naturais. Os choques de corrente elétrica, as cores, o trovão, a corrente d'água, os insetos, etc. podem despertar sua curiosidade e fazê-la pedir mais explicações.

Os professores acham que as reações das crianças são diferentes. Uns imaginam e criam explicações para os fenômenos, mas estes podem ser, adequadamente, guiados. Ora, a imaginação é necessária no desenvolvimento das hipóteses e teorias científicas. Muitos cientistas afamados foram homens de idéias.

Quando a criança recebe as explicações dos adultos, ela está mais sujeita a errar: a) porque o adulto pode não dar a informação exata; b) porque a criança pode compreender mal as idéias do adulto. Enquanto a criança progride na escola, ela deve aprender que é importante buscar fontes fidedignas.

Nem todas as crianças têm o mesmo interesse pela ciência e a mesma criança varia, de tempos em tempos seu comportamento, quer seja por circunstâncias ocasionais ou como uma decorrência de seu próprio crescimento.

É importante que a criança repita experiências, porque ela pode repetí-la de um modo um pouco diferente.

Ensinando ciência, o professor pode estar estudando as crianças, através de suas reações e interpretações.

Há uma convicção crescente de que as nações livres devem ser fortes para que continuem a ser livres. Acredita-se também que a ciência é um elemento poderoso e essencial para conservação e fortalecimento do regime democrático. Sendo, assim, não é bastante ter uma pequena porção da população educada, como cientistas; para ser, verdadeiramente, forte, uma nação inteira deve ser preparada para isso e esta tarefa cabe, unicamente, à escola primária, desde que é a instituição de todo o povo. Para realizar este objetivo, a ciência deve ser colocada no currículo, como uma matéria fundamental.

Tanto o conteúdo, como os métodos na ciência da escola elementar devem estar de acordo com o regime democrático. Cada criança deverá ter oportunidade de agir, de modo educativo.

Há poder no conhecimento da ciência e as crianças devem tornar-se inteligentes como cidadãos, a fim de tomar decisões necessárias para dirigir uma democracia, que usa a ciência como um de seus instrumentos.

Em alguns países, o desenvolvimento das máquinas constitui uma parte da cultura para muitas gerações. O povo destas culturas tem participado de um modo ou de outro na invenção, instalação, utilização e conservação das máquinas.

Em casa mesmo, o progresso da ciência, o efeito da industrialização se faz sentir, através dos equipamentos e da própria alimentação (conservas, leite em pó, leite pasteurizado, etc.). (4)

QUEM PODE ENSINAR CIÊNCIA NA ESCOLA PRIMÁRIA?

Vejamos o que pensam a respeito, alguns entendidos no assunto:

- Os profs. Glenn O. Blough e Marjorie H. Campbell, no seu livro - "Making and Using Classroom" - nos diz que, embora seja o professor "que, na classe, preenche as fichas e que está mais cansado na sexta-feira à noite" são os alunos que pretendemos mudar. Portanto, eles devem ter uma grande participação na solução dos problemas, estando ativamente envolvidos na ação e execução, e, se o professor os ajuda, eles são os seus próprios "professores". Podemos dizer que o ensino é o processo de ajudar os alunos a transformar em atos todas as suas potencialidades, através de experiências satisfatórias. Enquanto aprendizes, os alunos, então, deveriam assumir tanta responsabilidade, quanto possível. Os alunos devem, tanto quanto possível, planejar suas atividades, obter os materiais a serem usados e realizar o trabalho. E, neste sentido, eles são os seus próprios professores.

- R. W. Burnett, em seu livro - "Teaching Science in the Elementary School" nos diz que um dos mais excelentes ensinamentos, hoje em dia, é o da escola primária, pois os professores não pretendem treinar as crianças em ciência. O melhor ensino da ciência, observa-se sempre, que é o daqueles professores que se mostram embaraçados, porque não são "técnicos" em ciência. A ignorância dos campos de ciência não é, na realidade, uma desvantagem no ensino de ciência. Por outro lado, a falta de treinamento técnico nas ciências não é, definitivamente, um obstáculo irremediável para o sucesso no ensino da ciência.

Por outro lado, as necessidades e interesses das crianças do curso primário, em relação à ciência, não são técnicos, isto é, não são muito aprofundados. Os livros são escritos com magníficos detalhes de aspecto técnico sobre os mais importantes fenômenos do universo. Mas, a criança não quer e não pode aproveitar tal treinamento técnico. É fácil "ensinar" à criança no sentido de forçá-la a prestar atenção a detalhes que são insignificantes para o interesse e base de experiência da criança.

A função do professor de ciência na escola primária não é ser uma enciclopédia ambulante de respostas para as perguntas das crianças. A escola não é, ou melhor, não deveria ser um programa de "Informações Satisfatórias". O objetivo da escola deveria ser, antes de tudo, desenvolver as crianças, que atinjam a maturidade desejada, através da auto-confidência e da auto-direção, e encontrarão suas próprias respostas e tomarão decisões acertadas, independente do professor e do livro de texto. A primeira função do professor de ciência da escola primária é ajudar as crianças a aprender como conseguir respostas certas, e não, dar-lhes estas respostas. Fazendo isto, o professor aprende com as crianças.

- Vejamos, agora, o que diz o prof. Kenneth Freeman, em seu livro - "Helping Children Understand Science". Ele diz que, se o ensino da ciência é para ser eficiente, os fatos e leis da ciência devem ser usados pelas crianças, ou, pelo menos, observá-los em ação. Isto significa atividade e muitos professores não pretendem permitir tal coisa em sua classe. Eles aprenderam que o professor de ciência deve pensar nos objetivos de seu trabalho e estes mudarão se forem levados em conta o pensamento e o comportamento da criança, bem como o ensino dos fatos. Está claro, então, que a importância do conteúdo está em relação ao uso, mais como meio, do que como fim. Isto significa que a ciência não é para ser pensada como um fim em si mesma, mas, como meio de se atingir um fim.

Os professores, supervisores, administradores, consultantes e outros que trabalham em grupos, através de estudos em grupos, boletins, exposições de ciências, visitas a classes, onde o programa de ensino de ciências está adiantado e outros lugares, podem eliminar medos e mostrar os modos de encorajar os professores de uma classe normal, não somente para tentar, mas para gostar do programa de ciência elementar. (1)

POR QUE SE ENSINA CIÊNCIA NA ESCOLA PRIMÁRIA?

Vejamos a opinião categorizada de alguns professores:

- Segundo os professores Glenn O. Blough e Marjorie H. Campbell, no livro já citado neste trabalho, ensina-se ciência às crianças para dar-lhes alguma coisa que as ajude a solucionar os problemas em seu ambiente, a se ajustar ao mundo em que vivem, a apreciar melhor as coisas e acontecimentos ao seu redor.

Ensinar ciência às crianças, por este método de solução de problemas, dá-lhes a habilidade de compreender melhor as idéias em ciência, "não memorizando, mas, fazendo generalizações".

- Ainda o Prof. Glenn, e também o professor Albert J. Hugget, no livro "Elementary School Science and How to Teach it" - dizem que não se ensina ciência na escola primária moderna para mostrar que "os fatos da ciência são importantes", mas, para mostrar-lhe o sentido exato das idéias. "O estudo da ciência ajudaria as crianças a vir a conhecer as generalizações, o sentido geral ou os princípios da ciência, os quais elas podem usar na solução dos problemas em seu ambiente".

Ensina-se ciência para ajudar as crianças a ser capaz de resolver, de fato, os problemas.

Ninguém pode vir a ser um bom solucionador de problemas, folheando livros de texto, vendo as definições de algumas coisas ou vivendo numa sala, onde haja um laboratório e uma série de livros de ciência.

Para se tornarem melhores solucionadores de problemas, as crianças precisam de solucionar problemas que tenham sentido para elas, compreender o seu principal processo e saber usá-lo.

É preciso deixar de dizer as coisas às crianças. Deve-se começar a dar-lhes, cada vez mais atenção, no sentido de ajudar-lhes a formular e achar soluções para os seus problemas, os quais serão levantados, através das suas experiências.

O estudo da ciência deveria desenvolver, nas crianças, uma atitude científica e isto não significa pular logo para as conclusões, ver a matéria em todos os seus aspectos, não ter preconceitos, ser um espírito aberto, não ser supersticioso, agir com cuidado, observar também com cuidado, estar disposto a mudar seus pensamentos, se está claro que deve mudar, mas é levá-las a construir, a experimentar e a tirar as suas conclusões.

- O Prof. Burnett, no livro já, anteriormente, citado, diz a êsse respeito que se deve ensinar ciência na escola primária, porque se conhece o aspecto fundamental do espírito científico, que deve ser desenvolvido nos cidadãos de uma democracia, em um mundo tão influenciado pela ciência e pela tecnologia.

Assim, ensina-se ciência para desenvolver o espírito científico. Isto significa que se deve ajudar as crianças a desenvolver seu espírito crítico.

Elas devem reconhecer que as mais humildes das invenções são importantes, na medida em que estão, ou não, de acordo com a finalidade do homem. (Ex: a energia atômica pode ser utilizada para fins pacíficos e para fins destruidores).

Também se ensina ciência na escola primária para desenvolver a "habilidade crítica", isto é, para ajudar a juventude a descobrir problemas e apresentá-los, sempre que houver necessidade, com bastante clareza.

Uma outra meta do ensino da ciência é ajudar as crianças a interpretar o seu ambiente.

- Segundo afirma o Prof. Gerald S. Craig, no seu livro - "Science for the Elementary School Teacher" - o ensino da ciência na escola elementar deveria desenvolver, nas crianças, padrões de comportamento como abertura de espírito, espírito crítico e senso de responsabilidade. Mas, a instrução para êsses padrões de comportamento não deveria ser isolada de outra instrução ou da vida mesma. A ciência pode ser utilizada no desenvolvimento de um comportamento desejável para o direito de cidadania democrática.

Abertura de espírito significa disposição para examinar cada coisa que ajude a pessoa a encontrar a solução certa, isto é, estar disposto a ouvir os comentários, propósitos, concepções e objeções dos outros.

Espírito crítico é estar disposto a abandonar uma teoria desenvolvida por êle, se ela não está satisfazendo. Crenças infundadas, preconceitos, opiniões, comentários, superstições não podem ser considerados fontes que mereçam confiança. O espírito crítico assegura que tôdas as coisas necessárias resultaram da pesquisa.

- Os Profs. Maxime Dunfee e Julian Greenlee, no seu livro - "Elementary School Science: Research Theory and Practice" - opinam que a ciência, como instrução, enfatiza o desenvolvimento de atitudes científicas e métodos de solução de problemas e é uma parte essencial da aprendizagem para viver em uma democracia.

Os objetivos principais da ciência insistem na aprendizagem para pensar cientificamente, para usar métodos científicos na solução dos problemas da vida diária, generalizar fatos e estabelecer a relação entre êles.

- O Prof. Clark Hubler, em seu livro - "Working with Children in Science" - afirma que a própria ciência é uma interpretação do ambiente e o objetivo básico de instrução nessa área seria também para ajudar a criança a fazer uma interpretação adequada de seu próprio ambiente, como ela o vê. Isto quer dizer que a pessoa deve ser capaz de interpretar, compreender o ambiente, ajustar-se a êle ou modificá-lo, de acôrdo com as suas necessidades e as da sociedade. E deve se dirigir para o ambiente com simpatia. Vivemos num mundo em que a ciência, é de inestimável valor para o indivíduo e para a sociedade, da qual êle faz parte.

- Segundo o Prof. Herbert Zim, no livro - "Science for Children and Teachers" - a ciência deveria ajudar o desenvolvimento de atitudes e aptidões na criança, desde que se leva em conta a natureza da criança e a da ciência.

- Vejamos, ainda, a opinião do Prof. Kenneth Freeman, no livro já citado neste trabalho, onde êle resume os objetivos do ensino da ciência na educação da criança nos seguintes: a) a universalidade da experiência na ciência; b) a necessidade das crianças, de satisfazer a sua curiosidade; c) a necessidade da criança de obter segurança, a qual lhe possibilita a compreensão; d) a vocação e o tempo livre, como coisas de valor para a ciência; e) a necessidade de improvisar que, geralmente, surge; f) o valor do uso do método científico na solução dos problemas. (1)

QUE ASSUNTOS DE CIÊNCIA DEVEM SER ENSINADOS ÀS CRIANÇAS?

Também neste item, vamos ver a opinião de alguns estudiosos do assunto:

- A experiência tem mostrado, segundo nos afirmam os Profs. Glenn O. Blough e Albert J. Huggett, que se ensina melhor, isto é, os resultados são maiores, quando surgem problemas incidentais, por causa de um acontecimento local, através da leitura corrente ou do material de ciência, trazido pela criança. Com um programa bem feito, sempre se atinge os objetivos, mesmo através do ensino ocasional. Um bom programa não pode ser pensado, se ignoramos estas situações ocasionais da aprendizagem.

Algumas escolas têm solucionado o problema de organização do programa, incluindo dois tipos de experiências em seus programas e agindo sem uma estrutura geral, isto é, sendo bastante flexível. Cada série e cada grupo de séries deixa margem para a aprendizagem incidental, tanto quanto para as experiências planejadas.

Ao terminar o curso primário, as crianças devem ter tido experiências nas seguintes áreas:

O universo: Estudo das estrêlas, do sol, da lua, dos planetas e da interrelação entre êles; causas do dia e da noite, mudanças de estação, marés, eclipses; noções de vastidão da Via Látea, galáxicos além de nós.

Problemas simples:

Como o sol nos ajuda? O que podemos ver no céu à noite?

A terra: origen, formação das montanhas, embotamento das rochas no solo, erosão, vulcanização, vida pré-histórica, fôrças que estão mudando e têm mudado a terra.

Problemas simples:

Como era a vida antigamente? Como é a superfície da terra?

Condições necessárias para a vida: o que os sêres vivos necessitam para existir, como êles são afetados pelas mudanças ambientais e a luta pela existência.

Problemas simples:

O que as plantas necessitam para crescer? E os animais?

Sêres vivos: Variedade, vida social, adaptações para proteção, ciclos vitais de plantas e animais, como êles obtêm alimento, sua importância econômica e a influência do homem sôbre a natureza.

Problemas simples:

Qual a utilidade das plantas e animais para nós? Que mudanças há nas plantas e animais com o crescimento?

Fenômenos físicos e químicos: Como os fenômenos físicos e químicos, tais como a luz, o som, a gravidade, o magnetismo se transformam em matéria; e como os fenômenos associados com a energia radiante e atmosférica mudam.

Problemas: Que podemos fazer com os magnetes? Como usamos a eletricidade?

TENTATIVAS DO HOMEM PARA CONTROLAR SEU AMBIENTE: Nos jardins, nas fazendas, nos pomares; as invenções e as descobertas; uso da pólvora e dos minerais; seu contrôle sôbre os sêres vivos; seu estudo dos lugares, o qual não pode ser feito, diretamente, etc.

Problemas: Como podemos fazer um bom jardim? Que devemos usar da terra?

- Segundo o Prof. Burnnett, as áreas típicas de um programa de ciências são:

1. Proteção e conservação da vida, recursos próprios e naturais
2. Produção de mercadorias e serviços e distribuição dos lucros de produção
3. Consumo de mercadorias e serviços
4. Comunicação e transportes
5. Recreio
6. Expressão de tendências religiosas
7. Educação
8. Limite de liberdade
9. Integração do indivíduo
10. Exploração.

- Diz o Prof. Gerald Craig que é difícil conceber a educação sem conteúdo. É êle que dá sentido à experiência e que tem trazido novas visões, esperanças, atitudes e comportamento para a raça humana. Mas, o ensino do conteúdo não é o objetivo final para o professor. É mais importante que a criança e o professor não se percam em um pequeno conteúdo, isto é, não estudar, muito detalhadamente, cada assunto. Para um professor, o resultado de seu ensino deve ser pensado em termos de crianças. O que interessa mais ^{nao} é a matéria que foi aprendida, mas o tipo de crianças que foi desenvolvido.

O conteúdo poderá ser organizado em relação a largos padrões do universo, aos problemas das crianças e dos significados e temas de valor social e desenvolvimentistas.

- Para o Prof. Kenneth Freeman, o conteúdo de um programa de ciência para a escola primária deve abordar aspectos do mundo da ciência, tais como:

1. Tempo e estações
2. Plantas e animais
3. Saúde e alimento
4. Fontes de luz e calor
5. Magnetismo e eletricidade
6. Máquinas e energia
7. Elementos químicos e compostos
8. A terra e como ela se formou
9. Som e luz
10. Interdependência da natureza
11. Inventores e invenções.

- Para o Prof. Clark Hubler, as circunstâncias ajudam a determinar as aprendizagens que devem ser seguidas.

- a) Uma situação significativa dá oportunidade à aprendizagem (as ocorrências em casa, na escola ou na comunidade desenvolvem os problemas naturais que exigem solução).
- b) A maturidade da criança ajuda a determinar que aprendizagens são possíveis.
- c) Os problemas pessoais das crianças ajudam a determinar que aprendizagens são necessárias. As situações locais que afetam o ponto de vista da criança e sua base de conhecimentos, sendo compreendidas, influenciarão o currículo e ajudarão a determinar o que será possível e desejável fazer.

- Para a National Society for the Study of Education, há necessidade de uma ampla e bem equilibrada instrução em ciência. No fim de cada série, a criança deverá ter crescido em suas experiências nas áreas mais extensas do ambiente físico e biológico, tais como: o universo, a terra, as condições necessárias para viver, os seres vivos, os fenômenos físicos e químicos e as tentativas do homem para controlar seu ambiente.

Em adição às áreas do ambiente físico e biológico, o organizador do currículo e o professor deveriam considerar as outras áreas além das necessidades vitais e sociais, como a saúde, a segurança, a conservação e a situação econômica. É evidente que estas áreas de vida utilizarão o conteúdo descrito nas áreas do ambiente físico e biológico e formarão uma base para o desenvolvimento de conhecimentos desejáveis, atitudes e apreciações.

- Vejamos, ainda, a opinião do Prof. Herbert Zin, o qual opina que o conteúdo na ciência elementar não é alguma coisa para ser estudada, sistematicamente, tendo como objetivo, uma apreciação da ciência. Mais do que nunca é tempo de dar às crianças experiência na formulação de questões, no levantamento de problemas e na tentativa de achar soluções através das observações e experimentações. O uso de livros de texto, de livros de referências e alguns tipos de materiais pintados é muito útil nestas situações. Mas, isto é uma pequena possibilidade de obtenção dos valores básicos da ciência, a menos que o professor veja que as crianças podem agir e funcionar como cientistas, no seu próprio nível. Se a ciência para a escola elementar for considerada somente do ponto de vista da ciência, será bastante justificável um programa de experimentação, observação, descoberta e solução de problemas. O programa envolverá, então, o uso de experiências de primeira mão e uma variedade de referências, em relação aos problemas a serem considerados. O programa de ciência, no curso primário, deveria ser livre e flexível, com ênfase na solução de problemas.(1)

Um assunto que nos parece de grande importância no ensino de ciências é a conservação dos recursos naturais; porque: a) os recursos naturais não são inexgotáveis; b) o homem depende sempre da terra e dos recursos naturais. Sa-

ber entender isso e adotar uma política para o uso racional desses mesmos recursos, contribuirão, não só para elevação do nível de vida, mas, para evitar as crises políticas e econômicas dos países. A conservação não é só preservação, mas o uso racional dos recursos naturais. A conservação tem importância científica, econômica e social. Os fatos científicos, como, geralmente, se ensinam nas escolas, contribuem muito pouco para compreensão da conservação. Mas, se, por exemplo, os professores ensinarem a importância das plantas, como fator que influi na quantidade de umidade, em lugar do tempo demasiado que gastam com a identificação das espécies, trariam mais bem estar à humanidade. Em termos econômicos, é um bom negócio.

Os recursos naturais podem dividir-se em duas classes: os renováveis e os não renováveis.

É possível salvar o solo com práticas destinadas a combater a erosão ou renová-lo, até certo ponto, com medidas adequadas para regular a vegetação. O reflorestamento pode repor os bosques. A destruição da vida silvestre pode se evitar com o auxílio da lei e também renovando e melhorando as crias com novas espécies. A provisão de água pode ser conseguida através do armazenamento da chuva e a apropriada proteção das cacimbas, onde se guarda águas subterrâneas. Os pastos e outras formas de vida vegetal podem ser semeados de novo se não se descuidarem por muito tempo.

É necessário que se estabeleça a relação entre cada um desses recursos. Não há bosques sem solo e o solo necessita de bosques ou pastos. O solo e as plantas requerem água e a reserva de água depende do solo e da vegetação. A fauna silvestre não pode subsistir por si mesma e o ambiente requer a fauna adequada para o seu equilíbrio natural.

Os objetivos gerais para o ensino da conservação dos recursos naturais na escola primária são, portanto: levar uma vida digna e transmitir às gerações futuras o patrimônio natural, ou seja, uma vida mais rica para a humanidade.

Os objetivos específicos são: formar uma cidadania consciente e informada, que se distinga por uma atitude para a natureza, baseada na compreensão de que o homem depende do meio ambiente e por hábitos apropriados de ação e pensamento. Estes objetivos imediatos se agrupam como: a) atitudes ou valores; b) conhecimentos e compreensão; c) hábitos e habilidades.

a) É preciso não se mostrar indiferente ao melhoramento das condições humanas para que não se vá de encontro aos interesses do povo.

b) O bom cidadão toma parte ativa na vida da comunidade e para fazê-lo, conscientemente, deve estar bem informado, isto é, saber muito sobre os recursos naturais, especialmente, sobre os renováveis. Deve conhecer a história da conservação em seu país e a condição atual dos recursos naturais que requerem atenção especial; deve também compreender o que já se fez e o que falta fazer e apreciar a grandeza da tarefa.

O bom cidadão deve compreender a importância de tudo isso com a política social e econômica.

c) Os atos mais elementares, na infância, são fatores que contribuem para formar hábitos de conservação. À medida em que os estudantes avançam em seus conhecimentos, devem adquirir o hábito de: 1) consultar muitas fontes; 2) considerar o problema, sob todos os ângulos possíveis; 3) obter informação fidedigna; 4) interpretar, logicamente, os dados.

Algumas das habilidades a serem desenvolvidas são: o uso e interpretação de índices, mapas, gráficos, enciclopédias, etc.

Cabe à escola, encabeçar o movimento para adoção das idéias e da prática da conservação. Os professores devem auto-educar-se, através da observação e experiência pessoal.

Para integrar o estudo da conservação no programa de ensino, é essencial a cooperação das autoridades escolares, das associações de pais e mestres e das diferentes organizações da comunidade.

Na realidade, o ensino da conservação, na escola primária, se dá, impli-
citamente, quando as crianças aprendem fatos básicos, concernentes ao meio am-
biente físico (Ex: que o fogo queima, etc.).

À medida em que as crianças crescem, adquirem noções, acôrca das estrô-
las e dos planctas, das diferentes raças e idiomas; aprendem que as árvores nas-
cem de sementes, as funções fundamentais do corpo humano, etc. Na escola, no en-
tanto, geralmente, não se aproveita esta natural curiosidade da criança e não
se leva em conta a importância definitiva que têm os hábitos que se adquire na
infância.

Nas escolas rurais, o ensino deve girar ao redor das plantas e dos ani-
mais comuns na localidade. Nas classes iniciais pode-se começar de certas fa-
ses da conservação, como o uso e a proteção do solo, da água e dos bosques, fi-
cando para as classes mais adiantadas, os conceitos de produção aperfeiçoada e
rendimento sustentado. A primeira coisa que a criança aprende é o conceito de
cuidar do que é seu, tanto no lar quanto na escola.

Para as classes iniciais, não é aconselhável o uso de unidades sôbre a
matéria, nas integrações da mesma. (Ex: o lar, a fazenda, etc.).

Sugestões de atividade:

- 1 - O estudo do solo pode começar pelo estudo da alimentação, do vestuá-
rio e da habitação, estabelecendo-se a relação entre êsses assuntos.
- 2 - A tendência das crianças para brincar nos córregos que margeiam os
caminhos pode ser aproveitada para ensinar-lhes o uso racional da água. A cons-
trução de pequenas represas, saltos d'água e lagos demonstrará o poder da água
para mover sedimentos, areia e pedras.
- 3 - A observação dos córregezinhas que se formam nos desaguentos, etc.
- 4 - Entrevista com pessoas antigas do lugar.
- 5 - Estudo do terreno que está à sombra de uma árvore. Que espécies de
plantas crescem na sombra? Que espécie de árvores crescem fora dessa zona? Ob-
servar como o orvalho, devido à exposição, seca mais rapidamente no lado sul que
no lado norte, etc.
- 6 - Que quantidade de luz solar necessitam as árvores de um bosque? Ob-
servar, em um bosque, as árvores altas e retas e as feias e retorcidas.
- 7 - Observar o pátio e os arredores da escola e desenhar um pequeno cro-
quis situando as árvores na posição que ocupam, marcando os lugares sem planta-
ção, os córregos em formação, os arroios, etc. Plantar sementes, fazer trans-
plantações, etc.
- 8 - Reprodução de flôres estranhas e estudos sôbre elas.
- 9 - Observação de plantas e animais para identificá-los e, depois, o uso
que se faz dos mesmos.
- 10 - Estudo da fauna, especialmente dos animais que se pensa serem dani-
nhos.
- 11 - Fazer observações no solo, através de escavações.
- 12 - Confecção de cartazes, desenhos, diários, etc., sôbre a cooperação
dos pais e das atividades de conservação que realizam as crianças e a exposição
de tais materiais na escola e em lugares públicos adequados, contribuem para au-
mentar o interêsse e a cooperação dos pais e grupos cívicos.

13 - As dramatizações sôbre vários assuntos, como, por exemplo, a prevenção de incêndios de matas podem ser um eficaz auxiliar do ensino da conservação e um meio adequado para atrair a atenção dos pais para o trabalho que realiza a escola.

14 - A comemoração do dia da árvore poderia ser feita de modo mais educativo e útil.

O aluno das classes mais adiantadas já pode compreender a vida animal silvestre e entender as leis que regulam a caça.

- Dar tôdas as funções dos bosques e florestas (abastecedores de madeira, proteção das vertentes, abrigo e amparo da fauna silvestre, regulação da temperatura das águas para a criação de peixes, aninhamento das aves úteis e guarida de animais pilíferos, isto é, que têm o corpo coberto de pelos).

- Falar sôbre a abundância no interior dos bosques e em suas margens, etc.

- Falar sôbre o papel que desempenham os troncos vivos, como habitação de animais silvestres.

- Tratar sôbre o papel que desempenham os montes e matagais na proteção da vida silvestre.

- Tratar sôbre a variação de intensidade da luz solar nos montes e como afeta a forma das árvores.

- Papel que desempenham as árvores mortas na proteção dos animais pilíferos e como lugar de aninhamento para as aves úteis.

- Perigo de incêndio nas matas próximas das estradas, maneira de evitá-los e de combatê-los. A erosão ao lado das estradas recém-construídas. O problema de incêndio das matas se adapta, admiravelmente, ao desenvolvimento de um projeto de um ano, especialmente, em escolas reunidas e que se consiga a cooperação da comunidade. O uso de cartazes com recortes de jornais que descrevam incêndios ocorridos e os meios que se aconselham para evitá-los e combatê-los, será de grande valor para despertar o interêsse dos cidadãos conscientes no desenvolvimento do tal projeto.

- As árvores e sua importância em relação com a presença de águas puras; sua influência sôbre a temperatura das correntes de água e sôbre a multiplicação dos peixes.

- Valor dos produtos florestais no campo da medicina e das artes.

- Valor dos montes, como centro de extensão comunitária, habitacional, como fontes de ingresso pelas licenças de caça e como proteção do ambiente natural, por meio de bosques nacionais, para recreio e educação de gerações futuras.

O estudo da conservação de bosques leva a temas, como os seguintes sôbre conservação:

- Papel das diferentes espécies de arbustos na provisão de alimento e abrigo para os animais de caça.

- Papel dos animais que vivem debaixo da terra.

- Papel dos animais que devoram insetos e roedores prejudiciais às plantas e aos cultivos.

- Plantação de ervas em terrenos baldios para abrigo e alimentação de pequenos animais de caça.

- Prática de deixar algumas fileiras de pés de milho ou qualquer outro grão para que sirvam de alimento aos animais de caça durante o inverno.

- Proteção dos lugares de aninhamento, durante as colheitas.

- Construção de ninhos de madeira para as aves.

O estudo da conservação do solo e da água oferece os tópicos seguintes:

- Diferentes práticas de conservação-cultivo em nível, construção de terraços, plantação em franjas, etc. - para impedir a erosão em tôdas as suas formas.
- Papel que desempenham os vales cobertos de vegetação.
- Dano que ocasionam os incêndios e os insetos em terrenos de pastoreio: como afetam a produção de grãos e as atuações do agricultor.
- A eficaz disposição de charcos, como fator na economia da comunidade; como a água, que se obtém desses charcos se utiliza para o gado.
- Consequências do pastoreio excessivo: formação de barrancos.

Ainda outras atividades:

- Representação, em pequena escala, de uma fazenda-modêlo, onde se mostre a aplicação de medidas de conservação para evitar a erosão do solo.
- Exibição de lâminas ou desenhos originais que demonstrem as práticas boas e más que se seguem na utilização da terra.
- Organização de concursos entre as crianças para observar o crescimento das plantas semeadas em tipos de terrenos diferentes.
- Convidar um membro destacado da comunidade para que fale sôbre os meios e a maneira em que os alunos podem ajudar a resolver os problemas locais de conservação. Estas visitas darão oportunidades aos alunos para demonstrar seus conhecimentos.
- Organizar um clube de conservação na escola, do qual seja presidente, um aluno diferente, em cada semana. Estes devem tomar parte na preparação do programa de cada reunião. Tratando-se de escolas reunidas, pode-se utilizar o mesmo projeto para tôdas as classes, porém as atividades são diferentes para cada grupo.

Os meninos do interior têm um conceito mais amplo do que significa a conservação e do como influem os recursos naturais em sua vida, devido ao seu maior contacto com a natureza, mas os da cidade também precisam dessa educação específica para a conservação.

Para as crianças da cidade, há três campos, nos quais se podem tratar temas sôbre conservação: a educação cívica, a salubridade e as relações entre a cidade e o campo.

Sugestões de atividades:

- Plantar em vasos na classe.
 - Fazer um monte em miniatura com pedaços descobertos e outros, com pastagens. Regar ambos os pedaços, igualmente, e observar o grau de absorção de cada um.
 - Formar uma ladeira artificial e trazer nela linhas niveladas, terraços, etc.
- Preparar um livro de recortes com artigos de jornais sôbre incêndios de bosques, inundações e outros fenômenos que afetem os recursos naturais e descrever as práticas seguidas para prevenir tais estragos. Pedir informações às dependências do governo e às associações científicas do país, sôbre as medidas que tenham adotado a esse respeito.
- Plantar grama no pátio da escola, plantar arbustos e árvores para evitar a erosão.
 - Preparar mapas e gráficos, que demonstrem a causa das inundações e as perdas que ocasionam.
 - Organizar debates e dramatizações sôbre temas de conservação e destruição de recursos naturais. (Estas atividades se adaptam aos alunos de tôdas as classes e servem para despertar o interêsse dos pais).

- Estudar a comunidade para determinar que indústrias seriam afetadas em caso de ocorrer incêndios ou inundações nos bosques.

- Visitar as indústrias de madeira para observar o uso que se faz da madeira.

- Organizar excursões a zonas afetadas pela erosão.

- Fazer uma lista das coisas que demonstram como o bosque beneficia o homem: edifícios, móveis, meios de transporte, fios para os tecidos, caixas, lápis, papel-jornal, etc.

- Fazer o diário de uma árvore favorita, anotando a data em que aparecem os botões, se abrem as flôres, se forma o fruto e em que as fôlhas mudam de côr e caem.

- Visitar museus de ciências naturais, de história, etc.

- Organizar grupos de jovens exploradores para realizar excursões a lugares interessantes, em relação com o estudo dos recursos naturais.

Se se dá essa educação específica à criança, tanto da cidade, como do campo, dá-se oportunidade de constatar que o mundo físico, químico e biológico, constantemente estão mudando e formará um cidadão capaz de contribuir para a conservação dos recursos naturais. (3)

QUAL O VALOR DA EXPERIMENTAÇÃO NA CIÊNCIA ELEMENTAR?

Como fizemos em relação aos tópicos anteriores, vamos ver a opinião de alguns entendidos no assunto:

- Segundo os Profs. Glenn O. Blough e Albert J. Hugget, a finalidade principal da execução de um experimento é algo mais do que responder a questão formulada. Para que um experimento seja válido, êle deve também ajudar a responder as perguntas, acêrca das coisas que as crianças vêem em seu mundo. É esta aplicação a situações da vida real que é muitas vezes omitida. As idéias adquiridas pela experimentação explicam coisas que acontecem na vida diária e as crianças deveriam ser ajudadas para ver que isto é assim.

Para muitos, a experimentação é um modo de trabalhar em ciência. É uma maneira importante de aprender, e o trabalho em ciência torna-se mais interessante e significativo e dá muita oportunidade de pensar, raciocinar e solucionar o problema para o planejamento e execução dos planos e para verificar a eficiência dêstes planos.

- Para o Prof. Gerald Craig, alguém pode pensar que a experimentação é um desenvolvimento através dos séculos, crescendo com os ensaios e erros e com o acaso, comportamento impulsivo usado pelo homem primitivo. O desenvolvimento de qualquer cultura humana, partindo dos ensaios e erros para o desenvolvimento da experimentação científica, requer séculos.

O professor também deveria usar a experimentação para o desenvolvimento da criança. Os experimentos em ciência podem ter um papel significativo no desenvolvimento adequado dos padrões de comportamento do espírito crítico, da abertura de espírito, do senso de responsabilidade, da riqueza de experiências.

Algumas vezes um experimento serve para esclarecer os problemas, para ajudar as crianças a visualizar certas fôrças naturais em ação. Algumas destas fôrças são de tal natureza que as crianças mesmas podem guiar suas ações, como, por exemplo, a fôrça magnética em um magnete. A experimentação também pode ser usada pelo professor para livrar as crianças de superstições.

- Para o Prof. Clark Hubler, as experiências podem ser usadas para solucionar os problemas levantados, para determinar os fatos ainda incertos. Quando são simples, as experiências apropriadas são possíveis de serem realizadas, individualmente e de modo eficiente, ajudando o indivíduo a desenvolver seu espírito de iniciativa. Em outros casos, quando fôr necessário uma su

pervisão mais intensa, orientação e assistência do professor, é preferível que se organize um grupo liderado pelo professor. (1)

POR QUE AS EXPERIÊNCIAS EM PRIMEIRA MÃO, ISTO É, EXPERIÊNCIAS DIRETIVAS, EXPERIÊNCIAS DAS PRÓPRIAS CRIANÇAS SÃO IMPORTANTES NA CIÊNCIA?

- Segundo o Prof. Kenneth Freeman, uma necessidade bem conhecida da criança e que difere de criança para criança, e que está de acordo com a base de experiências individuais de cada uma, é a de satisfazer a sua curiosidade.

Assim, as crianças terão mais interesse e aprenderão mais, se aprendem o que elas querem investigar, se satisfazerem sua curiosidade acerca daqueles problemas, nos quais estão interessadas. Esta é a razão por que o ensino moderno se centraliza na solução de um problema que resulta de sua própria experiência.

- Para o Prof. Blough, estas experiências são importantes: a) porque fazem da ciência algo real; b) porque envolvem planejamento; c) porque envolvem a solução de problemas.

As crianças de hoje vivem num mundo, no qual os princípios da ciência são, continuamente, aplicados para produzir, dar lucro e conforto. A experiência direta na aplicação dos princípios científicos é parte integral da aprendizagem da ciência, muito antes do Jardim da Infância, muito antes da criança vir para a escola. Então, esse tipo de experiência garante um sucesso completo.

- Em qualquer trabalho, a avaliação é utilíssima, pois ela possibilita a correção dos erros na continuação do mesmo ou em trabalhos futuros, mas, vejamos: QUAL A NATUREZA E FINALIDADE DA AVALIAÇÃO EM CIÊNCIA.

- Segundo o Prof. Kenneth Freeman, o processo de avaliação começa com o encontro com o aluno. O professor deverá conhecer a capacidade mental do aluno, seu nível de escolaridade, seu ajustamento emocional, sua base de experiência e todas as outras informações, concernentes ao aluno.

Um bom programa de avaliação deve ter quatro procedimentos:

1. A formulação de determinados propósitos, em termos do comportamento infantil;

2. O planejamento de situações ou reorganizações das já existentes, onde aqueles comportamentos podem ser esperados;

3. Provas de "como" e "para que" aquilo está sendo realizado;

4. A interpretação das provas à luz das finalidades para determinar o que necessita ser modificado e mais desenvolvido do programa.

O fator final mais importante na avaliação é o processo de exercício do raciocínio para determinar se alguma modificação deverá ser feita para facilitar a realização dos propósitos ou se alguma modificação de propósitos é necessária.

Dizem que há dois objetivos no conteúdo da ciência para o ensino moderno da mesma: a) o ensino da compreensão; b) a preparação das crianças para a vida, o desenvolvimento dos hábitos e atitudes.

Assim, a avaliação deveria ser mais do que uma medida e deveria ser contínua, em vez de ser dada no fim de uma experiência de aprendizagem e baseada nos objetivos do ensino.

Por avaliação se entende a apreciação da eficácia da experiência educativa para conseguir o que se predeterminou.

- O Prof. Hoffmen Heiss, comenta, em seu livro - "Modern Science Teaching" - que é comum ver-se a avaliação em ciência ser encarada em termos de testes com papel e lápis.

Testes escritos e exames têm sido o critério de julgamento da aquisição e do progresso dos alunos desde o início da educação. Mas, os testes escritos têm limitações reais e a avaliação é olhada em termos do crescimento total do aluno.

Assim, a natureza e finalidade da avaliação não é somente avaliar as as consequências do ensino de ciência, mas também a avaliação do "crescimento do aluno".

A avaliação em ciência deve ser a avaliação do crescimento em termos funcionais e a avaliação de outros aspectos do crescimento, tais como, o pensamento reflexivo, as atitudes científicas, riqueza de experiências, a criatividade, o ajustamento social, etc. (1)

Vejamos, agora: COMO SE DEVE ENSINAR CIÊNCIA NA ESCOLA PRIMÁRIA, ISTO É, QUAL O MÉTODO QUE SE DEVE USAR.

Entre os métodos modernos, citamos três: o método dos Centros de Interesse, o Método de Projetos e o de Unidades de Trabalho.

Todos esses métodos citados são métodos socializados, onde grupos homogêneos fazem trabalho coletivo.

O método dos "centros de interesse" é também chamado de Método Decroly. Nêle, as matérias se entrelaçam em torno de uma idéia central, formando um todo homogêneo, ajustado à experiência globalizada e às reações afetivas da criança.

As etapas deste método são: observação, associação e expressão. Ora, sendo, a observação, um dos métodos usados pelos cientistas, as ciências físicas e naturais servem, como ponto de partida, para o Método de Decroly ou dos Centros de Interesse. É importante na aplicação desse método que não se confunda a globalização com correlação dos estudos. Na globalização, as matérias não são dadas, separadamente, e apenas baseada num assunto comum, como acontece na correlação dos estudos, mas, elas são dadas num conjunto homogêneo.

O "método de projetos" se caracteriza: a) por ter um fim determinado, o qual serve de motivação; b) por ter alto valor educativo; c) por consistir em alunos fazerem algo em seu ambiente natural.

O "método de projetos" se distingue dos "centros de interesse", porque estes não possuem um fim em vista, nem implicam, como objetivo principal, a realização de alguma coisa e se distingue das "unidades de trabalho", porque constituem a organização das atividades educativas, sob a forma de conjuntos unitários, orgânicos e significativos. (5-6).

Entre os métodos citados, salientamos o das Unidades de Trabalho, que é um dos mais modernos e, parece que, o melhor deles.

"Unidade de Trabalho significa amplas situações de aprendizagem, nas quais são usadas todas as experiências possíveis para a aquisição de conhecimentos para a formação ou aperfeiçoamento de certas atitudes e desenvolvimento de habilidades. O método de Unidade de Trabalho pode ser considerado como um conjunto organizado de conteúdo e de atividades em torno de um assunto ou de um problema central, destinado a facilitar a aprendizagem do aluno. Este método dá ênfase à solução de problemas e oferece oportunidades para o desenvolvimento social do aluno, além de proporcionar ocasiões para que ele possa usar suas habilidades fundamentais: ler, escrever, aplicar noções aritméticas, trabalhar em grupo com os colegas, planejar com a professora ou com os próprios companheiros. Psicologicamente, é baseado no princípio de que a criança aprende melhor, através de largos blocos do que através de pequenos segmentos; isto significa que a globalização ou a unificação do conteúdo e das atividades vem favorecer a aprendizagem.

As unidades podem variar, quanto à organização, à finalidade e à maneira de apresentação. Algumas são longas e pormenorizadas, outras, breves e gerais; umas salientam as atividades e outras, o conteúdo. Há unidades preparadas pela professora que vai usá-las. Estas contêm atividades e materiais que se destinam a um grupo específico de alunos. Outras são organizadas para servir como fonte de referência ou de consulta e não se destinam a uma classe de terminada. Estas, para serem aplicadas, deverão sofrer modificações de acordo com os interesses e o desenvolvimento da classe. Apesar de todas essas diferenças, as Unidades de Trabalho possuem alguns elementos comuns que as caracterizam:

1. Problemas ou interesse central.
2. Conteúdo significativo.
3. Experiências e atividades numerosas e variadas, abrangendo todas as matérias.
4. Objetivos claros e bem definidos, compreendendo conhecimentos, atitudes e habilidades.
5. Participação ativa do educando, tanto no planejamento como no desenvolvimento e na avaliação.
6. Uso de material variado e ao alcance do aluno.
7. Utilização da avaliação contínua.
8. Flexibilidade na duração e no conteúdo." (2)

O USO DOS RECURSOS ÁUDIO-VISUAIS NO ENSINO DA CIÊNCIA:

Como em todas as outras matérias, o uso desses recursos são de grande utilidade, pois eles tornam a aprendizagem mais rápida, mais duradoura e mais interessante, tanto para o aluno como para o professor.

Entre esses recursos, podemos citar: o quadro-negro, o quadro de avisos, as dramatizações, os desenhos, as fotografias, as gravuras, os gráficos, os mapas, os modelos, os objetos e exemplares, os filmes, diafilmes, diapositivos, cartazes, excursões, exposições, museus, visitas, recortes de jornal ou revista, rádio, televisão, viagens, histórias, etc.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA:

1. Apostilas organizadas por alunas de Indiana University
2. Boletim nº 3 do Departamento de Estudos Sociais do PABANE (fevereiro-1962)
3. "La Escuela Primaria y la Conservación de los Recursos Naturales"
- División de Educación - Departamento de Asuntos Culturales - Unión Panamericana - Washington, 6 - D.C., 1954
4. Craig, Gerald S. - "Science for the Elementary School Teacher"
Ginn and Company - U.S.A. - 1958
5. Santos, Theobaldo Miranda - "Noções de Prática de Ensino"
6. Aguayo - "Didática da Escola Nova".

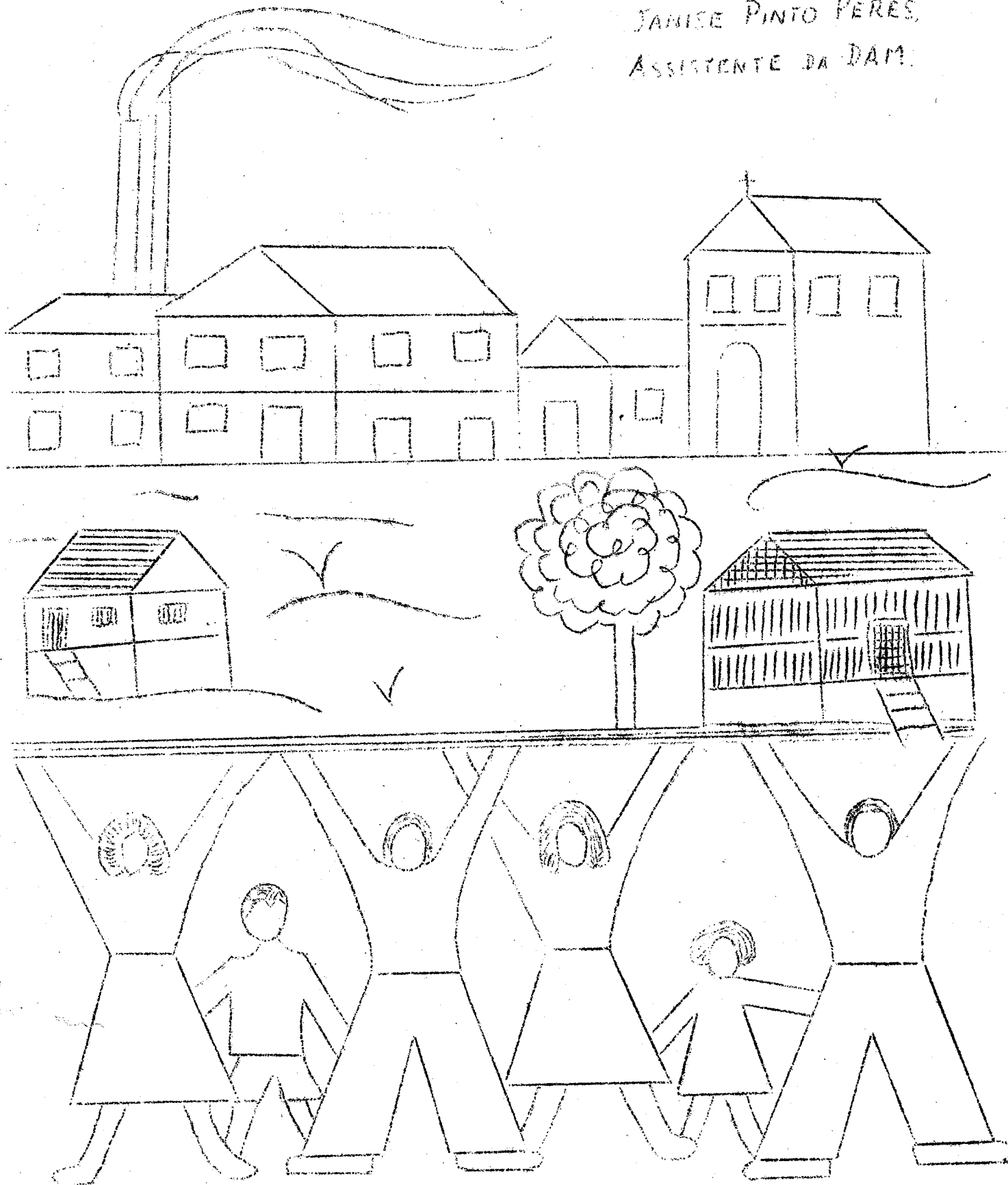
(Apostila organizada pela Profª. Janise Peres, assistente da D.A.M. do CRPE do Recife)

CENTRO REGIONAL DE PESQUISAS EDUCACIONAIS DO RECIFE

DIVISÃO DE APERFEIÇOAMENTO DO MAGISTÉRIO

ESTUDOS SOCIAIS NA ESCOLA ELEMENTAR

JANISE PINTO PERES,
ASSISTENTE DA DAM.



AGOSTO DE 1962

Colaboração da Divisão de Aperfeiçoamento
do Magistério do Centro Regional de Pesqui
sas Educacionais do Recife com o Treinamen
to de Professôras Primárias do Maranhão,
promovido pela SUDENE

OS ESTUDOS SOCIAIS NA ESCOLA ELEMENTAR

Para trabalhar com êxito na escola primária, o professor precisa ter bem claro, em sua mente, uma série de coisas, como por exemplo, o por que, o para que, o que e o como ensinar cada uma das matérias, levando-se em conta as necessidades e capacidades da criança, nas diversas fases de sua vida.

Tentaremos, agora, esclarecer êsses pontos e outros, em relação aos Estudos Sociais.

I - O lugar dos Estudos Sociais na Escola Elementar:

a) O que são Estudos Sociais?

Deixaremos que os especialistas no assunto nos falem a respeito.

- Segundo o Prof. John Michaelis, no livro "Social Studies for Children in a Democracy", os Estudos Sociais dizem respeito ao povo e sua interação com o seu ambiente físico e social; êles tratam das relações humanas, os modos de vida e de trabalho, o uso do ambiente para encontrar as necessidades básicas do homem, seus costumes, instituições, valores e situações de vida, a herança cultural e suas características dinâmicas e progressivas.

- Segundo os Profs. Alice, Brogan e Peggy, no seu livro "More than Social Studies", o termo "Estudos Sociais" foi inventado, como etiqueta, para seleções, isto é, partes da Ciência Social, as quais foram organizadas, adequadamente, para a educação geral das crianças e jovens de escola primária e secundária. É uma designação para um programa de fusão dos assuntos sociais. Os assuntos tradicionais na educação social eram geografia e história, em particular, transformados naquilo que em breve passou a ser um novo assunto, Estudos Sociais.

- Para o Prof. Henry J. Otto, no seu livro "Social Education in Elementary Schools", o termo Estudos Sociais é usado para designar os assuntos escolares ou as áreas do currículo escolar, que tratam das relações humanas. As Ciências Sociais e os Estudos Sociais lidam com o mesmo tipo de material, os quais dizem respeito às relações humanas; mas, diferem, quanto ao nível de dificuldade e, algumas vezes, na seleção de tópicos.

- Para o Prof. Ralph C. Preston, no seu livro "Teaching Social Studies in the Elementary School", os Estudos Sociais são porções das ciências sociais selecionadas para uso no ensino. As ciências sociais são os campos de conhecimento, que tratam do comportamento social do homem, sua vida social e suas instituições sociais.

- De acôrdo com a opinião do Prof. John Jarolimek, expressa no seu livro "Social Studies in Elementary Education", Estudos Sociais é uma área do currículo da escola primária, a qual tem, como responsabilidade primordial a assistência ao aluno para desenvolver hábitos, dentro de uma compreensão das relações humanas, Os Estudos Sociais tratam do homem em suas relações com o ambiente.

- Segundo os Profs. Edgar, Adams e Mary Wesley, no seu livro "Teaching Social Studies in the Elementary School", o termo estudos sociais é usado para designar os assuntos escolares que tratam das relações humanas. O povo, muitas vêzes, tem uma falsa concepção do estudos sociais. Confundem com socialismo, serviço social, reformas sociais, problemas sociais, bem estar social, etc. O campo dos estudos sociais é mais um crescimento do que uma criação. Os assuntos, neste campo, são, mais ou menos, independentes, um do outro. Cada um se liga a uma necessidade particular, porque descreveu e explicou algum aspecto da relação humana.

- Vejamos, ainda, a opinião da National Society for the Study of Education, no livro "Social Studies in the Elementary School"; os estudos sociais tratam dos modos de vida do homem com seus semelhantes, tanto no presente, como no passado e no futuro.

- A Prof^a. Maria Onolita Peixoto, no seu livro "Habilidades em Estudos Sociais", diz que os Estudos Sociais são aquela área do currículo que tenta combinar e organizar todos os conhecimentos e idéias mais necessárias ao homem; com respeito às relações dos homens entre si e com respeito às relações do homem com o seu habitat".

Os Estudos Sociais não são, apenas, o estudo da História e da Geografia, como muitos pensam, e nem omitem essas disciplinas, mas, vão um passo a frente delas. Elas combinam assuntos físico-humanos e econômico-sociais, promovendo um entrelaçamento de matérias, cujo objeto comum são as relações do homem com o seu meio físico e social.

b) Definição de Escola Elementar

Para compreendermos melhor o lugar dos Estudos Sociais na Escola Elementar, precisamos ter bem claro o que significa este tipo de escola, isto é, quais são os seus objetivos, qual é a sua finalidade.

Por escola elementar, entendemos uma escola básica, na qual não deve haver preocupação de formar técnicos ou especialistas em algum assunto, mas, uma grande preocupação de preparar o indivíduo para a vida, pois a mudança social que vem se operando em nosso país, para não dizer em todo o mundo, é bastante grande e já não é suficiente que a escola tenha por objetivo transmitir, apenas, conhecimentos e treinar os alunos em algumas técnicas básicas, porque, dentro de pouco tempo, elas estarão desatualizadas e

o indivíduo poderá, então, tornar-se um desajustado ao seu meio. É preciso, portanto, que a escola elementar descubra tôdas as virtualidades do aluno e tente desenvolvê-la ao máximo, habilitando-o a ser um bom cidadão, um membro útil à sua comunidade e habilitando-o também a continuar, por si mesmo, a sua educação e fazê-lo sentir-se responsável por êste aperfeiçoamento contínuo de si mesmo.

As escolas de todo o mundo estão sendo chamadas pelo povo, em geral, e sobretudo pelos líderes políticos e sociais, com o fim de assumir, cada vez mais, uma série de funções que, anteriormente, não lhe competiam.

c) Os Estudos Sociais, como centro do currículo e o tempo que deve ser dedicado a esta área:

O homem é, por natureza, um sêr social e, por isso, estão em constante interação com o seu ambiente, podendo daí resultar modificação de ambos. Toda criança vive e aprende, através de sua experiência, e a qualidade desta aprendizagem depende da compreensão que a criança tem de si mesma e da compreensão de outras pessoas. Assim sendo, tôdas as suas aprendizagens são aprendizagens sociais, desde que elas, de algum modo, são afetadas por outras pessoas.

É impossível imaginar uma situação, na qual, a pessoa humana não seja o elemento mais importante. Desde o nascimento até a morte, o sêr humano depende dos outros - a princípio, inteiramente, e, depois, êle vai recebendo, mas também vai dando. Desde cedo, a intrincada rêde de relações humanas começa a se formar e estas relações variam de indivíduo para indivíduo e de situação para situação.

A aprendizagem social, adquirida, através do estudo das experiências de outras pessoas, é inadequada para servir de preparação para a vida, para preparar membros efetivos de uma sociedade democratica, a qual está baseada, sobretudo, na cooperação e na interação do indivíduo e do ambiente. Para isto, as crianças, sob a orientação de um professor simpático, devem realizar, cooperativamente, suas próprias experiências. Isto influi mais tomadas de decisões ou seleção de atividades e planejamento para realizá-las, efetivamente, descobrindo seus objetivos e avaliando os resultados, tanto durante a ação, como no fim da mesma.

Os Estudos Sociais, quando bem orientados, propiciam grande ajuda à formação da personalidade do educando. O seu ensino contribui para melhorar a qualidade do modo de viver na escola, na família e na comunidade.

Ora, se considerarmos a finalidade da escola elementar, que é a de preparar o indivíduo para a vida, como já dissemos, anteriormente; se considerarmos também a constante troca que há entre o indivíduo e o seu ambiente e a possibilidade de modificação de ambos, através dessa interação,

e, se considerarmos, ainda, a ajuda que os Estudos Sociais podem dar nesse sentido, somos, forçosamente, levados a reconhecer a importância desta área no currículo da escola elementar e a colocá-la, como centro do mesmo, isto é, fazendo dos Estudos Sociais, o ponto de partida para todas as outras matérias (incluindo também Religião) e, conseqüentemente, dedicando mais tempo aos Estudos Sociais.

d) Relação dos Estudos Sociais com a Ciência:

Os Estudos Sociais estão muito relacionados com a Ciência mais do que as demais matérias do currículo da escola elementar e, de tal modo, que, as vezes é difícil distinguir as duas. É o caso, por exemplo, de alguns assuntos de geografia. Isso é devido ao fato de ser a ciência, como diz o Prof. Roberto Moreira, no seu livro "Teoria e Prática da Escola Elementar", também um produto de um processo superior de socialização, de relações entre os homens, de interação social, porque ela é produto de experiência acumulada através dos tempos.

II - A educação e a disciplina democrática:

a) A disciplina da democracia:

O conceito de Educação é, completamente, diferente para o totalitarismo e para a democracia. Assim sendo, para determinar os objetivos dos Estudos Sociais na Escola Elementar, o professor precisa conhecer o sistema político adotado na comunidade, precisa, inclusive, conhecer as diferentes concepções que se tem desse sistema, pois é preciso ajudar a criança a aprender o que ela necessita para ser bem sucedida na vida, levando-se em conta o seu meio.

É preciso também que o professor tenha uma noção exata do que é sociedade, pois esta noção precisa ser dada às crianças, de modo concreto.

A sociedade pode ser fundamentada em leis, símbolos, processos, instituições, grupos organizados, etc. e é constituída por pessoas, dos mais variados tipos.

Para dar a noção exata de sociedade, o professor pode: 1-partir da idéia de "conjunto de pessoas", analisando diversas sociedades conhecidas dos alunos e pôr em relêvo a noção mais precisa de conjunto de sócios, com direitos e deveres próprios; 2-salientar a idéia de que certas atividades desenvolvem as boas qualidades das pessoas e que as atividades de muitas agremiações de fins culturais ou assistenciais, beneficiam também pessoas que não sejam sócias; 3-com crianças de 12 anos, mais ou menos, pôr em relêvo a noção mais abstrata de alvos altruísticos e egoísticos; 4-fazer estudar as diversas sociedades, salientando a idéia dos meios que devem ser empregados para que se alcance os fins; observar os fins diversos

e os diversos meios adequados e eficientes e o valor destes meios, do ponto de vista individual e coletivo; 5-com crianças de 13 anos, despertar a noção de hierarquia nas diversas sociedades: animais, humanas.

Segundo a democracia, a educação é a formação e desenvolvimento da personalidade, enquanto para o totalitarismo, ela é um instrumento de opressão e aniquilamento da personalidade.

A democracia é, na realidade, o melhor sistema. Só ela pode ajudar o povo a crescer realmente. É preciso acreditar no valor e dignidade do indivíduo e acreditar no método de divisão de responsabilidade e inteligência.

Na socialização da escola, como diz o professor Álvaro Neiva, está o ideal supremo de toda a pedagogia e o germe de toda atitude democrática.

É preciso dar à criança a consciência de autodeterminação, que é a marca inconfundível do homem livre.

Como ideal social, a democracia faz, do indivíduo, o fim, e, das instituições, o meio.

A democracia exige que os indivíduos sejam considerados, como o objetivo último de toda construção social, e que se procure desenvolver, ao máximo, as características individuais.

Para julgá-los, convenientemente, o indivíduo deve conhecer as formas e processos científicos, tecnológicos, econômicos, políticos, culturais e religiosos da sociedade a que pertence. Para que compreenda as condições e os fatos sociais, de cada momento, e possa prever os do futuro, deve conhecer o passado em que se originaram esses fatos e condições. Só na medida em que considerar os seus próprios interesses e os dos seus semelhantes, em termos destas condições e tendências sociais, poderá ele dominar, inteligentemente, a sua própria experiência. É isso é necessário ao indivíduo que quiser colocar-se em condições de formular objetivos adequados para si e para o seu grupo.

O indivíduo precisa ser acostumado a assumir a responsabilidade de seus atos e das consequências dos mesmos, e não julgar os fatos por um prisma mesquinho e egoísta.

A democracia requer mais que oportunidade e contactos fortuitos entre os meios sociais. É preciso formar, na criança, hábitos e atitudes democráticas.

Dois critérios principais podem ser visados na escola elementar: como virtude a praticar e como regime de trabalho a realizar, isto é, lealdade e cooperação. Sem isso, o trabalho degenera em regime de autoritarismo e de exploração social.

É preciso que haja nas escolas a preocupação de aproximar a criança, diretamente, dos fatos para acostumar seus sentidos, suas mãos, sua inteligência a refletir com fidelidade a natureza; de formar-lhe hábitos de ver com seus próprios olhos e verificar os conhecimentos com o manejo, cada vez mais ativo, das coisas e fenômenos.

É necessário também que o progresso da criança, nesse ponto, seja medido. É preciso, portanto, observar o crescimento da criança, no que diz respeito à sua maneira de pensar, sentir e agir, em relação com as exigências que a sociedade democrática lhe faz. A democracia é uma responsabilidade individual e assim é preciso pensar na sua influência sobre o comportamento da criança e essa influência deve ser mesmo planejada não só pela sua importância, mas também porque, assim sendo, o professor pode, mais facilmente, avaliar o progresso da criança e, conseqüentemente, avaliar a sua própria capacidade, como educador.

Para planejar essa influência, o educador precisa ver a democracia, do ponto de vista da sociedade, justamente, como as crianças deverão vê-la mais tarde. Ele precisa ver a democracia, como algo dinâmico e contínuo.

Os conceitos verbais devem servir, apenas, para guiar nossa ação. Eles são, no entanto, os mais perigosos dos meios ou instrumentos humanos.

Vejamos, agora, os conceitos em que se baseiam as relações humanas em uma sociedade democrática. Estes conceitos são: socialização, respeito pela pessoa, felicidade humana, tomada de decisões, autoridade, ordem, justiça e educação social.

- O processo de socialização democrática é aprender mais a ser um membro mais responsável em uma sociedade, cuja disciplina requer que o indivíduo mantenha a sua integridade e descubra a sua não-singularidade, dentro do contexto de um grupo que o suporta, mas que também é suportado e enriquecido por ele. Portanto, uma socialização democrática implica também uma individualização.

- O conceito democrático de respeito à pessoa leva em conta a "diversidade na unidade" e vice-versa, isto é, leva em conta as diferenças e as semelhanças entre as pessoas.

- Em uma sociedade democrática, a felicidade humana é concebida em termos da felicidade comum, isto é, felicidade pública, sem deixar de implicar a felicidade individual, felicidade privada.

- As tomadas de decisões democráticas devem ser pelo exercício da razão e não, pela força. A minoria também precisa ser ouvida. Ela precisa dar o seu consentimento para que a opinião da maioria seja, realmente, válida.

Cada sociedade desenvolve um tipo de autoridade para dar-lhe estabilidade. A autoridade é o modo como a sociedade relaciona os interesses dos indivíduos e os valores da sociedade no nível da ação, isto é, a maneira de agir dentro da sociedade, levando em conta êsses dois pontos.

Em uma sociedade democratica, onde a preocupação maior é o bem estar de todos os indivíduos, a autoridade social é, antes de tudo, um modo de organizar o poder da autoridade pessoal. O propósito da autoridade democrática é representar ou dar poder social às necessidades e desejos do povo. Na verdade, o povo, em uma democracia, exerce autoridade sobre si mesmo.

O povo que vive em grupos sociais, democráticamente, organizado pode sentir o conceito de ordem no ritmo de sua vida. Numa sociedade democrática, a ordem não se limita a restrições e a obrigações, mas, cada indivíduo, consciente de sua responsabilidade individual, continua a criar regras de vida e de disciplina, como parte de si mesmo, através de sua vida e ele se sente feliz com isso.

Uma sociedade que dá expressão positiva aos desejos e necessidades pessoais em sua autoridade social, é uma sociedade que arrisca a sua própria estabilidade, pois o ser humano é muito inconstante, mas é um risco que deve haver. O conceito de justiça numa sociedade democrática não leva em conta, apenas, as leis, mas também o respeito pelo indivíduo. Em toda vida organizada surge situações humanas complicadas, das quais se precisa olhar para as diferenças individuais.

Isto não é fácil de fazer, desde que nem todos são iguais, não só do ponto de vista físico, intelectual, etc., mas também do ponto de vista das oportunidades de aprendizagem que tiveram. O ideal seria que se dispendesse, tanto, quanto possível, na educação, a fim de corrigir isto, desde que temos obrigação de proteger os outros, tão bem quanto a nós mesmos, e, levando em conta também as graves consequências de um comportamento não-democrático.

Nenhuma sociedade pode se descuidar da educação social de seus cidadãos, pois a verdadeira estrutura depende da prontidão de cada um para pensar por si mesmo, cooperar com os outros, saber quando deve concordar e quando deve protestar, a fim de dar fortaleza e vitalidade à disciplina única de sua sociedade.

O educador social deve estar muito voltado para as experiências das crianças. Ele deve ter uma compreensão extraordinária do modo de vida e dos padrões de comportamento da sociedade e ser capaz de avaliar isso, para que possa ajudar a criança a crescer dentro de tais padrões.

Façamos, agora, uma análise do comportamento democrático:- Em uma democracia, o comportamento individual deve ser encarado com ênfase não como algo a ser moldado ou coagido, mas, como algo a ser planejado, al

go a ser respondido pela sociedade.

Os comportamentos que o educador social necessita ter em sua mente para ensinar à criança, a significação da disciplina da sociedade são: divisão de responsabilidade, comunicação, participação, cooperação, demonstração de lealdade e exercício de cidadania.

Uma das coisas básicas, dentro do conceito democrático de respeito pelas pessoas, é fazer com que cada indivíduo dê e receba, de acordo com as suas possibilidades e necessidades. Esta divisão diz respeito, não só aos bens e trabalhos, mas também às idéias.

Quanto à comunicação, quer seja oral ou escrita, deve ser igualmente, livre para todas as pessoas, mas, assim sendo, cada pessoa é livre para fazer ouvidos surdos à mensagem do outro e para interpretá-la à sua maneira, isto é, redefini-la, quer seja consciente ou inconscientemente. Isto traz uma certa limitação, tanto para o que envia a mensagem, como para o que a recebe, devido ao perigo da distorção do pensamento, distorção da mensagem. Se somos pessoas responsáveis, temos também de medir nossas palavras para não ferir a suscetibilidade do outro, pois isto poderá levar este outro a atitudes que tragam consequências graves. Temos, portanto, de medir nossas palavras, não só ao enviarmos alguma mensagem, mas também ao interpretarmos a mensagem de outro, e tudo isso deve ser incutido na criança.

Quanto à participação, também deve haver igualdade num regime democrático. Cada pessoa deve ser educada para liderar e para seguir. É verdade que nem todas as pessoas são capazes de exercer com a mesma habilidade a liderança em determinadas situações, mas, muita gente pode adquirir esta habilidade desde que tenha oportunidade e seja orientada. Portanto, desde cedo devemos dar essa orientação à criança e oportunidades de pôr em prática a orientação recebida e a sua capacidade natural de liderança.

Quanto à cooperação, enquanto os indivíduos se desenvolvem em uma democracia, eles são, frequentemente, chamados a cooperar com outros para executar o que cada indivíduo sozinho não pode executar. Diante desta exigência, o professor deve ajudar as crianças a desenvolver as habilidades e atitudes necessárias à cooperação.

Isso é justificável, desde que o homem é, naturalmente, competitivo.

Nem todas as formas de cooperação são democráticas. A cooperação só é democrática se ela desenvolve a individualidade, para o bem da própria pessoa e de sua sociedade. A cooperação democrática implica que o indivíduo integre seus desejos com os de outros, sem deixar de ser ele mesmo.

Precisamos, então, saber que tipos de competição devem ser desperdícios. Numa democracia, a competição deve estar baseada em bons sentimentos, não só a respeito de si mesmo, como a respeito dos outros. Isto significa satisfação não só com o seu próprio progresso, mas também com o progresso dos outros, embora reconhecendo que é tão capaz, quanto aquele outro.

A escola deve criar situações em que cada criança possa constatar se será melhor realizar determinado trabalho sozinho ou com ajuda de outras ou se ele mesmo será capaz de fazer melhor um trabalho já tentado, anteriormente, isto é, a criança deve ter oportunidade de comparar os seus próprios trabalhos e de compará-los com os de outras.

- Numa sociedade democrática, o indivíduo deve demonstrar lealdade e ele pode demonstrar isso, concordando ou protestando por alguma coisa, mesmo quando ele tem de ir de encontro a uma multidão. O importante é que ele tome uma ou outra posição, consciente de que a sua idéia é mais vantajosa para o grupo, para a sociedade.

- O exercício da cidadania é feito por meio de atividades espontâneas e de auto-iniciativa do indivíduo; O exercício da cidadania implica exigências justas e tomada de responsabilidade, e isso só é aprendido através da experiência. Ninguém pode procurar tornar-se capaz de assumir responsabilidade e só depois ser considerado digno de ser livre para exigir seus direitos.

A disciplina da democracia portanto, opera através de crenças, geralmente afirmadas para e através de arranjos sociais suportáveis. Ela opera também, através da visão de democracia na mente de cada indivíduo vivo na sociedade.

2 - Aprendizagem social em uma democracia:

Por aprendizagem social, entendemos o tipo particular de aprendizagem necessária aos indivíduos de uma dada sociedade. O mesmo tipo de aprendizagem, considerada como social em uma sociedade, pode ser sem significação ou mesmo anti-social em outra. Através de padrões particulares o pensamento-sentimento-e-ação pode ser descrito de vários modos.

As relações humanas em uma democracia são baseadas nos bons sentimentos entre as pessoas. Os sentimentos para com outras pessoas estão em íntima relação com os sentimentos que cada um tem a respeito de si mesmo. Às vezes, estas relações operam como um modo de projeção ou exteriorização, pois as pessoas podem atribuir a outra a qualidade que eles não desejam possuir, ou, do lado positivo, atribuir a outra a qualidade de que ele se julga possuidor.

A reação da pessoa com quem estabelecemos a comunicação é muito significativa, principalmente, quando se trata de crianças, pois quanto sentimos que o outro tem prazer em se comunicar conosco ou quanto este outronos

elogia, naturalmente, os sentimentos que passamos a nutrir por esta pessoa são muito mais positivos e vice-versa.

A sociedade é caracterizada por grupos voluntários em grande número e variedade. Temos, por exemplo, o grupo familiar, o qual é muito diversificado, pois cada família tem suas características próprias. Temos, ainda, o grupo formado pelos companheiros de escola; mais tarde, o grupo formado pelos companheiros de trabalho, etc. As relações do indivíduo com os diversos grupos, dos quais ele faz parte, são muito significativas em uma democracia, pois, além de permitir ao indivíduo assimilar de cada pessoa e de cada grupo aquilo que lhe parece melhor, ajudando-o, assim, a ser ele mesmo, a ser diferente dos outros, a ter personalidade, possibilita-lhe também uma aprendizagem social, no sentido de ele sentir necessidade de limitar um pouco a sua liberdade, tendo em vista o bem-comum. Ele tem, portanto, ocasião de reprimir o seu egoísmo e de olhar um pouco para os outros e fazer algo por eles.

Hoje em dia, está sendo cada vez mais aceita a tese que afirma que o povo, atualmente, vive em diferentes mundos, mundos estes que cada um mesmo aprende a organizar e, além disso, o próprio indivíduo está sendo visto como um ponto importante deste mundo. Por esta razão, numa sociedade democrática, deve-se olhar para o mundo do indivíduo, isto é, para o seu espaço vital.

Por espaço vital se entende as pessoas, os lugares e épocas e o modo como estas coisas são vistas por cada indivíduo, através do seu conhecimento, da sua habilidade nas relações humanas e seus valores. Ora, com os acontecimentos da vida este espaço vai mudando e vai se estendendo, pois o indivíduo vai aumentando o seu conhecimento, a sua experiência e vai, conseqüentemente, amadurecendo mais.

As direções, nas quais se estende este espaço vital e os métodos usados nesta expansão, são determinadas pela aprendizagem planejada ou não. Assim sendo, uma das maiores responsabilidades da escola é dirigir esta expansão, é ajudar a criança a selecioná-las bem. Se uma criança, por exemplo, vive num meio baixo, se ela é um marginal e se não for bem orientada, no futuro, provavelmente, ela será um desordeiro, um criminoso. Baseados neste exemplo, podemos entender melhor a grande responsabilidade da escola a este respeito. É preciso, portanto, planejar a direção dessa expansão e levar a criança a fazer também os seus planos, adverti-la, para que ela, inconscientemente, não trilhe por um caminho que não está condizente com a sua condição de ser humano.

Os problemas sócio-pessoais são muito imprevisíveis e assim sendo não tem muito sentido levar as crianças a solucionar problemas, cujas respostas são conhecidas e não podem ser concretizadas, no entanto, elas precisam ser treinadas para solucionar tais problemas, e, enquanto isto, elas vão desenvolvendo os seus próprios conceitos.

3 - A socialização democrática na infância.

Há vários modos em que a informação sobre o crescimento da criança tem sido apresentada para uso dos pais e professores. Há a visão dos pediatras, dos pesquisadores, dos professores, etc. e todos observam a criança, através de suas atividades. No entanto, nenhuma tentativa tem sido feita para rotular, para dar uma denominação geral a todas as aprendizagens específicas do ser, no sentido de mostrar como a totalidade da disciplina democrática é organizada com as experiências das crianças. Antes disso, a preocupação tem sido sentir como as crianças vêem as coisas, quando estão em processo de socialização democrática, tanto antes, como durante a escola elementar.

III - Objetivos dos Estudos Sociais

É de grande necessidade, que o professor saiba, com que objetivos ele vai ensinar cada matéria.

Em linhas gerais, o principal objetivo dos Estudos Sociais é ajudar a criança a compreender os conceitos que apresentam, explicar a sociedade humana e desenvolver a capacidade de discernimento, habilidades e qualidades morais, as quais são tão desejáveis nos cidadãos que vivem numa democracia.

Os objetivos mais específicos do ensino dos Estudos Sociais são:

a) Conhecimento e compreensão da sociedade:- Esta é uma função constante e importante da escola elementar. Em todos os tempos e lugares houve e há esta transmissão de conhecimentos e experiências de uma geração para outra. As crianças necessitam de ajuda, não só na aprendizagem de habilidades motoras, como amarrar os sapatos e nadar, mas também na aprendizagem de coisas que os adultos já sabem e consideram verdadeiras, a respeito da sociedade. Quando o adulto transmite aos mais jovens fatos e idéias, ele está dando a estes jovens uma espécie de padrão para guiá-los, no julgamento de suas próprias descobertas e idéias, servindo também para a perpetuação de um conjunto de idéias, através dos tempos e do espaço. Os estudos sociais, pela transmissão de conhecimento e compreensão, desenvolvem na criança um senso de continuidade e estabilidade, e devem determinar tendências sociais, das quais derivam alguns dos seus objetivos.

Os estudos sociais também devem desenvolver, nas crianças, a habilidade de aplicar o pensamento científico aos problemas sociais; desenvolver atitudes e comportamento próprios de um bom cidadão e desenvolver a habilidade de saber manejar os instrumentos de estudos sociais.

IV - A organização do currículo de Estudos Sociais

O plano de estudos ou currículo deve ser organizado e flexível. Isto se aplica, tanto para um sistema escolar, como a uma escola ou uma classe.

Grande é a diversidade de prática de escola para escola no campo dos Estudos Sociais, isso, no entanto, não implica em confusão. De fato, alguma variação de escola para escola é desejável e inevitável, e depende da localização da escola, pois esta deve ser adequada ao ambiente.

V - A criança e como ela aprende Estudos Sociais:

O aluno da escola elementar é o mesmo tipo de pessoa, quando ele está aprendendo qualquer matéria e quando ele está tomando parte em algum esporte ou divertimento, porém aprendendo Estudos Sociais, ele é provavelmente capaz de utilizar e guiar-se por um maior número de impulsos e características da infância, do que nas outras áreas da aprendizagem. Os Estudos Sociais, a fim de serem mais efetivos requerem que o professor lance mão de todas aquelas possibilidades e da melhor maneira possível.

As crianças, de modo inteiramente espontâneo, procuram se orientar, se dirigir para tudo o que as rodeia. Seus interesses são diversos e variados. Sempre, enquanto elas estão experimentando um particular interesse por determinada coisa, elas têm uma série de interesses secundários.

A criança é bastante curiosa; ela é uma investigadora e o professor deve aproveitar isso. Obrigar a criança a assimilar uma grande quantidade de informações pre-elaboradas é, em geral, muito cansativo para ela. Há necessidade de apresentar algumas informações para as crianças, mas, dar ênfase demasiada a isso prejudica o seu desenvolvimento intelectual.

A criança da escola elementar busca sempre experiências de primeira mão. Ela é caracterizada pela ação. Ela tem também um grande interesse em detalhes.

É normal para a criança querer associar-se a outras no trabalho e no brinquedo e isto é ótimo, pois ela, assim, encontra mais oportunidade para adquirir boas atitudes, controle de si mesmo e a aprendizagem será mais eficiente do que, quando o professor domina as situações.

Quanto mais nova é a criança, maior é a sua capacidade de imaginação. O brinquedo de imaginação é ótimo para o desenvolvimento da criança e, embora pareça paradoxal, contribui muito para o seu ajustamento à realidade.

Os Estudos Sociais podem contribuir muito para o conhecimento da vida da criança, capacitando-a a identificar-se com outras pessoas, através das brincadeiras de "fazer de conta" e das dramatizações formais.

Através das discussões, a imaginação da criança pode ser estimulada. Os maiores e mais duradouros benefícios que a criança pode receber dos Estudos Sociais não vêm da memorização de respostas, mas da experiência.

As crianças que constituem uma classe, embora possam parecer homogêneas, são, na realidade, bastante diferentes. Cada criança é uma personalidade única e distinta em sua base de experiências, sua maneira preferida de aprender, nos conceitos que possui e na rapidez do seu desenvolvimento físico, emocional e mental. Cada criança segue seu próprio padrão individual na aquisição de generalizações e valores. O professor deve, portanto, fazer uma avaliação, uma análise de cada uma das crianças, levando em conta cada um desses aspectos.

O professor deve repetir suas apresentações e explicações para a classe em diferentes formas, para que todas as crianças as apreendam. Algumas crianças aprendem melhor ouvindo; outras, lendo; outras quando vêem um gráfico, um cartaz, etc.

Os Estudos Sociais, entretanto, não necessitam ser individualizados, através dos pequenos grupos de crianças, como se costuma fazer no ensino da leitura. Cada tópico de Estudos Sociais tem, como um dos objetivos, permitir o estudo por grupos heterogêneos, com aproveitamento de todos. As crianças ainda se diferenciam, quanto ao número de conceitos que aprendem, quanto à rapidez com que aprendem e quanto ao tempo em que retêm na memória, o que aprenderam. Todas as crianças podem pesquisar dados, tirar conclusões, etc.

Alguns dos interesses e modos de ser da criança são diferentes para cada sexo.

A aprendizagem de Estudos Sociais é baseada em certos conceitos : a) a criança necessita de uma base de experiências adequada ao que ela vai estudar; b) a aprendizagem da criança deve ser dirigida para um objetivo; c) a criança deve ter oportunidade de enriquecer, relatar e organizar os conceitos que ela aprende; d) a criança tanto aprende por indução como por dedução; e) a criança precisa ter oportunidade de praticar e recordar o que ela aprendeu; f) a criança precisa sentir, ter consciência de que aprendeu alguma coisa. Quando a criança tem esse sentimento, significa que o professor, não somente sabe o assunto, mas ele sabe também como satisfazer algumas das necessidades emocionais da infância.

Se a criança está interessada no que está estudando, a aprendizagem tende a ser mais eficiente e duradoura.

A ênfase, que se dá atualmente à prática, à preparação profissional e à pressa em nossa civilização pode fazer com que as crianças se impacientem com um assunto complicado como são os Estudos Sociais.

Um outro fator é a deficiência dos livros de texto de estudos sociais. Os livros para as primeiras séries tendem a ser magros de conteúdo e os das demais séries muitas vezes contêm um número demasiado de tópicos, sendo muito árduos, desinteressantes e de acôrdo com os relatórios dos supervisores de cúpula, isto é, daqueles que estão nos altos postos de supervisão.

Tudo isso contribui para que as crianças percam o interêsse por estudos sociais, mas, provàvelmente, o fator mais poderoso e que é encontrado com mais facilidade é: os professôres não ensinarem bem. Na maioria das vezes, êles dão mais ênfase à memorização e recitação.

Quando os professôres conseguem tornar interessantes e significativos os Estudos Sociais, as crianças também se entusiasma pelo assunto. Elas aprendem e os objetivos mais importantes dos Estudos Sociais são atingidos.

Finalmente, precisamos mencionar o professor como pessoa. O professor, que é amigo, justo e sincero em suas relações com os seus alunos, condiciona os alunos a serem mais receptivos aos seus ensinamentos e a olharem com mais simpatia para os assuntos que o professor considera interessantes e valiosos.

VI - Criação contínua em aprendizagem social:

A continuidade em aprendizagem social é mantida por cada um dos indivíduos, desde que êles tenham sido despertados para isso. A continuidade é um fator de organização do comportamento em um mundo de movimento. É a possibilidade do indivíduo ajustar o seu comportamento a novas condições, incorporando o que êle aprende de outros. É, portanto, dever da escola treinar os alunos para esta contínua adaptação ao seu ambiente, à sua época.

VII - Como ensinar Estudos Sociais:

Os Estudos Sociais, quando bem orientados, ajudam muito na formação da personalidade das crianças, do educando, contribuindo para melhorar a qualidade do modo de viver na escola, na família e na comunidade.

Entre os métodos mais modernos e mais eficientes a serem usados, citamos o dos Centros de Interêsse ou método de Decroly, o Método de Projetos e o das Unidades de Trabalho.

Todos êsses métodos citados são métodos socializados, onde grupos homogêneos fazem trabalho coletivo.

No método dos Centros de Interêsse, as matérias se entrelaçam em torno de uma idéia central, formando um todo homogêneo, ajustado à experiência globalizada e às reações afetivas da criança.

As etapas deste método são: observação, associação e expressão.

O método de Projetos se caracteriza: a) por ter um fim determinado, o qual serve de motivação; b) por ter alto valor educativo; c) por consistir em os alunos fazerem algo, em seu ambiente natural.

Este método se distingue dos Centros de Interêsse, porque estes não possuem um fim em vista, nem implicam, como objetivo principal, a realização de alguma coisa e se distingue das Unidades de Trabalho, porque estas constituem a organização das atividades sob a forma de conjuntos unitários, orgânicos e significativos.

Vamos, agora, nos deter no método das Unidades de Trabalho, cuja eficiência no desenvolvimento de um programa, principalmente, desta matéria tem sido comprovada por muitos educadores, professores e autores especializados em Estudos Sociais, conforme nos afirma a Prof.^a Maria de Lourdes Almeida, do PABAE e conforme a nossa própria experiência. (E.F.R. "Emílio Braga")

"Unidade de Trabalho significa amplas situações de aprendizagem, nas quais são usadas tôdas as experiências possíveis para a aquisição de conhecimentos e para a formação ou o aperfeiçoamento de certas atitudes e desenvolvimento de habilidades. O método de unidade de trabalho pode ser considerado, como já foi dito em outras palavras, como um conjunto organizado de conteúdo e de atividades em tórno de um assunto ou de um problema central, - destinado a facilitar a aprendizagem do aluno. Este método dá ênfase à solução de problemas e oferece oportunidades para o desenvolvimento social do aluno, além de proporcionar ocasiões para que ele possa usar suas habilidades fundamentais: ler, escrever, aplicar noções aritméticas, trabalhar em grupo com os colegas, planejar com a professora ou com os próprios companheiros. Psicologicamente, é baseado no princípio de que a criança aprende melhor, através de largos blocos do que através de pequenos segmentos; isto significa que a globalização ou a unificação do conteúdo e das atividades vem favorecer a aprendizagem.

Em Estudos Sociais, as unidades variam quanto à organização, à finalidade e à maneira de apresentação. Algumas são longas e pormenorizadas, outras, breves e gerais; umas, salientam as atividades e outras, o conteúdo. Há unidades preparadas pela professora que vai usá-las. Estas contêm atividades e materiais que se destinam a um grupo específico de alunos. Outras, são organizadas para servir como fonte de referência ou de consulta e não se destinam a uma classe determinada. Estas, para serem aplicadas, deverão sofrer modificações de acôrdo com os interêsses e o desenvolvimento da classe. Apesar de tôdas estas diferenças, as unidades de trabalho possuem alguns elementos comuns que a caracterizam: a) problema ou interêsse central; b) conteúdo significativo; c) experiências e atividades numerosas e variadas, não só dentro dos Estudos Sociais, mas abrangendo outras disciplinas; d) objetivos claros e bem definidos, compreendendo conhecimentos, atitudes e habilida

dos; e) participação ativa do educando, tanto no planejamento como no desenvolvimento e na avaliação; f) uso de material variado e ao alcance do aluno; g) utilização da avaliação contínua; h) flexibilidade na duração e no conteúdo".

Tarefas no planejamento da unidade - O professor, primeiro, seleciona um tópico apropriado para estudo. Em algumas escolas a margem de escolha do assunto é pequena, diante da predeterminação dos programas, isto é, dos tópicos a serem estudados. Em outras escolas, a seleção de tópicos é deixada, inteiramente, a juízo do professor.

O professor tem obrigação de se informar, tanto quanto possível, a respeito do conteúdo da unidade. Naturalmente, êste passo na unidade de trabalho é obtido através de muitas leituras. O material preparado pela criança, muitas vezes, ajuda o professor nesta tarefa, principalmente, quando o professor é pouco familiarizado com aquêle assunto. Em muitos livros e panfletos, escritos para crianças, o essencial já vem separado do que não é essencial e as experiências são sugeridas para as crianças, de modo a ajudá-las a verificar ou ilustrar pontos, enquanto o estudo progride.

Por outro lado, o professor necessita sondar melhor e mais profundamente do que as crianças para ser, então, o seu guia seguro. Sua pesquisa deve incluir, tanto material fornecido por adultos, como por crianças.

Se possível, o professor deve obter uma base de informações, através de experiências realizadas por êle mesmo, da mesma maneira como através dos livros. Isso lhe dará uma base de conhecimento e compreensão, ajudando-o a ser bem sucedido em suas aulas, e a sentir satisfação em ensinar.

De posse de tôdas as informações, o professor revê todos os aspectos do assunto e decide a qual dêlos deve dar mais ênfase, mais importância. Ele transporta então, tudo isso para a linguagem infantil. Estas notas são, apenas, para seu uso.

Feito isso, o professor planeja atividades para os alunos e os materiais didáticos, que êle pensa serem valiosos para a aprendizagem das generalizações a que os alunos devem chegar.

O ensino da unidade - Por ser êsse método flexível, o processo de ensino varia muito de professor para professor. Alguns professores, principalmente, os mais inexperientes seguem uma linha de contornos definidos, de passos definidos. Outros, seguem, em sua unidade de trabalho, um movimento contínuo do comêço ao fim. Alguns professores usam os seguintes passos: a) o professor orienta os alunos para a unidade; b) o professor e a classe formulam as questões e sugerem as atividades; c) o professor e a classe organizam a unidade; d) o professor e a classe coletam dados, apresentam-nos, discutem-nos e marcam prazos para realização do que foi planejado; e) o professor e a classe resumem e revisam a unidade. Outros professores, ainda,

usam uma variação desses passos, acrescentando ou omitindo passos, ou manejando detalhes, diferentemente.

Vejamos, agora, cada um desses passos citados, mais demoradamente:

a) Antes do estudo sistemático começar, o professor gasta, aproximadamente, uma semana, familiarizando as crianças com o tópico. Durante este período de orientação inicial, as crianças terão uma visão superficial de tudo o que é importante no tópico, "enquanto um todo" e começam a estabelecer a relação entre o novo tópico e o que elas já conhecem, despertando a curiosidade sobre o assunto. Este estágio introdutório da unidade não deve ser apressado, isto é, o professor deve deixar, se for preciso, a criança brincar vários dias com alguma coisa, observá-la bem e manipulá-la a seu modo.

A orientação não necessita ser elaborada. Por exemplo, em uma unidade intitulada "A casa", um professor pode planejar fazer o seguinte, conforme sugere o Prof. Ralph C. Preston, em seu livro "Teaching Social Studies in the Elementary Schools":

Colocar no quadro de avisos ou na parede, diariamente, para discussão, figuras de diferentes tipos de casas, isto é, casas modernas, edifício de apartamentos, casas antigas, atividades realizadas por membros da família, etc.

Ler na classe um trecho de algum livro sobre o assunto.

Mostrar um filme sobre a vida em família.

Pedir aos alunos para dizerem a distribuição das responsabilidades da casa, entre os vários membros de suas famílias.

Formular questões com a classe, a respeito do assunto, a fim de determinar o que os alunos já sabem e compreendem. (Por exemplo, qual a diferença entre uma casa própria e uma, alugada).

b) Seguindo a orientação, o professor convida a classe para formular questões, acerca do tópico da unidade e para sugerir os materiais e métodos para o estudo. Estes, são lembrados pelo professor ou pela criança que serve de secretária, no quadro-negro, de modo que todos possam ver e, assim, possam comparar e fazer uma possível revisão. O professor, como membro do grupo, também formula suas questões e dá sugestões.

Algumas das questões e sugestões oferecidas pela classe podem parecer sem valor ou baseadas em falsas concepções. Elas não deverão ser lembradas junto com as outras. Todas, no entanto, indicam os vários níveis de maturidade da classe. Somos de opinião que estas questões tolas devem ter uma resposta breve na hora em que forem levantadas, isto é, apenas não se deve perder tempo em estudá-las, demoradamente, desde que elas não são de interesse geral.

Se as sugestões são impraticáveis, o professor não está obrigado a tentar executá-las.

As questões e sugestões da criança, muitas vezes, revelam alguma coisa sobre a mesma - seus interesses, base de experiências, personalidade. Tanto é do interesse do professor, como da criança a tentativa de identificação que a questão revela e a capitalização da mesma para fins educacionais. É, geralmente, este passo, que é executado com mais imperfeição e onde os professores sentem mais dificuldade. É importante que o professor aja, enquanto guia as questões levantadas, ajudando as crianças a torná-las claras e significativas e apresentando também suas próprias questões para assegurar uma distribuição equilibrada e uma penetração na parte mais importante do conteúdo. Esta aproximação torna o professor capaz de conhecer a base limitada de experiências de sua classe, lacunas em conhecimento e o nível de compreensão, no qual se espera que cada criança aja.

Algumas crianças não têm muitas questões ou as formulam sem espontaneidade. Isto pode significar que as crianças tiveram experiências, antes de vir para a escola, as quais condicionaram, negativamente, a sua participação ativa na sua própria educação. Pode também significar que o conteúdo não está adequado à maturidade da classe. Se aquela parte da unidade for difícil de se eliminar, o professor pode formular todas as questões, estabelecendo, então, um padrão do que ele quer que a classe faça. As crianças, assim, apreenderão e participarão, mais facilmente, na unidade seguinte.

c) O professor, como vimos, tentou, previamente, organizar a unidade. Em preparação ao terceiro passo, ele, agora, simplifica-a e a adapta à linguagem de seus alunos. Depois então, apresenta-a no quadro negro para que todos vejam.

Neste passo, a tarefa do professor e da classe é organizar estas questões, de acordo com os títulos. O número de alunos que auxiliarão o professor dependerá da maturidade dos membros do grupo.

Se os assuntos não se enquadrarem, dentro dos títulos propostos, títulos adicionais poderão ser dados, isto é, se as questões formuladas pelas crianças não se enquadrarem no planejamento feito pelo professor, estas questões não devem ser desprezadas, mas enquadradas em novos tópicos, os quais devem ser sugeridos pela própria classe.

Depois de organizadas, as questões deverão ser escritas no quadro-negro ou em um cartaz grande e aí permanecerem até o fim da unidade, devendo-se também deixar um espaço para aquelas questões adicionais, que são levantadas, enquanto o estudo da unidade vai caminhando. Enquanto as questões são respondidas para satisfação de todos, elas estão sendo verificadas uma por uma.

Finalmente, as atividades sugeridas no seguinte passo pelo professor e pelos alunos são verificadas por todos se são praticáveis, ou não, e se são importantes e valiosas. Algumas serão conservadas e outras, desprezadas. As questões que tiverem interesse só para algumas crianças serão estudadas, apenas, por este pequeno grupo. As conseqüências podem ser proveitosas para a classe toda se este pequeno grupo falar para o resto da classe, acerca de suas atividades.

d) A coleta, apresentação e discussão dos dados constituem uma preparação para o quarto e mais importante passo, onde se fará o estudo, propriamente dito, do tópico da unidade! A classe tenta, sistematicamente, este estudo, investigando as questões e estruturando as atividades planejadas, no segundo passo, para serem aprendidas.

- Os dados são coletados pelas crianças de vários modos:

1) Lendo livros de texto e material suplementar.

2) Ouvindo e entrevistando autoridades - Os professores, em geral, não dão muita atenção às ricas contribuições para o programa de Estudos Sociais, as quais podem ser dadas por pais ou outros amigos da escola que têm conhecimentos especiais de alguma fase do assunto que está sendo estudado. Eles são muitas vezes capazes de comunicar um entusiasmo que vem, apenas da experiência. Eles podem não saber muito, a respeito das crianças e podem usar termos e conceitos difíceis de serem entendidos pelas crianças, mas, aí, o professor pode ajudar a compreendê-los, pode dar esclarecimentos à classe sobre o assunto. Em alguns casos, o estímulo que eles podem oferecer é, na verdade, sem valor, mas estes, são poucos.

3) Observando e experimentando - Quando as crianças mesmas observam e experimentam, elas gravam com mais facilidade. O professor deve tentar que as crianças façam isso, pelo menos, uma vez por semana, desde que estas observações e experiências estejam ajustadas à idade e compreensão das crianças.

4) Ouvindo as apresentações feitas pelo professor - O professor, frequentemente, apresenta dados recentes à classe, como, por exemplo, coisas escritas por adultos, as quais estejam de acordo com o assunto que está sendo estudado e a mentalidade da classe

- Apresentação dos dados e atenção nas apresentações dos colegas; - Ainda que, ordinariamente, a apresentação seja feita pelo professor, deve também ser dada oportunidades às crianças, de tempos em tempos, para relatar alguma coisa para os seus colegas. Antes de tudo, um padrão de apresentação deve ser bem estabelecido.

Cada criança deve preparar a sua apresentação com o professor, pois ela pode necessitar de ajuda na pronúncia de certas palavras, ela pode precisar de ser encorajada para olhar alguns quadros, ou pode precisar de ser guiada, no que diz respeito à limitação do tempo.

Alguns professôres sentem que a criança aprende mais fâcilmente, quando êle faz também aquilo que os alunos devem fazer. Contudo, o principal objetivo das apresentações em Estudos Sociais é desenvolver o conhecimento e compreensão da classe, estimulando o pensamento dos alunos. As apresentações não planejadas e não dirigidas, dificilmente, atingirão êsse objetivo.

O professor deve ter em mente que tomará mais tempo ajudar a criança a fazer a sua apresentação do que se êle mesmo a fizesse. Ele também não deve esquecer que o tempo a gastar na apresentação deve ser planejado junto com os alunos. Na discussão que segue a apresentação, cada criança deve ter oportunidade de falar, livremente, sem que tenha tido uma preparação especial.

- Discussão dos dados - As discussões são, freqüentemente, planejadas pelo professor com o objetivo de estimular e guiar a classe inteira ou um grupo, dentro da classe. Enquanto as crianças participam, elas podem ter novas idéias ou introduzir uma nova informação. O professor, muitas vezes, observa e corrige falsas concepções. Para a discussão não se tornar sem sentido, o professor deve ajudar os alunos a tirar conclusões e fazer um resumo. Há vários modos do professor iniciar a discussão (perguntas, análise de fatos, pedindo a opinião dos alunos a respeito de alguma coisa, etc.).

As discussões são, muitas vezes, uma grande auxiliar na avaliação dos métodos de trabalho e podem ser um dos períodos mais frutuosos e agradáveis do dia escolar.

- Recordação dos dados: - Enquanto a classe acumula as informações, o professor deve ir recordando-os, através de anotações, quadros de avisos, mapas, dramatizações, linhas de tempo, etc. Não pode haver impressão sem expressão, isto é, a criança não pode gravar o que aprendeu, se ela não tiver oportunidade de usar aquilo em alguma atividade.

e) O passo final consiste em resumir e fazer uma revisão cuidadosa de vários modos:

- Resumo oral: - O professor resume a unidade e também pede às crianças, individualmente, para dizerem o que elas sabem a respeito de alguma fase do tópico.

- Atividades culminantes: - Uma das atividades de recordação, como organização de uma agenda, um relatório, um brinquedo ou um jornal mural, é selecionada para servir como atividade culminante, isto é, uma atividade de maior significação para imprimir nas crianças os conceitos e generalizações da unidade. Ela é planejada para encerramento da unidade, é desenvolvida com excepcional cuidado e prevista para ocupar uma boa porção de tempo.

- Testes: - O professor prepara um teste com os assuntos estudados na unidade. Estes testes, depois de respondidos pelos alunos e corrigidos pelo professor devem ser levados, novamente, para a classe para serem re-

examinados e discutidos. As crianças são encorajadas para formular questões e o professor as ajuda a corrigir as falsas concepções.

- Avaliação de grupo: - A discussão em classe é conduzida com a finalidade de avaliar a unidade. As crianças são encorajadas para falarem no valor do estudo que fizeram e no interesse que sentiram em fazê-lo e, ainda, para dizerem que assunto e que atividades elas acharam de mais valor, que conteúdos e atividades adicionais elas desejaram que tivessem sido incluídos, os métodos de trabalho, dos quais elas gostaram mais e os que deveriam ter sido mais aperfeiçoados, melhores.

DISCUSSÕES ENTRE PROFESSOR E ALUNOS: - Se possível, diariamente, deve haver um período para discussão. Se os alunos têm cadeiras móveis, eles podem formar um círculo ou arranjá-las de um outro modo que encoraje e facilite a discussão livre, ~~mas~~ isto não é obrigatório. A duração das discussões não pode ser prescrita, mas deve ocupar, apenas, o tempo necessário para atingir o objetivo. Quanto mais novos forem os alunos, mais breves devem ser as discussões.

Uma coisa importante no uso das discussões é o planejamento, feito pelo professor, em colaboração com os alunos. Os planejamentos sucessivos com as crianças gastam muito tempo e tornam o trabalho monótono, aborrecido. Este é um passo que requer estudo e prática para ser realizado com perfeição. É um passo que todos os professores desenvolvem muito, a fim de criarem seus alunos o tipo de espírito e personalidade, pedido por uma nação democrática, o espírito e a personalidade que agem, construtiva e generosamente, com outros no esforço para solucionar os problemas de grupo. Diversas pesquisas têm mostrado que a aprendizagem em situações democráticas formam crianças com mais espírito de cooperação, mais trabalhadoras, mais corteses e mais responsáveis. Uma das tarefas do professor no planejamento com os alunos é manter a discussão, encaminhando-a para a solução do problema. Os professores são, muitas vezes, tentados a resolver a coisa mais rapidamente, dizendo a sua própria solução ou planejando para a classe. Mas, ele não pode ceder a essa tentação, porque, assim, ele estará impondo e monopolizando e, conseqüentemente, fugindo à finalidade da discussão em grupo. O professor deve ser, apenas, o membro mais esclarecido do grupo. Ele também não deve permitir que algumas crianças monopolizem a discussão. Tanto quanto possível, deve haver igualdade de participação.

TRABALHO EM GRUPO: - É muitas vezes desejável que as crianças trabalhem em pequenos grupos, enquanto realizam alguma tarefa exigida nos diversos passos da unidade. Estes grupos de trabalho trazem para a criança muitas experiências válidas e contribuem muito para o amadurecimento, do ponto de vista social. Ocasionalmente, os grupos de trabalho podem ser formados, na base da voluntariedade, mas o professor deve guiar sua formação para evi-

tar que os estudos sociais venham a ser um veículo de perpetuação e fechamento das cliques sociais. Criança tímida, retraída e medrosa deve muitas vezes ser colocada em grupos, onde seus conhecimentos ou interesses possam ser usados e onde a sua capacidade de liderança possa ser treinada e medida. Os padrões fixos dos membros da comissão devem ser evitados.

Raramente, é eficiente ter grupos grandes (mais ou menos cinco membros), a menos que a tarefa exija muitas pessoas, como participantes ativos. Quando o grupo é maior do que a tarefa requer, há desperdício de tempo, poucas oportunidades de se formar hábitos e atitudes e, além disso, criará, necessariamente, problemas de disciplina.

A prática de dividir o conteúdo da unidade e responsabilizar cada grupo por uma fase diferente não é certo, de um modo geral. O professor não é capaz de supervisionar, adequadamente, o trabalho dos diversos grupos, cada um trabalhando, ao mesmo tempo, com assuntos diferentes. Há mais aproveitamento, quando todos os membros da classe investigam as fases importantes de uma unidade, juntamente com o professor e sob a direção dele, porém se há poucos livros para consultar e se, apenas, um pequeno grupo está interessado, espcialmente, em prosseguir determinada fase do assunto, o professor pode fazer do modo diferente. Os grupos de trabalho podem trazer interesse e valor para a unidade, quando usados com moderação e cuidadosamente selecionados os propósitos, os quais podem ser bem executados pela classe, como um todo.

VIII - Unidades que podem ser desenvolvidas na escola elementar:

1. Unidades sobre a comunidade: estudo de uma determinada comunidade; comparação de comunidades; história da comunidade, etc.

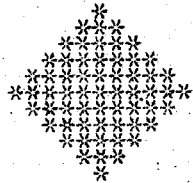
2. Unidades, enfatizando os processos sociais; proteção e conservação; produção, distribuição e consumo; criação de instrumentos e técnicas ((invenções); transportes; comunicação de idéias, etc.

3. Unidades, enfatizando regiões e culturas: a terra natal; uma sociedade vizinha; uma sociedade "desconhecida"; uma sociedade isolada; exploração das diferenças nos padrões culturais, etc.

4. Unidades, enfatizando o passado: origem de dias especiais; o período colonial; uma civilização antiga; o período medieval, etc.

- 1 - Miel and Brogan - "More Than Social Studies"
Englewood Cliffs, Prentice - Hall, Inc.
New York - 1957
- 2 - Preston, Ralph C. - "Teaching Social Studies in the Elementary Schools"
Rinehart & Company, Inc.
New York - 1958
- 3 - "What are Social Studies?" - Apostila organizada por alunas de Indiana University.
- 4 - Santos, Theobaldo Miranda - "Noções de Prática de Ensino".
Rio
- 5 - Aguayo - "Didática da Escola Nova"
- 6 - Antipoff, Helena - "Como pode a escola contribuir para a formação de atitudes democráticas?".
Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos - vol. I - N° 1
Rio
- 7 - Childs, John L. - "Democracia e método educacional"
Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos - vol. II - n° 5
Rio
- 8 - Matos, Nogueira - "Democracia e Educação"
Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos - vol. II - N° 6.
Rio
- 9 - Peixoto, Maria Onolita - "Por que agrupar as crianças nas classes das escolas primárias e como levar as crianças a trabalharem em grupo"
PABARE - 1959
- 10 - Peixoto, Maria Onolita - "Habilidades em Estudos Sociais".
PABARE - 1959
- 11 - Boletim do Departamento de Estudos Sociais - N° 3
PABARE - 1962
- 12 - Peeters, Dra. Marie Louise - "O conceito de "sociedade" entre os nossos escolares"
Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos - vol. III - N° 7
Rio
- 13 - Hillard, Pauline - "Improving Social Learning in the Elementary School"
Bureau of Publication
Teachers College, Columbia University
New York - 1954
- 14 - Barbosa, Florisbela - "Unidade de Trabalho"
Revista do Ensino - N° 82
Rio Grande do Sul - 1962
- 15 - XII Conferência Nacional de Educação - (recomendações)
Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos - vol. XXVI - N° 64
Rio
- 16 - "Ciências Sociais na Escola Elementar"
INEP - 1955
Rio

- 17 - Moreira, Roberto - "Teoria e prática na Escola Elementar"
MEC - INEP - CBPE
Rio - 1960
- 18 - Desenvolvimento do vocabulário em ciências e estudos sociais"
PABARE - 1960
- 19 - Sugestões de atividades para desenvolvimento do vocabulário, de algumas habilidades de compreensão e de linguagem oral e escrita em estudos sociais".
PABARE - 1960



Apostila organizada pela Prof^a. Janis Peres, assistente da D.A.M. do
CRPE do Recife

CENTRO REGIONAL DE PESQUISAS EDUCACIONAIS DO RECIFE
Divisão de Aperfeiçoamento do Magistério

Setembro-1962

Levantamento de Informações sôbre Recursos Didáticos dos Institutos de Educação do Nordeste

I. Ciências Naturais

Nome do estabelecimento: _____

Cidade: _____ Estado _____

Enderêço: _____ Fone _____

Nome do diretor _____

Nota explicativa: Este Levantamento visa a fornecer dados ao INEP e ao IBCEC, para fins de uma possível doação de material didático.

1. De que equipamento consta o laboratório dêsse estabelecimento para o ensino de Ciências Naturais (inclusive as disciplinas Física e Química)?

Por gentileza, procure sintetizar, citando os nomes dos instrumentos, aparelhos e substâncias químicas atualmente disponíveis:

a) Instrumentos e aparelhos _____

b) Substâncias químicas _____

2. Os professores de Ciências, Física e Química usam freqüentemente o laboratório, em suas aulas? (Por exemplo: uma sessão prática para cinco aulas teóricas. Por favor, veja se pode conseguir êsses dados, informando-se com os professores dessas disciplinas. Abaixo, êste esquema pode ajudar V.Sa. a coletar os dados.

- Professor "A" de Ciências: proporção de... aulas teóricas para... prática
- Professor "B" de Ciências: proporção de... aulas teóricas para... prática
- Professor "C" de Ciências: proporção de... aulas teóricas para... prática
- Professor "A" de Química : proporção de... aulas teóricas para... prática
- Professor "B" de Química : proporção de... aulas teóricas para... prática
- Professor "C" de Química : proporção de... aulas teóricas para... prática

Professor "A" de Física: proporção de.... aulas teóricas para.... prática

Professor "B" de Física: proporção de.... aulas teóricas para.... prática

Professor "C" de Física: proporção de.... aulas teóricas para.... prática

3. Que auxílios didáticos e técnicos V.Sa. gostaria de receber para esse estabelecimento:

Cursos de aperfeiçoamento em Ciências Naturais didática ()

conteúdo ()

instrumental (especificar quais os instrumentos ou aparelhos) _____

4. Para isso, que medidas V.Sa. sugere, como as mais viáveis? _____

RELATÓRIO DA VISITA À CONSTRUÇÃO DO AUDITÓRIO E DA ESCOLA DE
DEMONSTRAÇÃO DO CRPE, NO DIA 27 DE NOVEMBRO DE 1962

No dia 27 de novembro, o diretor do CRPE do Recife, Dr. Gilberto Freyre, recém-chegado da Europa, visitou demoradamente as obras do Auditório e da Escola de Demonstração. Acompanharam o Sr. Diretor Geral do CRPE o Dr. Murilo Paraíso, engenheiro executor das obras, Dr. Pereira Borges, engenheiro fiscal das obras, Sr. Mário Carlos de Souza, Secretário Executivo do CRPE, Dr. Carlos Frederico Maciel, Diretor da DEPE e Prof^a. Maria Graziela Peregrino, Coordenadora da D.A.M., que assina este Relatório.

Entre as observações e reparos feitos no decorrer da visita, destacam-se:

1. Quanto ao Auditório, que foi a primeira parte visitada, o Dr. Gilberto Freyre fez comentários sobre o andamento das obras, urgindo o seu término para breve funcionamento.

2. O Dr. Gilberto Freyre indagou do engenheiro construtor as condições objetivas de segurança do Auditório, em caso de incêndios, de imprevistos, etc.

3. O Dr. Gilberto Freyre também indagou das condições e do material de revestimento das paredes, solo, etc.

Em seguida, a Comissão dirigiu-se ao local da Escola de Demonstração (a qual passará a ser designada pelas iniciais E.D., neste Relatório), tendo o Dr. Gilberto Freyre interpelado o engenheiro construtor sobre os seguintes pontos:

1. Natureza do revestimento externo da parede alta que separa a escada de acesso do Auditório, na parte que se situa no terreno pertencente ao Sr. Caruso, terreno que está em vias de aquisição, pelo INEP, para ampliação da área da E.D.

2. Prazo de entrega do bloco da E.D. para imediato funcionamento, em 1963.

Em demorada observação, o Sr. Diretor perguntou à Coordenadora da DAM quais as falhas, a seu ver, que demandam uma solução.

A Profa. Maria Graziela Peregrino, alegando a sua condição de simples educadora (e não de pessoa entendida em engenharia), discriminou, entretanto, os seguintes pontos julgados falhos, ou de coisas a solucionar, antes do término das obras:

1. Revestimento da parede azul, do fundo de cada sala de aula, com uma tinta especial, plástica. A aplicação dessa camada de tinta especial foi indicação expressa do Dr. Luis Acioli, no dia 15 de outubro do ano fluente, quando de sua visita à E.D., conforme declarou ao Dr. Murilo Paraíso, alegando que essa camada de tinta permite a afixação de cartazes pelas crianças.

2. A Coordenadora da D.A.M. continua a achar insuficiente o tamanho do balcão da cantina: 1.38 por 0.50 cm., a fim de servir diariamente à merenda das crianças. Sugere a título de solução para os anos vindouros, em que a matrícula da E.D. aumentará, balcão maior, que seja projetado pelo arquiteto da obra, a fim de se conservar o mesmo estilo do conjunto. A necessidade desse balcão será maior, se o INEP, no futuro, resolver ampliar os serviços da E.D., sobretudo em regime integral com as refeições completas para os alunos.

3. A Coordenadora da D.A.M. levantou uma questão prática, quanto à largura da porta da cozinha, como aliás havia feito, verbalmente, em outra ocasião, ao Dr. Luis Acioli e ao Dr. Murilo Paraíso. A porta da cozinha mede 0,66m de largura por 2,00m de altura. Essas dimensões irão dificultar a entrada normal, diária, de mantimentos, em caixotes, toneis de leite do FISI, etc. A entrada do refrigerador e do fogão, se bem que seja uma só vez, irá causar um problema, mas poderá ser sanado, passando esses objetos por cima do balcão da cantina, contanto que as dimensões do refrigerador não ultrapassem as medidas dessa janela basculante, que fica por cima do balcão: 1,38m de largura por 1,06m de altura.

Em vista dessas dificuldades de ordem prática, que se avolumam com o trabalho diário, o Dr. Ferreira Borges sugeriu seja modificado o balcão da cantina, tornando-o removível.

4. Em atendimento ao que solicitou o Dr. Gilberto Freyre, o engenheiro Dr. Murilo Paraíso passou a mostrar demoradamente as balaustradas do terraço lateral do 1º andar da E.D., a fim de que fiquem plenamente satisfeitas as condições de segurança das crianças.

O Dr. Gilberto Freyre solicitou aos engenheiros presentes e também à Coordenadora da D.A.M. sugestões a fim de que se eliminem as condições de perigo para as crianças, em vista da altura da mesma balaustrada. Das sugestões propostas, umas técnicas, outras de simples conciliação do ponto de vista pedagógico, foram, englobadamente:

a) pelo Dr. Murilo Paraíso - colocação de canos ou barras de metal, como rebordo protetor, avançando um pouco para o lado externo da balaustrada.

b) pela Coordenadora da D.A.M. - acabamento diferente para o rebordo da balaustrada, em forma de prisma, a fim de evitar que as crianças se sentem em cima desse rebordo.

c) pela Coordenadora da D.A.M. - alargamento do rebordo da balaustrada, de modo a construir uma jardineira ao longo da mesma, a fim de plantar "cactus". O plantio do "cactus" isolaria, naturalmente, as crianças, desse local.

Não se chegando a uma conclusão, julgada aceitável do ponto de vista da segurança e da estética do prédio, o Dr. Gilberto Freyre, urgiu, entretanto, uma solução para o caso.

5 - Balaustrada da parte lateral, direita, do prédio, no 1º andar.

O Sr. Diretor do CRPE salientou a necessidade de se elevar a altura dessa balaustrada, a qual mede, $0,77m$, oferecendo, por isso mesmo, perigo para as crianças que se debruçarem.

6 - No terraço do 1º andar, no local compreendido entre a parede da escada de acesso e a porta de vidro do terraço lateral, há uma balaustrada com $0,75m$ de altura. A Coordenadora da DAM havia mostrado esse detalhe ao Dr. Luiz Acioli, no dia da sua visita à E.D., com a Comissão de Planejamento, a 16 de outubro do ano em curso. Naquela ocasião havia sugerido:

a) colocação de uma porta ou grade de ferro, isolando o local, mas o arquiteto considerou a solução inestética, o que parece razoável.

b) Colocação de um grande depósito para plantas, naquela parte do piso, com o plantio de "cactus", a fim de afastar as crianças do local. Uma fotografia desse detalhe ilustrará melhor do que as palavras acima.

7 - A instalação de filtros ou bebedouros para cada sala de aula e para as outras dependências da E.D.

Este foi o ponto de maior controvérsia da visita. Para melhor esclarecimento do assunto, será oportuno historiar, rapidamente, o caso.

Desde há alguns meses, vem a Coordenadora da D.A.M., verbalmente, solicitando esclarecimentos ao Dr. Murilo Paraíso, sobre a questão dos bebedouros da E.D., Não há uma documentação desses entendimentos verbais, mas apenas podem ser citados os fatos seguintes: nas duas últimas visitas do Dr. Luiz Acioli o problema havia sido levantado. Na recente visita do Dr. Moreira de Sousa, em 19 de setembro, num encontro com o Dr. Murilo Paraíso, Dr. Pereira Borges, Dr. Carlos Maciel e o Sr. Mário Carlos de Souza, a Coordenadora da D.A.M. lembrou o caso da ausência de bebedouros em cada sala, alegando que cada sala se constitui como uma unidade autônoma - tendo, para isso, dois WC, uma despensa e duas pias, estas utilizáveis para trabalhos manuais e artísticos diversos.

Em carta, s/n, à Prof^a. Lúcia Marques Pinheiro, do INEP, de 4/X/1962, a Coordenadora da D.A.M. do CRPE do Recife faz referência ao problema da ausência de bebedouros, nas salas de aula. Essa correspondência, arquivada no CRPE, mereceu uma resposta, através da carta nº 1160 da Prof^a. Lúcia Marques Pinheiro, datada de 22 de outubro, na qual a Sr^a. Coordenadora da DAM do INEP escreve "Os filtros estavam previstos no projeto", conforme consta da documentação anexa. Aliás, a palavra "filtros" supõe estar empregada em lugar de "bebedouros", ao que me parece, porquanto o que consta das plantas, excetuando as plantas hidráulicas, é o detalhe correspondente a "bebedouro". Sobre este assunto não tenho opinião técnica, por falta de competência na matéria.

Assim sendo, o problema da falta de bebedouros em cada sala de aula, na documentação oficial arquivada neste Centro, consta, PELO MENOS, a partir de 4 de outubro de 1962, pela carta da Coordenadora da DAM ao INEP.

Com a recente visita do Dr. Luiz Acioli ao CRPE, nos dias 15 e 16 de outubro, novas ponderações foram feitas a propósito do caso dos bebedouros. O Dr. Luiz Acioli afirmou ter colocado o detalhe nas suas plantas. Foi constatado, realmente, que na planta, chamada geral, consta o detalhe "bebedouro", exatamente na parede externa, entre a porta do WC das meninas e a porta da despensa de cada sala de aula. O detalhe, ao que fui informada na ocasião, pelo Dr. Murilo Paraíso, não consta da planta hidráulica. Por ser o assunto fora de minha competência, deixo de opinar sobre a matéria, apenas citando o que foi discutido.

Nas atuais circunstâncias, de quase acabamento da obra da E.D., segundo o que foi amplamente discutido, principalmente nesta de morada visita de dia 27 de novembro, parece que as sugestões se podem resumir nas seguintes:

1ª) Colocação de um bebedouro elétrico, com água gelada, para cada sala de aula, ao preço unitário de aproximadamente Cr\$... 106.000,00 (cento e seis mil cruzeiros) segundo informação verbal, a título apenas de base para cálculo. Parece-me inadmissível esta solução. Julgo que é demasiado dispendiosa e, no meu parecer, se fôr solicitada, considero solução inaceitável, pelo investimento.

2ª) Colocação de bebedouros no local previsto pela planta geral. Irá exigir despesas de mão-de-obra, com prováveis danos para a parede das pastilhas. Também dispendiosa, porém, ao que parece, menos do que a anterior, em vista de serem estes bebedouros de preço mais acessível.

3ª) Colocação de filtros comuns, com velas tipo "Senun", em local próximo ao balcão de fórmica das pias do fundo da sala de aula. Menos dispendiosa, embora seja solução julgada inestética.

4ª) Colocação de filtros de talha, no interior da despensa, para evitar as despesas da instalação de velas tipo "Senun" na parede e evitar, também, uma solução considerada inestética, com os filtros em cima dos balcões, de fórmica, junto das pias.

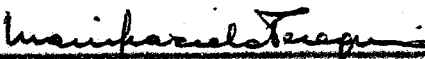
É a solução certamente menos dispendiosa, a esta altura do acabamento da obra, oferecendo, também, algumas desvantagens, in-

clusivo pela facilidade de acesso das crianças ao local da despensa, onde serão guardadas as tintas para as aulas de Atividades Artísticas. Trata-se de uma solução apenas conciliatória, embora não seja a mais funcional, nem a mais pedagógica - considerando-se a excelência das instalações da E.D.

Assim, se se atender ao aspecto econômico, mais do que ao aspecto da funcionalidade da obra da E.D., parece que esta solução - da colocação dos filtros de talha, em sala de aula, ou na despensa - obviará o problema, contanto que sejam instalados os bebedouros em outros locais da E.D.: terraços do térreo e do 1º andar.

Dando cumprimento ao que foi estabelecido pelo Sr. Diretor do Centro Regional de Pesquisas Educacionais do Recife, Dr. Gilberto Freyre, apresento este Relatório, com os documentos anexos, a fim de que sejam esclarecidos os detalhes citados no texto.

Recife, 4 de dezembro de 1962.



Maria Graziela Peregrino
Coordenadora da D.A.M.